

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Deolino Pedro Baldissera

**PALAVRAS-CHAVE NAS
REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO SUJEITO**
**Conexões psicológicas com a religiosidade de candidatos ao
presbiterado católico**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**SÃO PAULO
2009**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Deolino Pedro Baldissera

PALAVRAS-CHAVE NAS
REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO SUJEITO

Conexões psicológicas com a religiosidade de candidatos ao
presbiterado católico

DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção do
título de Doutor em Ciências da Religião
pela Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, sob a orientação do Professor
Doutor João Edênio Valle.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sabedoria com que criou todas as coisas e nos deu a capacidade de conhecer parte de seu mistério escondido em cada ser humano.

Agradeço minha família por ter me oferecido, desde o início de minha vida, um ambiente saudável marcado por uma religiosidade simples, porém profunda. In memória de meu pai pelo seu testemunho de luta e honorabilidade, in memória de minha mãe pela sua amabilidade e santidade de vida, aos meus cinco irmãos e irmã, cujos vínculos fraternos são permanentes fontes de afeto e união.

À Sociedade do Divino Salvador (salvatorianos) por ter-me recebido desde a adolescência, dentro da qual cresci na experiência religiosa e me ofereceu um ideal de vida que abracei e até hoje é inspirador de meu caminho.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Pe. João Edênio Valle, por seu incentivo, por sua paciente orientação e por sua sabedoria da qual me enriqueci a cada encontro que tive.

In memória ao meu mestre e terapeuta, P. Rulla, que durante os anos de estudo de psicologia na Universidade Gregoriana de Roma, me ajudou a reelaborar minhas experiências pessoais e religiosas com sabedoria e paciência. Muito me marcou sua simplicidade e santidade de vida e cujo exemplo guardarei para sempre como estímulo permanente. Em sua pessoa quero agradecer aos demais professores do “Istituto di Psicologia” pela seriedade na busca do conhecimento integral do ser humano.

Aos colegas da Escola para Formadores da Associação Transcender pela comunhão de princípios e dedicação conjunta em manter a Escola para formadores já há 25 anos, oferecendo nossa modesta colaboração na preparação de formadores de religiosos e religiosas.

Um agradecimento especial aos colegas do grupo de estudo: Fátima Morais, Ênio Brito, Eliane Massih, Cristina Bueno, Maria de Fátima Morais Rosa, pelo incentivo, apoio e condizância de experiências dentro da busca de novos conhecimentos.

À Professora Maria Marta pela sua generosidade em ler e revisar os textos.

Agradeço aos seminaristas que voluntariamente participaram da pesquisa e contribuíram com suas experiências de vida para meus estudos e reflexões sobre a complexidade da experiência religiosa e suas manifestações através de palavras-chave.

Recordo com gratidão também os professores da PUCSP pelo compartilhamento de seus conhecimentos e à secretária Andréia por seu serviço na secretaria do programa de Ciências da Religião.

Agradeço também aos meus alunos do curso de Ciências da Religião da UNICLAR pelo interesse demonstrado quando tratei com eles sobre assuntos relacionados à psicologia da experiência religiosa e desenvolvimento humano.

Devo ainda agradecimentos a muitas outras pessoas que não posso nominar todos aqui, mas que as tenho comigo com grande admiração. A todos meu muito obrigado!

RESUMO

Nesta pesquisa pretende-se demonstrar que o sujeito humano em seu processo de amadurecimento, elabora maneiras pessoais simbólicas originais e subjetivas que se constituem num “mapa” onde ele se situa e se comunica com o mundo (pessoas e ambiente). Uma das formas sutis em que seus símbolos se manifestam é através de certas palavras-chave que ele constrói e para ele passam a traduzir aspectos significativos de si e de sua história. Suas experiências existenciais passam por elaborações subjetivas complexas, que ficam guardadas em seu nível consciente e inconsciente sob a forma de memórias, cuja hermenêutica nem sempre é de fácil compreensão. Assim, a inventividade de cada um cria simbolismos próprios que são facilitadores da auto compreensão e servem como meios para expressar aos outros sua maneira de ver e de se relacionar consigo, com o mundo e os outros, ou seja, a sua cosmogênese e sua cosmovisão. Isso parece ser parte da complexidade dos processos psíquicos que não se submetem à intencionalidade consciente, e por isso distorcem situações que não permitem uma comunicação clara e objetiva. Tais processos criam condicionamentos que vão se acumulando ao longo da história pessoal e se tornam “estalactites” formadas através da lenta repetição e sedimentação de experiências semelhantes, a ponto de se tornarem aspectos da própria personalidade. Tais núcleos são comunicados através de atitudes e comportamentos que são significativos para o próprio sujeito, mas nem sempre decifráveis em sua verdadeira natureza e significado. É comum que tais núcleos mantenham as áreas por ele atingidas, pouco desenvolvidas, criando obstáculos para a vivência objetiva dos desejos e/ou ideais. Eles se tornam núcleos psicodinâmicos que influem sobre o cotidiano do sujeito.

A hipótese aqui proposta é de que tais palavras chave são expressões simbólicas de conteúdos internalizados de cada sujeito e assumem o caráter de um caminho, nem sempre consciente, de auto revelação.

Nesta tese nos ativemos na análise de palavras-chave relacionadas com a religiosidade do sujeito e de alguma maneira de sua vocação à vida religiosa, uma vez que todos os sujeitos são estudantes de teologia e aspiram ao presbiterado na Igreja Católica. Analisamos proposições, frases preferidas e palavras que, segundo os pesquisados, falam da percepção que eles têm de suas próprias crenças, objetivos e sentido de vida. No nível consciente, cada um tem suas razões para justificá-las. Em nossa análise verificamos que suas palavras-chave contêm significados mais profundos do que os alegados pelos sujeitos, dizendo mais de sua religiosidade do que eles mesmos supõem. Frequentemente estavam ligadas a conflitos ou experiências mal elaboradas internamente, cujos significados ficavam mascarados por processos psicológicos inconsistentes, geradores de tensões. As palavras-chave oferecem, portanto, uma “autobiografia” do amadurecimento de fato vivido pelo sujeito. Representam, assim, um método que se mostra útil clinicamente para o sujeito rever sua história permitindo reelaborações significativas de si e de sua religiosidade.

Palavras-chave: símbolos, autobiografia, autoconhecimento, reelaboração.

ABSTRACT

This research intends to demonstrate that human beings – in their maturing process – set up symbolical and original personal manners making up a “map” where they place themselves and communicate with the world (people and environment). One of the subtle ways such symbols manifest themselves is through certain keywords they build up to translate meaningful aspects of themselves and their history. Their existential experiences go through complex subjective elaborations that stick to their conscious and unconscious levels as memories of which the hermeneutics is not always easily understood. Thus, the inventiveness of every human being creates its own symbolisms, which makes self-understanding easier and works out as a way to express other human beings his way of seeing and relating to himself, the world and the others, that is, his cosmogenesis and his cosmoview. This seems to a part of the complexity of psychic processes not subdued to conscious intentionality, thus distorting situations which do not allow clear and objective communication. Such processes generate conditionings that are accumulated all along personal history and become ‘stalactites’ formed thanks to slow repetition and sedimentation of similar experiences, until they become aspects of personality itself. Such nuclei are communicated through attitudes and behaviors that are significant for the individual himself, but are not always deciphered in their true nature and meaning. Such nuclei usually keep not fully developed areas their reach, thus creating obstacles for the objective living of desires and/or ideals. They become psycho-dynamic nuclei having influence upon the individual’s everyday life.

In this paper our thesis is that such keywords are symbolical expressions of internalized contents in every individual, assuming the character of a way, not always conscious, of self-revelation.

In this thesis we concentrated on the analysis of keywords related to the individual’s religiosity, and somehow to his vocation for religious life, since all individuals are theology students and aspire to presbyteriat in the Catholic Church. We analyzed propositions, phrases and words that, according to researched individuals, talk about the perception they have of their own beliefs, goals and life sense. On the conscious level, everyone has his own reasons to justify them. In our analysis we found that their keywords have meanings that are deeper than they themselves could suppose. Very often they were linked to conflicts and badly developed experiments in their inner selves, the meanings of which were masked by inconsistent psychological processes generating tensions. Therefore, the keywords offer an ‘autobiography’ of the maturing process experienced by the individual. Thus, they stand for a clinically useful method for the individual to review his own history, which allows meaningful re-elaborations of himself and his religiosity.

Keywords: symbols, autobiography, self-knowledge, re-elaboration.

SUMÁRIO

PARTE INTRODUTÓRIA – CONTEXTUALIZAÇÃO	1
1. MOTIVAÇÃO PESSOAL	2
2. INTRODUÇÃO	7
3. NOTAS EXPLICATIVAS	11
3.1. Alguns pressupostos	11
3.2. Hipóteses	12
3.3. Processos metodológicos	12
a) Procedimentos	13
b) Observações metodológicas	13
<i>i. Estabelecimento de um método</i>	13
c) Refinamento da metodologia aplicada	14
<i>i. Definição dos instrumentos e da população e amostra</i>	14
<i>ii. Coleta de dados</i>	15
<i>iii. Critérios para tabulação dos dados</i>	15
d) Leitura dos dados e conclusões	15
4. SÍNTESE DA TESE	16
4.1. Problemas	16
4.2. Hipótese	16
4.3. Proposta	16
4.4. Pesquisa	17
5. Último adendo	17
 PRIMEIRA PARTE – PESQUISA TEÓRICA	20
CAPÍTULO I	21
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1. Introdução	21
2. TEORIA DA AUTOTRASCENDÊNCIA NA CONSISTÊNCIA	
DE L.M. RULLA	23
2.1. Teoria da autotranscendência na consistência uma teoria interdisciplinar	23
2.2. Aspectos centrais da teoria da autotranscendência na consistência	29
2.3. As três dimensões e sua relação com a liberdade humana	33
Pólos das três dimensões	35
Primeira dimensão	35
Segunda dimensão	36
Terceira dimensão	38

2.4. Dados da pesquisa de Rulla	39
2.5. Papel dos símbolos na dinâmica do sujeito	44
2.6. Grau de maturidade e auto compreensão	49
3. MAS DEUS NÃO É ASSIM... O APORTE DE FRIELINGSDORF	50
3.1. Sujeitos pesquisados	51
3.2. Origem e desenvolvimento da imagem de Deus na criança	52
3.2.1. A imagem de Deus se forma nos primeiros anos de vida	52
3.3. Imagens de Deus ambivalentes	55
4. DESENVOLVIMENTO DA REPRESENTAÇÃO DE DEUS.	
A CONTRIBUIÇÃO DE RIZZUTO	56
4.1. O desenvolvimento humano	57
4.2. O desenvolvimento da representação de Deus	60
5. A REPRESENTAÇÃO DE DEUS COMO OBJETO TRANSICIONAL	
ILUSÓRIO: A CONTRIBUIÇÃO DE ALETTI	63
6. CRIANDO NOSSOS MITOS: A PERSPECTIVA DE MCADAMS	69
6.1. Diferentes formas míticas	71
6.1.1. Importância de conhecer nossos mitos	74
6.1.2. Mudando os mitos	75
7. O PAPEL DO INCONSCIENTE NA FORMAÇÃO DO AUTO	
CONCEITO E AUTO-IMAGEM	77
7.1. Leis do inconsciente	79
7.2. Há saída para a influência do inconsciente?	81
8. INFERÊNCIAS PRELIMINARES	83
SEGUNDA PARTE – PESQUISA	87
CAPÍTULO II	88
1. PLANO E MÉTODO DA PESQUISA	88
1.1. Instrumentos da pesquisa	88
1.2. Modelos de questionários	89
1.2.1. Questionários da Rizzuto	89
a) Descrição dos questionários	90
b) Considerações práticas	90
c) Validade	91
d) Composição dos questionários	91
1.2.2. Questionário “Escrever um Evangelho”	91
1.2.3. Outros instrumentos: entrevista individual	92
a) Entrevista a partir de respostas dadas aos questionários	93

b) Entrevista baseada em McAdams	94
i. Vida como um livro	94
ii. Eventos chave	94
iii. Pessoas significativas	97
iv. Sobre o futuro	97
v. Estresses e problemas	98
vi. Ideologia pessoal	98
vii. Lema de vida	99
1.3. Aspectos éticos da pesquisa	99
2. AMOSTRAGEM DA PESQUISA	100
2.1. A escolha das instituições e dos sujeitos da pesquisa	100
2.2. Motivação apresentada aos alunos e adesão voluntária	101
3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA	101
3.1. Critérios para análise e tabulação dos questionários	101
3.1.1. Respostas Pessoais, Acadêmicas e Estereotipadas	102
4. TABULAÇÃO DOS DADOS	103
4.1. Resultados	105
4.2. Leitura preliminar dos resultados	105
4.3. Tabelas comparativas	106
4.4. Observações analíticas	114
4.4.1. Comparação dos dados entre as três Instituições	114
4.4.2. Leitura dos dados desde alguns autores	114
a) Leitura comparativa desde a teoria de Rulla	114
b) Leitura comparativa com os resultados da pesquisa de Cait, Tory Higgins e G.A. Allport	116
c) Leitura comparativa com os dados de J.W. Fowler	120
4.5. Conclusões iniciais a partir dos dados do questionário sobre Deus	122
TERCEIRA PARTE – ESTUDOS DE CASOS	125
CAPÍTULO III	126
1. O CASO SIRO	128
1.1. Dados biográficos	128
1.2. Respostas ao questionário sobre Deus	129
1.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”	129
1.4. Questionário sobre Família	131
1.5. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família	132
1.6. Análise complexiva	137

2. O CASO FRANZ	142
2.1. Dados biográficos	142
2.2. Respostas ao questionário sobre Deus.....	144
2.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”	144
2.4. Questionário sobre Família	148
2.5. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família	151
2.6. Análise complexiva	156
3. O CASO ALEX	158
3.1. Dados biográficos	158
3.2. Respostas ao questionário sobre Deus	160
3.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”	160
3.4. Questionário sobre Família	164
3.5. Questionário sobre Evangelho	174
3.6. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família	176
3.7. Análise complexiva	182
4. O CASO RAI	186
4.1. Dados biográficos	186
4.2. Respostas ao questionário sobre Deus	186
4.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”	186
4.4. Questionário sobre Família	188
4.5. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família	191
4.6. Análise complexiva	196
5. O CASO CASIMIRO	202
5.1. Dados biográficos.....	202
5.2. Respostas ao questionário sobre Deus	202
5.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”	203
5.4. Respostas ao questionário sobre Família	204
5.5. Outros dados da entrevista pessoal	204
5.6. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família	207
5.7. Análise complexiva	212
CASO CLÍNICO	219
6. O CASO JONATAN	220
6.1. Dados biográficos	221
6.2. Palavras-chave	223
6.3. Desenhos da imagem de Deus – interpretação de Jonatan	226
6.4. Desenho da família – interpretação de Jonatan	228
6.5. Análise complexiva do caso Jonatan	229
6.6. Conclusões	231

PARTE FINAL – CONCLUSÃO	239
CAPÍTULO IV	240
1. Balanço geral dos benefícios e desafios deste trabalho	242
2. Palavra final	244
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	245
 ANEXOS	256
ANEXO 1. Questionário sobre Deus	257
ANEXO 2. Questionário da Família	259
ANEXO 3. Questionário “Escrever um Evangelho”	260
ANEXO 4. Quadro sintético da localização das respostas A-E-P	261
ANEXO 5. Critérios para análise do questionário sobre família	262
ANEXO 6. Critérios para análise do questionário “Escrever um Evangelho”	267
ANEXO 7. Termo de consentimento livre e esclarecido para pesquisa	268

ABREVIATURAS

AVC-I = RULLA, L.M, *Antropologia da Vocação Cristã I. Bases interdisciplinares*. São Paulo: Paulinas, 1987.

AVC-II = RULLA, L.M.; IMODA, F.; RIDICK, J. *Antropologia della Vocazione Cristiana. Conferme esistenciale*. Casale Monferrato: PIEMME, 1986.

AVC-III = RULLA, L.M. (org). *Antropologia della Vocazione Cristiana*. Aspectti interpesonali. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, vol III, 1997.

DSM IV = *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Trad. Dayse Batista. 4ª. Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Lc = Evangelho de Lucas

Jo = Evangelho de João

Mc = Evangelho de Marcos

Rom = Carta de São Paulo aos Romanos

PARTE INTRODUTÓRIA

CONTEXTUALIZAÇÃO

1. MOTIVAÇÃO PESSOAL

Desde 1988, após me formar em psicologia, venho dedicando parte de meu tempo ao atendimento de pessoas que me procuram para terapia, na maioria, religiosos/as e candidatos à vida consagrada. Ao longo desses anos, tenho tido a oportunidade de entrar em contato com histórias pessoais marcadas por sofrimentos, por lutas, por conquistas, por busca de ideais que cada um escolheu para si. Ouvindo as histórias pessoais fui percebendo a originalidade de cada um e o modo particular de interpretar suas experiências vitais e como estas são traduzidas por simbologias impregnadas no vocabulário que usam para expressá-las. Isso foi chamando minha atenção para detalhes importantes que iam se repetindo ao longo do processo terapêutico, o que me obrigou também a buscar um conhecimento mais profundo da psique humana de modo particular aquele oferecido pela psicologia.

Fui notando, com o passar do tempo, o modo muito particular que cada um encontra para falar de si, para contar sua história, para revelar-se ou para ocultar-se. As influências culturais e ambientais, os costumes, as tradições, as experiências familiares vão sendo elaboradas de um modo *sui generis*. Este modo vai se expressando não só pelos comportamentos e modos de relacionar-se com os outros, como também pelo modo como se comunicam em suas falas.

À medida que os sujeitos tomam consciência de sua história, são obrigados a olhar para seu passado e, muitas vezes, reinterpretá-lo para entender melhor o presente e projetar seu futuro. Quando alguns fatos do passado são evocados, trazem consigo cargas simbólicas ligadas a antigas experiências marcadas por emoções que se mesclam com o presente num todo, às vezes, difícil de interpretar. Isto pode afetar diferentes aspectos das vivências do sujeito, como por exemplo, a maneira como se relaciona com

os outros, os modos como expressa seus sentimentos, as expressões de sua religiosidade e a sua filosofia de vida. Ao entrar em contato com sua realidade mais profunda, o sujeito vai se dando conta de que em sua história há fatos mais significativos que outros. Muitos deles assimilados com ressonâncias negativas que afetam seu desempenho e sua maneira de lidar consigo e com o mundo ao seu redor. Surge a necessidade de revê-los para integrá-los melhor ao conjunto de suas motivações. Há que se dar uma atenção especial para aquelas experiências que ficaram escondidas nas sombras do inconsciente, em que se iniciou a formação de “estalactites”, pequenas sedimentações que, com o passar dos anos, tornam-se tendências da própria personalidade. Estes núcleos psicodinâmicos que vão se formando aos poucos ocorrem também em relação ao aspecto religioso. Nesse sentido, podemos tomar como uma metáfora o texto de Emaus¹ que relata a experiência de dois discípulos de Jesus que regressavam para suas casas, depois de terem estado em Jerusalém, por ocasião da morte de Jesus. Eles são alcançados no caminho por um forasteiro que dialoga com eles e que, num primeiro momento, não reconhecem quem é. Eles têm uma versão para os fatos ocorridos em Jerusalém e sabem contar a história de suas expectativas messiânicas, mas não são capazes de decodificá-las em base a novas experiências que agora faziam junto ao forasteiro. Foi preciso descobrir significados novos já presentes na “ardência de seus corações”, para compreenderem um sentido novo para os fatos lá acontecidos. Essa “nova leitura” da própria experiência levou-os de volta a Jerusalém para contá-la aos colegas em sua nova versão sobre aquilo que lá aconteceu. Em Jerusalém, havia uma pluralidade de versões sobre a vinda do Messias entre os judeus, como havia também gente de outros credos que tinham outros deuses a quem cultuavam. Assim os dois

¹ Lc. 24,13-35.

discípulos, ao descobrirem novo significado para suas buscas religiosas, passam a viver numa outra perspectiva sua fé messiânica.

No convívio com a pluralidade de crenças e de credos, vão-se descobrindo novas leituras para a própria vivência religiosa, conceitos diferentes são elaborados em formas de representações psíquicas² que se tornam referências para as práticas religiosas.

Assim como aconteceu com a experiência dos discípulos de Emaús, cujas concepções foram refeitas a partir de uma experiência e interpretação nova para suas buscas, assim ocorre na vida de cada um. Para muitos aspectos que ficam ocultos ou mal entendidos só é possível dar outras significações a partir de novos parâmetros de interpretação que permitem uma decodificação daquilo que já estava lá, mas não era percebido.

Cito minha experiência pessoal para ilustrar a referência acima. No início de minha experiência religiosa, acreditava que a única forma de ser salvo era ser católico, “porque fora da Igreja não havia salvação”! Foi preciso rever essa idéia ortodoxa e entender que o Deus que eu quisera aprisionar na minha religião era diferente para os que tinham outro modo de crer. Assim entendi que Católico terá seu foco centrado em Cristo, Muçulmano em Maomé, Budista em Buda e assim por diante. Cada um a partir de sua crença vai elaborando representações internalizadas do Deus que crê. Para quem não crê (ateu) também, precisa haver alguma justificativa para dizer que sua crença é não crer! Percebo hoje que havia palavras-chave que definiam minha religiosidade e à luz delas interpretava minhas experiências religiosas. Palavras-chave detêm um poder condicionante para sustentar uma visão de Deus, da religião e do mundo. Elas se tornam

² RIZZUTO, Ana Maria, *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

referências interpretativas, uma possibilidade de hermenêutica para a experiência de cada um.

No contato, no contato quase cotidiano com histórias de outras pessoas, fui percebendo que a vida de cada um se parece com a história dos discípulos de Emaús. A experiência religiosa sendo revista e reinterpretada.

Usando uma outra metáfora podemos descrever a maneira particular de cada um de falar de sua experiência, normalmente envolta em simbologias. Podemos então comparar a um poema musical. Cada um compõe uma “letra” e uma “música” que reflete a própria história. Na composição, há aspectos sutis do poeta cantor, que são relevantes para entender a mensagem transmitida. Precisa-se prestar atenção em sua “letra” e “música”; porém não basta, há que se ter ouvidos para sua harmonia, para o conjunto da obra, como é tocada, como é cantada e qual a melodia que está ao mesmo tempo na letra e na música. Que arranjos foram introduzidos e que efeitos eles produzem, e, ao longo de sua vida, o que vai mudando e o que vai permanecendo.

Quando se presta atenção ao “cantar” do canto da própria experiência de vida, sobressai um “refrão” constituído de palavras-chave que condensam significados que vão além daquele dado pelo consenso comum. Uma mesma palavra pode esconder significados bem diferentes para um grupo de pessoas, por isso elas revelam e escondem, ao mesmo tempo, os meandros da vida nas nuances e variações que cada um vive a partir de “sua música”.

Defino “palavras-chave” como expressão simbólica que se refere às experiências particulares do sujeito. Pode ser apenas uma palavra ou um conjunto delas que formam uma frase. Elas contêm um modo pessoal de expressar de forma condensada significados profundos que retratam a vida do sujeito.

Dessa compreensão, nasceu o título de minha tese. **Palavras-chave nas representações simbólicas do sujeito. Conexões psicológicas com a religiosidade de candidatos ao Presbiterado Católico.** Privilegio a religiosidade porque minha pesquisa se restringe à exploração do tema, tratando de palavras-chave na vida de seminaristas que estudam teologia; jovens, portanto, voltados a um ideal religioso.

Note-se que as *palavras-chave* por vezes exprimem aspectos da vida ocultos ao próprio sujeito, mas que nem por isso deixam de ser importantes como expressões de sua vida e experiência. As palavras-chave não se resumem àquelas que exprimem sentimentos religiosos (objeto de nossa pesquisa). Cada um tem suas próprias palavras para diferentes aspectos de sua vida. Não vou me ocupar delas, pois, isso demandaria um tempo demasiado longo, além de ir em outra direção. No título refiro-me “às *representações simbólicas do sujeito*” porque parto da hipótese de que por meio das representações simbólicas aparece o significado “dado” às palavras-chave e nisto se revela um pouco quem é o sujeito e como ele se percebe e se relaciona com o mundo que o envolve. No caso específico, vou explorar *como e por que* “frases evangélicas” escolhidas pelos seminaristas revelam mais deles do que as explicações que eles dão para suas escolhas. Em muitos casos, o sujeito escolhe determinadas frases alegando um motivo de acordo com seus ideais, quando na verdade elas ocultam significados mais profundos que tem a ver com seu passado, com conflitos que marcaram sua história pessoal e ainda não se integraram em sua vida de forma madura.

Em outras palavras, na presente pesquisa, pretendo testar minha hipótese de que por meio das palavras-chave os indivíduos se dão a conhecer, é possível captar sua história de vida, os dinamismos e vivências que com ela se entrelaçam de uma maneira, em boa parte, oculta ao próprio sujeito.

Fazer o Doutorado tornou-se uma oportunidade de me aprofundar na busca de instrumentos que permitam decodificar a “escrita interior” de cada um. Para isso preciso conhecer o significado de suas palavras-chave, sabendo do grande desafio que isto representa. Já dizia o poeta Carlos Drummond Andrade “*Como decifrar pictogramas de há dez mil anos se nem sei decifrar minha escrita interior*”?³

Poderia resumir minha pretensão da seguinte forma: *Se quiseres me conhecer precisas conhecer a letra dos meus versos com a clave das notas musicais que a acompanham, mas terás também que prestar atenção, seguindo-me na melodia com os arranjos que compus!*

2. INTRODUÇÃO

Neste trabalho de tese pretende-se demonstrar que o sujeito humano, em seu processo de desenvolvimento, elabora maneiras pessoais simbólicas originais e subjetivas que se constituem num “mapa” onde se situam e se comunicam com o mundo (pessoas e ambiente). Uma das formas sutis em que seus símbolos se manifestam é através de palavras-chave que traduzem aspectos significativos de si e de sua história. Suas experiências existenciais passam por elaborações subjetivas complexas, que ficam guardadas em nível consciente e inconsciente sob a forma de memórias, cuja hermenêutica nem sempre é de fácil compreensão. Frequentemente a inventividade de cada um cria simbolismos próprios que são facilitadores da auto compreensão e meios

³ Da Poesia “O OUTRO”. Como decifrar pictogramas de há dez mil anos se nem sei decifrar minha escrita interior? Interrogo signos dúbios e suas variações caleidoscópicas a cada segundo de observação. A verdade essencial o desconhecido que me habita e a cada amanhecer me dá um soco. Por ele sou também observado com ironia, desprezo, incompreensão, e assim vivemos, se ao confronto se chama viver, unidos, impossibilitados de desligamento, acomodados, adversos, roídos de infernal curiosidade. (Carlos Drummond Andrade). Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/forum/index.php?topic=1639.15> Acessado em 31/03/2009.

que expressam para si e para os outros a auto compreensão e a cosmovisão que o sujeito tem de si mesmo mostrando que a riqueza e a complexidade da vida nem sempre se revelam e são comunicadas de maneira clara e objetiva. Elas sofrem as interferências dos condicionamentos que vão se acumulando ao longo das vicissitudes da história pessoal de cada um/uma.

A hipótese aqui proposta é de que palavras chave são representações simbólicas do sujeito e se tornam um caminho de auto revelação. Por necessidade de delimitação do tema restringimos o objetivo desse trabalho, analisando apenas conceitos religiosos, através de estudo de casos da religiosidade em candidatos ao presbiterado católico (seminaristas). Para isso colhemos uma amostragem entre 318 seminaristas católicos de três instituições que mantêm cursos de teologia na cidade de São Paulo.

O primeiro capítulo de nosso trabalho centrou-se na pesquisa bibliográfica, em que buscamos apoio em autores que nos deram bases científicas para nossa argumentação. Apoiamo-nos em algumas teorias que gozam de legitimidade científica. Como uma referência de fundo, elegemos a de Rulla, que nos oferece uma síntese antropológica da visão cristã integrada em sua teoria psicológica da autotranscendência na consistência. Nessa teoria encontramos elementos importantes para entender os processos simbólicos do sujeito e os diferentes graus da maturidade psíquica. Sua visão nos permite uma compreensão do mundo subjetivo do sujeito, mormente em relação aos processos de simbolização, progressivos e regressivos, como elementos definidores de dinâmicas inconscientes. Suas pesquisas dão sustentabilidade aos seus achados, alguns dos quais nos apropriamos para ilustrar nossas hipóteses. Encontramos também no quadro referencial das estruturas e conteúdos da personalidade, por ele propostos, um instrumento importante de compreensão do mundo subjetivo e da dinâmica intrapsíquica do sujeito humano.

Nos trabalhos de Frielingsdorf encontramos uma contribuição singular para a análise do significado das palavras chave. Frielingsdorf analisou um grupo de quase seis centenas de sujeitos durante um período de quinze anos, demonstrando como imagens “demoníacas” de Deus, desenvolvidas ao longo de anos, eram criadoras de dificuldades enormes para a vivência de uma religiosidade sadia e profunda dos sujeitos, que se expressam através de “posições-chave”.

Outra contribuição preciosa foi a encontrada em Rizzuto que nos ajudou a entender a formação das representações de Deus na psique humana e a suas contínuas reelaborações, que permitem ao sujeito se adaptar às novas intuições, experiências e reflexões que vai fazendo. Sua argumentação refinada sobre o desenvolvimento dos processos psicológicos, que estão presentes desde o nascimento, mostram como se desenvolvem e se instalam na mente do sujeito e desde aí traduzem para ele o Deus com quem se relaciona. Tais representações sofrem mudanças contínuas ao longo da vida, mas sua matriz tende a repetir-se e permanecer em nível inconsciente e só pode ser modificada verdadeiramente quando trazida ao nível consciente e ali passe por uma revisão exigente e complexa. Quando feito adequadamente permite um crescimento no grau da maturidade psíquica.

Em McAdams descobrimos a importância das narrativas da própria história que revelam a criação dos mitos pessoais. Estes exercem um poder de moldar um tipo de auto imagem do sujeito a qual traduz uma compreensão cosmogênica. Os mitos tendem a ser recriados em cada nova fase da vida. Atrás de cada um deles, está um sujeito que luta para sair de seu casulo e apossar-se da sua vida ainda que incapaz de revelar-se plenamente. McAdams com seu discurso sobre a formação dos mitos e suas narrativas trouxe também uma valiosa contribuição para ilustrar o significado das palavras-chave.

Também nos servimos de outros autores que corroboraram nossas argumentações. E assim, apoiado nessa pesquisa bibliográfica, nos lançamos à verificação de nossas hipóteses por meio de pesquisa com sujeitos selecionados entre seminaristas católicos.

No segundo capítulo, apresentamos nosso projeto de pesquisa e instrumentos usados, segundo uma metodologia que consistiu basicamente na aplicação de três distintos questionários aos 44 sujeitos que constituíram a amostra da pesquisa. Para cada questionário solicitou-se também um desenho ilustrativo. Entre esses 44 sujeitos foram, além disto, casualmente selecionados cinco deles para entrevistas livres com o pesquisador, com o objetivo de permitir uma análise mais apurada dos significados das palavras-chave melhor explicadas à luz dos questionários e desenhos previamente colhidos. Foi necessário também criar alguns critérios para a classificação das respostas aos questionários. Obteve-se, então, após a tabulação das respostas, os percentuais para cada critério estabelecido. Foram compostas as tabelas e gráficos, sobre os quais se apoiou a análise dos achados e a partir deles apresentaram-se algumas conclusões.

No terceiro capítulo, fez-se análise exhaustiva de cinco casos obedecendo a alguns critérios preestabelecidos. Por meio da análise demonstrou-se a comprovação da hipótese do trabalho, a de que as palavras-chave traduzem de forma sintética a auto compreensão do sujeito e de sua religiosidade. Suas frases evangélicas preferidas são uma “autobiografia” de sua religiosidade. No caso clínico apresentado ficou ainda mais evidente o papel das palavras chave como expressões da “história” religiosa do sujeito analisado. No processo de análise freqüentemente, tivemos que nos valer de inferências intuitivas para perceber a lógica escondida atrás das diferentes situações existenciais do sujeito presentes em suas palavras-chave. Percorrido esse caminho, chegamos ao fim deste trabalho e apresentamos nossas conclusões.

3. NOTAS EXPLICATIVAS

3.1. Alguns pressupostos

Parto do princípio de que a pessoa humana é expressão de uma vida e metafísica encarnada no espaço e no tempo pelas maneiras que a história de cada um foi sendo vivida e conduzida. Ao mesmo tempo existem nesta trama aberturas a aspectos que permitem superações. São processos que se desenvolvem individualmente, mas só são possíveis na relação com os outros. No fundo, se quisermos conhecer melhor a pessoa, precisamos vê-la como mistério para que possa ser entendida em maior profundidade. Tomo emprestado o pensamento de F. Imoda⁴, com o qual comungo em termos de visão antropológica, o ser humano vai além daquilo que dele se pode conhecer, porque é e permanece sempre envolto em um mistério. Pois “se for concebido como problema, então estaremos sempre diante de soluções a serem encontradas. Ao passo que, se for visto como mistério, a cada descoberta que é feita, é um crescimento que se dá”⁵. Constato que o crescimento de cada um não ocorre como uma “marcha triunfal em frente”⁶, um crescimento acumulativo de elementos positivos, mas também, freqüentemente, um desencontro, uma perda, um desafio.

“A pessoa humana está a caminho, em busca, que carrega o sofrimento no seu corpo e na sua alma, a pessoa que sabe rir e brincar, que sente solidão, aspirando à comunhão mais profunda, a pessoa que se alegra e se doa, percebe-se frágil e dividida e que se faz certas perguntas ou somente geme e se lamenta é a pessoa que, em seu modo de existir, vive e manifesta o seu ser mistério”⁷.

⁴ IMODA, Franco. *Psicologia e mistério*. São Paulo: Paulinas, 1996.

⁵ *Ibid.*, p. 57.

⁶ *Ibid.*, p. 518.

⁷ *Ibid.*, p. 513.

Trilhar o caminho da história de cada um é uma tarefa que envolve mediações afetivas, interpessoais, cognitivas, culturais e o próprio mistério. É aí que é feita a experiência existencial de ser “concretude mutante, vulnerabilidade desafiadora e enigma para si mesmos e para os outros.” É com esse paradoxo nas mãos que vai-se procurar conhecer melhor o ser humano rumo ao decifrável do mistério e conservando o indecifrável do ser. Quanto mais se tenta captar a mensagem de fundo presente em cada história pessoal mais vai-se percebendo também o grande mistério que cada um carrega consigo. Esse templo sagrado onde cada um mora com sua história é também o lugar onde ele se encontra com o Mistério do Absoluto que, em parte, se deixa conhecer também. Com esses pensamentos iniciais, começo a busca de uma compreensão maior do ser humano escondido atrás de suas palavras-chave.

3.2. Hipóteses

A primeira e principal hipótese é a do próprio título deste trabalho. As palavras-chave caracterizam a compreensão que o sujeito tem de si e o seu modo de interpretar a realidade que o envolve interna e externamente. Pode-se inferir a religiosidade de um sujeito pelas palavras preferidas que escolhe do evangelho (Bíblia).

Hipóteses complementares

As palavras-chave sempre vêm carregadas de significados simbólicos que ocultam aspectos ignorados pelo sujeito e, portanto, é necessário um trabalho de decodificação, uma hermenêutica. Na medida em que o sujeito se desenvolve, ele vai elegendo novas palavras chave que mostram suas novas elaborações.

3.3. Processos metodológicos

Neste trabalho procedemos basicamente dentro dos seguintes passos:

a) Procedimentos

Após buscar uma fundamentação teórica em alguns autores, cujas teorias apontam para os elementos necessários para sustentar as hipóteses, definimos o campo de pesquisa onde colher os depoimentos de sujeitos. Criamos os instrumentos de averiguação principais e auxiliares (complementares). Definimos a metodologia de análise aplicada aos dados trazidos pelos instrumentos de averiguação. Passamos, então, à coleta dos dados por meio da aplicação dos instrumentos aos sujeitos da pesquisa.

b) Observações metodológicas

i. Estabelecimento de um método

Para atingir nossa meta, necessário se fez estabelecer um método. Este contempla dois aspectos. Por um lado, há uma argumentação teórica que dá sustentação científica aos pressupostos das hipóteses. Por outro, ele também possibilita análises interpretativas aferidas dos dados de pesquisa de campo. É um método que exige ao mesmo tempo uma conexão lógica entre os diferentes argumentos teóricos e permite fazer inferências deduzidas por análises de caráter psicológico e um tanto intuitivas impressionísticas. O termo impressionístico não significa não verdadeiro ou aleatório.

A metodologia aplicada é então basicamente de dois tipos:

A primeira parte, aquela teórica, foi elaborada desde alguns autores principais complementados por outros, menos citados, para os propósitos deste trabalho. Os teóricos principais são representantes de correntes diferentes dentro da psicologia ou apresentam viéses diferentes dentro de uma mesma base teórica. Pretende-se com isso buscar elementos convergentes que dêem uma visão mais ampla do ser humano.

A segunda parte, a da pesquisa de campo, teve como objetivo o levantamento de dados obtidos através de instrumentos que possibilitam a apreensão das palavras chave no vivido dos sujeitos pesquisados, com especial atenção à sua história de vida e às suas práticas religiosas.

c) Refinamento da metodologia aplicada

i. Definição dos instrumentos e da população e amostra

Foram utilizados três conjuntos de instrumentos distintos, mas complementares. O primeiro conjunto é composto de três questionários. Dois oriundos de Ana Maria Rizzuto⁸. Um sobre Deus e outro sobre a família dos sujeitos. Um terceiro concebido por Navone⁹ e foi modificado pelo autor, que visa orientar o sujeito para “escrever seu evangelho de memória”!

O segundo conjunto constituiu-se de entrevista, conduzida pelo autor, com cinco participantes selecionados entre os que responderam o primeiro conjunto, isto é, os três questionários acima referidos. A estrutura da entrevista seguiu um padrão que está exposto no Capítulo II do presente trabalho. A entrevista visou obter detalhes que esclarecessem dados mencionados em respostas aos questionários cujo teor continha um potencial significativo para aprofundar e enriquecer a análise dos dados.

O terceiro conjunto foi a apresentação de um caso clínico acompanhado pelo autor. Este serviu para demonstrar os processos de escolha e significados dados às frases do evangelho ao longo e no contexto da vida do sujeito. O sujeito respondeu

⁸ RIZZUTO, A.M. *In Measures of religiosity*. Edited by Peter C. Hill and Ralph W. Hood Jr. Birmingham, Alabama: Religious Education Press, 1999, pp. 393-397. Cfr. Também RIZZUTO, A.M. *O Nascimento do Deus Vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, pp. 277-281.

⁹ Inspirado em NAVONE J. *Write a Gospel*. Review for Religious 38, 1997, pp. 668-673. O questionário sofreu modificações com alguns acréscimos de proposições elaboradas pelo pesquisador.

também aos três questionários, (primeiro conjunto), mas não pertence a nenhuma instituição onde os demais foram pesquisados.

ii. Coleta dos dados

Definiu-se a seguir a população a ser pesquisada. Os participantes da pesquisa foram seminaristas estudantes de teologia em três Institutos teológicos na cidade de São Paulo. A eles foi apresentada a motivação e os objetivos para participar da pesquisa. A adesão à participação foi voluntária. Nos três Institutos, foram selecionados grupos de voluntários que estavam cursando os diferentes anos do curso, isto é, do primeiro, do segundo, do terceiro e do quarto ano do curso de teologia.

iii. Critérios para tabulação dos dados

Foram definidos alguns critérios para a tabulação das respostas aos questionários. (cfr. Cap. II). Em seguida à tabulação, foram elaboradas as tabelas e gráficos que estão apresentados no Capítulo II, e a análise e interpretação dos dados.

d) Leitura dos dados e conclusões

É apresentada uma leitura dos dados e uma análise que comprova a hipótese e possibilidades para novos estudos. O último passo metodológico é reflexivo, constituindo-se no último capítulo deste trabalho em que se apresentam algumas conclusões.

4. SÍNTESE DA TESE

4.1. Problema

A história pessoal de cada um vai se desenvolvendo dentro de processos de interações entre o sujeito e o meio onde vive. É um processo que comporta experiências marcadas pelo dado hereditário de cada um e pelas vivências dentro dos contextos sociais em que o sujeito vive e cresce. A história de cada um nunca é linear, isto é, não se dá num processo harmônico, sem conflitos. Pelo contrário, passa por vicissitudes que nem sempre são passíveis de integração subjetiva adequada e por isso ficam como núcleos de estalactites que vão crescendo de forma distorcida com o passar do tempo.

4.2. Hipótese

Esses núcleos distorcidos bem como aqueles melhor integrados se manifestam através das palavras-chave que contêm cargas simbólicas que o sujeito elege para manifestar a sua riqueza pessoal bem como suas lutas.

4.3. Proposta

Faz-se necessário distinguir e definir uma antropologia de base que contemple dois aspectos fundamentais do ser humano: sua racionalidade e sua emocionalidade. Ambas compõem o agir humano e devem ser vistas de forma integradas sem que sejam fundidas, isto é, uma dissolvida na outra. Em outras palavras, sejam mantidas cada uma em suas características e funções dentro do conjunto motivacional que mantém a vida do sujeito em ação e de suas representações (ou mitos) construídos no passado, refeitas no presente e projetadas para o futuro. Trabalhar com o ser humano no sentido de entendê-lo em profundidade é saber que se está lidando com “dados” revelados, uma história contada, e “dados” escondidos que guardam os segredos de cada um que,

muitas vezes, estão esquecidos até mesmo pelo próprio sujeito, os quais, no entanto, continuam a influenciá-lo. Uma das formas privilegiadas de os segredos se tornarem públicos é quando eles se revelam nas entrelinhas das palavras-chave.

4.4. Pesquisa

Primeira parte: Construção de uma argumentação teórica baseada em estudos já feitos.

Segunda parte: Pesquisa de campo e análise dos resultados.

Eis aí o que pretendo estudar!

Uma vez definida nossa proposta, vamos agora ao trabalho percorrendo o caminho delineado na esperança de oferecer um pequeno contributo à compreensão das razões das escolhas de conteúdos religiosos para manifestar a fé que se professa.

5. ÚLTIMO ADENDO

Estamos falando de pessoas envoltas em seus mistérios dentro de um mundo em aceleradas mudanças, onde visões contraditórias se oferecem como respostas universais.

Percorrendo o caminho do conhecimento humano (e seu processo de desenvolvimento), vamos percebendo as lutas e anseios que cada um carrega consigo para desvelar-se para si e para os outros. Nós nascemos, crescemos, aprendemos a nos comunicar uns com os outros, dizemos para nós mesmos quem imaginamos que somos e apresentamos aos outros nossas diferentes “fotografias” que são apreciadas e por vezes criticadas. Em nossa realidade atual, muitos conceitos categóricos clássicos já foram deixados de lado, e a sociedade pós moderna transformou o convívio social com

aceleradas mudanças que poucos conseguem acompanhar. Nossa sociedade criou a sua própria palavra-chave: felicidade é sinônimo de capacidade de consumo e de desfrute do prazer imediato, abjurando os valores que extrapolam o templo do imediatismo. Pertencemos a uma sociedade de negócios, tudo passa pelo viés da produção e do lucro. Essa sociedade, muito à mercê das oscilações das bolsas de valores e das moedas, com suas pretensas ofertas de possibilidades infinitas de conquistas, por vezes esquece os sujeitos naquilo que são e têm de mais rico, sua vida, sua história, que quer um sentido que a ultrapasse. As ofertas de “felicidades” são tantas que, por vezes, nos iludem e nos põem a comprá-las de formas parceladas, mas que se desgastam rapidamente ou são superadas por novos “top de linha” e assim navegamos somente na superfície sem penetrar na profundidade de nosso ser. E assim iludidos que estamos no caminho da felicidade, frequentemente nos deparamos com um vazio existencial que desmente a tal felicidade prometida pela sociedade de consumo. Como bem diz Trevisol¹⁰.

“Seguindo a trilha dos fenômenos humanos, podemos chegar a conhecer grande parte das lutas e anseios da humanidade. Impressiona-nos imensamente o índice de depressão e estresse vividos pelo ser humano de nossa sociedade atual, assim como inquieta-nos o fato de não dar-nos conta do estilo grandioso e narcisista de encarar a vida, de uma outra boa parte dessa mesma humanidade”.

Várias explicações de ordem antropológica, psicológica e cultural já foram dadas para isso. No entanto, continuamos a fazer uma trajetória fortemente marcada pela competição, pela obsessão do ter, do poder e da sensação. Impressiona o fato de sabermos qual é o caminho para uma maior integração do ser humano e da humanidade e de não decidirmos trilhá-lo objetivamente. Repetimos experiências que não constroem humanidade, dignidade e não oferecem satisfação de viver. Onde estaria a razão de tudo

¹⁰ TREVISOL, Jorge (tese de doutorado): *Consciência Ampliada e Educação. Correlações entre Níveis de Consciência e Modo de Ensinar*. PUC-RS – Porto Alegre, 2005 (tese não publicada), p. 19.

isso? Alguns estudiosos já nos mostraram como certas dimensões humanas, como aquela do sentido da vida, não podem ser negligenciadas quando se projetam caminhos para o futuro da humanidade. Por que não temos dado tanta importância para isso até agora ou pelo menos até pouco tempo atrás? Resgatar um pouco da história original de cada um é um desafio que se impõe e uma necessidade para afirmar que a felicidade do ser humano está além das ofertas de mercado que o iludem ou mesmo o anulam tornando-o um infeliz, mascarado de uma felicidade aparente, pouco profunda e pouco consistente, que não garante sua realização como é prometida pelo mundo consumista quer fazer crer.

PRIMEIRA PARTE

PESQUISA TEÓRICA

CAPÍTULO I

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Introdução

Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, bem como as religiosas, devem-se aos “objetos” da nossa consciência. As coisas que acreditamos existirem, seja real, seja idealmente, junto de nós. Tais objetos podem estar presentes aos nossos sentidos, ou podem estar presentes apenas ao nosso pensamento. Em qualquer desses casos eles provocam em nós reações e a reação produzida por coisas do pensamento é, notoriamente, em muitos casos, tão forte quanto a produzida por presenças sensíveis.¹

Iniciamos a aventura de buscar os pressupostos teóricos para fundamentar a tese que pretendemos defender, qual seja a de que os indivíduos humanos, de modo particular os que se dedicam ao sacerdócio, têm, em suas manifestações cotidianas, palavras-chave, “leitmotiv” que são uma espécie de marca de sua maneira de lidar com a vida. Estabelecem para eles quadros referenciais dentro dos quais filtram suas experiências. Por necessidade de delimitação do estudo, vamos restringir o campo de nossa pesquisa para um grupo de candidatos ao sacerdócio (seminaristas). Neles pretendemos verificar como frases bíblicas, escolhidas por eles como suas preferidas, revelam aspectos de sua religiosidade em seu discurso consciente e escondem também freqüentemente, aspectos conflitivos inconscientes. Tais palavras-chave indicam, por um lado, seu modo consciente de conceber sua religiosidade e o significado que elas dão à sua vida. Todavia, com freqüência elas escondem sentidos mais profundos ligados a experiências inconscientes cujo conteúdo mostra-se em contradição com aquilo que,

¹ JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 44.

em nível consciente, aparece. Servem-se delas muitas vezes como um “falso self” no sentido Winnicottiano². O conceito de falso self se constrói na base da submissão. Pode ter uma função defensiva, que é a proteção do self verdadeiro³.

Neste capítulo, iniciarei expondo alguns aspectos da teoria da autotranscendência na consistência de Luigi M Rulla, como um referencial importante para entender o papel dos símbolos nas motivações inconscientes e sua influência sobre o nível consciente. Também farei uma breve síntese e análise dos dados da pesquisa realizada por K. Frielingsdorf⁴ que se ocupou do tema em estudos por ele realizados. Farei uso de contribuições de Ana Maria Rizzuto⁵, sobretudo de sua análise da questão da formação das representações de Deus, e ainda Mário Aletti⁶ na sua reflexão sobre objeto transitório ilusório. Para finalizar o capítulo, algumas contribuições de Dan P. McAdams quando trata da formação dos mitos pessoais em “*The stories we live by*”⁷.

Outros autores serão usados ao longo da discussão os quais serão citados oportunamente.

² “O falso self se implanta como real e é isso que os observadores tendem a pensar que é a pessoa real. Nos relacionamentos de convivência, de trabalho e amizade, contudo, o falso self começa a falhar”, in WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, pp. 130-131.

³ *Ibidem*. “O conceito de falso self se constrói na base da submissão. Pode ter uma função defensiva, que é a proteção do self verdadeiro” (p. 122). Para Winnicott a formação de um *self* total – o qual implica uma diferenciação entre eu e não-eu numa crescente integração, até permitir uma imagem unificada de si mesmo e do mundo exterior. Isso acontece a partir de um “ambiente suficientemente bom” que possibilite o desenvolvimento das potencialidades de um *self* rudimentar que já existe desde o nascimento, embora de forma extremamente frágil. Nos casos em que falha a função materna de integrar as sensações corporais do bebê, os estímulos ambientais e o despertar de suas capacidades motoras, a criança sente sua continuidade existencial (ser) ameaçada e procura substituir a proteção que lhe falta por outra, “fabricada” por ela. Esse fenômeno, diz Winnicott, compara-se a formação do *self* com uma casca de árvore, às custas da qual se cresce e se desenvolve o *self* do sujeito: Então, o indivíduo se desenvolve mais como uma extensão da casca do que do núcleo (...) O *self* verdadeiro permanece escondido, e o que temos que enfrentar clinicamente é o *self* falso, cuja missão se estriba em ocultar o *self* verdadeiro”. (pp. 128-138).

⁴ KARL FRIELINGSDORF, K. *...Má Dio non è così*. Milano: San Paolo, 1995.

⁵ RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

⁶ São vários textos de diferentes obras que serão citados quando de seu uso.

⁷ MCADAMS, D.P. *The stories we live by*. New York and London: the Guilford Press, 1993.

2. TEORIA DA AUTOTRASCENDÊNCIA NA CONSISTÊNCIA DE L.M. RULLA⁸

2.1. Teoria da autotranscendência na consistência uma teoria interdisciplinar

A Teoria da Autotranscendência na Consistência é uma teoria interdisciplinar. Conjuga filosofia, teologia e psicologia social. Seu mentor mor, Luigi Rulla, procura demonstrar, apoiado numa visão antropológica cristã, entre outras coisas, que há uma tendência inata do homem à autotranscendência ao mesmo tempo em que vive também uma imanência. Afirma que há uma busca natural por um sentido que transcende o próprio sujeito. Rulla⁹, apoiando-se em B. Lonergan aponta três razões desse caminho para a autotranscendência.

1) Parte da idéia de que o espírito do homem, sua mente e seu coração se constituem em uma força ativa para a autotranscendência. O homem possui essa força intrínseca que pode ser verificada através do método transcendental de Lonergan constituído pelos quatro níveis de operações denominados de nível empírico, intelectual, racional e responsável. Uma breve descrição de como eles operam é dada por Lonergan¹⁰.

⁸ Esta teoria foi desenvolvida nos anos 60-70 tendo à frente de uma equipe de pesquisadores o Prof. Dr. P. Luigi M. Rulla, SJ. A teoria está publicada em vários livros de sua autoria (volumes). Cf. Bibliografia indicada no final. O conjunto de seus trabalhos de pesquisa recebeu o prêmio quinquenal da Comissão Internacional de Psicologia Científica da Religião, Bruxelas, 1967. No início da década de 70, a Equipe liderada por Ele, fundou o Instituto di Psicologia da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, onde foi seu diretor por vários anos e lecionou até sua aposentadoria. Luigi M. Rulla é um jesuíta, médico (Univers. Turim), psiquiatra (Mc Gill University) e psicólogo (Ph.D., University of Chicago). Nascido em Turim, Itália. Obteve o doutorado em Medicina na Università di Torino. Exerceu a medicina durante 8 anos como médico cirurgião e contribuiu com pesquisas em muitas publicações na Faculdade de Medicina de Turim. Durante sua formação como jesuíta, obteve a licença em Filosofia (Aloysianum Gallarate) e licença em Teologia (Woodstock College, Maryland. USA). Depois disso formou-se em Psicologia e Psiquiatria. Foi "Visiting Professor e Research Associate" no Departamento de Psiquiatria da Universidade de Chicago. Faleceu em 30 de março de 2002.

⁹ RULLA, L.M. *Antropologia da vocação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1987. Vol 1 - (AVC-1).

¹⁰ LONERGAN, B.J.F. *Metod in theology*. Second edition. New York: Herder, 1973.

Quando sonhamos, a consciência e a intenção costumam ser fragmentárias e incoerentes. Quando acordamos, elas assumem uma coloração diferente, que se alarga de acordo com níveis sucessivos, ligados entre si, mas qualitativamente diversos. Há o nível empírico, em que nós sentimos, percebemos, imaginamos, temos emoções, falamos nos movemos. Há um nível intelectual, em que nós indagamos, chegamos a compreender, exprimimos o que compreendemos, elaboramos os pressupostos e as implicações do que exprimimos. Há o nível racional, em que refletimos, identificamos e dispomos em ordem a evidência, e aplicamos o juízo sobre a verdade ou falsidade, sobre a certeza ou probabilidade de uma asserção. Há o nível responsável em que nos ocupamos de nós mesmos, de nossas operações, de nossos objetivos e para isso deliberamos sobre possíveis cursos de ação, os avaliamos, decidimos e executamos o que tínhamos decidido¹¹.

2) Esses quatro níveis de operação levam à transcendência, pois existe no homem um processo ontológico de desenvolvimento que o conduz à autotranscendência¹². Que na definição de Rulla é entendida como:

Autotranscendência, com esse termo quer se indicar a superação do próprio eu por parte do indivíduo que opte por realizar na própria vida valores objetivos que o transcendem. Aquilo que o indivíduo quer ser (eu ideal) que não consiste na simples realização das próprias potencialidades (auto-realização), mas corresponde a um chamado que vem de Deus, e, portanto, supera o projeto do homem, que o aceita em uma visão de fé. Na mesma perspectiva de fé, existe no crente a convicção de que na realização dos ideais autotranscendentes, o homem realiza plenamente também a si mesmo. Essa tarefa não é fácil e nem automática, mas pressupõe e exige um esforço de conhecimento de si e uma liberdade interna que leve a uma consistência nas atitudes do indivíduo entre seus valores proclamados e suas necessidades, tanto em nível consciente como subconsciente, isto é, entre o seu eu ideal e o seu eu-atual¹³.

3) O mesmo homem, no entanto, que tem essa capacidade de se autotranscender; é também limitado na consecução de sua autotranscendência. Há nele uma dialética de base, uma oposição entre sua tendência para autotranscendência ilimitada e a própria

¹¹ LONERGAN apud RULLA, 1986, p. 165.

¹² RULLA, L.M. *Antropologia da vocação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 165. (AVC-I).

¹³ *Ibid.*, p. 570.

limitação¹⁴. Nos quatro níveis de operações, estão sempre presentes dois conjuntos de elementos motivacionais que medeiam as respostas do sujeito humano aos objetos¹⁵. 1. O primeiro conjunto é constituído pela “fórmula” - necessidades, avaliação intuitivo-emotivas e o importante para mim” -. Esse conjunto tende a levar o indivíduo à escolha em base ao que é agradável ou satisfatório para ele. Predominam os afetos. 2. No segundo conjunto constituído pela “fórmula”: - valores, avaliação reflexivo-racional e o importante em si mesmo”¹⁶, prevalecem os ideais do sujeito, aquilo que ele pretende alcançar. Esses dois conjuntos influenciam as opções de objetos e de conteúdos. No processo de transcendência, um nível subsequente retém os aspectos contidos no nível precedente, como, por exemplo, os defeitos, limitações e distorções. Isso permite dizer que as seleções de necessidades e valores que o sujeito faz no decorrer do desenvolvimento, com o crescimento na idade, vão deixando resíduos, que gradativamente se tornam hábitos, que se tornam por sua vez, facilitadores de respostas na escolha de determinados conteúdos e necessidades.

O sistema motivacional comporta dois aspectos: um racional, e outro emocional. O racional permite uma avaliação mais realista e objetiva da realidade, enquanto o emocional pode estar mais relacionado com aspectos distorcidos, como os objetos afetam o sujeito. Por exemplo, a criança que não foi atendida em suas necessidades primárias ou foi corporalmente punida pelo pai ou mãe, pode desenvolver uma atitude emotiva de desconfiança¹⁷, de medo ou de raiva para com as figuras de autoridade

¹⁴ *Ibid.*, p. 166.

¹⁵ *Ibid.*, p. 183.

¹⁶ ARNOLD, M. *Emoción y personalidad*. Buenos Aires: Ed. Losada S.A., 1960, pp. 169-182, vol. I. também em KIELY, B. *Psicología e teología Morale*. Roma: Gregorian University Press, 1982, pp. 156-162).

¹⁷ ERIKSON, E. *Infanzia e società*. Roma: Armando editore, 11ª edição, 1982.

“As primeiras manifestações do fato que o bebê tem confiança no ambiente que o circunda são a facilidade com que se nutre, a profundidade do seu sono e o relaxamento dos seus intestinos. A experiência do acordo entre as próprias exigências e a providência materna, lhe permite bloquear gradualmente o mal estar causados pelo despreparo em relação ao ambiente no momento de seu

(masculina ou feminina). Podemos distinguir dois tipos de reações que eventualmente se tornam atitudes¹⁸ no sujeito. Aquelas causadas por situações traumáticas, que provocam impactos emocionais intensos e aquelas que são como “estalactites”, isto é, que se formam pouco a pouco com a repetição menos intensa que as traumáticas, mas que se solidificam com o passar do tempo. Pode-se dizer que essas experiências tornam-se memórias do passado. Tais memórias, segundo Arnold¹⁹ podem ser de dois tipos: quando o passado é representado em termos de coisas que foram vistas, ouvidas, sentidas, são chamadas de “modalidade específica”. Quando reações emocionais no passado de alegria, dor, prazer etc. são revividas no presente, é o tipo de “memória afetiva”. Para nós interessa de modo especial, a “memória afetiva” que Arnold assim descreve:

Na verdade, a memória afetiva é dotada de ubiquidade e também intensamente pessoal porque é a documentação viva da história da vida emocional de cada pessoa. Estando sempre a nossa disposição e jogando um papel importante na avaliação e interpretação de cada coisa que está ao nosso redor, pode ser chamada a matriz de cada experiência e ação... Ela é, porém, também a reação intensamente pessoal – em uma situação particular – fundada sobre as experiências e predisposições irrepetíveis do indivíduo²⁰.

Arnold²¹ observa ainda que as atitudes emotivas começam a se formar na infância, quando a capacidade de avaliação reflexiva da situação e da resposta da

nascimento. (...) As formas de seu bem estar e as pessoas associadas a elas se tornam familiares quanto os sofrimentos que o fazem prender os intestinos. Ele então está maduro para fazer sua primeira conquista social, a disposição de renunciar sem angustia e sem ira a vista da mãe por ter feito dela uma certeza interior mais que um objeto de espera” (ERIKSON, 1982, p. 231). “(...) a confiança deriva da experiência da primeira infância em uma medida que não parece depender do nutrimento recebido ou das manifestações de afeto, mas antes da qualidade da relação com a mãe”. (*ibidem*, p. 233).

¹⁸ Atitude aqui entendida segundo a definição de G. Allport (1935, p. 810). “Uma atitude é um estado mental e neural de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a reação do indivíduo a todos os objetos e situações com que se relaciona” (idem, apud FREEDMAN, CARLISMIT, SEARS. *Psicologia Social*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977, p. 248). Cfr. ALLPORT G. (1935). *Attitudes*. in C. Murchison (org.). *Handbook of social Psychology*. Worcester, Mass: Clark University Press, 1935, pp. 798-884.

¹⁹ ARNALD, M. *Emoción y Personalidad*. Buenos Aires: Ed. Losada S.A. 1970, pp. 173-177, vol. 1.

²⁰ *Ibid.*, p. 187.

²¹ *Ibid.*, pp. 184-186 e 188.

criança é muito pobre; por isso, as emoções²² e as atitudes, as expectativas criadas por elas ficam profundamente enraizadas. A memória afetiva é onde está o resíduo emotivo de experiências mais significativas da vida. Ela é uma espécie de “caixa preta” onde está escrita nossa história, sobretudo aquela que conhecemos menos, mas que continua a estar presente e influir de vários modos em nossa vida²³. A memória afetiva tende a reativar a emoção primitiva quando se apresentam situações análogas àquelas que deram origem à emoção. A “memória de modalidade específica”, relativa aos acontecimentos que levaram à formação das atitudes emotivas, tende a se perder; enquanto que as atitudes emotivas permanecem; por isso, uma nova interpretação dessas atitudes torna-se difícil, porque faltam os dados concretos sobre os acontecimentos que as determinaram.

As atitudes emotivas podem então criar expectativas falsas a respeito do comportamento dos outros para consigo. Pode-se dizer então que o elemento emotivo inconsciente pode ser incorreto e distorcer a realidade da situação; motivações inconscientes, como resíduos emotivos do passado, enganam o sujeito totalmente ou em parte sobre o significado da situação presente, sem que sejam conscientes disso²⁴.

Outro aspecto a ser considerado é o processo de simbolização que se desenvolve no sujeito humano. Como afirma Kiely, “o homem é um ser que simboliza que vive e toma as decisões comuns principalmente na base de símbolos e de associações de símbolos, que são fortemente subjetivos, isto é, próprios de cada sujeito”²⁵. Isso parece

²² Emoção: uma tendência sentida em direção a um objeto avaliado como bom ou uma tendência sentida a evitar um objeto avaliado como mau. Segundo uma concepção “organizativa” da emoção, encontram-se elementos cognitivos, conativos e afetivos na estruturação, mesmo mais primitiva, da emoção. A emoção não é portanto uma realidade estática mas dinâmica e evolutiva e é possível individuar processos ou “leis” de desenvolvimento da emoção. Cfr. IMODA, F. *Psicologia e mistério*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 611.

²³ CENCINI, A. *A árvore da vida*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 254.

²⁴ AVC-I, p. 16.

²⁵ KIELY, B. *Consolation, desolation and the changing of symbols. A reflection on the rules for discernment*. In the Exercises of St Ignatius, in AA.VV. *The spirituals exercises of St. Ignatius Loyola in present-day application*. Roma: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1982a, pp. 123-156.

ser verdade, pois, basta pensar no fato de que uma mesma palavra pode ter significados simbólicos bem diferentes para um grupo de pessoas. A palavra símbolo “mãe” pode suscitar em alguns sujeitos, reações emocionais de amor; em outras, de culpa, em outras ainda, de revolta, abandono, medo ou também diversas associações dessas reações²⁶.

Quanto à questão dos símbolos há uma variedade de opiniões sobre a função do símbolo no contexto da motivação humana²⁷. O significado de uma palavra ou de uma ação, considerada como símbolo, deve ser visto dentro da ampla perspectiva da relação entre essa palavra ou ação e o conjunto da pessoa. Dentro do processo de autotranscendência defendido por Rulla, ele discute a questão do processo de simbolização como contendo dois pólos. Um constituído pelo sujeito que se transcende e outro o objeto da transcendência (pode ser Deus, outra pessoa). Segundo ele, há uma relação intencional entre os dois pólos, isto é, um processo em que um dos dois pólos se dirige ativamente para o outro e vice-versa. Daí que no processo de simbolização deve-se levar em conta estes dois elementos, isto é, os dois pontos de referência dentro dos quais acontece a relação e a relação intencional que se estabelece e se desenvolve entre eles. Há, portanto, dois símbolos polares e o símbolo como elaboração. Para Rulla, o símbolo não é a representação de um objeto, mas a elaboração da relação existente entre sujeito e objeto²⁸. A definição dada por ele para os símbolos polares é: São os dois pólos (sujeito e objeto) da relação intencional; esses dois pólos são caracterizados pelo tipo de relação intencional que se estabelece entre eles²⁹. Os símbolos não se submetem às regras da lógica, mas à ambigüidade das imagens carregadas de afetos. Enquanto a lógica luta pela univocidade de significado, o símbolo favorece grande número de

²⁶ AVC-I. p. 243.

²⁷ *Ibid.*, p. 244.

²⁸ *Ibid.*, p. 251

²⁹ *Ibid.*, p. 252.

múltiplos significados. A força do símbolo não está na argumentação ou na prova, mas na multiplicidade de imagens que convergem em seu significado.

O símbolo é capaz de abraçar as tensões e contradições que o discurso lógico detesta” (p. 254). O sistema simbólico é formado não só pelos símbolos polares do sujeito e do objeto, mas principalmente pelo símbolo como elaboração. Símbolo como elaboração é a relação que o sujeito estabelece entre os símbolos polares. O elemento importante aqui é o significado da relação entre os símbolos polares. O símbolo como elaboração reflete o modo pelo qual o sujeito percebe e reage ao objeto e o modo pelo qual o objeto influi sobre o sujeito. É essa relação concreta estabelecida pelo sujeito entre ele mesmo e o objeto que é evocada pelo símbolo, que pode estar sob forma de linguagem, de ações, de produções artísticas, de símbolos religiosos³⁰.

A questão do papel dos símbolos na dinâmica humana será discutida mais adiante com mais profundidade. Antes convém apresentar alguns aspectos centrais da teoria acima mencionada.

2.2. Aspectos centrais da teoria da autotranscendência na consistência

Nos três volumes de *Antropologia da Vocação Cristã*³¹, estão descritos os conceitos teóricos; no volume I, (AVC-1) os resultados das pesquisas; no volume II, (AVC-II) e no volume III (AVC-III) vários autores comentam aspectos da aplicação da teoria. Os conteúdos dos três volumes apóiam-se ou têm como pressuposto, a visão do ser humano conforme a concepção cristã. Alguns conceitos basilares desta concepção é que ela é vista como vocação, como diálogo com Deus em Cristo³². Este modo de compreender a vida e a vocação cristã está fundamentado na tradição cristã:

³⁰ *Ibid.*, p. 255.

³¹ AVC-I; RULLA, L.M; IMODA, F.; RIDICK JOYCE. *Antropologia della Vocazione Cristiana, II (AVC-II) Conferme esistenziali*. Casale Monferato: PIEMME, 1986 (não há tradução em português); RULLA, L.M. (org.) *Antropologia della Vocazione Cristiana, III Aspetti Interpersonali*, (AVC-III) EDB, 1997.

³² AVC-I, pp. 29-31.

No desígnio de Deus, cada homem é chamado a desenvolver-se, porque toda a vida é vocação. É dado a todos, em germe, desde o nascimento, um conjunto de aptidões e de qualidades para fazê-las render: desenvolvê-las será fruto da educação recebida do meio ambiente e do esforço pessoal, e permitirá a cada um orientar-se para o destino que lhe propõe o Criador. Dotado de inteligência e de liberdade, é cada um responsável tanto pelo seu crescimento como pela sua salvação³³.

A vocação cristã entendida como diálogo com Deus aparece de forma explícita no decreto Conciliar Vaticano II – *Gaudium et Spes*. n. 19.

A razão principal da dignidade humana consiste na vocação do homem para a comunhão com Deus. Já desde sua origem o homem é convidado para o diálogo com Deus. Pois o homem, se existe, é somente porque Deus o criou e isto por amor. Por amor é sempre conservado. E não vive plenamente segundo a verdade, a não ser que reconheça livremente aquele amor e se entregue ao seu Criador³⁴.

O mesmo documento no número 22 fala que a vocação de cada homem foi transformada em Cristo:

Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado (...) Cristo, que é o novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é, portanto de se admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice. “Imagem de Deus invisível”(Col 1,15), ele é o homem perfeito que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado.... Com efeito, por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo homem. ... Padecendo por nós não só nos deu o exemplo para que sigamos os seus passos, mas ainda abriu novo caminho: se nós o seguirmos, a vida e a morte se santificam e adquirem nova significação. ... Isto vale não somente para os cristãos, mas também para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo invisível. Com efeito, tendo Cristo morrido por todos e sendo uma só vocação última do homem, isto é, divina, devemos admitir que o Espírito Santo

³³ PAPA PAULO VI. *Carta Encíclica, Populorum Progressio*. n. 15.

³⁴ *Gaudium et Spes* n. 19. In *Documentos do Vaticano II*. Edição bilíngüe. Petrópolis: Editora Vozes, 1966, p. 155.

oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal³⁵.

Para a Teoria da Autotranscendência na Consistência, os valores centrais da vocação cristã correspondem à estrutura desta vocação como diálogo com Deus em Cristo, que podem ser resumidos na busca da união com Deus e no seguimento de Cristo e em todos os valores revelados por Cristo na linha das Bem Aventuranças (Mt. 5, 1-12). A autotranscendência cristã envolve todos os valores religiosos e morais que fazem parte desta vocação³⁶. A encíclica *Veritatis Splendor*³⁷ confirma essa interpretação da vocação cristã³⁸.

Na perspectiva da vocação cristã, o bem humano é visto como a união com Deus e o seguimento de Cristo com fins últimos da vida e sua realização plena acontece na medida que se faz “dom total de si”³⁹. O bem humano visto aqui como bem integral da pessoa. Vários documentos do magistério da Igreja tratam desse tema⁴⁰. Tem, portanto, importância central a finalidade a ser atingida pelo ser humano durante sua vida e que tipo de pessoa humana ela deve tornar-se para alcançar tal finalidade.

A pessoa madura⁴¹, segundo a teoria acima, está empenhada em seguir a vocação cristã e em viver os valores que correspondem a esta vocação. Sem um

³⁵ *Ibid.*, n. 22.

³⁶ AVC-I, pp. 190-193.

³⁷ PAPA JOÃO PAULO II. *Encíclica Veritatis Splendor*. 1993 (ns. 15, 17, 20, 21, 48, 85, 87, 89, 120).

³⁸ KIELY, B. *L'atto morale nell'Enciclica Veritatis Splendor*. In *Atti del Convegno dei Pontifici Atenei Romani*, 29-30 ottobre 1993. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1994, pp. 108-118; 1995, pp. 722-725.

³⁹ AVC-I, pp. 331-356.

⁴⁰ *Gaudium et Spes*, 35, 61; *Humanae Vitae*, 7; *Populorum Progressio*, 13-21; *Donum Vitae*, Introdução 1,2,3; *Familiaris Consortio* 32; *Sollicitudo rei socialis*, 1,9,10,29-33,38; *Veritatis Splendor* n. 83.

⁴¹ Imoda assim define maturidade: “o ponto de chegada do desenvolvimento. É a capacidade de atuar as potencialidades da pessoa. De um lado a maturidade “setorial” se refere à esfera da pessoa que é tomada em consideração (fisiológica, emotiva, cognitiva, interpessoal); do outro a maturidade “compreensiva” se refere ao todo da pessoa. Em ambos os casos, a maturidade denota a capacidade ou não de levar a termo as operações relativas ao fim proposto. A maturidade é impedida quando o indivíduo não dispõe da capacidade essencial ou efetiva de operar como ser espiritual, inteligente e livre para autotranscender-se no amor e em um amor antropocêntrico e teocêntrico. A maturidade depende, psicologicamente, do grau de harmonia interior e de capacidade de controlar o inevitável conflito inerente ao mistério da pessoa”. IMODA, op. cit., pp. 612-613.

empenho pessoal como resposta à vocação que vem de Deus, não existe vocação em sentido efetivo e existencial. Tais valores exprimem a autotranscendência teocêntrica, por meio da qual a pessoa faz sua auto doação a Deus, ao próximo, no seguimento de Cristo.

Estes valores são centrais na definição de um eu ideal, que difere do eu ideal da psicanálise⁴². Tais valores de autotranscendência teocêntrica são escolhidos como “importantes por si” em vez de “importantes para mim”⁴³, e não em primeiro lugar para resolver conflitos com outras pessoas. Eles têm uma função teleológica da vida como vocação. Os valores transcendentais são valores religiosos e morais, distintos dos “valores naturais”⁴⁴ da vida humana. O compromisso com estes valores autotranscendentes comporta uma tensão dialética, que na teoria é chamada de “dialética de base”⁴⁵ entre o eu ideal e o eu atual ou seja o eu que se transcende e o eu enquanto transcendido. O eu ideal compreende os ideais que a pessoa escolhe por si mesma, isto é, aquilo que desejaria ser ou fazer; o eu atual corresponde à realidade da pessoa como é agora⁴⁶. Mesmo quando o sujeito se empenha em viver tais valores cristãos, não significa necessariamente que eles são vividos em profundidade no sentido cristão. Pelo contrário, a gestão desta dialética de base comporta muitas dificuldades, porque há na pessoa humana resistências notáveis para a autotranscendência teocêntrica. As pesquisas realizadas por Rulla e sua equipe procuravam respostas para perguntas tais como: por que algumas pessoas crescem bem em sua vocação, enquanto outras encontram grandes dificuldades em seu crescimento vocacional? Por que algumas

⁴² AVC-I nota 32, p. 199; também nota 34, p. 204.

⁴³ *Ibid.*, p. 183. Cf. também ARNOLD, M. *Emocion e personalidad*. Buenos Aires: Ed. Losada S.A., 1960, pp. 234-250, vol. I; cf. também CENCINI, A.; MANENTI, A. *Psicología e formação*. São Paulo: Paulinas, 1988.

⁴⁴ AVC-I, pp. 186-192.

⁴⁵ *Ibid.*, pp. 177-179.

⁴⁶ *Ibid.*, pp. 197-205.

pessoas perseveram em uma vocação particular (vida religiosa, sacerdócio) e outras abandonam a escolha feita?

Para entender a natureza de tais resistências para a autotranscendência, faz-se necessário distinguir alguns aspectos relacionados com a liberdade humana. Para essa distinção na teoria são consideradas três dimensões⁴⁷ da dialética de base.

2.3. As três dimensões e sua relação com a liberdade humana

Estas três dimensões se referem às disposições habituais que estabelecem a harmonia ou desarmonia entre o eu atual e o eu ideal. Em cada uma delas uma maior harmonia favorecerá a liberdade⁴⁸ para viver segundo os valores da vocação cristã, enquanto a desarmonia cria obstáculos à mesma liberdade. Essas “três dimensões se desenvolvem e se formam com o crescimento da criança, como consequência de sua interação com os valores que encontra em seu meio ambiente”⁴⁹. “À medida que a criança cresce em idade, encontra valores em seu ambiente, valores que, gradualmente,

⁴⁷ Dimensões: podem ser concebidas como níveis de funcionamento motivacional derivante de certos tipos de configurações estruturais operantes no quadro de uma certa finalidade ou horizonte. Comportam, pois, uma analogia com os estágios. Cada dimensão gera um sistema de orças motivacionais. Formalmente constituído, cada um destes sistemas não é exclusivo no sentido de que pode coexistir na mesma pessoa, com outras dimensões.

A *primeira dimensão* exprime as forças motivacionais conscientes e livres e o horizonte prevalente é aquele de ideais, valores, teocentricamente autotranscendentes.

A *segunda dimensão* exprime as forças motivacionais não conscientes e livres, mas também aquelas subconscientes, em um horizonte onde junto com os ideais teocentricamente autotranscendentes estão presentes ideais como valores naturais, nem sempre coordenados e em harmonia com os primeiros.

A *terceira dimensão* exprime forças motivacionais subconscientes ou de alguma forma menos livres, em um horizonte de ideais prevalentes como valores naturais e tendo como fim um eu limitado em relação à autotranscendência. IMODA, *Psicologia e mistério*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 611.

⁴⁸ “Liberdade, é necessário distinguir o conceito de liberdade entendida como possibilidade psíquica de fazer uma escolha (fazer isto ou aquilo), do conceito de liberdade entendida como possibilidade de realizar a si mesmo (escolher o que tem um significado de realização da vida). No primeiro caso, temos um conceito puramente mecânico de liberdade que prescinde de qualquer atribuição de significado à realidade da vida. No segundo caso, o conceito de liberdade está ligado a um significado que se quer atribuir à própria existência e, portanto à possibilidade de realizar-se. Na teoria aqui apresentada, entendemos por liberdade este segundo conceito em que os significados são derivados dos valores objetivos transcendentais de Cristo.” AVC-I, p. 575.

⁴⁹ AVC-I, p. 205; cf. também CAIT O'DWEIR, op. cit., p. 72.

ela e o adolescente aprendem a abstrair das pessoas e das coisas que os cercam e com que eles estão em contato⁵⁰».

Na vida cotidiana, o sujeito depara-se com três tipos de valores que o influenciam. Os valores naturais, os valores transcendentais e ambos em conjunto⁵¹. A criança e o adolescente são influenciados principalmente pelos valores naturais que são aqueles relativos à sensibilidade que não implicam moralidade. Quando se torna mais adulto é influenciado pelos valores morais (éticos) e religiosos, que implicam o exercício de sua liberdade quando relacionados à autotranscendência. Os valores questionam o sujeito humano, põem-lhe perguntas. Há também no sujeito uma força *à priori* de onde surgem perguntas que nascem de sua intencionalidade consciente⁵². No exercício de sua intencionalidade consciente o homem pode chegar ao transcendente.

Por meio da reflexão, do juízo, da decisão e da ação, o homem pode conhecer e fazer não apenas o que lhe agrada, o que é só gratificante e importante para ele, mas também o que é verdadeiramente bom, importante em si mesmo. (...) responde não só a suas necessidades, mas também aos valores objetivos naturais e autotranscendentes⁵³.

Os três tipos de conjunto de valores (naturais, autotranscendentes e ambos juntos) desenvolvem, com o passar do tempo, três disposições habituais que exprimem três formas de harmonia ou desarmonia entre o eu ideal e o eu atual⁵⁴. Quando há uma maior harmonia, favorece-se a liberdade para viver segundo os valores da vocação cristã enquanto que a desarmonia cria obstáculo para a liberdade no sentido exposto. Podem-

⁵⁰ *Ibid.*, pp. 205-206.

⁵¹ Os valores naturais aqui compreendidos como os valores sociais, econômicos, estéticos, profissionais etc. os valores autotranscendentes são constituídos pelos valores morais e religiosos. Esses últimos se distinguem dos primeiros porque empenham a pessoa no exercício de sua liberdade para a autotranscendência do amor teocêntrico. Cfr. AVC-I, pp. 186-192.

⁵² Lonergan, 1973, p. 103 apud AVC-1, p. 206-207.

⁵³ AVC-I, p. 207.

⁵⁴ AVC-I, pp. 370-376; para uma definição operacional, veja-se: AVC-II, pp. 16-17.

se descrever as três dimensões com uma metáfora: um óculos tri focal onde cada um dos focos tem sua própria cor e mostra a realidade segundo o foco pelo qual é vista⁵⁵. Em outras palavras, o sujeito vê e responde às pessoas, aos acontecimentos, e às coisas, segundo três perspectivas diversas e uma ou duas destas perspectivas (ou dimensões) pode prevalecer em cada uma das diferentes situações de sua vida⁵⁶. Em tudo, dependendo de qual delas predomina, tem-se uma visão da realidade, que pode condicionar o modo de o sujeito interpretar a realidade e relacionar-se com ela (objetos, pessoas, acontecimentos). Cada uma dessas três dimensões possui um horizonte, que tem um pólo positivo e um negativo.

Pólos das três dimensões

A primeira dimensão tem como pólo positivo a virtude e o pólo negativo o vício ou pecado; a segunda dimensão tem o pólo positivo, o bem real, enquanto o pólo negativo é o bem aparente ou do erro não culpável; a terceira dimensão, o pólo positivo, é a normalidade (em sentido psiquiátrico) e o pólo negativo é aquele da psicopatologia. Cada pessoa pode ser colocada em cada uma dessas três dimensões. Se prevalecer os três pólos positivos, a pessoa é considerada madura “plenamente”. Contudo, ela pode estar madura em uma delas e imatura nas demais, ou, ainda madura em duas delas e imatura em uma delas. Dependendo do grau de maturidade em cada uma delas, o sujeito terá diferentes tipos de comportamentos e posturas diante da vida.

Primeira dimensão

A maturidade na primeira dimensão está presente no sujeito quando ele internalizou⁵⁷ os valores autotranscendentes e estes prevalecem em nível de motivação.

⁵⁵ AVC-I, pp. 228-229.

⁵⁶ AVC-II, pp. 71-72; também em CAIT O'DAWIER, op. cit., pp. 72-73.

⁵⁷ O conceito de internalização é tomado KELMAN (1958, 1960, 1961) e modificado por RULLA (AVC-I, p. 417), cuja definição existencial é assim entendida: “uma pessoa internaliza um valor revelado

Existe dentro dele uma harmonia entre os processos simbólicos e os ideais que a pessoa busca. Sendo assim se diz que a pessoa possui uma consistência vocacional. Neste caso a liberdade efetiva torna-se uma característica fundamental do sujeito. Nesta dimensão, a pessoa está consciente e efetivamente livre para buscar os valores autotranscendentes e que são intrinsecamente importantes. Esta dimensão corresponde à área da pessoa em que os problemas e soluções são principalmente de ordem espiritual. “A pessoa madura nesta dimensão está disposta a escolher e agir virtuosamente, enquanto a menos madura escolherá o vício ou pecado”⁵⁸. Quando esta dimensão prevalece, há uma profunda harmonia (consistência) entre os processos simbólicos (como necessidades conscientes e inconscientes) e os ideais perseguidos pelo sujeito. A pesquisa levada a efeito pela equipe de Rulla constatou que a percentagem deles não vai além dos 10-15%. Mais adiante detalharemos este aspecto quando analisaremos alguns dados da referida pesquisa.

Segunda dimensão

A segunda dimensão está relacionada com o bem real e o bem aparente de origem inaciana (Santo Inácio de Loyola).⁵⁹ A tendência humana de perseguir o bem aparente é diferente de uma patologia. O bem aparente pode enganar a pessoa justamente porque aparece como um bem. É diferente de psicopatologia porque esta comporta um sofrimento e, portanto, aparece como mal em vez de um bem. No pólo negativo da segunda dimensão, os processos simbólicos do sujeito ligados à necessidades inconscientes não são transparentes a respeito dos valores da vocação

ou vivido por Cristo quanto mais está disposta, é livre de aceitar esse valor que a leva a se transcender teocentricamente (...) de ser mudada por esse valor, e de fazer tudo por amor da importância intrínseca que o valor tem, e não pela importância que ele pode ter para a pessoa”. (AVC-I, pp. 574-575).

⁵⁸ CAIT O’Dwyer, op. cit., p. 73.

⁵⁹ Por bem real entende-se aquilo que a coisa realmente é. Ao passo que o bem aparente mascara a realidade distorcendo seu sentido verdadeiro. Tem aparência de bem, mas na realidade não é.

cristã, mas representam uma busca mascarada de si mesmos⁶⁰. Kiely exemplifica, dizendo que é possível odiar a si mesmo em nome de uma falsa humildade, criticar outra pessoa de forma agressiva em nome de uma pretensa autenticidade profética; sonhar sucessos grandiosos enquanto deixa de lado possibilidades mais reais que a vida oferece (...) é possível perseguir várias expectativas falsas, com muita tenacidade de modo que conduz à frustração e à alienação inevitável, e fazer tudo isso com as melhores intenções⁶¹.

Quanto mais uma pessoa está colocada no pólo negativo da segunda dimensão, mais será difícil para ela crescer no sentido moral ou religioso, mais estará bloqueada em aprender da experiência vivida, mais correrá o risco de abandonar a sua vocação, e isto porque há distorções no sistema simbólico que, embora não sendo patológico, obstaculam a autotranscendência teocêntrica⁶².

A segunda dimensão no seu pólo negativo é a dimensão das “inconsistências vocacionais” e das “consistências defensivas”⁶³. Na medida em que o sujeito é imaturo na segunda dimensão, estará predisposto ao simbolismo regressivo e a falsas expectativas.

... os símbolos regressivos mediam principalmente as relações que as consistências defensivas e as inconsistências têm com os vários objetos e conferem a essas relações um significado regressivo. Por isso o símbolo regressivo não favorece ao progresso, mas a regressão ou a estagnação na direção dos valores objetivos⁶⁴.

⁶⁰ KIELY, op. cit., 1982a.

⁶¹ AVC-III, pp. 172-173.

⁶² AVC-III, KIELY, p. 172.

⁶³ Há uma “inconsistência vocacional” quando uma necessidade inconsciente está em desarmonia ou em contradição com os valores objetivos da vocação cristã. Uma “consistência defensiva” é uma aparente consistência vocacional que serve a objetivos de defender-se em vez de transcender-se. Por exemplo: trabalhar para os pobres ou doentes com entusiasmo (consistência), mas com o objetivo inconsciente de receber deles (função defensiva). Ou ainda, estudar com empenho (consistência), mas com o objetivo subconsciente de aumentar a sua auto estima pelo sucesso acadêmico (função defensiva) (AVC-III, p. 172); cfr. também AVC-I, pp. 286-39; RULLA, L.M. *Psicologia do profundo e vocação – a pessoa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977, pp. 58-121.

⁶⁴ AVC-1, p. 267.

O que ocorre com uma pessoa sob o influxo das inconsistências ou consistências defensivas? Em tais pessoas formam-se expectativas falsas e irrealistas de chegar à satisfação das próprias necessidades. Tais expectativas falsas e irrealistas constituem um problema freqüente nas pessoas que seguem uma vocação. Esta dimensão deriva de ações de estruturas conscientes e inconscientes juntas. Uma de suas características é que ela inclui uma área da motivação subconsciente da pessoa. A pessoa madura nesta dimensão está disposta a agir motivada pelo bem real e o bem maior, a falta de maturidade nela é por definição devido à motivação inconsciente, por isso não é avaliada em termos de virtude ou vício. Embora não seja patológica, ela condiciona a liberdade efetiva. A pessoa imatura nesta dimensão inclina-se ao que é primariamente de importância subjetiva e assim ao bem aparente e de menos importância.

Terceira dimensão

A terceira dimensão diz respeito aos valores naturais conforme definidos por De Finance⁶⁵ e sua maturidade ou imaturidade é definida em termos de normalidade ou patologia em sentido psiquiátrico⁶⁶. Quando há imaturidade nesta dimensão, o problema que surge na pessoa é primariamente focalizado em proteger a integridade do self que está sob ameaça. A pessoa sente incoerência interna e ordinariamente não está bem integrado em nível social. A pessoa geralmente não está em paz consigo mesma, com seu trabalho ou com seus companheiros. Assim o sujeito fica limitado no exercício de sua liberdade. A maturidade nesta dimensão significa que, psiquiatricamente, a pessoa está sadia, não manifesta comportamentos doentios. A imaturidade nesta dimensão

⁶⁵ DE FINANCE, J. *Essai sur l'Agir humain*. Rome: Presses de l'Université Grégorienne, 1962; *Ethique Générale*. Rome: Presses de l'Université Grégorienne, 1967. Cfr. também, AVC-I, pp. 187-192.

⁶⁶ AVC-I, pp. 216-224.

significa que ela sofre de algum grau de patologia. Para verificar essa questão, podem-se tomar os critérios estruturais de Kernberg⁶⁷, como também os do DSM IV⁶⁸.

Para esclarecer melhor o quanto aqui afirmado sobre as três dimensões, examinemos alguns dados da pesquisa conduzida por Rulla e equipe.

2.4. Dados da pesquisa de Rulla

A título de ilustração vamos apresentar um breve resumo de alguns dados da pesquisa de onde surgiram as confirmações das hipóteses da teoria. A pesquisa foi feita entre os anos 1963-1967, usando-se testes projetivos (TAT, MMPI, RORCHACH, FIR, IAM entre outros)⁶⁹ e biografias colhidas através de entrevistas do profundo. Foi estudado um total de 608 sujeitos, dos quais 570 eram religiosos, religiosas e seminaristas e um grupo de controle com 38 estudantes leigos de uma Universidade Católica americana⁷⁰. Os grupos de religiosos, religiosas e seminaristas foram estudados em referência às várias fases da formação e o caminho vocacional, tais como: a escolha vocacional, a perseverança ou não na vocação escolhida e vários aspectos do crescimento vocacional na linha da internalização dos valores que correspondem a tal vocação. Uma breve amostra de resultados publicados em AVC-II pode nos ajudar a compreensão. Da pesquisa resultou que os jovens estudados escolhem uma vocação particular porque corresponde a um ideal pessoal que formaram para si e que

⁶⁷ Alguns critérios para fazer uma diagnose estrutural segundo Kernberg. Em síntese: 1) severidade dos sintomas; 2. tipos de sintomas. Em relação a severidade dos sintomas leva-se em conta o alargamento ou encapsulamento, manifestações fortes ou fracas; longa duração ou curta duração, presença ou ausência de causa precipitante. Em relação ao tipo de sintomas; 1) manifestações não específicas da fraqueza do eu (falha na tolerância da ansiedade; falta de controle dos impulsos; falta de canais sublimatórios desenvolvidos) 2. mudanças diante do processo primário de pensamento; 3. defesas primitivas usadas com frequência; patologia das relações internalizadas com objetos; 5. pobre capacidade de internalização; 6. distúrbios de pensamento, afeto e vontade. Cfr. RDPE (roteiro para discernimento psico-espiritual) Associação Transcender. São Paulo para uso interno, pp. 20-24.

⁶⁸ DSM IV – *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4ª. edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Trad. Dayse Batista.

⁶⁹ TAT (Thematic Apperception Test); MMPI (Minnesota Multiphasic Personality Inventory); FIR (Frases Incompletas de Rotter); IAM (Índice de Atividade Modificada).

⁷⁰ AVC-II, p. 100 e tabelas I, p. 321.

representam uma teleologia pessoal e não estão em conflitos com outras pessoas. Verificou-se que, para todos os grupos examinados (religiosos e leigos, religiosas e leigas), a correspondência entre os ideais pessoais e os ideais institucionais era mais alta do que a correspondência entre o eu ideal pessoal e os ideais institucionais. Em outras palavras, a correlação ou acordo entre os Ideais Institucionais (II) e os Ideais Pessoais (IP) é maior do que aquela entre os Ideais Institucionais (II) e o Eu Manifesto (EM) ou conceito de si.⁷¹ A tendência observada está presente seja para os valores como também para as atitudes. Essa mesma tendência verificou-se entre os leigos e leigos que entram nas Instituições universitárias (Colleges) católicas. Estes dados são garantia de que os sujeitos assim irão perseverar? A pesquisa mostrou que não. Dos 182 religiosos estudados, depois de 10-14 anos a partir da entrada na vocação, 80% haviam abandonado a vocação; das 343 religiosas, no mesmo período, 89% haviam abandonado a vocação e dos 45 seminaristas, depois de 4 anos, 95% haviam abandonado a vocação escolhida⁷². Este alto número de abandono não era insólito nos anos tratados 1963-1967, (Concílio Vaticano II!), mas o que chama atenção é o contraste entre os ideais que estas pessoas proclamavam por ocasião de seu ingresso na vocação religiosa ou seminário. Daí segue-se uma conclusão importante: o fato de proclamar ideais altos no momento da entrada na vocação não garante sozinha, nem a perseverança nem o crescimento na vocação. Outros fatores menos evidentes entram em jogo e podem minar os ideais apresentados no início e obstaculam todo o processo formativo. Quais são estes fatores? Segundo as conclusões provindas dos dados da pesquisa são aqueles relacionados à maturidade na segunda dimensão que prediz, em medida estatisticamente significativa, a perseverança e a imaturidade ou abandono da vocação. Os outros fatores que incidem sobre a perseverança ou abandono são: a maturidade ou imaturidade na

⁷¹ Para uma definição e também uma operacionalização dos ideais Institucionais, dos ideais pessoais e Eu manifesto. Cfr. AVC-II, pp. 16-17.

⁷² AVC-II, p. 100.

primeira dimensão, o nível dos ideais autotranscendentes, e a maturidade ou imaturidade na terceira dimensão⁷³. A pesquisa observou as mudanças na personalidade dessas pessoas durante os quatro primeiros anos na vocação. Neste período, os sujeitos (religiosos, religiosas) foram estudados em três momentos diferentes; cerca de dez dias depois da entrada no centro de formação; cerca de dois anos mais tarde (ao final do noviciado); e cerca de quatro anos depois do ingresso. Os estudantes leigos foram estudados no final da primeira semana de universidade e uma segunda vez no quarto ano de universidade. Junto com os diversos testes administrados nestas ocasiões, todos os sujeitos depois de quatro anos de formação foram submetidos a uma “entrevista do profundo” com duração de mais ou menos duas horas⁷⁴. A entrevista do profundo fornecia os critérios de validação para várias medidas ou para as conclusões derivadas dos testes psicológicos, especialmente o “Índice de maturidade do desenvolvimento⁷⁵”. Com base nesses dados, podia-se seguir o desenvolvimento dos sujeitos durante os primeiros 4 anos de formação, para ver que aspectos da personalidade haviam melhorado, quais os piorado e quais ficavam inalterados. Em relação aos sujeitos que continuaram na vocação constatou-se:

A formação favoreceu um melhoramento dos ideais autotranscendentes nos primeiros dois anos de formação (noviciado); porém este melhoramento se transformou em um pioramento complexo nos dois anos sucessivos e em um pioramento tal que os ideais se tornaram, depois de quatro anos de formação, significativamente mais baixos de quanto eram no início⁷⁶.

Depois de quatro anos de formação e segundo o critério estrutural verificado pelos testes, 33% de todos os sujeitos religiosos pareciam ter melhorado na primeira

⁷³ *Ibid.*, pp. 95-100.

⁷⁴ AVC-II, pp. 61-65.

⁷⁵ *Ibid.*, pp. 64; 75; 116-118; 126.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 145.

dimensão; mas quando se considera o critério existencial verificado pelo *Índice de maturidade do desenvolvimento*, que considera a vida vivida concretamente, só 8% dos sujeitos religiosos haviam melhorado na primeira dimensão⁷⁷. Dos religiosos masculinos que haviam recebido uma formação incluindo uma experiência espiritual intensa de trinta dias durante o noviciado (retiro inaciano), só 40% mostram uma melhora na estrutura da personalidade depois do noviciado⁷⁸, melhoramento este que tendia a atenuar-se nos dois anos subsequentes. Depois de quatro anos de formação, só 7% destes religiosos mostraram melhoramento na primeira dimensão⁷⁹.

Na segunda dimensão, cuja dinâmica é prevalentemente subconsciente, as mudanças registradas eram menores. Entre todos os religiosos (masculinos e femininos), depois de quatro anos de formação, 20% haviam melhorado segundo o critério estrutural, mas somente 6% deles haviam melhorado na segunda dimensão em relação ao critério existencial⁸⁰. Em relação aos religiosos masculinos, depois de quatro anos de formação, só 7%, apesar da experiência espiritual intensa de 30 dias feita durante o noviciado⁸¹. Estes resultados mostram como a formação incide menos sobre a segunda dimensão do que em relação à primeira dimensão⁸².

Em relação à terceira dimensão (normalidade ou patologia), foi comprovado que 21% dos sujeitos eram imaturos⁸³ e a maturidade na terceira dimensão permanecia essencialmente inalterada durante os quatro anos de formação⁸⁴. Considerando o *índice de maturidade do desenvolvimento* como critério existencial só 6% de todos os religiosos melhoraram durante os quatro anos de formação.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 131.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 135.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 137.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 132.

⁸¹ *Ibid.*, p. 137.

⁸² *Ibid.*, pp. 132-134.

⁸³ *Ibid.*, p. 305.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 137.

Em base aos dados expostos, pode-se dizer que os valores autotranscendentes dos sujeitos religiosos melhoram temporariamente depois do noviciado, mas depois de dois anos começam a refluir e retornam a um nível mais baixo que na época da entrada; a maturidade na primeira dimensão flutua; e a dinâmica da segunda dimensão mostra-se resistente ao influxo da formação e a maturidade na terceira dimensão não parece mudar⁸⁵. Tais achados colocam em destaque a imaturidade da segunda dimensão encontrada na maioria dos sujeitos, 73%⁸⁶ e aí reside a fonte principal das resistências ao influxo da formação religiosa recebida.

Como consequência da presença maior ou menor maturidade (na segunda dimensão) se pode delinear quatro sub grupos (AVC-II, 95s): os não nidificadores, que são os mais maduros e perseverantes; os nidificadores, que são aqueles que perseveram embora tendo menor maturidade; os mutantes, que não perseveram porque, embora respondendo ao processo de internalização, mudaram a direção do ato de querer; os excluídos. Que são imaturos e não perseverantes. Como se vê a perseverança ou não, não é necessariamente sinônimo de maturidade. De fato como a palavra mesma sugere, o “nidificador” se constrói um “ninho” na vida vocacional, protegendo-se e acautelando-se para defender o próprio equilíbrio imaturo precário; por outro lado o mutante é, sim, perseverante, mas a motivação é aquela de ter tomado consciência com maturidade que o seu caminho vocacional está em outro caminho, ainda que se deva dizer que estes últimos apresentam, com respeito aos nidificadores, uma menor disposição para a internalização dos valores autotranscendentes⁸⁷.

Diante dessas constatações, uma primeira inferência podemos já fazer em relação a nossa hipótese. As palavras-chave ou conceitos chave podem estar associados a esses processos, sobretudo ligados às simbolizações regressivas⁸⁸, que revelam processos inconscientes no modo de relacionar-se com o ambiente que cerca o sujeito e,

⁸⁵ *Ibid.*, fig. 14, 129 e fig. 15, 142.

⁸⁶ AVC-II, p. 139.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 120.

⁸⁸ Aqui entendidas conforme propostas pela teoria aqui examinada (Rulla)

como tais, estão ligados a experiências existenciais seja do processo de desenvolvimento do sujeito, seja das percepções distorcidas⁸⁹ que estabelecem com a realidade com a qual se relaciona⁹⁰. Outras considerações serão feitas mais adiante.

2.5. Papel dos símbolos na dinâmica do sujeito

O ser humano não vive somente da razão: “viver da lógica somente é logicamente impossível porque a razão freqüentemente oferece mais de uma escolha aceitável e então o coração tem a última palavra”⁹¹ e o coração julga as relações dos significados para fins “não em base da pura razão, mas porque as relações são sentidas como certas”⁹².

Quando falamos de decisões tomadas em base de emoções e sentimentos, os símbolos desempenham papel importante, senão decisivo. Para Lonergan⁹³ o símbolo é uma “*imagem de um objeto real ou imaginário que evoca sentimentos ou é evocado por sentimentos*”. Para Rulla⁹⁴, o símbolo não é uma representação de um objeto, mas a elaboração da relação existente entre sujeito e objeto. Argumenta que há diferenças entre imagem símbolo. Um símbolo não é avaliado na base de uma semelhança com um objeto externo, enquanto que a imagem tem uma semelhança natural com o objeto de que é imagem. Além disso, o símbolo pode referir-se e muitas vezes se refere a uma classe de coisas ou a noções abstratas, enquanto que a imagem sempre descreve objetos ou situações individuais. Em nossa tratativa aceitamos essa argumentação por fazer

⁸⁹ CENCINI, A.; MANENTI, A. *Psicologia e formação*. São Paulo: Paulinas, 1988, pp. 191-225.

⁹⁰ “Inconsistência e distorção perceptiva: por causa das necessidades subconscientes inaceitáveis para a própria estima, a pessoa pode distorcer, ao menos em parte, a percepção da situação, a fim de proteger-se daquelas necessidades conflitivas, ou a fim de gratificar-se. P.Ex., se um indivíduo tiver um conflito de autoridade, tenderá perceber a autoridade de um modo distorcido, como perigosa, e, em consequência, formulará juízos negativos com respeito às autoridades; ainda que a autoridade em questão se comporte de modo correto, ela será igualmente percebida e avaliada negativamente.” (MANENTI, A.; CENCINI, A., op. cit., p. 205).

⁹¹ KIELY, B.M. *Consolation...* op. cit., p. 130.

⁹² *Ibid*, p. 131.

⁹³ LONERGAN, op. cit., pp. 64-65.

⁹⁴ AVC-I, pp. 251-252.

mais sentido com a discussão sobre o significado das palavras-chave. Visto que elas se conectam frequentemente com a motivação do sujeito. A motivação humana, em geral, usa símbolos mais que conceitos abstratos e cada indivíduo têm seu próprio conjunto de símbolos⁹⁵. Em relação aos símbolos, podemos identificar algumas características que são comuns a todos eles. Primeiro, o símbolo tem a capacidade de “condensar significados e desejos”; por exemplo, um pequeno trecho de uma música pode evocar a música toda e despertar os sentimentos a ela relacionados. Neste caso o símbolo “não somente condensa idéias, (...) mas representa a unidade de pensamentos e sentimentos que afetam a pessoa toda, mente e coração.”⁹⁶. Segundo, os símbolos tendem a associar-se dependendo do tipo de sentimentos envolvidos, mais que semelhanças de pensamentos lógicos. Um sujeito pode, por exemplo, associar o domingo como dia de encontrar-se com amigos, assistir ao futebol, fazer um churrasco, escrever poesias porque são fontes de prazer para ele, não porque são objetivamente atividades semelhantes entre si.

A motivação humana é mais bem entendida a partir de seus símbolos. Pois eles traduzem os significados internos que o sujeito vive, ou experimenta, melhor do que os argumentos lógicos podem provar. Os símbolos têm a capacidade de dar significados subjetivos às coisas, fatos, experiências que frequentemente escapam à compreensão consciente do sujeito. Basta lembrar aqui a influência da “memória afetiva” no dia a dia das pessoas. Nossas experiências emocionais deixam em nós suas marcas que são facilmente revividas diante de situações parecidas ou evocadas pelo seu significado simbólico. O uso dos símbolos assegura que a realidade não fica confinada ao imediato, em vez disso, ela pode também ser mediada pela imaginação, pela linguagem e pelo símbolo. Em minha hipótese as “palavras-chave” se revestem desses significados simbólicos que nem sempre são decodificados pelo sujeito.

⁹⁵ KIELY, B.M. *Consolation...* op. cit., pp. 129-130.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 128.

Dois aspectos que caracterizam os símbolos contêm ou estão ligados a afetos. Eles são portadores de uma carga afetiva de maior ou menor intensidade dependendo do significado a eles ligado. A mágica do símbolo também se reveste da capacidade de mudar de significados em relação ao mesmo objeto. Por exemplo, um objeto envolvido por uma carga positiva de afeto que se manifesta em atitudes ou comportamentos e que de repente pode mudar a carga afetiva em emoções opostas às originárias. Tomemos o exemplo de uma flor que o namorado deu a sua namorada como expressão de seu amor, afeto por ela. Ao recebê-la a namorada não a recebe apenas como uma flor, mas nela está presente seu namorado e o afeto que os une. Na ausência do namorado, basta que ela olhe para a flor que este lhe deu para logo se voltar para ele com seus sentimentos, pensamentos, fantasias etc. “é a presença ausente” como diz “a raposa ao pequeno príncipe, que na cor do trigo ia perceber sua presença ausente”. Mas o mesmo objeto (flor) pode mudar de significado de um momento para o outro. No mesmo exemplo dado, a flor que o namorado deu à namorada pode suscitar emoções opostas. Suponhamos que, por algum motivo, o namorado mandou um recado a sua namorada que não mais estava interessado nela e que, portanto, ela deixou de ser sua amada. Diante de tal notícia, a namorada, ao ver a flor, não mais a verá como objeto de alegria, bem estar, mas de ódio, sentimento de abandono, de desprezo etc. Aquela flor que era guardada com tanto carinho pode ser atirada ao lixo, destruída. Na verdade o objeto em si “flor” substancialmente não mudou nada, o que mudou foi o significado atribuído a ela. O que mudou foi o simbólico. Esta característica do símbolo vai ser de particular importância para nossa tese, quando vamos examinar a questão das “palavras-chave” que revelam percepções da realidade com as quais o sujeito está envolvido. Como se vê, a noção de símbolo é muito difícil de explicar. Não há consenso entre as várias teorias psicológicas. No sentido mais comum, o símbolo é a representação de

alguma coisa através de outra, de uma imagem por meio de outra. Por exemplo, o símbolo do raio pode representar a ira de um deus, pode ser símbolo de força, pode ser símbolo de ameaça que desperta medo. Alguém diante do barulho do trovão e do raio pode ir se esconder em lugar seguro porque teme ser atingido por ele, ao passo que outro apenas o vê como fenômeno da natureza. Nesse sentido podemos dizer que o símbolo também pode ser a representação consciente de conteúdos inconscientes. O símbolo pode exprimir em imagens a atividade do inconsciente. Seguindo Cencini, Manenti, podemos dizer que *“no símbolo existe uma relação entre o que é simbolizado (conteúdo ou significado inconsciente) e a própria representação (símbolo ou significante)”*⁹⁷. Podemos então distinguir os símbolos convencionais, que é relação existente entre símbolo-significado determinado por uma convenção de um grupo social e que permanece fixo e duradouro. Por exemplo, a linguagem diferente de cada grupo lingüístico. Existem os símbolos universais que são aqueles ligados à experiência universal do gênero humano como, por exemplo, o símbolo do fogo que é percebido mais ou menos da mesma maneira por todos os seres humanos como energia, poder, purificação etc. Há os símbolos individuais que estão relacionados diretamente com um sujeito particular. Eles são de ordem pessoal, incorporados ao sistema simbólico do sujeito, cujos significados o atingem de modo particular e próprio⁹⁸.

Para nossos objetivos, interessam os símbolos enquanto individuais, isto é, os símbolos através dos quais o sujeito atribui significado original a uma dada realidade. E aqui devemos ter presente, de modo especial, os significados afetivos que podem ser atribuídos aos objetos, imagens etc. Podemos aqui lembrar que há uma diferença entre conceito e símbolo. O conceito define, por exemplo, a identidade da essência e aplica-se a todas as realidades que têm semelhança objetiva. O conceito de livro se aplica a todos

⁹⁷ CENCINI, A.; MANENTI, A., op. cit., p. 277.

⁹⁸ CENCINI, A.; MANENTI, A., op. cit., pp. 272-275.

os tipos de livros mesmo diferentes entre si. No símbolo, a ligação baseia-se na semelhança afetiva. Por isso ele é polivalente, flexível, pode mudar de significado como já foi dito, ou pode assumir vários significados ao mesmo tempo, estar aberto em várias direções. A conjunção símbolo-significado pode ser inapropriada e isso pode ser causado por fatores inconscientes. Daí pode decorrer que o significado subjetivo não concorde com o significado objetivo. Quanto maior for a influência do inconsciente tanto maior a possibilidade de atribuir significados impróprios. O indivíduo pode sentir-se obrigado a realizar uma determinada ação que contraria suas convicções, e mesmo sabendo disso, não conseguir ter controle sobre seus impulsos contrários às suas convicções. É o caso, por exemplo, de certos rituais obsessivos. O indivíduo pode saber que sua ação não tem lógica, mas não consegue não fazer. Com o passar do tempo, isto pode tornar-se “estalactites” conforme visto anteriormente, e isso se tornar parte de um núcleo motivacional do sujeito que o leva a distorcer a realidade objetiva quando esta se expressa através de seus símbolos. Retomando ainda Cencini e Manenti⁹⁹, poderíamos inferir alguns princípios do acima exposto: todo ato humano pode ser simbólico, pois ele pode ser motivado por significados que o indivíduo desconhece, mas que entra em suas ações sem que ele perceba; os significados subjetivos dependem, muitas vezes, da influência de elementos inconscientes não resolvidos e podem acumular múltiplas significações que não convergem nem para o significado objetivo e nem para aquele que o sujeito conscientemente quer lhe atribuir. Convém lembrar aqui que os símbolos não se referem somente a aspectos negativos ou conflitivos do sujeito, eles podem ser expressão de manifestações criativas e maduras do sujeito¹⁰⁰.

⁹⁹ *Ibid.*, pp. 277-278.

¹⁰⁰ *Ibid.*, pp. 277-278.

Ricoeur¹⁰¹ enfatiza que o significado de qualquer símbolo torna-se evidente somente por meio do trabalho de interpretação. Isso significa que o trabalho de interpretação não é estranho ao símbolo. Antes, as duas, a função simbólica e as interpretações, estão inextricavelmente unidas: Não há símbolos sem o começo de uma interpretação. Onde um homem sonha profetiza ou faz poesias, um outro surge para interpretar. A interpretação pertence organicamente ao pensamento simbólico e seu duplo significado. Rulla¹⁰² pondera que o significado de uma palavra ou de uma ação, considerada como símbolo, deve ser visto dentro da ampla perspectiva da relação entre essa palavra ou ação e o conjunto da pessoa.

A referência aos símbolos será muito importante para compreender o papel das palavras-chave que traduzem a experiência subjetiva que nem sempre são claras em nível consciente. Portanto descobrir o significado simbólico delas é oferecer ao sujeito uma chave de leitura para sua autocompreensão e melhor integração de seu eu. É ajudá-lo a ser mais livre em relação a si e por consequência em relação a tudo o que o cerca.

2.6. Grau de maturidade e auto compreensão

Em sua tese doutoral, Cait O'Dwyer¹⁰³ demonstrou, através de uma pesquisa, usando a “*história de vida num futuro imaginado, como técnica projetiva*”, que os sujeitos de sua amostra diferenciavam-se em diferentes aspectos, particularmente quanto ao grau de maturidade na avaliação que faziam daquilo que lhes acontecia em suas vidas¹⁰⁴. Os indivíduos avaliados como maduros diferenciavam-se dos imaturos em várias maneiras e com um alto grau de significância estatística¹⁰⁵. Os maduros

¹⁰¹ RICOEUR, P. *Freud and philosophy*. New Haven: Yale University Press, 1970, p. 19.

¹⁰² AVC-I, p. 247.

¹⁰³ CAIT O'Dwyer. *Imagining one's future: a projective approach to Christian maturity*. Roma: Ed. Pontificia Università Gregoriana, 2000.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 7.

¹⁰⁵ *Ibid.*, pp. 169; 173-175.

escreviam uma história mais completa e realista do que as escritas pelos imaturos. Entre outras conclusões, Cait encontrou nos indivíduos considerados maduros que eram mais ativos nas suas vivências atuais, bem como em imaginar o seu futuro, enquanto que os imaturos eram mais passivos em ambas as tarefas¹⁰⁶. Esta tese parece apoiar a idéia que o sujeito humano vai construindo sua vida em torno de núcleos motivacionais que dão o “colorido” de sua existência. A maturidade ou imaturidade dos sujeitos analisados por Cait, em nossa tese, se revela através das “palavras-chave” cuja expressão leva à percepção do seu modo de ver, julgar e relacionar-se.

3. MAS DEUS NÃO É ASSIM: O APORTE DE FRIELINGSDORF¹⁰⁷

Frielingsdorf, em seu livro “...*Ma Dio non è così* (Mas Deus não é assim)”, relata a pesquisa de psicologia pastoral, por ele conduzida sobre a imagem de Deus que seus pesquisados construíram ao longo de suas vidas. Antes de entrar em dados da pesquisa, convém fazer referência às premissas ou pressupostos teológicos para a pesquisa, descritas por ele no capítulo I¹⁰⁸. O autor elenca dez pressupostos, que vamos acenar sinteticamente. 1). Há uma correlação entre psicologia pastoral e teologia, quando se trata de compreender o ser humano e suas relações. A antropologia cristã baseia-se nos resultados das ciências humanas, interpretando-as à luz de uma visão científica da fé. Esta interpretação comportará fé em Deus, que criou o ser humano por amor e o resgata da morte do pecado. 2). A chave da vida humana encontra-se em Deus que a criou como sua imagem e semelhança. Esta imagem e semelhança ficaram

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 212.

¹⁰⁷ FRIELINGSDORF, K. É jesuíta, nasceu em 1933, professor de psicologia pastoral e de pedagogia da religião em Frankfurt, Alemanha. Foi diretor do Instituto de Psicologia Pastoral local. Escreveu: *...Má Dio non è così*. Quando o escreveu, já trabalhava com aconselhamento (terapia) há mais de 25 anos. É autor também dos livros: *Von Überleben zum Leben*, 1993; *Glück im Unluck*, 1994.

¹⁰⁸ *Ibid.*, pp. 11-15.

comprometidas pelo pecado. 3) Sob o influxo do mal, o ser humano abusou de sua liberdade rebelando-se contra Deus e buscou o próprio fim fora dele. 4) Em consequência do pecado original, o ser humano “desde a concepção é exposto à ação de forças negativas e destrutivas”, que agem na esfera fisiológica, psíquica e espiritual. 5) Junto com predisposições fundamentalmente positivas e as energias vitais, já nos primeiros anos de vida, cada um adquire uma posição chave negativa inconsciente. Esta se manifesta como sentimento vital radical também na vida adulta. Ela se desenvolve, sobretudo em situações difíceis, mormente na relação com os genitores quando estes emitem mensagens negativas, por exemplo, de rejeição. 6) Em sentido teológico, redenção significa libertação definitiva, por meio de Jesus Cristo, daquela situação de enfermidade em que o ser humano se encontra e da qual sozinho não pode sair. 7) No batismo, a salvação é oferecida por Deus a cada um, cuja adesão é feita pela fé. 8) A atitude positiva do cristão em relação à vida se apóia na fé. Não obstante as energias negativas consequências do pecado, a vida humana foi redimida por Cristo. 9) O objetivo de um desenvolvimento cristão da personalidade é a realização de si e a evolução global do ser humano em direção à salvação. 10) Na ressurreição de Cristo, passando pela paixão e pela cruz, a fé cristã oferece um possível e liberante modelo de explicação diante das situações desesperadas. A partir desses pressupostos, o autor organiza sua pesquisa e analisa seus resultados.

3.1. Sujeitos pesquisados

Foram analisados¹⁰⁹ 591 autobiografias redigidas num arco de 15 anos. Os participantes constituíram-se em 309 homens e 282 mulheres cuja idade variava de 28 a 61 anos. 581 deles provinham de países de língua alemã e 10 deles de outros países.

¹⁰⁹ FRIELINGSDORF, op. cit., pp. 55-56.

Todos eram católicos envolvidos ativamente na igreja. Dos 309 homens, 225 eram sacerdotes, 84 leigos dos quais 52 casados. Das 282 mulheres, 178 eram religiosas e 80 leigas das quais 54 casadas. 9 % (nove por cento) dos participantes da pesquisa desistiram por vários motivos antes de sua conclusão. Além da autobiografia escrita, foram também usados colóquios pessoais e grupais, sonhos, além de exercícios de imaginação, de criatividade. Tudo isso visando à descoberta das imagens inconscientes de Deus e suas posições-chaves. Com esse material, faz suas análises e tira suas conclusões que mais adiante vamos considerar.

3.2. Origem e desenvolvimento da imagem de Deus na criança

Para entendermos a imagem de Deus que cada um cultua dentro de si, é necessário verificar como ela é formada pelo indivíduo e quais são os processos que estão implicados nessa elaboração. Começamos por aludir à apresentação feita pelo Frielingsdorf.

3.2.1. A imagem de Deus se forma nos primeiros anos de vida

Para Frielingsdorf,¹¹⁰ a imagem de Deus se forma nos primeiros anos de vida e é influenciada pelo ambiente sociocultural. Os primeiros mediadores desta formação são os genitores. Até os três/quatro anos, a criança “pensa” por imagem e símbolos. Nas fases sucessivas, até seis/sete anos o seu pensamento é determinado pelas observações que vai fazendo, por isso antes de se formar a idéia de Deus, forma-se a imagem de Deus (representação de Deus, segundo Rizzuto)¹¹¹. A criança ainda não tem condições de desenvolver um conceito transcendente de Deus. A criança na fase mágico-mítica¹¹² pode fazer afirmações sobre Deus, mas serão ainda imprecisas. Em sua imaginação,

¹¹⁰ *Ibid.*, op. cit., pp. 22-28.

¹¹¹ RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Paulo: Ed. Sinodal, 2006.

¹¹² FOWLER, J.W. *Estágios da fé*. São Paulo: Editora Sinodal, 1992, p. 108.

pode “pensar” Deus como um gigante. Certamente que suas afirmações sobre Deus não correspondem às da revelação bíblica que propõe como imagem de Deus o “totalmente outro”. Contudo a imagem de Deus da criança é uma operação criativa da criança ainda que os elementos religiosos das imagens e representações cheguem à criança através de seu ambiente sócio cultural. Esta participação ativa da criança em criar representações encontra-se em seu poder imaginativo, o poder de criar imagens interiores seja pela percepção dos objetos próximos (reais) como aqueles imaginados. Tal capacidade criativa pode ser usada na formação e desenvolvimento das imagens de Deus. Pode haver o perigo de que imagens estereotipadas se instalem muito precocemente, e determinem fixações e uma limitação para a fantasia da criança que bloqueiem suas reformulações posteriores¹¹³.

Para Frielingsdorf, é necessário distinguir três aspectos para uma correta mediação da imagem de Deus para a fé cristã. a) Deus é um Deus pessoal, alguém que me ama e é muito importante para mim, b) Deus é também um Deus universal, superior ao mundo e independente deste, não vinculado às leis naturais. Ele está sempre presente para todas as pessoas, c) Deus é o “totalmente outro” um mistério inacessível. A origem da imagem de Deus na criança, como já se acenou, inicia-se na infância e sua primeira representação é formada na relação com a mãe. Ela tem poder sobre a vida e sobre a morte, pode acolhê-lo ou rejeitá-lo. “Ela é aquela em quem ele se apegue, e representa sua segurança é seu absoluto”. A mãe é “o primeiro deus” da criança, ou melhor, o primeiro “símbolo de Deus”. “É em base da experiência concreta da criança, a mãe, sendo no início a única presença, é percebida de forma ambivalente: amável ou distante, fonte de segurança ou insegurança, que diz “sim” ou “não”. Tudo isso pode

¹¹³ LIDZ, T. *A pessoa, seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p. 103. Cf. também GUARDINI, R. *As idades da Vida, o seu significado ético e pedagógico*. São Paulo: Ed. Quadrante, 1990, pp. 9-10; Veja-se também, BISSI, A. *Matrurità Umana: Cammino di trascendenza*. Casele Monferrato: Ed. PIEMME, 1991, cap. 2.

contribuir para uma primeira relativização da mãe como símbolo de Deus”¹¹⁴. A mãe como figura de referência primária, mais tarde é integrada e substituída por outras figuras, mas a estrutura da relação materna é fundamental.

Funke¹¹⁵ propõe três fases para o desenvolvimento da imagem de Deus. Na primeira a criança procura prolongar a condição paradisíaca da total inseparabilidade, idealizando a mãe e atribuindo-lhe toda perfeição. “A fé aparece como um elo contrário à unidade paradisíaca originária, em que Deus possui todos os atributos de uma mãe que nutre e protege”. Na segunda fase, a criança atribui a si própria as perfeições imaginadas na própria mãe. Com o desenvolvimento de algumas funções importantes, como ficar de pé, caminhar, “cresce o prazer de dominar o mundo”. Nasce aí uma forma de fé em que, através da identificação com o divino, há uma tentativa de salvar as imagens ainda não superadas da onipotência e perfeição. A onipotência narcisista é salva mediante a assimilação da onisciência e da onipotência divina. Como a imagem de si idealizada não resolve a crise narcisista, emerge uma terceira fase em que a criança se volta para o pai que tem o poder de dissolver a situação simbiótica mãe-filho, percebido pela criança como aquele que “proíbe”, se opõe a sua relação exclusiva com a mãe (fase edípica de Freud). É nesta idealização paterna que nasce “a fé em um Deus-Pai onipotente e onisciente, que age, sobretudo na formação do superego como autoridade e responsabilidade na liberdade”. Os genitores certamente têm um papel importante no desenvolvimento da imagem de Deus na criança, contudo não são os únicos. Além de outras pessoas significativas para a criança, o próprio mundo objetivo exerce influência como também a própria cultura¹¹⁶. A interiorização das imagens dos genitores é

¹¹⁴ FRIELINGSDORF, op. cit., p. 24.

¹¹⁵ FUNKE, apud FRIELINGSDORF, op. cit., p. 25.

¹¹⁶ ROGOFF, B. *A natureza da cultura no desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

integrada através do impacto e do confronto com o ambiente circundante¹¹⁷. As raízes psíquicas dos símbolos religiosos e das imagens de Deus se formam na “transição da criança da unidade originária com a mãe para a autonomia de uma existência própria”¹¹⁸. O desenvolvimento ulterior da imagem de Deus na primeira infância é um processo de aprendizagem dinâmico e global¹¹⁹.

3.3. Imagens de Deus ambivalentes

No processo de desenvolvimento da imagem de Deus, as imagens dele não se formam univocamente. Podem ocorrer contradições. Em primeiro lugar, porque Deus não pode ser compreendido e expresso no seu “existir” e em seu “modo de existir”. Há nele a coincidência dos opostos. Em segundo lugar, pode haver contradição entre as imagens de Deus conscientes e as inconscientes, sem que sejam percebidas em nível racional crítico. Em nível consciente, prega um Deus de amor, e em nível inconsciente, experimenta um Deus que o enche de culpas e medos. Sobre isso tratarei mais profundamente no capítulo II sobre a nossa pesquisa. Em terceiro lugar, pode haver discordância entre a imagem de Deus mediada e aquela experimentada pessoalmente. Por exemplo, há uma imagem positiva de Deus aprendida na catequese,

¹¹⁷ KERNBERG, O. *Early ego integration and object relations*. Annales of the N.Y.: Academy of Sciences, 193, 1972, pp. 233-247. Cf. Também KERNBERG, O. *Object relations theory and clinical psychoanalysis*. New York: Jason Aronson, 1976. Em síntese os Estágios de Kernberg são: Estágio I (0 – 1 mês). O estágio I é o do Autismo normal. Objetos são indiferenciados. Estágio II (2 -6-8 meses) Estágio é o da simbiose, da representação indiferenciada do self objeto. Se formam dois grupos de relações de objetos: um grupo consiste nas representações da “boa” (good) representação do objeto e a outra da “má” (bad) representação do objeto. Isso se dá porque a criança é incapaz de integrar valências afetivas opostas. Estágio III (6-8 meses a 18-36 meses). Nesse estágio se dá a diferenciação do self com as relações com os objetos. Há o desenvolvimento do “splitting” (clivagem) normal. A criança começa a integrar o self e as representações objetais boas e más num conceito de self integrado. Estágio IV (36 meses – período edípico). Neste estágio se dá a integração das representações do self e das representações do objeto e o desenvolvimento de um nível mais alto de relações objetais intra psíquicas derivadas das estruturas. A criança forma o que Kernberg chama de “representação objetual total”. Há ainda um Estágio V. Que é a consolidação da integração do superego e o ego.

¹¹⁸ FRIELINGSDORF, op. cit., p. 27.

¹¹⁹ ARNOLD, H.; MODELL, M.D. *Amor objetual e realidade*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1973.

mas que não foi internalizada¹²⁰ e, no entanto, predomina uma imagem mágica, pagã. Por exemplo, confessa crer em Cristo, mas se apega a duendes. Em quarto lugar, como afirma Rudin¹²¹, “freqüentemente as crianças vivem não a imagem de Deus transmitida a eles conscientemente, como também aquela inconsciente “remetida” pelos pais e educadores.” Os medos e sentimentos de culpa que lhe advêm, contribuem para criar na criança imagens negativas de Deus, as quais de maneira incontrolada influenciam suas atitudes em relação a Deus em nível de sentimentos. Em nossa tese, essas imagens negativas de Deus estão, muitas vezes, protegidas ou escondidas nos significados inconscientes das palavras-chave. Complementando a análise de Frielingsdorf examinemos a contribuição de Rizzuto.

4. DESENVOLVIMENTO DA REPRESENTAÇÃO DE DEUS. A CONTRIBUIÇÃO DE RIZZUTO

Todas as nossas atitudes morais, práticas ou emocionais, bem como as religiosas, devem-se aos “objetos” da nossa consciência. As coisas que acreditamos existirem, seja real, seja idealmente, junto de nós. Tais objetos podem estar presentes aos nossos sentidos, ou podem estar presentes apenas ao nosso pensamento. Em qualquer desses casos eles provocam em nós reações e a reação produzida por coisas do pensamento é, notoriamente, em muitos casos, tão forte quanto a produzida por presenças sensíveis.¹²²

Rizzuto analisando do desenvolvimento da representação de Deus trata também do desenvolvimento humano como tal, tendo como base a visão psicanalítica embora vá além desta. Vejamos alguns conceitos básicos de sua visão de desenvolvimento humano. Isto facilitará a compreensão do desenvolvimento das representações de Deus.

¹²⁰ AVC-I, pp. 415-421.

¹²¹ RODIN apud FRIELINGSDORF, op. cit., p. 30.

¹²² JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo: Cultrix, p. 44.

4.1. O desenvolvimento humano

Para Rizzuto, o desenvolvimento humano se dá num longo caminho que percorre a vida do indivíduo do nascimento até a morte. Este caminho, porém, é feito por etapas que caracterizam os diversos momentos do desenvolvimento. É dentro desse processo que a criança desenvolve não só suas potencialidades, mas vai aprendendo a elaborar dentro de si as experiências que faz e assimilando-as na interação com o ambiente que a cerca. Há uma influência mútua entre o sujeito (criança) e o ambiente circundante, inclusive no aspecto religioso. Um modifica o outro. Como diz Rizzuto:

A nova pessoa assume forma anatômica, cresce, experimenta sentimentos, aprende, age, ama, cria, faz descobertas, se reproduz, se volta para Deus e, consciente da morte biológica, se interroga sobre o significado de tudo isso. O desenvolvimento humano transforma a sua energia biológica em funções simbólicas que habilitam a pessoa a entrever outras realidades além das limitações perceptivas do corpo. Para alcançar esta realidade, os seres humanos desenvolvem uma função que abre as portas a tudo aquilo que é significativo em nível psíquico, inter pessoal e religioso: é a função do crer. Não há vida psíquica sem esta função. A função do crer produz como consequência um conteúdo específico de fé, o qual depende sempre do contexto de experiências do Eu em um momento particular existencial”¹²³ (...) o processo de desenvolvimento humano é consequência da contínua compenetração do organismo e do seu ambiente físico e humano.¹²⁴

Para Rizzuto, as funções psíquicas emergentes têm um período crítico para organizar seus fundamentos anatômicos cerebrais e suas atividades sob o impulso de uma apropriada estimulação sensorial. Assim com o emergir de novas funções cerebrais devem também ocorrer o estímulo correspondente do ambiente, caso contrário a psique

¹²³ RIZZUTO, A.M. *Sviluppo: dal concepimento allá morte. Riflessioni di una psicoanalista contemporanea*. In A. MANENTI; S. GUARINELLI; H. ZOLLNER (orgs.) *Formazione e Persona*. Bologna: EDB, 2007, pp. 1-2.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 2 (tradução nossa).

não poderá se desenvolver normalmente. Citando Wexler¹²⁵ em sua tese central “o ambiente dá forma ao cérebro segundo a própria imagem”; por exemplo, os brasileiros, sentirão, pensarão se comportarão como brasileiros, os católicos como católicos, os muçulmanos como muçulmanos. É assim, segundo Rizzuto, porque nos “seres humanos, uma parte significativa da conformação evolutiva do cérebro e das suas funções ocorrem depois do nascimento sob a influência do ambiente”. Isto parece fazer coro com aquilo que já foi dito anteriormente, sobretudo em referência à influência das figuras parentais, mormente na comunicação afetiva. Para Wexler “a natureza de uma pessoa é o cuidado de uma outra pessoa”, pois segundo ele, a nossa biologia é social, “é de nossa natureza ter cuidado e ser cuidado”.¹²⁶

Seguindo ainda Rizzuto, concordamos que “a estimulação sensorial, cognitiva e afetiva constituem o meio onde o indivíduo cresce tanto física como emocional e socialmente. São nossos sentidos os primeiros canais de contato com a realidade. É através deles que o mundo (ambiente) entra em nós. Os estímulos que deles recebemos pelas nossas percepções¹²⁷ serão integrados dentro das estruturas de nosso cérebro e nos processos neurais e psíquicos. A complexidade dos 100 bilhões de neurônios com as milhares de conexões¹²⁸ que fazem entre si através de reações químicas e elétricas, como diz Wexler, estão “fora de qualquer compreensão”. Tal complexidade registra todas as atividades, as organiza e as transforma em processos mnemônicos em forma de

¹²⁵ WEXLER, B. *Brain and culture: neurobiology, ideology and social change*. Cambridge: The MIT Press, MA., 2006, p. 15s.

¹²⁶ RIZZUTO, A.M. *Capacità di credere*. Considerazioni psicologiche sulla funzione del credere nello sviluppo personale e religioso, p. 2 (palestra proferida em 30/03/2007 na Pontificia Universidade Gregoriana) Roma. Disponível em: www.unigre.it/strutura-didattica/psicologia/specifico-2/ex-alunni-it.php (acesso restrito a ex-alunos).

¹²⁷ Aqui seria interessante fazer uma discussão sobre a questão da percepção definindo-a segundo sua natureza e suas características, bem como os fatores pessoais e sociais que a influenciam, contudo faço apenas a indicação de um estudo sobre percepção que se encontra em: A. CENCINI, A. MANENTI, *Psicologia e formação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988, pp. 191-225.

¹²⁸ Para uma ilustração sobre o funcionamento dos neurônios pode-se ver no DVD produzido pela BBC Worldwide de Londres na série *O corpo humano*, o filme *5 O poder do cérebro*, divulgado no Brasil pela Revista Super Interessante, da Editora Abril, no vol. 3, 2001.

“representações duradouras do ambiente”¹²⁹. Estas representações não conscientes integram na estrutura do próprio cérebro a permeação entre ambiente e indivíduo e se tornam esquemas pessoais de experiência, compreensão, relação e sentimentos de satisfação ou aflição. “Aqueles que cuidam de nós e o nosso ambiente tornam-se intrínsecos ao nosso próprio ser”¹³⁰. Ainda de acordo com Rizzuto, pode-se dizer que “aquilo que o cérebro registra e organiza transforma-se na mente, em representações interligadas. “O processo representacional está intimamente ligado ao cérebro afetivo, criando uma espécie de versão pessoal do ambiente que encontra, de modo especial nas interações afetivas entre o bebê e a pessoa que toma conta dele”.¹³¹ Se a experiência afetiva da criança é marcada em todos os níveis prevalentemente por aspectos positivos, isto é, agradáveis, instaura-se nela um senso de bem-estar. Caso contrário, se as experiências são desagradáveis, isto é, causam dor psíquica, a criança desenvolverá então mecanismos psíquicos de defesa permanentes para evitar o risco de experimentar tais sofrimentos psíquicos novamente. Contudo os processos de representações do eu registram essas experiências que permanecem em nível inconsciente ao longo da vida do sujeito, a menos que intervenções terapêuticas ajudem resignificá-las. Aqui parece corresponder àquilo que já foi dito comentando-se Magda Arnold, quando falávamos da “memória afetiva” que são os registros inconscientes das experiências passadas. A isto podemos chamar também de “formação de estalactites”.

Como diz Rizzuto:

A mente representacional funciona infalivelmente, como uma biografia consciente e não consciente dos encontros do indivíduo com os outros em quanto eventos emocionais. A experiência do eu do indivíduo está registrada na rede sináptica e nas memórias celulares que fornecem as bases funcionais

¹²⁹ WEXLER, op. cit., p. 24.

¹³⁰ RIZZUTO, *Capacità de credere ...* op. cit., p. 3.

¹³¹ *Ibid.*, p. 3.

neurais do seu senso de identidade pessoal.” (...) a mente representacional registra também as suas interações sensoriais e simbólicas com outros aspectos da realidade.¹³²

Concluindo as observações sobre o desenvolvimento humano nos aspectos acima referidos, podemos resumir com Rizzuto, “as interações originárias com os genitores são assumidas nas representações fundamentais do eu e do objeto que condicionarão as suas sucessivas relações, incluindo a relação com Deus”¹³³.

4.2. O desenvolvimento da representação de Deus

Em seu livro, *O nascimento do Deus vivo*¹³⁴ Rizzuto trata longamente sobre a formação, ou melhor, sobre o desenvolvimento das representações de Deus pelo sujeito. Segundo ela:

O processo desenvolvimental de formar uma representação de Deus é excessivamente complexo e é influenciado por uma diversidade de fenômenos culturais, sociais, familiares e individuais, que vão desde os níveis biológicos mais profundos da experiência humana até a mais sutil das realizações espirituais¹³⁵.

A elaboração da imagem de Deus (sua representação) inicia-se na primeira infância em torno de dois anos e meio, quando a criança começa a perguntar ao adulto o porquê das coisas. A representação de Deus toma forma no espaço entre os pais e a criança. Este é o mesmo espaço no qual Winnicott diz que construímos os “objetos transicionais”. Quando falamos sobre objetos transicionais estamos falando de representação simbólica dos laços e vínculos que estabelecemos com outras pessoas importantes. O cobertor a que a criança se apegava e carregava consigo aonde vai é um

¹³² *Ibid.*, pp. 3-4.

¹³³ *Ibid.*, p. 4.

¹³⁴ RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2006.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 237.

objeto transicional, simbolizando a segurança, o cuidado e asseguramento do retorno de seus genitores. O ursinho de pelúcia pode exercer a função de um objeto transicional que simboliza as qualidades da constância, da inocência, do amor que a criança espera receber dos pais ou dos seus cuidadores. Deus toma forma nesse mesmo espaço transicional e torna-se um representante transcendente de uma presença confiável e constância confirmadora¹³⁶. Para Rizzuto, contudo, o objeto transicional Deus é muito específico, particular e único. Deus é diferente de todos os outros objetos transicionais porque não há um “outro” fisicamente presente no qual a simbolização pode ser projetada. A criança também observa que diante desse ser misterioso, os adultos se comportam de modo solene, reverencial, constroem templos, criam artes, prestam culto. São representações poderosas que convidam a criança a construir suas representações emocionais e mentais de Deus. Por volta dos dois anos e meio, é a época em que a criança começa a dominar a linguagem e elas fazem a descoberta de que os seres humanos criam e causam coisas. Quando o genitor diz “Deus é quem fez!” a criança pede: Onde ele está? Quem o criou? Posso vê-lo? O genitor lhe diz que Deus é invisível. Sua mente e fantasia começam a elaborar uma imagem objetal do invisível que é ainda confuso e pouco real para ela. A criança observa os comportamentos e atitudes dos pais que rezam, se ajoelham, falam com Deus, ensinam-na a rezar. A criança fica sem um referencial visível dessas atitudes e começa a formar dentro de si uma representação desse ser misterioso. Rizzuto argumenta que a elaboração da “representação objetal” da imagem de Deus é resultado das relações sociais e culturais e das crises que vão perpassando as etapas da vida. Essa representação de Deus é formada a partir das imagens dos genitores e de si, e estruturada mediante um complexo de memórias que são viscerais, simbólicas, sensoriais e só depois conceituais e intelectivas. O momento

¹³⁶ FOWLER, JAMES W. *Faithful change - the personal and public challenges of postmodern life*. Nashville: Abingdon Press, 1996.

em que essa representação se forma é em torno dos três anos. A criança nessa idade é movida por uma nova capacidade de conceber a causalidade, começa a perguntar o porquê das coisas e projeta sobre Deus, de quem ouve falar por parte dos pais. As imagens idealizadas dos pais e sua própria grandiosidade. Cada um produz uma diferente representação objetal de Deus, que não é apenas a imagem idealizada da figura paterna como pensava Freud, mas em um objeto interno que é diferente da representação do pai.

A diferença de um conceito de Deus da representação de Deus compreende uma dimensão inconsciente. Tais representações de Deus uma vez formadas interagem no psiquismo individual por toda a vida. Como diz Rizzuto

Cada indivíduo produz, ao longo do desenvolvimento, uma representação idiossincrática e altamente personalizada de Deus, derivada de suas relações objetais, suas representações em evolução do self e seu sistema ambiental de crenças. Uma vez formada, é impossível fazer com que essa representação complexa desapareça, ela tão somente pode ser recalçada, transformada ou usada¹³⁷.

Freud entendia que as representações uma vez formadas não podem ser mudadas a não ser com uma intervenção terapêutica. Rizzuto sustenta que tais transformações podem ocorrer mediante processos de reelaboração difíceis e dialéticos em que o componente conceitual e as imagens coligadas interagem em eventos críticos particulares do ciclo da vida. A “representação de Deus muda conosco e com os nossos objetos primários na metamorfose ininterrupta com as quais nos tornamos nós mesmos em um contexto de outros seres significativos”¹³⁸. Aplicando essa afirmação à nossa tese, podemos dizer que as mudanças das palavras-chave – substituições por outras

¹³⁷ RIZZUTO, A.M. *O Nascimento* op. cit., p. 127.

¹³⁸ *Ibid.*, pp. 127-128.

estão ligadas fortemente às experiências emocionais mais intensas que ocorrem na interação com o meio ambiente. Quanto a isso não há previsibilidade de quando isso vai ocorrer. Só podemos constatar quando elas ocorrem e provocam no sujeito uma nova reelaboração de seus significados e quando elas se relacionam com experiências de Deus em sua religiosidade ocorre ou pode ocorrer a reformulação das representações de Deus.

5. A REPRESENTAÇÃO DE DEUS COMO OBJETO TRANSACIONAL ILUSÓRIO: A CONTRIBUIÇÃO DE ALETTI

Tratando da representação de Deus como objeto ilusório, Aletti¹³⁹ inicia recordando o debate entre Freud e Oskar Pfister sobre a questão da ilusão. Referindo-se à obra de Freud *O Futuro de uma ilusão* salienta que Freud entende a ilusão como crença fundada nos desejos: “dizemos, portanto, que uma crença é uma ilusão quando em sua motivação prevalecer a satisfação do desejo, e abstraímos, por isso, de sua relação com a realidade, exatamente como própria ilusão renuncia a sua convalidação¹⁴⁰. A ilusão seria um procedimento enganador, um auto engano da psique, que se recusa a reconhecer a realidade como esta se apresenta ao intelecto humano. Contestando essa posição de Freud, apresenta-se o ensaio de Pfister *A ilusão de um futuro* em que a evidência teórica e filosófica da posição de Freud é contestada com “a ilusão de um futuro” de uma ciência que tenha como referente só a si mesma (cientismo) sem se fundar em alguma visão de mundo e sem reconhecer a “dimensão desejosa do pensamento humano”. Para Pfister a ilusão tem uma função positiva. Aletti observa que se trata de uma discussão dialética, que poderia ser resumida na seguinte

¹³⁹ ALETTI, M. *A representação de Deus como objeto transacional ilusório*. In PAIVA G.J.; ZANGARI, W (orgs.) *A representação na religião, perspectivas psicológicas*. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

¹⁴⁰ FREUD, 1927 apud ALETTI op. cit., p. 25.

questão de maneira simplificada: “libertar o homem das ilusões, como queria Freud ou libertar no homem a capacidade de ilusão? Winnicott diria talvez, que se trata do: “de brincar” (in-ludere) e de brincar-se nas ilusões. A propósito, para Winnicott, a figura da ilusão indica a tensão do sujeito diante de um objeto que se lhe põe diante e, exatamente nesse entregar-se à posse, confirma e reforça essa tensão relacional. “A criança cria o objeto, mas o objeto estava ali, à espera de ser criado e de tornar-se um objeto investido de carga”¹⁴¹. Para Winnicott a ilusão não é um erro, e também não é uma verdade, mas o lugar de emergência do verdadeiro, porta aberta de um percurso.

Para Aletti,

a palavra ilusão é rica de ressonâncias e ecos, aberta a diversificações e sobreposições, em função do contexto simbólico-linguístico, das pré-compreensões ideológicas e culturais. Falando de ilusão religiosa, que não se refere à religião enquanto tal, mas o vivido subjetivo que com ela se entrelaça e algumas vezes se confunde, aos cursos e transbordamentos do desejo de Deus no homem, cujo percurso pode ser atravessado por ilusões, desilusões, decepção e também delírios, enquanto ligado à vicissitude pessoal, a seus processos, a seus conflitos e aos resultados desses conflitos¹⁴².

Quando se aplica à representação de Deus como um objeto transicional ilusório não se quer dizer que Deus é uma espécie de ursinho engrandecido, mas refere-se ao processo psíquico mediante o qual certa representação de Deus se formou e é usada pelo sujeito, que poderia se dizer semelhante ao processo da formação dos objetos transacionais operados pela criança¹⁴³. Para o mundo infantil, a “experiência transicional” é um aspecto fundamental do seu processo de crescimento. A experiência transicional é uma “área intermediária de experiência” e ao uso que a criança faz de

¹⁴¹ WINNICOTT, 1975 apud ALETTI op. cit., p. 26.

¹⁴² ALETTI, M.; ROSSI, G. (eds.). *L'illusione religiosa: rive e derive*. Torino: Centro Scientifico Editore, 2001, p. 20.

¹⁴³ Ibid., p. 20.

objetos que não são partes de seu corpo, mas que ainda não são reconhecidos plenamente como pertencentes à realidade externa¹⁴⁴. É de se notar que a experiência transicional não é exclusiva das fases iniciais do desenvolvimento da criança, mas é algo que acompanha o sujeito humano por toda a vida,

“Porque os objetos transicionais e os fenômenos transicionais pertencem ao reino da ilusão que está na base do início da experiência, que se prolonga nos fenômenos culturais: essa área intermediária de experiência continua mantida pela vida inteira na intensa experiência que pertence às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador”¹⁴⁵.

A religião não foi objeto de interesse central de Winnicott, mas ao falar do desenvolvimento das relações objetais na criança, fala da importância do “ambiente facilitador”, sobretudo referente à “mãe suficientemente boa” que permite à criança “acreditar em” e isto é um elemento essencial para a crença em Deus ou no transcendente. O desenvolvimento dessa base humana de “confiabilidade”, experimentada pela criança nos “braços maternos”, permite, quando adulto, acreditar e conceituar os “braços eternos” de Deus. “Crer em” é uma função psíquica necessária ao ser humano, é base para todo o desejo e relação. Podemos dizer é intrínseco a todo relacionamento e crença. O desenvolvimento da confiança básica¹⁴⁶, base para o “crer

¹⁴⁴ WINNICOTT, 1975 apud ALETTI op. cit., p. 26.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 27.

¹⁴⁶ ERIKSON, E.H. (1976): *Infância e sociedade*. (2ª ed.). (G. Amado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. ERIKSON, E. *Infanzia e Società*. Roma: Armando Editore, 1982, aponta a aquisição da “confiança básica” como primeira fase de sua teoria de desenvolvimento afetivo. A respeito dessa diz: “a confiança deriva da primeira infância na medida que não parece depender do nutrimento recebido ou manifestações de afeto, mas antes da qualidade da relação com a mãe. Aquilo que permite às mães de fundar a confiança em seus filhos é uma combinação ideal de sensibilidade pelas exigências individuais do bebê e da confiança em si próprias experimentada pela forma particular em uma determinada cultura e apoiada pela estabilidade desta. (...) os pais não devem guiar seus filhos não somente por meio dos consentimentos e das proibições; eles devem ser capazes de transmitir à criança uma convicção profunda e quase física que aquilo que eles fazem tem um significado. (...) A confiança radicada no cuidado (allevamento) constitui, com efeito, o fundamento da atualidade de todas as religiões” pp. 233-234 (tradução nossa).

em”¹⁴⁷, parece ser consenso hoje, que ele é decorrência da qualidade da experiência vivida pelo sujeito desde o início de sua vida e o desenvolvimento das representações dos objetos internalizados pelo sujeito que ocorre durante esse processo de crescimento que não é linear, isto é, não ocorre automaticamente no sentido de garantir a qualidade deste. Podemos dizer que as representações dos objetos internalizados têm a “cara do sujeito que o internalizou” cuja feição pode não corresponder ao objeto real como tal. Parafraseando, podemos dizer argumentando com nossa hipótese a respeito das palavras-chave que elas têm a “cara” que o sujeito lhe dá a partir de suas percepções e significados subjetivos a elas atribuídos por ele. Aqui nos deparamos com um problema complexo – a questão das percepções. As percepções podem ser reais, isto é conforme os objetos como eles de fato são ou podem ser percepções distorcidas. É sabido que as percepções distorcidas¹⁴⁸ dão ao real uma interpretação equivocada e estabelecem, portanto, com ela uma relação também distorcida. Nesse sentido, as palavras-chave podem ao mesmo tempo ter significados entre si opostos. Do ponto de vista consciente, significam uma coisa e do ponto de vista inconsciente ser seu oposto. Isto ficará claro quando analisarmos a pesquisa e o estudo de casos no capítulo III.

¹⁴⁷ “crer em” ... o que há por trás de uma idéia como “crença em Deus” à idéia de crença ou como preferiria dizer “crer em”. A uma criança que desenvolve a “crença em” pode-se transmitir o deus da casa ou da sociedade que aconteça ser a sua. Mas a criança sem nenhuma “crença em”, Deus é na melhor das hipóteses um truque do pedagogo e na pior das hipóteses uma peça de evidência para a criança à qual falta em relação à figura dos pais confiança no processo de maturação da natureza humana e cujos pais têm medo do desconhecido. (...) Para completar o que foi começado, alguém deve fazer a criança acreditar naquilo que nós, nesta família e nesta porção da sociedade, e atualmente, acreditamos. In WINNICOTT, D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, pp. 88-89.

¹⁴⁸ (...) existe uma percepção realista do outro quando “o que eu penso dele” corresponde “ao que o outro realmente é”. A percepção é, pelo contrário, distorcida quando o conceito que eu tenho do outro não corresponde à realidade, isto é, “o outro segundo eu” é muito diferente (o posto) do que realmente é. Cfr. CENCINI, A.; MANENTI, A. *Psicologia e formação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988, p. 218.

Como diz Aletti, “uma história pessoal de desadaptações defensivas a conflitos e representações inconscientes marcará também as relações e figurações conscientes de Deus, não menos que das outras figuras relacionais importantes¹⁴⁹”.

Rizzuto ressalta que

os processos representacionais e as representações em si mesmas são processos de extrema complexidade, de natureza essencialmente inconsciente. Nossa consciência de alguns deles segue leis psíquicas que não estamos em condição de controlar. A representação mental, por definição não pode ser expressão de alguma coisa. Antes, é verdade o contrário: o desejo religioso revela a busca de um objeto, cuja representação promove aquelas transformações que são sentidas como necessárias¹⁵⁰.

Aletti vê como decisiva a mediação da linguagem em geral e do sistema simbólico religioso em particular para fazer a ponte entre a experiência psíquica e o Deus transmitido pela religião.

O nome de Deus que é pronunciado por um sujeito é derivado do sistema lingüístico-simbólico da cultura de pertença e filtrado através dos vestígios das relações primárias. Mas não existe um resultado natural e uma reversão garantida das experiências parentais para a paternidade de Deus, da matriz relacional para o posicionamento de fé de quem crê (Aletti, 2004, p. 34).

O “nascimento do homem que crê é um processo estreitamente imbricado no desenvolvimento da personalidade. Naturalmente, a apropriação da idéia de Deus culturalmente transmitida, que é um processo interacional lingüístico-simbólico, supõe e é orientada por representações com a figuração consciente de Deus, fruto da elaboração pessoal dos conteúdos da transmissão cultural, é o lugar da possível avaliação “psicológica” da crença e da descrença, segundo o critério da egossintonicidade / egodissintonicidade¹⁵¹.

¹⁴⁹ ALETTI op. cit., pp. 33-34.

¹⁵⁰ RIZZUTO, M. *Object relations Theory and Religion. Clinical applications*. In M. FINN; J. GARTNER (eds.). Wesport, CT/London: Praeger, 1992, pp. 155-175.

¹⁵¹ CIOTTI, P. *The birth of the believing man. Prospects for and problems with the object relations theory applied to religion*. In M. ALETTI; G. ROSSI (eds.). *L'illusione religiosa: rive e derive*. Torino: Centro Scientifico Editore, 2001, pp. 297-302.

Seguindo ainda o pensamento de Aletti, a fé supõe um processo consciente para estruturar-se no self de cada um interagindo com este e com os objetos. Isso ocorre de forma pré-consciente ou inconsciente. É nessas representações e a partir de sua dinamicidade que vai se fundar a crença ou não crença do ser humano. Como afirma Rizzuto, “Deus é um objeto psíquico, mas não um objeto interno”.

Cada indivíduo produz, ao longo do desenvolvimento, uma representação idiossincrática e altamente personalizada de Deus derivada de suas relações objetais, suas representações em evolução do self e seu sistema ambiental de crenças. Uma vez formada, é impossível fazer com que essa representação complexa desapareça, ela tão somente pode ser recalçada, transformada ou usada¹⁵². Deus, como todos os objetos transicionais, está ao mesmo tempo “fora, dentro e na fronteira” como diz Winnicott¹⁵³. Em relação a qualquer sujeito crente, a representação que ele tem de Deus nós podemos ter acesso ao Deus através do comportamento, do discurso consciente que ele faz ou por meio de suas palavras-chave que revelam o tipo de relação que com ele estabelece e o quanto esta o influencia em relação as suas vivências religiosas e comportamentais.¹⁵⁴

É sabido também que, para enfrentar a nossa dificuldade de expressar nossas experiências mais profundas, frequentemente, recorremos a várias imagens, como metáforas, poesias, e uma maneira particular é aquela através dos mitos que criamos ou adotamos ao longo do tempo. Vamos dar agora um pouco de atenção à questão dos mitos.

¹⁵² RIZZUTO op. cit., 2006, p. 127.

¹⁵³ WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

¹⁵⁴ Cfr. FRIELINGS DORF. Deus pessoal, Deus universal, Deus totalmente outro. p. 71 (acima).

6. CRIANDO NOSSOS MITOS: A PERSPECTIVA DE MCADAMS¹⁵⁵

“Mito é um discurso mentiroso que exprime a verdade em imagens”¹⁵⁶

Já Platão usava o *mythos*, como mentira, em oposição ao *logos* que exprime a verdade. Da mesma forma considerava a imagem (*eidolon*), aparência sensível unicamente acessível ao espírito humano. Esta compreensão do mito foi modificada pelos neo-platônicos que consideravam o mito também a alegoria como um meio de chegar ao verdadeiro, assim como a imagem sensível é um meio para se chegar às idéias¹⁵⁷. O estudo dos mitos tem uma longa história¹⁵⁸, como John Middleton afirma,

“Eles foram estudados por folcloristas, interessados principalmente nos motivos, sua evolução e distribuição; por psicólogos, interessados no que pode ser descoberto a partir deles sobre a psique individual; por lingüistas; por historiadores da religião, interessados principalmente nas religiões mundiais; e, por último por antropólogos”¹⁵⁹

O mito é sempre um postulado simbólico e como tal precisa ser decodificado a realidade escondida em sua dimensão simbólica.

Hoje se considera o mito como um meio que representa uma forma acabada e complexa daquilo que pode ser chamado de linguagem simbólica ou significativa que o sujeito humano usa para exprimir-se. Tudo aquilo que dá sentido e valor ao homem existente, tudo aquilo que o expressa passa por essa linguagem simbólica¹⁶⁰. Podemos dizer então que a verdade do mito é uma verdade simbólica. Ela propõe para o mundo,

¹⁵⁵ MCADAMS, D.P. *The stories we live by*. New York and London: The Guilford Press, 1993.

¹⁵⁶ TEO DE ALEXANDRIA, sec. XII, citado por FRANÇOISE GRAZIANI. In PIERRE BRUNEL (org.). *Dicionário de mitos literários*. 2ª. edição. São Paulo: José Olimpio Editora, p. 482. (*logos, pseudés eikonizon aletheiam* in *Progymnasmata*, III).

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 482.

¹⁵⁸ SCHMIDT, B.E. *A antropologia da religião*. In USARSKI, Frank (org.) *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 84.

¹⁶⁰ DABELIZIES, A. *Mitos primitivos a mitos literários*. In Pierre BRUNEL (org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 2ª. edição, 1998, p. 734.

para a vida e para as relações humanas um sentido que não pode impor nem explicar, mas que está presente e de alguma forma expressa uma verdade subentendida. Podemos dizer que na medida em que um mito se revela vivo e fascinante para um indivíduo, significa que ele exprime para esse sujeito algumas de suas razões de viver, uma maneira de compreender o mundo, a vida bem como sua própria situação em tal contexto histórico.

McAdams inicia a introdução de seu livro com o seguinte trecho:

“Se você quiser me conhecer, então você deve conhecer minha história, porque minha história define quem sou eu. E se eu quero conhecer-me, para obter insight sobre o significado de minha própria vida, então eu também devo conhecer minha própria história. Eu devo olhar em todas suas particularidades, a narrativa do eu – o mito pessoal – que eu tenho tacitamente ou inconscientemente, composto ao longo dos meus anos. É uma história que eu continuo a revisar, e fala para mim mesmo (e as vezes para os outros) como eu estou vivendo”¹⁶¹.

Ao longo de sua obra, discute a formação dos mitos pessoais. “Nós todos somos contadores de histórias, cada um de nós provê suas experiências dispersas e às vezes confusas com um senso de coerência arrumando os episódios de nossas vidas dentro de uma história”. Através de nossos mitos pessoais, descobrimos o que é verdade e o que é significativo na vida.

Podemos dizer que nossas palavras-chave são manifestações de nossos mitos ainda em elaboração ou elaborados. A tese do autor é que cada um de nós para conhecer quem ele ou ela é, cria uma história heróica de si mesmo. Cada um de nós constrói consciente ou inconscientemente seu mito pessoal. Mito pessoal é, antes de tudo, um tipo especial de história que cada um de nós constrói naturalmente integrando as

¹⁶¹ MCADAMS, D.P. *The stories we live by*. New York and London: The Guilford Press, 1993, p. 11 (tradução nossa).

diferentes partes de nós mesmos e de nossa vida dentro de um significativo e convincente todo. “Um mito pessoal é um ato de imaginação que é um modelo de integração de nossas lembranças passadas, percepções do presente e antecipação do futuro”¹⁶². A história é uma espécie de pacote natural que usamos para organizar muitos diferentes tipos de informações. A história contada permite, de uma maneira singular expressar a nós mesmos e nosso mundo para os outros. E as palavras-chave são “sínteses” de experiências e conteúdos, são “entrelinhas” carregadas de significados das histórias pessoais, de nossas crenças e de nossas posições chave que permitem dar um sentido ao que vivemos da forma como vivemos.

6.1. Diferentes formas míticas

McAdams defende a idéia que cada um de nós cria um mito pessoal que em todos seus detalhes não há outro igual no mundo. Contudo, ressalva que, embora possa haver uma multiplicidade de diferentes de histórias, poder-se-ia dizer que há um número limitado de formas básicas dentro das quais se pode analisá-las. Elas podem ser resumidas em quatro grandes formas gerais.¹⁶³ Comédia, Romântica, Trágica, Irônica.

As duas primeiras mostram um tom narrativo otimista, enquanto as duas últimas sugerem um tom pessimista.

A Comédia pode ser comparada à estação da primavera. A mensagem central parece ser: a cada um de nós é dada a oportunidade de encontrar a felicidade e evitar a dor e a culpa na vida. Cada um de nós tem a oportunidade de procurar um final feliz para a história da vida que nós vivemos e contamos. Na romântica predomina um tom de otimismo. Enquanto a comédia afirma a alegria da vida cotidiana (doméstica) e o

¹⁶² *Ibid.*, p. 12.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 50.

amor, a romântica celebra o excitamento da aventura e a conquista. A estação é o verão (calor e paixão). O tema central de um mito romântico envolve como mover-se de uma aventura para outra, com o objetivo final emergindo vitorioso e iluminado. O herói é visto de forma grandiosa, como alguém especial, sábio, mais virtuoso que a maioria dos demais que passa por vicissitudes, mas no final da história é um vencedor!

Na trágica o tom narrativo é pessimista (outono) o tempo vai passando e indo na direção da morte. As histórias trágicas dizem respeito a deuses e heróis moribundos, caindo em desgraça, sacrificando a si mesmos e aceitando o isolamento (Édipo). Nos mitos pessoais, o assunto central trágico é evitar ou amenizar os absurdos da vida, que ameaçam esmagar mesmo os maiores seres humanos. A mensagem central é: nós somos confrontados por inesperados absurdos nos quais encontramos o sofrimento e o prazer, a tristeza e a felicidade, e estes estão sempre misturados. O mundo não é confiável. As melhores intenções caminharão para a ruína.

Na irônica (estação inverno) as histórias caminham para o triunfo do caos. Nos mitos irônicos é como um quebra-cabeça cuja solução está sempre escondida. Eles lembram as tentativas falhas para resolver os mistérios da vida. Então, o tom narrativo pessimista e emoções negativas predominam e geram a confusão e a tristeza. O tema central: “Na vida nos deparamos com ambigüidades que são maiores do que nós e que estão na maior parte, além de nossa compreensão”. (música tristeza do Jeca¹⁶⁴).

McAdams observa que nenhuma história é pura tragédia ou comédia. Há uma mistura. Porém a mistura normalmente ocorre entre a comédia e a romântica ou entre a trágica e a irônica.

¹⁶⁴ Música caipira celebrizada pela dupla Tonico e Tinoco, disponível em www.cifras.com.br/tonico-e-tinoco/tristeza-do-jeca. Um de seus versos diz: Nestes versos tão singelos, minha bela, meu amor prá você quero contar o meu sofrer e a minha dor. Eu sou como sabiá quando canta é só tristeza desde o galho onde ele está. Nesta viola eu canto e gemo de verdade....

Nossos mitos pessoais, narrados em nossas histórias, envolvem uma reconstrução imaginária do passado à luz de um futuro previsível. São criações subjetivas e ilusões no sentido positivo ou negativo.

Desde nossa infância, vamos acumulando um tesouro que se esconde dentro de uma variedade de símbolos personalizados e objetivos fantasiados.

Para entender nossos próprios mitos precisamos explorar a maneira única em que eles foram elaborados por cada um de nós e como empregamos a imaginação para dar sentido àquilo que nós somos. Como entendemos nossa própria história.

O psicólogo Jerome Bruner¹⁶⁵ argumenta que o ser humano entende o mundo de dois modos diferentes. O primeiro ele denomina de “modo paradigmático” de pensamento. Nesse modo ele procura compreender as experiências em termos de refinadas razões, análises, provas lógicas e observações empíricas. O segundo modo é o “modo narrativo” de pensamento, que diz respeito aos desejos humanos, suas necessidades e objetivos. Neste modo nós lidamos com as “vicissitudes das intenções humanas organizadas no tempo”.

O primeiro modo é próprio do cientista que procura “dizer não mais do que os fatos significam”. Procuram-se determinar as relações entre causa-efeito a fim de explicar os eventos e ajudar a prever e controlar a realidade. Com este paradigma é difícil compreender o sentido dos desejos humanos, aspirações e condutas sociais. Os eventos humanos são muitas vezes ambíguos¹⁶⁶ e resistem a uma interpretação fechada de causa efeito. Os poetas e romancistas usam e são exímios “narradores de histórias” e eles “dizem mais do que podem dizer”! Nesse segundo modo narrativo, os níveis emocionais, os significados simbólicos têm lugar para manifestar-se.

¹⁶⁵ BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

¹⁶⁶ AVC-I, pp. 192-197.

Fazendo uma aplicação desses dois modos – paradigmático e narrativo – às palavras-chave, pode-se pensar que as explicações que o indivíduo dá em nível consciente para suas palavras-chave correspondem ao modo paradigmático – em que o indivíduo tem uma explicação racional do porquê escolhe determinada frase – por exemplo, porque prefere determinada frase do evangelho!¹⁶⁷ O modo narrativo, por sua vez, inclui e pode expressar o sentido inconsciente que há na palavra ou frase chave escolhida, que está mais ligada à experiência emocional – às memórias afetivas - ao eu latente¹⁶⁸, do que o significado lógico. Nesse sentido poderíamos dizer que os “leitmotiv” são formas abreviadas de “histórias que nós vivemos”! (“*The stories we live by*”).

6.1.1. Importância de conhecer nossos mitos

Segundo McAdams, nossos mitos se desenvolvem ao longo de nossa vida, desde nossa infância já iniciamos a acumular “conteúdos” que na adolescência de modo especial contribuem para a formação dos nossos mitos. Sobretudo porque na adolescência nós consolidamos uma identidade básica¹⁶⁹. Nossa identidade pode sofrer ajustes assim como podemos modificar nossos mitos ao longo de nossa vida adulta. Na adolescência temos a tarefa de “construir” uma história integrativa da vida com a qual somos capazes de entender quem somos e como encarar o mundo adulto. “Ninguém de nós pode escolher seu pai, sua mãe, ou as circunstâncias de sua infância. Mas a maturidade demanda a aceitação e organização significativa dos eventos do passado”¹⁷⁰. Como adultos, criamos um plano mítico para nossas vidas em que ainda não havia planos. “Nós criamos mitos, assim nossa vida e a vida dos outros fazem sentido”¹⁷¹.

¹⁶⁷ Esse aspecto será abordado no capítulo II e III.

¹⁶⁸ AVC-I, p. 200.

¹⁶⁹ ERIKSON op. cit., 5º. estágio.

¹⁷⁰ MCADAMS op. cit., p. 92.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 92.

Através deles determinamos quem somos, quem fomos e quem podemos nos tornar no futuro. Nós, continuamente, estamos recriando nossos mitos, embora eles nem sempre estejam em nível consciente, e não estando conscientes não significa que não somos influenciados por eles. Poderíamos distinguir dentro do processo de viver nossa história, duas perspectivas. Uma psicológica e outra social. Em outras palavras, o que o mito nos faz viver? O que isto implica para a sociedade? Do ponto de vista da psicologia individual, viver o mito é prover a vida com um significado¹⁷², mais do que garantir felicidade, o que não significa dizer que ele nos torne infelizes. Pode-se dizer que a primeira função do mito pessoal é prover a vida com significado, unidade e propósito. Do ponto de vista social, viver o mito é conectar-se à grande narrativa de nosso mundo social. Mitos são criados e vividos em um contexto social. Viver o mito não significa também que ele esteja implicado em tudo o que se faz, por exemplo, o que se vai comer, que roupa se vai vestir! Viver a sua história não significa que a história é a sua vida. Há uma diferença entre personalidade e identidade. Segundo McAdams¹⁷³, a personalidade é um sistema complexo que envolve motivação, atitudes, comportamentos, que caracterizam o ajustamento ao mundo. Isto comporta traços, valores, motivos e muitos outros processos e construtos. Ao passo que a identidade é um aspecto da personalidade, é o mito pessoal que cada um construiu para definir quem é.

6.1.2. Mudando os mitos

Podemos mudar nossos mitos? Em que isso implica? Seguindo McAdams, nós podemos mudar nossos mitos, porém antes precisamos identificá-los. Sem essa condição não temos muito a fazer em relação a eles. Para conhecê-los é preciso conhecer a própria história e isto implica um envolvimento pessoal. Em outras palavras,

¹⁷² FRANKL, V. *Um sentido para a vida*. Aparecida: Ed. Santuário, 1989.

¹⁷³ MCADAMS op. cit., p. 266.

a mudança está condicionada pela própria experiência pessoal, como ela foi vivida em seu mundo particular. Há duas maneiras progressivas de mudança na construção dos próprios mitos. 1) Mudança desenvolvimental. Essa mudança tem a ver com o desenvolvimento orientado para o futuro. Para isso tem que se levar em consideração seis tendências da construção do mito. Isto é, coerência, abertura, diferenciação, reconciliação, integração generativa e credibilidade¹⁷⁴. As duas primeiras - coerência e abertura - contêm uma tensão dialética entre ambas na construção da identidade. Muita coerência pode impedir a abertura e vice-versa. Por exemplo, a abertura é mais importante na adolescência do que a coerência; em contrapartida, para consolidá-la é necessário ter um conjunto coerente de princípios, equivale a dizer que há momentos do desenvolvimento em que uma é chamada em causa mais que a outra. Dinâmica semelhante acontece entre diferenciação e reconciliação. Um mito pessoal maduro deve comportar muitas diferentes partes e aspectos, ao mesmo tempo é necessário estabelecer uma unidade e síntese entre as imagens ricas e conflitivas acumuladas dos tempos anteriores. Em relação ao critério da integração generativa, ele não se opõe aos demais, é importante em cada momento do desenvolvimento. O sexto critério, credibilidade, também vale em todas as fases do desenvolvimento. Em síntese, a mudança desenvolvimental leva para diante a construção do mito na medida em que se constrói, se revisa e se reconstrói para que ele dê sentido aos novos interesses do desenvolvimento que mudam segundo as circunstâncias da vida.

O segundo tipo de desenvolvimento é personológico. Este é mais profundo e difícil de transformação. É um trabalho "terapêutico" intenso e profundo, este tipo de mudança está orientado tanto para o passado como para o futuro. O objetivo não é ir em frente no desenvolvimento, mas ir para trás e, em certo sentido, começar a partir de lá.

¹⁷⁴ MCADAMS op. cit., cap 4, também p. 271.

O problema não é que o mito está parado, estagnado. O problema é que o mito não é bom, não funciona. Talvez nunca tenha funcionado ou talvez não exista. A mudança personológica implica fazer frente a uma tarefa de uma “nova criação”.

No estudo dos casos que serão apresentados no capítulo III podemos encontrar exemplos do supra dito.

7. O PAPEL DO INCONSCIENTE NA FORMAÇÃO DO AUTO CONCEITO E AUTO-IMAGEM

Para aprofundarmos a compreensão do funcionamento do psíquico humano, convém discutir, ainda que brevemente, sobre o papel do inconsciente na formação do auto conceito e auto-imagem (mitos). Entendemos, aqui, por auto conceito, a idéia que o sujeito faz de si mesmo enquanto se percebe na relação consigo próprio. É como se vê a partir da própria experiência e a elaboração desta que ele faz internamente (“como me penso a mim mesmo”). Por auto-imagem, entendemos aqui como sendo a imagem de si que imagina presente na mente do outro. Isto é, como é visto pelos outros. Essa auto imagem manifesta-se muitas vezes na expressão usada com freqüências: “o que os outros vão pensar de mim”! Reflete-se aí a preocupação com a impressão que causa nos outros. Essa preocupação comumente está ligada à questão de aceitação ou não aceitação, de reconhecimento ou não reconhecimento. Estes aspectos que aparecem em nível consciente como preocupação em relação a si ou em relação aos outros podem estar ligados a processos inconscientes.

Para falar de inconsciente, é necessário fazer alguma distinção sobre a compreensão do conceito. Encontramos na literatura discussões sobre o inconsciente

afetivo¹⁷⁵, sobre o inconsciente cognitivo¹⁷⁶, sobre o inconsciente espiritual¹⁷⁷ para citar alguns.

Para nosso propósito, interessa mais o inconsciente afetivo cuja característica básica é de ser inacessível por uma evocação voluntária. O sujeito pode ter, por exemplo, consciência do que sente, mas não tem consciência dos processos que deram origem ao que sente. Pode não se dar conta das conexões com experiências do seu passado. Pode-se dizer o mesmo em relação ao inconsciente cognitivo. O sujeito pode estar consciente dos resultados, mas não ter consciência dos processos de raciocínio que levaram a tais resultados. O inconsciente espiritual entra mais na esfera da espiritualidade do que na esfera emotiva.

A questão da existência do inconsciente afetivo deve-se, em grande parte, aos estudos de Freud, embora elementos de sua compreensão original hoje já sejam superados, ou, ao menos questionadas, sobretudo no que diz respeito ao seu construto teórico sobre as estruturas da personalidade vistas como id, ego, superego. Contudo parece ser certo que o inconsciente existe como força psicogenética e que é ativo na vida cotidiana das pessoas normais, influenciando diversos de seus comportamentos e ações com uma tendência a permanecer mantendo o *status quo*, resistindo, portanto a mudança.¹⁷⁸ O inconsciente desempenha um relevante papel, sobretudo em relação à motivação. Cotidianamente nós o percebemos em ação. Já Freud constatava, por exemplo, que atrás de nossos atos falhos o inconsciente está em ação. Sobretudo quando

¹⁷⁵ PIAGET J. *The affective unconscious and the cognitive unconscious*. Journal of the American Psychoanalytic Association, 21, 1973, pp. 249-261.

¹⁷⁶ *Ibid.*, pp. 249-261.

¹⁷⁷ MARITAIN J. *L'Intuition créatrice dans l'Art et dans la poésie*. Paris: Desclée de Brouwer, 1966, pp. 83-92; Cf. também MARITAIN, J. *Alla Ricerca di Dio*. Roma: Edizioni Paoline, 1967.

¹⁷⁸ CENCINI, A.; MANENTI, A., op. cit., pp. 45-46.

nos deparamos com nossos conflitos interiores¹⁷⁹ que nos causam sofrimento. Para evitá-los, nosso inconsciente o esconde numa espécie de “faz de conta”, em seus disfarces condiciona, manipula nosso consciente. Não é sem razão que constatamos que muitas vezes fazemos o contrário do que realmente desejaríamos fazer. São Paulo expressou isto muito bem quando diz “vejo o bem que quero fazer e faço o mal que não quero¹⁸⁰”. Poderíamos dizer que nosso inconsciente é um “agente secreto” e com seus disfarces cria suas “pegadinhas” que, em muitas ocasiões nos deixa em situações difíceis. Como já ficou dito anteriormente, o inconsciente não é só “lugar” de problemas é também depositário de nossas experiências positivas e reserva de possibilidades que eventualmente ainda não se manifestaram. Ele se conduz por leis próprias que garantem sua ação e sua influência sobre o consciente. Vejamos suas principais leis.

7.1. Leis do inconsciente

Segundo Ravaglioli¹⁸¹, podem-se distinguir algumas leis que regem o inconsciente. Uma delas é de particular importância para a nossa tese. Trata-se daquela que diz que o inconsciente se rege pela isenção de contradição, isto é, elementos contraditórios entre si não se anulam. “Convivem” um ao lado do outro. Segundo essa lei, o significado objetivo de uma ação ou de um conceito pode não corresponder necessariamente ao significado subjetivo que o sujeito dá inconscientemente. Por exemplo, palavras-chave relativas à experiência religiosa de alguém podem ter um significado no nível consciente e ter o significado oposto no nível inconsciente. “O comportamento pode exprimir contemporaneamente tendências opostas”.

¹⁷⁹ HORNEY, K. *Nossos conflitos interiores – uma teoria construtiva das neuroses*. 4ª. Edição. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 1969.

¹⁸⁰ Rom. 7,15-27.

¹⁸¹ RAVAGLIOLI, A.M. *Psicologia*. São Paulo: Paulinas, 1998, pp. 120-122; Cf. também em CENCINI, A.; MANENTI, A.. op. cit., pp. 45-48.

Uma segunda lei importante é a que revela que o inconsciente está fora do tempo, ele é atemporal. Isto é, os elementos inconscientes não se regulam segundo a ordem do tempo, nem se alteram com o passar do tempo, existem independentemente da realidade externa. O sujeito pode mudar de papéis, de ambiente etc. Isto não garante necessariamente que ele mude automaticamente o conhecimento dos problemas que possam afligi-lo. Outro exemplo em que podemos constatar essa lei é através de sonhos. Num dado sonho podem estar presentes personagens do passado, como se elas estivessem atuando agora junto com personagens atuais. Nesse sentido “a experiência nem sempre é mestra¹⁸²”.

Há ainda uma terceira lei do inconsciente que é aquela que diz que o inconsciente não leva em conta a realidade, mas influi sobre ela. Tem sua lógica própria. Por exemplo, o sujeito pode sentir culpa por algo que fez, e perceber que não há razão lógica que a justifique, mas mesmo assim sente-se culpado e não consegue livrar-se dela. Podemos ainda citar uma quarta lei que é aquela que diz que o inconsciente tem uma força dinâmica de auto preservação. Isto é, os conteúdos, sobretudo aqueles causadores de sofrimentos psíquicos, nele existentes, tendem a permanecer do modo como estão. Isto na experiência clínica se constata cotidianamente. É difícil para o sujeito reconhecer e aceitar a dor psíquica olhando para suas causas. Como estas já lhe causaram sofrimentos e agora estão acomodadas, o sujeito, de certo modo, aprendeu a conviver com elas. É “preferível” continuar assim a correr o risco de mudar, pois poderia perder o controle sobre elas e revivê-las novamente e isto custaria um preço emocional que nem sempre está disposto a pagar.

Pode ser ilustrativo como exemplo muitos tipos de doenças psicossomáticas. O sujeito sofre pelos incômodos que a doença lhe traz, mas renunciar a ela poderia

¹⁸² CENCINI, A.; MANENTI, A., op. cit., p. 46.

significar a perda de ganhos secundários que obtém através dela. É o caso, muitas vezes, de pessoas muito carentes afetivamente ou de atenções. Elas “sabem” que só recebem isso que desejam se ficarem doentes (e permanecem). Esperam que alguém se volte para elas e lhes dê a atenção que precisam, satisfazendo assim sua necessidade, caso contrário dificilmente obteriam. Os hipocondríacos que o digam!

7.2 Há saída para a influência do inconsciente?

Aceitando as leis do inconsciente e seu funcionamento não estamos afirmando que somos prisioneiros dele. Realçamos seu papel e sua importância para entendermos ao menos em parte o porquê de muitos comportamentos contraditórios e palavras-chave que revelam o modo como o sujeito se percebe e se relaciona com o ambiente que o cerca.

Contudo é preciso levar em conta também a capacidade de o ser humano desenvolver-se. Este é um processo que o acompanha ao longo da vida. Sempre mais se pode conhecer-se mais, descobrir-se mais, tornar-se mais.

Vale recordar aqui o comentário de Trevisol¹⁸³ sobre essa questão

Desenvolver-se como ser humano é tornar-se aquilo para o qual temos sido feitos. Esta gama de potencialidades que perfaz todo o mistério do ser humano é dada, mas não revelada. O ser humano encontra-se nela, todavia precisa reconhecê-la, despertar para ela e identificar-se com ela: é preciso que ela se torne consciência. Desenvolver-se, conseqüentemente, é acordar o ser, torná-lo realidade concreta, em contínua relação com o Mistério mais Alto Original e Absoluto, para que seja alcançado o mais alto nível de humanidade possível no ser humano, de tal modo, que ele possa tocar a mais alta sabedoria mística. Por isso, o ser humano é também mistério. E do sucesso do percurso ninguém é seguro. A única certeza que cada um tem é o grau de consciência que já fora alcançado. E, ainda assim, permanece o

¹⁸³ TREVISOL, Jorge. (tese de doutorado) “*Consciência ampliada e educação, correlações entre níveis de consciência e modo de ensinar*”. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), 2005, pp. 198-199”. (Área da Educação - Tese não publicada).

desejo de ir além. Assim que, nunca ninguém poderá dizer: “cheguei”; no máximo afirmaria, “hoje sou mais eu do que ontem, mas ainda me sinto pouco”. Pois, se de fato, o inconsciente todo se atualizasse e se revelasse na totalidade, se tudo se tornasse consciência, o ser humano se tornaria Absoluto, que seria o mesmo que ser Deus.

O inconsciente, embora não seja acessível espontaneamente, pode-se chegar a ele por diversos caminhos que a psicologia hoje conhece. Por exemplo, por meio de testes projetivos, como também por técnicas de entrevistas, hipnose etc. Justamente porque ele é dinâmico, ativo pode-se também decifrar sua linguagem simbólica e inferir significados subjacentes às suas manifestações conscientes. A figura iceberg, muitas vezes usada para ilustrar a topografia da mente, mostra que a parte emersa é a zona do consciente e a imersa aquela subconsciente que engloba tanto a parte pré-consciente como a inconsciente. Nessa figura fica evidente que o maior volume é o que fica submerso. Podemos chamá-lo de campo existencial dos conteúdos do inconsciente. Tais conteúdos se compõem do resultado daqueles originários de recalques (repressões) como dizia Freud, como também por aquelas transposições imediatas e sedimentações progressivas¹⁸⁴, bem como por dons ainda inexplorados.

Nosso inconsciente é uma fonte de informação sobre o nosso mundo interior, é lá onde moram nossos mitos, é a “biblioteca” que guarda nossos arquivos que registraram e continuam a registrar aquilo que aconteceu conosco e continua a acontecer. É lugar “secreto” onde dormem nossos sonhos que o consciente nem sempre consegue despertar e torná-los realidade, porque estão envolvidos por mistérios que a mente humana guarda, mas nem sempre tem domínio sobre eles. Eles podem permanecer sem interpretação. Nossas palavras-chave são ecos destes arquivos que ali

¹⁸⁴ CENCINI, A.; MANENTI, A., op. cit., pp. 48-49.

residem e uma expressão simbólica que tenta comunicá-los ao nível consciente do sujeito e para os outros.

8. INFERÊNCIAS PRELIMINARES

Do acima exposto podemos agora formular em breve síntese de algumas linhas de convergências entre os principais autores citados, como Rulla, Frielingsdorf, Rizzuto, Aletti, McAdams que parecem corroborar a hipótese de trabalho que pretendemos demonstrar pela pesquisa de campo realizada.

Como dissemos no início, nossa investigação pretende provar que podemos conhecer em maior profundidade um sujeito através de seus leitmotif ou palavras-chave que o revelam em suas duas faces, aquela conhecida (consciente) e aquela oculta (inconsciente). Na discussão que fizemos nos servindo dos estudos de Rulla, ficou evidente que o ser humano, ao longo de seu desenvolvimento, organiza para si um “*modus vivendi*” calcado numa ótica tridimensional. Cada uma delas responsável por manifestar um aspecto da complexa dinâmica do mundo das motivações intrapsíquicas que dão o colorido às vivências do sujeito. De modo particular, parece corroborar nossa tese, a assim chamada segunda dimensão, como já vimos, que revela ao mesmo tempo aspectos conscientes e inconscientes do sujeito e forma dinamismos internos de dois tipos. Uma das tendências de crescimento, o assim chamado pólo progressivo e outro de tendência regressiva, o pólo regressivo¹⁸⁵; este último tende a formar círculos viciosos, deixando o sujeito enclausurado sob a força de sua dinâmica no seu passado, repetindo esquemas infantis, bloqueando assim seu crescimento para uma posição mais adulta e um relacionamento com a realidade de forma mais objetiva. É o caso dos sujeitos de

¹⁸⁵ AVC-I, p. 267.

nossa pesquisa, classificados como aqueles das respostas predominantemente acadêmicas e estereotipadas¹⁸⁶. Ainda mais os símbolos como elaboração que dizem respeito às relações entre sujeito e objeto. São núcleos que se formam, segundo Rulla, em torno de necessidades dissonantes, que se tornam inconsistências intrapsíquicas¹⁸⁷. Em nosso modo de entender, tais inconsistências são os “núcleos” onde se situam as interpretações distorcidas que se manifestam nas palavras-chave no seu aspecto subjetivo inconsciente do sujeito.

Uma segunda inferência na linha de nossa hipótese podemos tirar da discussão de Frielingsdorf que constatou em seus estudos a existência de “posições chave” em relação a Deus. São vários os exemplos citados em sua obra¹⁸⁸. Aquilo que lá ele aplica à questão de Deus pode-se dizer que vale também para outros “conceitos chave” que são usados no cotidiano da pessoa para indicar a compreensão de si mesmo e de sua visão da realidade com a qual se relaciona. Em outras palavras, manifestam não só a percepção que o sujeito tem de si e de suas experiências como também seu modo de relacionar-se com a vida e aquilo que lhe diz respeito.

Rizzuto, por sua vez, demonstrando a formação das representações de Deus (e dos objetos) ao longo da vida, num constante movimento de mutação, contribui para a compreensão do desenvolvimento e da escolha das palavras-chave bem como sua imersão no inconsciente e sua influência sobre o consciente. Em o *Nascimento do Deus vivo* ela deixa clara essa hipótese sobre o desenvolvimento dessa representação, afirmando que não se trata do Deus transcendente das religiões, mas de suas representações internalizadas. É com elas e através delas que o sujeito vivencia sua experiência de fé ou não fé.

¹⁸⁶ Veja-se Capítulo II - critérios de classificação das respostas.

¹⁸⁷ AVC-I, pp. 369s.

¹⁸⁸ FRIELINGSDORF op. cit., 1995.

Podemos nos apoiar nela para afirmar que nesse processo de formação das representações de Deus “nascem” também suas manifestações através das palavras-chave com as quais o sujeito exprime sua relação com ele.

A preocupação de Aletti em demonstrar o sentido da “ilusão”, valendo-se de conceitos winnicottianos, como o do objeto transicional, permite entender o sentido escondido, simbólico das palavras-chave. É na transição objetual mal feita ou incompleta que se fixam os núcleos internos e podem se manifestar nas palavras-chave.

A discussão sobre a criação de nossos mitos e suas funções em nossa vida apresentados por McAdams nos ajudam a entender o porquê da necessidade de “palavras-chave”. Elas são as “portas vozes” de nossos mitos. Seus canais de comunicação de suas representações.

Podemos dizer, em síntese, que os autores acima, embora seus estudos tratem de diferentes aspectos, têm como objeto comum a psique humana. Seus enfoques são diferentes, mas acabam por apontar caminhos convergentes no sentido de nossa hipótese. Em Frielingsdorf, está explícita a função das palavras-chave como expressão dos diferentes significados atribuídos à imagem de Deus, nos demais (Rulla, Rizzutto, Aletti, McAdams) as diferentes formas de relacionamento.

Conclusão

Parece ficar claro que as palavras-chave cada sujeito humano escolhe (elabora) para falar de suas experiências e (convicções) é uma espécie de “marca registrada” que revela sua “identidade” na relação com seu mundo interno e em suas manifestações e relações com o mundo externo. Podemos dizer que o sujeito “se traduz” para os outros em sua complexidade através de seus símbolos que o identificam. Suas palavras-chave

são seus “porta-vozes”, que indicam seu mundo conhecido e desconhecido, suas perspectivas e suas distorções frente à realidade. Suas palavras-chave são a manifestação original de seu presente, resultado de um processo que foi ocorrendo ao longo de sua vida. Nesse processo, não linear, houve fixações e retomadas carregando consigo suas experiências e suas lutas, mostrando assim sua capacidade de evoluir mesmo carregando fardos inapropriados para expressar toda sua riqueza pessoal e revelar um ser ainda inacabado.

Cabe-nos agora demonstrar por meio da pesquisa, as conclusões acima referidas. É o que vamos fazer nos próximos capítulos

SEGUNDA PARTE

PESQUISA

CAPÍTULO II

1. PLANO E MÉTODO DA PESQUISA

Introdução

Este capítulo tem por objetivo descrever, em detalhes, o plano e os procedimentos metodológicos para a efetivação da pesquisa e a respectiva análise dos dados. Quanto à pesquisa serão descritos: 1) Instrumentos utilizados na pesquisa: três questionários; 2) A escolha dos sujeitos; 3) Tabelas com os resultados; 4) Tabulação dos dados; 5) Análise dos dados da pesquisa; 6) Entrevista individual com cinco sujeitos; 7) Conclusões.

1.1. Instrumentos da pesquisa

Foram usados, para coleta de dados três questionários. a) Questionário sobre Deus; b) Questionário sobre família. Estes dois questionários foram originalmente elaborados por Ana Maria Rizzuto¹. O questionário sobre Deus compõe-se de 45 questões abertas e o questionário sobre família de 23 questões abertas. c) O terceiro questionário de nome “Escrever um Evangelho”² compõe-se de 11 proposições sobre o Evangelho, às quais o sujeito deve retomar de memória para recompor o texto como se

¹ RIZZUTO, A.M. *God questionnaire / Family questionnaire*. In *Measures of religiosity*. Edited by Peter C. Hill and Ralph W. Hood Jr. Birmingham, Alabama: Religious Education Press, 1999, pp. 393-397. Cfr. também RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, pp. 277-281.

² Inspirado em NAVONE J. *Write a Gospel*. In *Review for Religious* 38, 1997, pp. 668-673. (Apud BRENDA, Dolphin. *The values of the gospel – personal maturity and thematic perception*. (tese não publicada) Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana, ano acadêmico 1990-1991. O questionário sofreu acréscimos de proposições elaboradas pelo pesquisador.

ele próprio fosse o evangelista³. A versão aqui usada foi adaptada do original elaborado por Navone.

1.2. Modelos de questionários

1.2.1. Questionários da Rizzuto⁴

Os questionários sobre Deus e a Família foram desenvolvidos pela psicanalista Ana Maria Rizzuto como parte de um estudo clínico para verificar a formação da representação individual de Deus. Para ela, mais que uma imagem estática ou uma compreensão puramente cognitiva, a representação, em especial nesse caso, é resultado de um complexo processo mental que ocorre ao longo da vida e é influenciado pelo passado, presente em experiências anteriores de relacionamento com os outros. É também influenciado pelas interações atuais, memórias, desejos, necessidades, medos e defesas. As interações precoces com pessoas significativas, principalmente os pais, formam a base para aquilo em que cada um crê sobre Deus. Para Rizzuto

“O processo desenvolvimental de formar uma representação de Deus é excessivamente complexo e é influenciado por uma diversidade de fenômenos culturais, sociais, familiares e individuais, que vão desde os níveis biológicos mais profundos da experiência humana até a mais sutil das realizações espirituais⁵.”

O questionário da pesquisadora, sobre Deus, tem por objetivo captar, por meio das respostas dadas, essas representações, a imagem que a pessoa se faz de Deus. Sobre a validade desse instrumento, encontramos uma boa documentação na literatura especializada. (Beit-Hallahmi & Argyle, (1975); Godin & Hallez, (1965); Justice &

³ Cfr. Anexos questionários usados na pesquisa.

⁴ Cf. RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2006, pp. 277-281. Cfr. Também: *Measures of religiosity*. Edited by Peter C. Hill and Ralph W. Hood Jr. Birmingham, Alabama: Religious Education Press, 1999, pp. 393-397.

⁵ *Ibid.*, p. 237.

Lambert, (1986); Nelson, (1971); Strunk, (1959); Tamayo & Disjardins, (1976); Tamayo & Dugas, (1977); Vergote & Aubert, (1972); Vergote et al. (1969)).

Rizzuto afirma que a representação de Deus é formada no espaço psicológico que Winnicott⁶ cunhou com o nome de espaço transacional, situado entre a realidade e a fantasia, e significativamente desenvolvido quando a criança começa a desenvolver de um sentido da continuidade das pessoas e das relações. Esse espaço é também ocupado por objetos como o “ursinho”, a cobertinha etc. que mais tarde a criança deixa de lado. Diferentemente, porém, destes objetos, as representações de Deus nunca serão abandonadas completamente, persistirão ao longo da vida no mundo individual interno, como um elemento constitutivo importante do seu self.

a) Descrição dos questionários

Os questionários sobre Deus e a Família estão baseados na teoria psicanalítica do desenvolvimento, com ênfase nas relações objetais e na psicologia do self; usadas para revelar a natureza das imagens internalizadas (e no “crer em”) que o sujeito se faz de si, dos outros e de Deus.

Os questionários são apresentados em forma de sentenças ou questões a serem completadas. O respondedor completa a sentença de acordo com sua própria crença e representação de Deus ou experiência familiar.

b) Considerações práticas

A operacionalização dos questionários é fácil. O respondedor apenas completa as sentenças. Rizzuto interpretou os dados obtidos à luz da teoria do desenvolvimento e da psicodinâmica psicanalítica. Os detalhes destes critérios não foram explicitados

⁶ WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

inteiramente nos estudos originais de Rizzuto. Em nosso caso, utilizaremos outros critérios para a análise, conforme serão expostos mais adiante, afastando-nos parcialmente dos pressupostos propriamente psicanalíticos da pesquisadora Rizzuto.

c) Validade

A validade dos questionários de Rizzuto é bastante evidente. Os itens apontam claramente para a experiência pessoal de Deus e da família. Segundo ela, os dados obtidos pelos questionários foram corroborados pelas informações obtidas das famílias dos pacientes por ela atendidos, pelos relatórios médicos e psiquiátricos, pela leitura psicodinâmica e pelo tipo de desenvolvimento religioso do cliente, assim como esta aparece nas narrativas deles.

d) Composição dos questionários

O Questionário sobre Deus consta de duas partes. A primeira parte é uma folha em branco em que o sujeito desenha como ele imagina Deus e a segunda parte é composta por 45 questões incompletas que o sujeito deve responder. (anexo 1).

O segundo, Questionário sobre a Família, é também apresentado em duas partes. A primeira, uma folha em branco, onde se solicita que o sujeito desenhe sua família e a segunda parte são 23 questões relativas à vida familiar. (anexo 2).

1.2.2. Questionário “Escrever um Evangelho”

O questionário “Escrever um Evangelho” (anexo3), inspirado em NAVONE, foi adaptado aos objetivos desta pesquisa através de algumas questões que não constam no original. A orientação para responder ao questionário está no início do próprio questionário.

Navone solicitou originalmente aos seus alunos que escrevessem um “Evangelho” de memória, supondo que todas as cópias do Novo Testamento tivessem sido destruídas. O evangelho dos estudantes seria chamado de “Evangelho segundo.... (nome do estudante), mantendo-se, porém, alguma ligação com os evangelhos canônicos. Os estudantes eram solicitados reescrever ao texto com suas próprias palavras e deviam necessariamente incluir os seguintes aspectos da vida de Jesus: i) uma parábola; ii) um milagre; iii) um ensinamento de Jesus; iv) também quatro ou cinco episódios da paixão e morte de Jesus.

A hipótese de Navone era que o exercício de escrever um Evangelho iria levar o escritor a descobrir áreas de sua vida afetadas pelo significado e valores do amor de Deus em Jesus Cristo. Ele também apontava para outro aspecto: escrever o Evangelho revelava mais sobre a pessoa que escrevia do que ela própria estava consciente.

Também o questionário foi modificado pelo pesquisador que acrescentou novas questões com o objetivo de apreender com mais acuidade o significado das frases para o sujeito. A hipótese era: elas poderiam revelar algo no sentido das palavras-chave do sujeito.

1.2.3. Outros instrumentos: entrevista individual

Além dos três questionários, foram selecionados cinco alunos das três instituições pesquisadas, com os quais se procedeu uma entrevista. A escolha dos alunos entrevistados deu-se pelo número de escore alcançado quanto ao critério P (pessoal)⁷, do questionário sobre Deus. Em cada Instituição foi selecionado um aluno com escore

⁷ Veja-se adiante “critérios para análise dos questionários”.

alto, e outro com escore baixo.⁸ A entrevista foi dividida em duas partes. A primeira parte foram algumas perguntas relacionadas ao Evangelho que o respondedor havia dado ao responder o questionário, bem como questões relacionadas com o auto conceito respondido no questionário sobre família. Na segunda parte as questões foram baseadas em McAdams⁹. Veja roteiro abaixo:

a) Entrevista a partir de respostas dadas aos questionários

Na entrevista foi sobre algumas questões referentes ao o evangelho: 1) A frase preferida do evangelho; 2) a frase bíblica que traduz o modo como se vê; 3) a palavra ou frase que definiria sua experiência religiosa. Quanto ao questionário da família, a entrevista concentrou-se em torno da questão de sua auto descrição (questão 21).

As questões tinham o seguinte teor, com pequenas variações: Você disse ao responder o questionário que sua frase preferida do evangelho é: (... frase). Você poderia me dizer por que essa frase é sua preferida? Você lembra como a escolheu? O que ela diz sobre você? Ela reflete algum modo seu de ser? A frase da Bíblia que mais se aproxima da maneira como você se vê, você disse que é: (... frase). Quando você se descreveu como realmente se sente, você disse: (... frase) Você poderia falar algo mais sobre esses dois aspectos ditos por você a seu respeito? Você escolheu como palavra/frase chave que definiria sua experiência religiosa a seguinte (*palavra/frase*). Você pode explicitar o significado que tem para você essa palavra/frase?.

⁸ Escore P. entre 45-32 = P alto, escore entre 31-22= P médio; escore entre 21-00= P baixo. Este critério obedece às percentagens de 75%, 50%, 25%.

⁹ A entrevista foi elaborada a partir de idéias de MCADAMS, D.P. *The stories we live by*. New York and London: The Guilford Press, 1993, pp. 251-275.

b) Entrevista baseada em McAdams

i. Vida como um livro

Ao entrevistar o sujeito, foi-lhe apresentada a seguinte proposta: Vamos imaginar que a sua vida fosse um livro. Cada parte de sua vida compõe um capítulo do livro. Certamente é um livro que não foi ainda terminado até o momento; provavelmente ainda tenha poucos capítulos bem definidos. Por favor, divida sua vida em seus capítulos principais e descreva brevemente cada capítulo. Você pode ter muitos ou poucos capítulos como você quiser, mas sugiro que você divida os fatos vividos em ao menos dois ou três capítulos e no máximo em sete ou oito. Pense a partir de conteúdos gerais. Dê um nome para cada capítulo e descreva o conteúdo geral de cada um. Descreva brevemente o que leva a passar (mudança) de um capítulo para outro. Você não precisa contar “toda sua história” aqui. Dê apenas as linhas gerais – os conteúdos gerais de sua vida.

Títulos dos capítulos

1. ... (diga por que escolheu esse título)
2. ... idem
3. ... idem
4. (Outros)

Descreva brevemente o que leva a passar (mudança) de um capítulo para outro.

ii. Eventos chave

Agora vamos falar sobre oito eventos (acontecimentos) chave. Um evento chave pode ser um acontecimento específico, um momento crítico (de crise), um episódio

significativo em seu passado acontecido num dado momento (tempo) e lugar de sua vida. É útil pensar como esse evento particular se tornou um momento significativo em sua vida que permaneceu por alguma razão. Por exemplo, uma conversa particular que você teve com sua mãe quando você tinha 11-12 anos ou uma decisão particular que você tomou numa tarde de suas férias escolares poderia ter sido para você um evento chave. Há momentos particulares que ocorrem em um tempo e lugar específicos, com características, ações, pensamentos, e sentimentos próprios. Para cada evento descreva em detalhes o que aconteceu, onde você estava, quem estava envolvido, o que você fez e o que você estava pensando e sentindo neste evento. Tente também exprimir em que este evento chave influenciou sua história de vida e o que este evento diz sobre quem você é ou foi como pessoa. Este evento mudou você de alguma maneira? Se sim, de que maneira? Por favor, seja bem objetivo aqui.

Oito eventos chave

1. A experiência cume (mais importante), um ponto mais alto na história de vida, o momento mais maravilhoso (importante) de sua vida. Qual foi a experiência? O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião? Como esse evento marcou você? Que impacto lhe causou?
2. A experiência menos significativa. Um ponto baixo de sua história de vida; o pior momento de sua vida. Descreva a experiência. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
3. O ponto decisivo: um episódio em que você foi submetido a uma mudança significativa em seu entendimento de si próprio. Não necessariamente que você tenha compreendido o ponto decisivo quando de fato aconteceu. O que

é importante é que agora, olhando para trás, você vê o evento como um ponto decisivo, ou no mínimo como símbolo de uma mudança significativa na sua vida. Descreva o ponto decisivo. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?

4. As primeiras memórias: uma das memórias mais antigas que você tem de um evento que seja detalhado com lugar, cena, características, sentimentos e pensamentos. Isto não precisa ser uma memória especialmente importante. O importante é que seja antiga. Descreva uma memória. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
5. Uma memória importante de sua infância: qualquer memória de sua infância, positiva ou negativa, que permanece até hoje. Conte uma memória importante de sua infância. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
6. Uma memória importante de sua adolescência: qualquer memória de sua adolescência que não permanece hoje. Novamente, pode ser positiva ou negativa. Conte uma memória importante de sua adolescência. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
7. Uma memória importante de sua vida adulta. Uma memória positiva ou negativa, que aconteceu depois dos seus 21 anos de idade. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?

8. Outra memória importante. Uma outra memória de um evento particular de seu passado que não permanece mais hoje. Isso pode ser de tempos atrás ou recentes. Pode ser positiva ou negativa. Conte outra memória de um evento particular de seu passado que não permanece mais hoje. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?

iii. Pessoas significativas

Solicitou-se ao entrevistado que falasse sobre quatro pessoas significativas de sua história. Para isso apresentou-se a seguinte motivação. A história de cada um de nós está marcada por algumas pessoas significativas que causaram maior impacto em nós. Estas pessoas podem ser nossos pais, sobrinhos, avós, amigos, professores, colegas de trabalho, mentores, entre outros. Gostaria que você descrevesse quatro pessoas que você considera que foram as mais importantes em sua história de vida. Ao menos uma delas deve ser uma pessoa com quem você não se relaciona mais. Por favor, especifique o tipo de relações que você tinha ou tem com cada uma dessas pessoas, e especifique a maneira que ele ou ela impactou em sua história.

iv. Sobre o futuro

Foi solicitado ao entrevistado que falasse sobre seu futuro. Apresentou-se a seguinte motivação: você já falou um pouco do seu passado e do seu presente, agora você vai olhar para seu futuro. Como sua história vai continuar no futuro, qual é o script ou plano para aquilo que está para acontecer em sua vida? Descreva seu plano geral, conteúdo ou sonho de seu próprio futuro. A maioria dos indivíduos têm planos ou sonhos que dizem respeito aquilo que gostaria de realizar em sua vida ou àquilo que

gostaria de incluir no seu futuro. Estes sonhos ou planos proveem sua vida de objetivos, interesses, esperanças, aspirações e desejos. Embora nossos sonhos ou planos possam mudar com o passar do tempo, refletindo nosso crescimento e mudanças provocadas pelas nossas experiências. Descreva seus sonhos atuais, planos ou conteúdos para seu futuro.

v. Estresses e problemas

Foi proposto ao entrevistado o seguinte: Todas as histórias de vida incluem conflitos significativos, questões não resolvidas, problemas para resolver e períodos de grande estresse. Você é convidado agora a considerar alguma destas situações. Descreva ao menos duas áreas de sua vida em que no momento presente você está experimentando ao menos um dos seguintes: estresses significativos ou um conflito maior, ou um problema difícil ou um desafio que deve ser enfrentado. Para cada um dos dois, descreva a natureza do (estresse, problema ou conflito) em detalhes, descreva sua origem (como começou), uma breve história de seu desenvolvimento e seu plano, caso tenha algum, para administrar isso no futuro.

vi. Ideologia pessoal

Foi solicitado ao entrevistado falar sobre suas crenças. Agora vou propor a você algumas questões sobre suas crenças fundamentais e seus valores. Por favor, diga o que você pensa sobre cada uma das questões e responda cada uma com o máximo de detalhes que puder.

- (1) Descreva qual o núcleo de sua crença religiosa?
- (2) Descreva como sua crença religiosa mudou ao longo do tempo.
- (3) Você experimentou algum período de mudanças rápidas em sua orientação? Explique.

- (4) Qual é para você o valor mais importante da vida humana? Explique.
- (5) O que mais você pode dizer que possa me ajudar a entender suas crenças fundamentais e valores sobre a vida e sobre mundo?
- (6) Segundo você quem influenciou mais no surgimento e no desenvolvimento de suas crenças? Pode explicar com alguns detalhes?

vii. Lema de vida

Como ponto conclusivo da entrevista foi solicitado ao entrevistado sobre seu lema de vida. Olhando para trás sobre sua história de vida toda como um livro com capítulos, episódios e características, você pode discernir o tema central, mensagem ou idéia que percorre o texto? Qual é o tema (lema) maior de sua vida? Explique.

1.3. Aspectos éticos da pesquisa

Atendendo à Resolução 196, de 10.10.1996 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) que objetiva assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos das pesquisas e ao Estado, encaminhou-se o projeto do estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Religião (CRE) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP), para que fosse analisado e, posteriormente, aprovado e liberado para sua execução.

Procurou-se também, em consonância com a legislação vigente sobre pesquisa que envolve seres humanos, a elaboração de um termo de consentimento livre e esclarecido, (Anexo 7) em que os participantes foram esclarecidos sobre a proposta do estudo e de seus direitos, garantindo o anonimato e a livre participação. O documento mencionado foi entregue, juntamente com os instrumentos utilizados na pesquisa, e foi

salientado que a metodologia a ser adotada impossibilitaria, por si só, a identificação dos respondentes.

2. AMOSTRAGEM DA PESQUISA

2.1. A escolha das instituições e dos sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi feita em três instituições que mantêm cursos regulares de teologia na cidade de São Paulo. As três Instituições são filiadas à Igreja Católica Apostólica Romana. Nelas estudam além de seminaristas que visam ao sacerdócio, outros estudantes que não visam ao sacerdócio entre os quais há também mulheres. Essas três Instituições foram escolhidas por terem, entre seus estudantes, alunos provenientes de várias regiões do Brasil, que pertencem a Congregações Religiosas diferentes e, portanto, teoricamente representam um universo significativo de estudantes de teologia na cidade de São Paulo. A pesquisa concentrou-se somente, porém, em estudantes seminaristas, desconsiderando, por razões de método, os questionários respondidos por mulheres. As três Instituições serão denominadas Instituição A, Instituição B, e Instituição C.

Após contato com as direções das referidas instituições e com as devidas autorizações, procedeu-se à escolha dos participantes e à aplicação dos questionários. A coleta de dados deu-se entre os meses de agosto e dezembro de 2008.

Para se ter uma amostragem representativa foram usados os seguintes critérios para escolha dos participantes. Da Instituição A participaram alunos do primeiro ano e alunos do quarto ano **b**; Da Instituição B, participaram alunos do terceiro ano; e da Instituição C participaram alunos sem distinção de ano, aleatoriamente. Todos eles são estudantes do curso de teologia.

2.2. Motivação apresentada aos alunos e adesão voluntária

O pesquisador dirigiu-se aos alunos em sala de aula e apresentou os motivos da pesquisa que visavam ao estudo por ele desenvolvido na elaboração de tese de doutoramento. Após breve motivação, fez convite para participação voluntária dos alunos. Aos que aderiram ao convite foi entregue uma ficha para ser preenchida com dados pessoais, um código com o qual seriam identificados os questionários e um termo de consentimento livre e esclarecido¹⁰ a ser assinado pelo participante. Em seguida, cada um dos voluntários recebeu o conjunto dos três questionários em envelope fechado com a identificação do código. Deu-se um prazo de dez dias para que os mesmos fossem devolvidos já preenchidos, na secretaria da referida instituição. Passado esse prazo, o pesquisador recebeu os questionários respondidos. Vários questionários voltaram sem ser respondidos. Não houve explicação por parte dos alunos por que não responderam o questionário que haviam recebido. Na Instituição **B**, houve entre os alunos voluntários, mulheres que aderiram, contudo, como se disse antes, seus questionários não foram considerados na análise, pois por definição só foram analisados os questionários respondidos por seminaristas. Foram considerados para efeito de análise somente aqueles devolvidos devidamente respondidos, num total de 44.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

3.1. Critérios para análise e tabulação dos questionários

Usaram-se os seguintes critérios para a tabulação das respostas do questionário sobre Deus.

¹⁰ Cfr. Anexo 7: Termo de consentimento livre e esclarecido para a pesquisa.

3.1.1. Respostas Pessoais, Acadêmicas e Estereotipadas

As respostas do questionário sobre Deus foram classificadas em três categorias. Respostas de tipo Pessoais (existenciais), Acadêmica e Estereotipado. Foram consideradas:

1. **Pessoais/existenciais.** As respostas cujos enunciados revelam uma elaboração pessoal. Na tabulação foram denominadas de “P” (Pessoais). As respostas são dadas na 1ª. Pessoa (eu) e se referem às experiências pessoais. Prevalece no conjunto das respostas uma maneira pessoal original de relatar sua experiência e visão de Deus. As respostas são de cunho pessoal com uso de vocabulário próprio.
2. **Acadêmicas** (respostas com enunciados acadêmicos) na tabulação foram marcadas com “A” (Acadêmicas). As respostas assim qualificadas são aquelas cujo conteúdo e forma são de cunho doutrinal. Seu conteúdo reflete mais o conhecimento sobre o assunto do que a experiência do mesmo. Prevalece uma avaliação racional. São respostas semelhantes às dadas em provas escolares das disciplinas do curso de teologia, sendo explicadas com esquemas didáticos, próprios do ambiente de sala de aula.
3. **Estereotipadas/impessoais** São respostas com uso freqüente de jargões religiosos, frases feitas. Na tabulação foram denominadas de “E” (Estereotipadas). São frases impessoais nas quais prevalece o pronome da 3ª. Pessoa: a gente/você ou a 1ª. Pessoa do plural “nós”. O conteúdo da resposta não se refere a experiências pessoais. São frases “feitas” com pouca originalidade, jargões empregados na linguagem teológica acadêmica.

4. TABULAÇÃO DOS DADOS

Para a tabulação das respostas foi usado um gabarito apresentado no anexo 4.

A Tabulação dos dados seguiu a seguinte ordem:

- 1) Na Tabela 1, são apresentados os dados do questionário sobre Deus, seguindo as categorias da classificação de respostas: P (pessoal); A (acadêmicas); E (estereotipadas); NR (Não Respondidas). A somatória de $A + E + NR$. Esta somatória de $A+E+NR$ foi usada para estabelecer comparações com P, pois ela representa melhor o índice sobre a predominância dos sujeitos.
- 2) O escore obtido em P foi tomado para estabelecer relações com os escores de A e/ou E. Partiu-se do pressuposto que os sujeitos com alto P são os que denotam uma maior convicção, respectivamente, de amadurecimento, em termos de experiência religiosa pessoal, e, portanto, possuem um referencial motivacional intrínseco (sua própria experiência religiosa) que provavelmente determina, em boa parte, sua cosmovisão e postura diante da vida (mais realista e objetiva) e, portanto com maior grau de integração religiosa pessoal. Ao contrário, os sujeitos em que há a predominância A e/ou E encontram-se num patamar distinto, em que os valores religiosos, embora proclamados, não têm suficiente força como orientação básica segura para sua relação com a vida. Note-se, contudo, que há uma mescla de respostas dos três tipos ($P;A;E$) em cada sujeito, o que significa que os sujeitos estão ainda em “processo de elaboração” de suas convicções ou crenças pessoais. Como se observa na tabela 1 são poucos os casos de uma só categoria.
- 3) Na coluna “Ano acadêmico”, os números indicam a série cursada pelo pesquisado; a ausência de um número significa que não se sabe a série.

TABELA 1**TABULAÇÃO DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOBRE DEUS**

PROTOCOLOS	ANO Acadêmico	P	A	E	A+E	NR	Somatória A + E+NR
INSTITUIÇÃO A (N=20)							
201	3	40	03	02	05	--	05
203	3	12	20	12	32	01	32
207	3	12	23	10	33	--	33
210	3	17	26	02	28	--	28
211	3	24	16	05	21	--	21
212	3	45	--	--	00	--	00
213	3	19	15	08	23	03	26
215	3	26	14	04	18	01	19
216	3	37	--	08	08	--	08
218	3	21	09	15	24	--	24
219	3	04	29	11	40	01	41
223	3	40	01	04	05	--	05
224	3	16	23	06	29	--	29
225	3	22	--	23	23	--	23
226	3	21	15	09	24	--	38
227	3	23	18	04	22	--	22
230	3	35	01	07	08	02	10
231	3	11	25	05	30	04	34
232	3	31	03	11	14	--	14
233	3	37	04	03	07	01	08
INSTITUIÇÃO B (N=16)							
103	1	25	--	17	17	03	20
104	1	20	18	07	25	--	25
105	1	9	33	03	36	--	36
106	1	13	12	06	18	14	32
107	1	20	17	08	25	--	25
108	1	18	08	17	25	02	27
115	1	40	--	02	02	03	05
117	4	32	10	03	13	--	13
119	4	07	23	06	29	09	38
121	4	07	38	--	38	--	38
122	4	32	06	05	11	02	13
123	4	21	15	05	20	04	24
126	4	45	--	--	00	--	00
127	4	42	03	--	03	--	03
128	4	42	--	--	00	03	03
129	4	19	16	02	18	08	26
INSTITUIÇÃO C (N=8)							
001		20	11	11	22	03	25
002		27	15	01	16	02	18
004		26	12	07	19	--	19
006		19	06	07	13	13	26
008		21	14	10	24	--	24
011		18	15	05	20	07	27
014		11	23	10	33	01	34
016		32	--	11	11	02	13
Obs. Os números em negrito indicam número de respostas igual ou acima de 50%							
N.Respostas = ou acima de 50%		21	09	01	20		25
Percentagem		46,6%	20%	2,2%	44,4%		55,5%

4.1. Resultados

Em relação às respostas P, há 21 (46,6%) sujeitos entre os 44 pesquisados, cujas respostas P têm um escore igual ou acima de 22 (50%).

Em relação às respostas A têm-se 9 (20%) sujeitos com escore igual ou acima de 22 (50%).

Em relação às respostas E têm-se 1 (2,2%) sujeitos com escore igual ou acima de 22 (50%).

Tomando-se em consideração as respostas A+E, encontramos 20 (44,4%) sujeitos com escores igual ou acima de 22 (50%).

Tomando-se em consideração as respostas A+E+nR temos 25 (55,5%) sujeitos com escore igual ou acima de 22 (50%). Neste caso P (46,6%) é menor que a somatória de A+E+NR (55,5%).

4.2. Leitura preliminar dos resultados

Tomando-se como referência os escores de P igual ou superiores a 50%, isto é, 46,6% dos sujeitos, como indicativos das respostas mais pessoais em comparação com os outros três indicadores A+E+NR (55,5%), nota-se que a concentração em P é menor. Isto sugere que a maioria dos pesquisados tem uma experiência de Deus (representação!) provavelmente ainda impessoal, isto é, ela não faz parte de suas convicções profundas, talvez, há algum tipo de dissonância entre o Deus que o sujeito proclama e o Deus que realmente vive. Suas concepções racionais de Deus não coincidem com sua experiência emocional (existencial). Suas representações internalizadas de Deus estão em conflito com as representações externalizadas. Isto

parece indicar que há elementos inconscientes que distorcem a representação idealizada que aparece no discurso consciente. Esse resultado sugere que na análise das palavras-chave (frases bíblicas), deve-se ter bem presentes os dois significados: o que corresponde ao discurso lógico (consciente) e o ligado à representação inconsciente cujo significado pode ser bem diferente. Na análise dos casos do capítulo III, esta hipótese será vista com maior detalhe.

4.3. Tabelas comparativas

TABELA 2

NÚMERO TOTAL DE ALUNOS POR INSTITUIÇÃO DISTRIBUÍDOS POR SÉRIE.

INSTITUIÇÕES	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO A+B	TOTAL
<u>A</u>	33	54	32	40	159
<u>B</u>	40	35	33	18	129
<u>C</u>	18	6	4	2	30
TOTAL	91	95	69	50	318

Observação 1:

A tabela 3 mostra o que seria uma amostra ideal.

Para esta população de 318 sujeitos, uma amostra com margem de erro de 5% e uma diferença amostral de 0,05 deveria haver 131 sujeitos que seriam distribuídos proporcionalmente entre os estratos, conforme tabela 3:

TABELA 3

INSTITUIÇÕES	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO A+B	TOTAL
<u>A</u>	14	22	13	16	66
<u>B</u>	16	14	14	7	53
<u>C</u>	7	2	2	1	12
TOTAL	37	39	28	21	131

Observação 2:

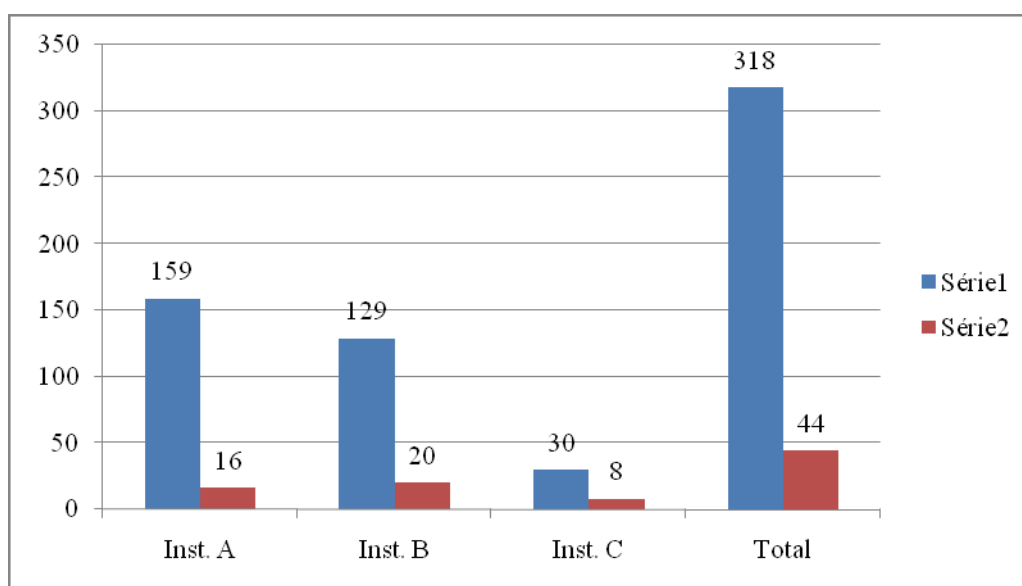
Não foi possível obter a amostra ideal, por razões dos limites do pesquisador (tempo e dinheiro), e por dificuldades particulares e motivacionais dos sujeitos da pesquisa, assim não temos uma seleção perfeitamente aleatória dos sujeitos.

Trabalhou-se com uma amostra de 44 sujeitos, como mostra a tabela 4.

TABELA 4

NÚMERO DE ALUNOS POR INSTITUIÇÃO X PARTICIPANTES DA PESQUISA		
INSTITUIÇÕES	TOTAL DE ALUNOS	PARTICIPARAM DA PESQUISA
<u>A</u>	159	16 = 10%
<u>B</u>	129	20 = 15,5%
<u>C</u>	30	08 = 26%
TOTAL	318	44 = 13,8%

GRÁFICO 1



Como se pode ver na tabela 4 (gráfico 1) o número de participantes (44) comparado ao número total de sujeitos (318) que estudam nas Instituições A-B-C, corresponde a de 13,8% do número total. Considerando-se que os participantes foram selecionados entre alunos na Instituição “A” somente do 1º. Ano e 4º. Ano b, da Instituição “B” somente do 3º. Ano e da Instituição “C” aleatoriamente, isto indica que se fossem incluídos todos os anos, isto é, de 1º. ao 4º., nas três instituições, a percentagem seria bem maior do que 13,8%. Mesmo assim a amostra obtida parece ser suficientemente representativa para estudo de caso permitindo uma análise qualitativa significativa.

TABELA 5

DISTRIBUIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA POR SÉRIE						
INSTITUIÇÃO	1 ANO	2 ANO	3 ANO	4 ANO <u>B</u>	TOTAL	PARTICIPANTES
<u>A</u>	07	-	-	09	16 (159)	16 = 36%
<u>B</u>	-	-	20	-	20 (129)	20 = 46%
<u>C</u>	-	08	-	-	08 (30)	08 = 18%
TOTAL	07	-	20	09	44	44 = 100%

Na tabela 5 temos os percentuais dos participantes por instituição em relação ao número total de estudantes em cada uma delas. Temos na Instituição A, 36%, na instituição B, 46% e da instituição C, 18%. Trata-se de uma amostra significativa para estudo de casos.

GRÁFICO 2

Distribuição da amostra estuda.

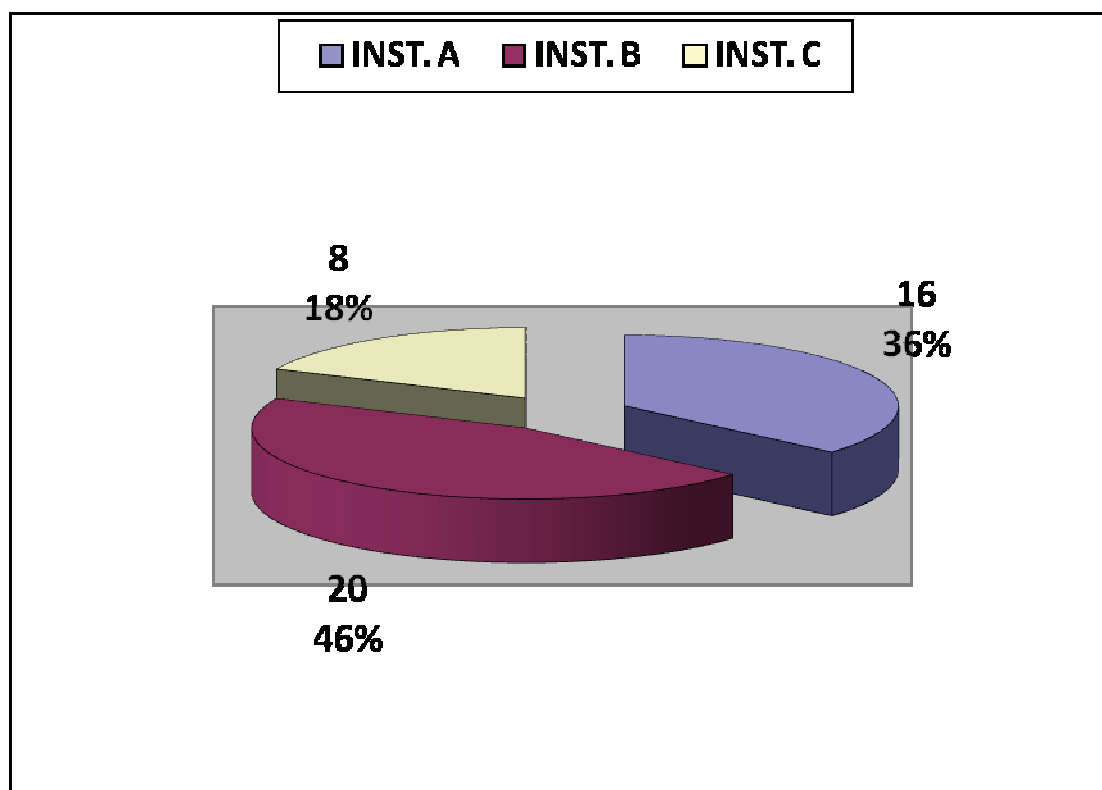


TABELA 6**TIPOS DE RESPOSTAS POR SÉRIE FREQUENTADA EM CINCO PERCENTUAIS.**

Respostas Pessoais					
	1º ano	3º ano	4º ano	Misto	Total
< 25 %	1	2	2	1	6
25 % a 49 %	4	8	2	4	18
50 % a 74 %	1	4	2	3	10
> 75 %	1	6	3		10
Total	7	20	9	8	44
Respostas Acadêmicas					
	1º ano	3º ano	4º ano	Misto	Total
< 25 %	3	8	5	3	19
25 % a 49 %	3	6	2	4	15
50 % a 74 %	1	6	1	1	9
> 75 %			1		1
Total	7	20	9	8	44
Respostas Estereotipadas					
	1º ano	3º ano	4º ano	Misto	Total
< 25 %	5	18	9	8	40
25 % a 49 %	2	2			4
50 % a 74 %					
> 75 %					
Total	7	20	9	8	44

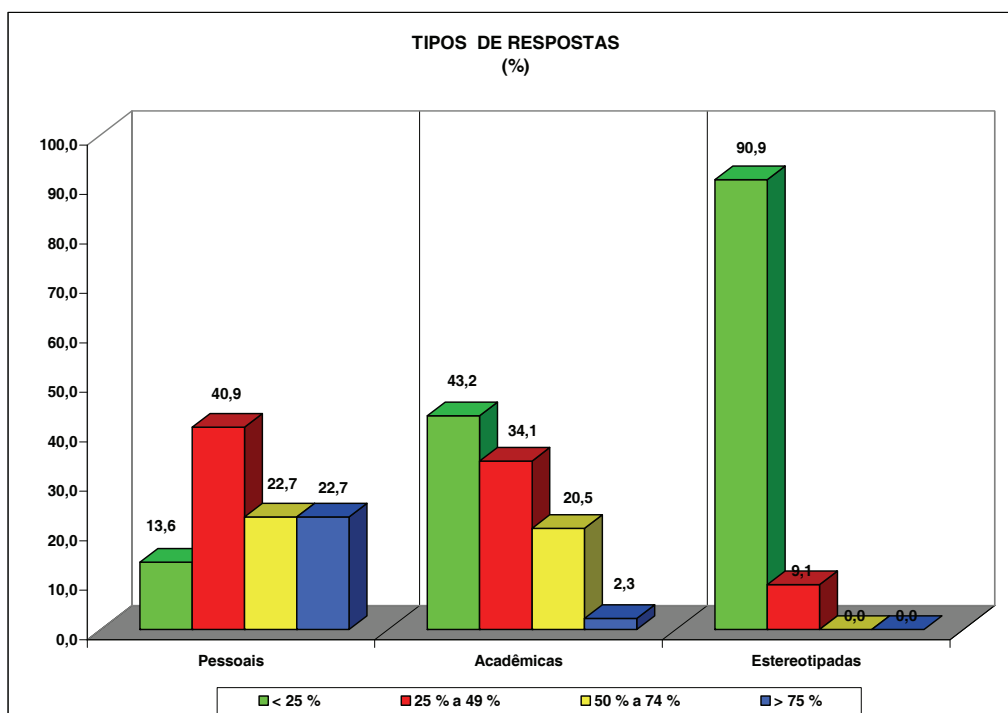
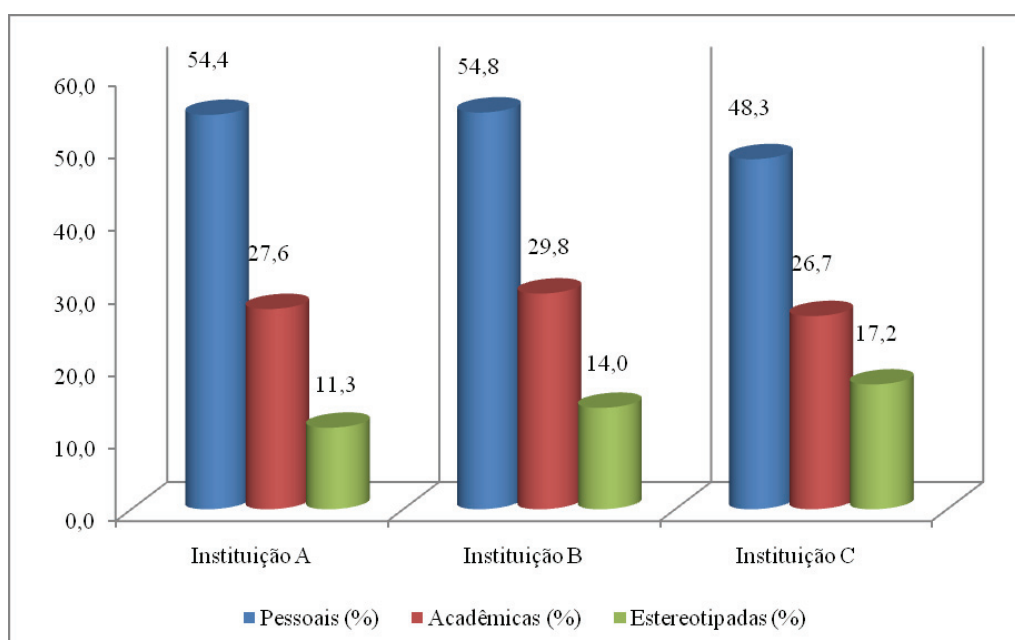
GRÁFICO 3**RELATIVO À TABELA 6.**

TABELA 7**MÉDIA E DESVIO PADRÃO POR INSTITUIÇÃO EM RELAÇÃO A P-A-E.**

	Instituição A			Instituição B			Instituição C			Total		
	Média	N	Desvio Padrão	Média	N	Desvio Padrão	Média	N	Desvio Padrão	Média	N	Desvio Padrão
Pessoais (%)	54,4	16	28,7	54,8	20	25,4	48,3	8	14,3	53,5	44	24,7
Acadêmicas (%)	27,6	16	25,9	29,8	20	22,1	26,7	8	15,1	28,4	44	22,1
Estereotipadas (%)	11,3	16	11,9	14,0	20	9,2	17,2	8	7,8	13,6	44	10,1

GRÁFICO 4**RELATIVO À TABELA 7.**

Observando-se a **tabela 7** e **gráfico 4**, percebe-se que a variação entre as instituições é pequena em relação às respostas Pessoais e Acadêmicas. Apenas a Instituição C tem uma média um pouco menor e conseqüentemente uma média de respostas Estereotipadas um pouco maior. Isto parece indicar que as instituições como tais não influenciam sobre o tipo de respostas. O que parece influenciar é o tipo de curso feito (teologia), uma vez que este, por sua natureza, trata de temas relacionados à religiosidade. Esse fator poderia explicar também a maior incidência de respostas Acadêmicas.

TABELA 8

TABELA DOS PARTICIPANTES E NÃO PARTICIPANTES POR INSTITUIÇÃO E série DE ESTUDO

INSTITUIÇÃO	ANO DE ESTUDO	NÚMERO DE ALUNOS POR ANO	RESPONDERAM QUESTIONÁRIOS	NÃO RESPONDERAM
<u>A</u>	1°. ANO	32	07 = 21%	25 = 79%
	4°. ANO b	18	09 = 50%	09 = 50%
<u>B</u>	3°. ANO	33	20 = 60%	13 = 39%
<u>C</u>	ALEATORIO	30	08 = 26%	22 = 74%
TOTAL		113=100%	44=38,9%	69=61,1%

A **tabela 8** mostra que entre os 113 = 100% com possibilidade de participar efetivamente da pesquisa entre os anos pesquisados, somente 44 = 38,9 % aderiram a ela. Esse índice aponta para uma representatividade bastante satisfatória para os objetivos da pesquisa.

TABELA 9

RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO SOBRE DEUS EM RELAÇÃO COM AS RESPOSTAS P (PESSOAL) POR INSTITUIÇÃO

INSTITUIÇÕES	ALTO <u>P</u> = ou >75%	MEDIO <u>P</u> = ou >50%	BAIXO <u>P</u> = ou >25%
<u>A</u>	07	----	09
<u>B</u>	06	05	09
<u>C</u>	02	01	05
TOTAL	15 = 34%	06 = 13,6 %	23 = 52%

A **tabela 9** mostra uma semelhança entre o número de incidências das respostas P nas três instituições, sobretudo entre a Instituição **A** e **B**. A instituição **C** tem menor incidência provavelmente devido ao menor número de participantes. É o que aparece também na **tabela 10** em que a distribuição é feita em quatro grupos percentuais.

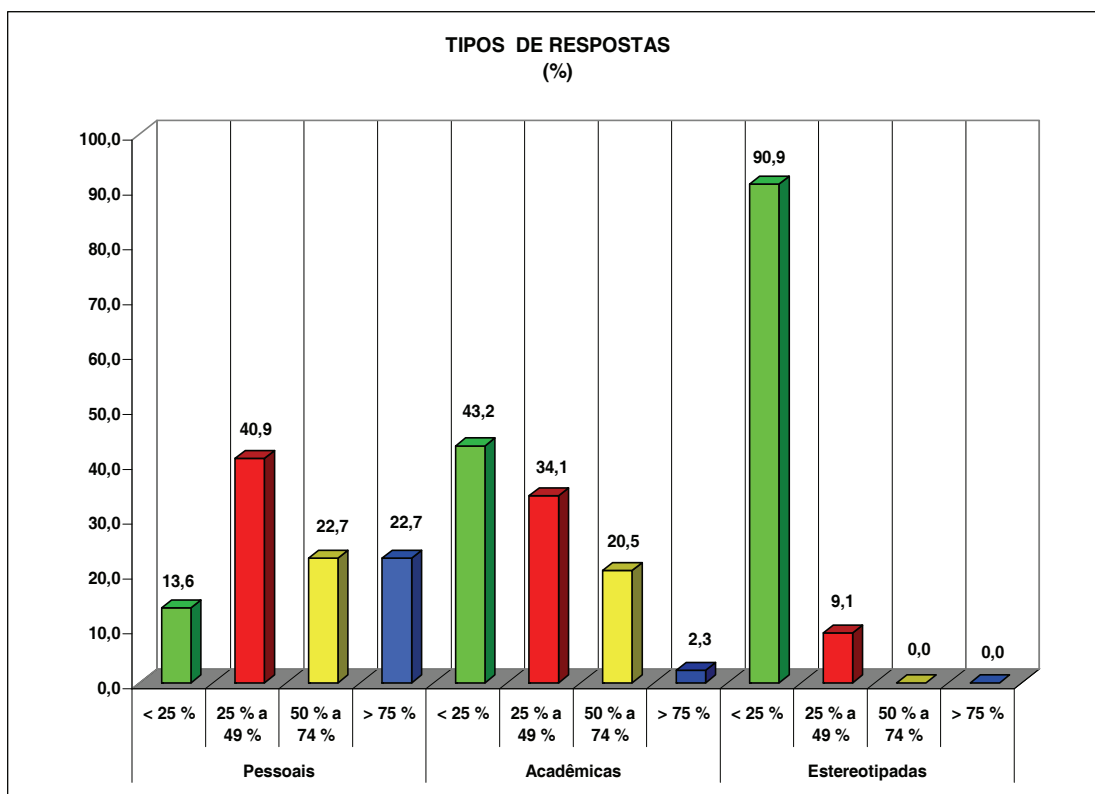
TABELA 10

PERCENTUAIS DAS RESPOSTAS P, A e E DISTRIBUÍDAS EM 4 GRUPOS PERCENTUAIS

	Pessoais	Acadêmicas	Estereotipadas
< 25 %	13,6	43,2	90,9
25 % a 49 %	40,9	34,1	9,1
50 % a 74 %	22,7	20,5	0,0
> 75 %	22,7	2,3	0,0
Total	100,0	100,0	100,0

GRÁFICO 6

DISTRIBUIÇÃO POR RESPOSTAS P, A e E



4.4. Observações analíticas

4.4.1. Comparação dos dados entre as três Instituições

Os dados obtidos parecem indicar que não há diferenças significativas entre as três instituições quanto aos percentuais de respostas **P**, **A** e **E**., portanto, trata-se de uma amostragem bastante similar. A formação acadêmica e os anos de estudo não interferem igualmente nas respostas como se pode notar na tabela 6. Pode-se supor, portanto, que não é uma maior ou menor formação acadêmica que define por si um grau maior de integração psico-religiosa. (O discurso não corresponde necessariamente à força motivadora da experiência existencial).

4.4.2. Leitura dos dados desde alguns autores

a) Leitura comparativa desde a teoria de Rulla

i) Dos 44 sujeitos pesquisados, 21 apresentam respostas **P** com escore (resposta) igual ou acima de 22, isto é, com 50% (ou mais) das respostas de tipo **P**, o que parece sugerir que sua relação com Deus se dá de modo predominantemente em termos personalizados. Seu modo de viver indica uma íntima relação com suas crenças e concepções de Deus o que provavelmente deve marcar toda sua visão atual de vida. Esta percepção de Deus envolve também o emocional, embora não reflita ou indique necessariamente grau de maturidade psicológica, como veremos no capítulo III, com base nas entrevistas e análise das frases bíblicas e palavras-chave, escolhidas pelos sujeitos.

ii) Em relação aos sujeitos (9 sujeitos) cujas repostas **A** são iguais ou acima de 22 respostas, (20,4%), sua relação com Deus parece dar-se predominantemente em um nível racional (formal). Suas crenças parecem não penetrar muito seu nível emocional

(afetivo). São respostas aprendidas e aceitas intelectualmente, mas não refletem (ainda) uma experiência pessoal vivenciada. Isto corresponde a uma hipótese de Rulla para quem os “valores religiosos” (que sustentam a crença religiosa) podem ser proclamados por um indivíduo, sem que isto signifique que eles estejam internalizados em nível de motivação¹¹. Basta lembrar que, em uma pesquisa de Rulla, 60-80% dos sujeitos já no ingresso na instituição seminarística apresentavam inconsistências inconscientes e consistências defensivas¹² que não mudaram apesar dos anos de formação¹³. Em outras palavras, o sujeito pode ser obstaculizado em sua liberdade pelas suas inconsistências inconscientes (cfr. Cap. I item 1.3). Daí pode-se fazer a hipótese de que os sujeitos com alto índice de respostas A e E encontram-se nessa situação, razão pela qual suas respostas sobre Deus refletem um pequeno grau de internalização e, como consequência, são pouco genuínas.

iii) Em relação aos sujeitos cujas respostas são E apenas 1 (2,2%) está com escore acima de 22; sugere que sua experiência com Deus é pouco real, conservando-se em nível quase impessoal. Nelas não aparecem nem emoções nem pensamentos próprios.

Tenha-se presente que as afirmações acima não são afirmações absolutas; elas indicam apenas tendências predominantes. É necessário ter presente que as respostas aos questionários não são de um único tipo. Tomando-se o conjunto das respostas das 45 questões, encontramos sempre uma mescla entre os três tipos, como se pode notar muito bem pela sua frequência em cada um dos protocolos da Tabela.1. Em apenas 2 sujeitos, houve unanimidade de respostas P (P=45), o que representa apenas 4,5% do total de 44 pesquisados. Esta mescla nas respostas indica também que o processo de

¹¹ AVC-II, pp. 266-268.

¹² *Ibid.*, p. 267.

¹³ *Ibid.*, p. 139 mais extensamente demonstrado nas pp. 129-140.

assimilação e internalização da crença (fé), dependem de vários fatores, alguns dos quais serão comentados mais adiante. Essa constatação explica-se pela complexidade da pessoa humana. Quando falamos do ser humano estamos falando da vida com sua dinâmica cheia de surpresas que escapam a qualquer análise que queira limitá-la ao âmbito de uma dada teoria por mais fundamentada que seja.

iv) Um dado que sobressai com mais nitidez nos resultados acima apresentados é que há uma discrepância entre o Deus proclamado e o Deus experimentado. Os resultados indicam que as respostas de 52,2% dos pesquisados encontram-se entre as classificadas como acadêmicas e estereotipadas; Em 47,7% encontram-se num patamar mais sólido em suas elaborações da experiência religiosa¹⁴. Comparando-se esses resultados com os da pesquisa de Rulla pode-se dizer que os primeiros correspondem aos 60-80% da pesquisa de Rulla¹⁵ que foram classificados por ele como imaturos em relação a segunda dimensão, isto é com dificuldades de internalização dos valores vocacionais. Enquanto que os segundos apresentam menor dificuldade quanto a este aspecto. Os classificados em nossa pesquisa como **A** + **E** + **NR** = 55,5% correspondem aos que têm maior dificuldade de internalizar os valores vocacionais, fato demonstrado pela predominância de respostas de tipo acadêmico ou estereotipado ou não respondidas, em seus posicionamentos sobre Deus.

b) Leitura comparativa com os resultados da pesquisa de Cait, Tory Higgins e G.A. Allport

Ao se analisar os tipos de respostas ao questionário sobre Deus em relação à auto descrição que o sujeito faz de si na questão 21 do questionário sobre família, observa-se que a classificação não tem aparentemente muita relevância para a auto

¹⁴ Cfr. Capítulo I, 2.4 – dados da pesquisa.

¹⁵ AVC-II, pp. 118-119.

descrição atingida em P. As auto definições parecem não estar relacionadas com respostas P altas ou baixas. A auto descrição (auto conceito) parece se adaptar melhor às expectativas que o sujeito coloca sobre seu futuro. As auto definições que serão mais profundamente analisadas no capítulo III, estão mais relacionadas com uma imagem de si idealizada (irreal) do que com a experiência real de vida. Referem-se mais à própria “imago”¹⁶. A esse respeito parece significativo uma conclusão da Pesquisa de Cait¹⁷:

Temos visto que as pessoas que são existencialmente maduras escrevem histórias mais completas quando imaginam seu futuro, enquanto que os imaturos escrevem histórias menos completas. (...) Uma narrativa completa é aquela que está presente na vida de uma pessoa com uma unidade de um eu, no contexto dos desafios da vida diária, em que desenvolve e alimenta um sentido de identidade pessoal, bem como se esforça para viver uma vida virtuosa em buscar um fim (telos) ou em outras palavras, alguma versão do bem humano integral.

Um dos principais instrumentos da pesquisa de Cait foi construir uma narrativa sobre o futuro¹⁸, em que os sujeitos eram convidados a reescrever sua história como gostariam que ela tivesse sido¹⁹. Na análise conduzida por ela, elencaram-se várias conclusões. Aqui vou me referir a uma que parece mais interessante para iluminar os resultados de nossa pesquisa. Cait constatou que, entre os sujeitos de sua pesquisa classificados como imaturos²⁰, as histórias eram construídas com expressões do tipo “como se” (“as if...”), “algum dia”, “era uma vez” (“someday”) o que, segundo Cait

¹⁶ MCADAMS, op. cit., p. 127: “imago pode personificar aspectos de quem você crê ser agora, quem você foi, quem você poderá ser no futuro, quem você desejou ter sido, ou quem você tem medo de tornar-se. Um ou todos esses aspectos do self – self percebido, o self passado, o self futuro, o self desejado, o self indesejado – podem ser incorporados dentro dos principais caracteres dos mitos pessoais” p. 127. (tradução nossa).

¹⁷ CAIT, op. cit., p. 191 (tradução nossa).

¹⁸ Cfr. Capítulo I, 1.6.

¹⁹ *Ibid.*, op. cit., p. 2.

²⁰ *Ibid.*, p. 212ss.

refletia um alto grau de passividade²¹. Esta constatação poderia ser aplicada aos sujeitos de nossa pesquisa cujas respostas foram de predominância E, e, provavelmente também quando a somatória das respostas A+E supera P. Na pesquisa de Cait, a alta passividade refere-se, entre outros, aos aspectos da maturidade da segunda dimensão, enquanto, em nosso caso, refere-se, sobretudo à percepção de Deus. Esta observação é feita mais por inferência do que por constatação direta, uma vez que os instrumentos de aferição foram diferentes. Contudo pode-se fazer a hipótese de que uma análise mais profunda, usando instrumentos adequados, poderia nos levar à conclusões semelhantes às de Cait: os lá classificados como imaturos são semelhantes aos que deram respostas predominantemente E e/ou A, em nossa pesquisa.

Alargando um pouco mais a discussão desse ponto convém considerar também as observações de E. Tory Higgins²², que faz a seguinte distinção entre diferentes aspectos do eu (self):

O “Eu Atual”, o “Eu Ideal” e o “Eu Deveria” (ought self). O eu atual consiste em representações de atributos que alguém (você ou outro) crê possuir atualmente. O eu ideal consiste em representações dos atributos que alguém (você ou outro) gostaria, idealmente de possuir – isto é, uma representação de esperanças, aspirações ou desejos. O “eu deveria” consiste em representações de atributos que alguém (você ou outro) crê que gostaria ou deveria possuir – isto é, uma representação dos deveres, obrigações ou responsabilidades. De acordo com a Teoria da Discrepância do Self de Higgins²³, os problemas na vida ocorrem quando vários eus (selves) em diferentes demandas são inconsistentes um com o outro. Discrepâncias entre o eu atual e o eu ideal muitas vezes levam para experiências de tristeza ou “emoções relacionadas à depressão”. Discrepância entre o eu atual e o eu deveria, muitas vezes, leva para experiência de medo ou culpa ou outras “emoções relacionadas com agitação”.

²¹ *Ibid.*, p. 213 “passividade interpretada como qualquer tentativa feita pela pessoa para evadir-se das tensões dialéticas normais da vida. Esta passividade era expressa de maneira óbvia ou aberta, ou podia ser disfarçada ou encoberta” (tradução nossa).

²² Apud MCADAMS, op. cit., p. 316 (tradução nossa).

²³ HIGGINS, E.T. *Self discrepancy: a theory relating self and affect*. Psychological Review, 94, 1987, pp. 319-340 (apud MCADAMS, op. cit., p. 316).

Em nosso caso, os sujeitos com Alto P tendem a ter um eu atual mais integrado com o eu ideal, isto é, suas experiências de Deus são mais realistas, ou, ao menos, melhor experimentadas em nível existencial ao passo que os altos A e E se aproximam mais do “eu deveria”, são, portanto, menos realistas. Falta-lhes a “filosofia unificadora de vida” de que fala Allport²⁴ quando afirma que:

Quando falamos da “filosofia unificadora da vida” de uma pessoa, tendemos a pensar, inicialmente, em sua religião. (...) mas é necessário fazer uma distinção imediata. Os sentimentos religiosos de muitas pessoas – talvez de quase todas as pessoas – são nitidamente imaturos. Muitas vezes, são remanescentes da infância. São construções ego-centralizadas, nas quais se adota uma divindade que auxilia os interesses imediatos do indivíduo, como um Papai Noel ou um pai excessivamente benevolente. Ou o sentimento pode ser particularista: “minha igreja é melhor que a sua” (...) nesses casos, a religião serve apenas à auto-estima. É utilitária e incidental na vida. É um mecanismo de defesa²⁵ e não abrange nem orienta a vida como um todo. É um valor “extrínseco”, na medida em que a pessoa acha que é útil para seus objetivos imediatos (...). Em resumo, certamente não podemos dizer que o sentimento religioso seja sempre uma filosofia unificadora da vida. Ao mesmo tempo, o sentimento religioso pode ser de tal ordem que apresente uma solução compreensiva, através de uma teoria inteligível, para os problemas da vida. Pode fazê-lo se a busca religiosa é vista como um fim em si mesmo, como um valor subjacente a todas as coisas, e por si mesmo desejável. Servindo a esse objetivo (não como “uso”), a religião se torna um valor “intrínseco” para o indivíduo e como tal é compreensiva, integradora e motivacional.

Analisando os dados da nossa pesquisa na perspectiva de Allport, pode-se dizer que os sujeitos que obtiveram uma predominância de P em suas respostas, têm a religião (Deus) como um valor “intrínseco” ao passo que aqueles com predominância A e E “usam” a religião (Deus) como algo “extrínseco”, ou seja, ainda não se apropriaram de uma experiência existencial unificadora em torno de sua crença. Prevalecem motivações

²⁴ ALLPORT, G.W. *Personalidade*. São Paulo: Herder, 1966, p. 374-375.

²⁵ Defesa: Processo psicodinâmico - mais subconsciente - voltado a proteger a pessoa de um perigo que surge pela presença de impulsos e afetos. A maturidade ou imaturidade das defesas, que podem ser normais ou patológicas, depende do grau de realismo, de compulsividade ou de liberdade, de rigidez ou de adaptação considerados no todo da dinâmica da pessoa e dos seus fins. IMODA, op. cit., p. 610.

de tipo infantis ou utilitárias. Vimos pelos resultados de nossa pesquisa que os escores A + E + NR prevalecem sobre os escores P, o que na visão de Allport corresponde a pessoas imaturas.

c) Leitura comparativa com os dados de J.W. Fowler

Fowler²⁶, em sua teoria sobre o desenvolvimento da fé, distingue seis estágios de desenvolvimento que ocorrem a partir da infância até a vida adulta. Em suas pesquisas constatou que poucos são os indivíduos que atingem o quinto e sexto estágios. Um grande número chega ao quarto estágio denominado por ele como “fé individuativa-reflexiva”²⁷ que se caracteriza por

um duplo desenvolvimento. O eu, anteriormente sustentado em sua identidade e composições de fé por um círculo interpessoal de outros significativos, agora exige uma identidade não mais definida pelo composto dos papéis ou significados da pessoa para outras. Para sustentar essa nova identidade, ele compõe um quadro de sentido consciente de suas próprias fronteiras e conexões interiores, e consciente de si mesmo como “cosmovisão”. O eu (identidade) e a perspectiva (cosmovisão) são diferenciados do eu da perspectiva de outras pessoas e tornam-se fatores reconhecidos nas reações, interpretações e julgamentos que a pessoa faz a respeito das ações dela mesma e de outras pessoas. Ele expressa suas intuições da coerência última em um ambiente último em termos de um sistema explícito de significados.²⁸

Os dados de nossa pesquisa parecem indicar que os sujeitos com alto escore A, cuja predominância das respostas são *acadêmicas*, parecem se situar dentro do quadro deste 4º. estágio. A assim denominada Fé individuativa - reflexiva indica um sujeito que tem maior consciência de sua própria identidade e defende para si um conjunto de princípios como suas referências “ideológicas” o que não se verifica nas respostas E dos sujeitos de nossa pesquisa.

²⁶ FOWLER, J. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1994, pp. 130-147.

²⁷ *Ibid.*, p. 148-155.

²⁸ *Ibid.*, p. 154.

Quando predominam as respostas **E**, os sujeitos parecem situar-se nos estágios inferiores de Fowler. Eles se enquadram melhor no estágio 3 – denominado por Fowler de fé sintético – convencional. A característica desta pode-se resumir, segundo palavras de Fowler, na frase seguinte: o sujeito “*vê-se nos outros como num espelho*”. Vai, assim, construindo uma visão de mundo em torno de idéias copiadas sem ter convicções profundas sobre as mesmas. Forma seus próprios mitos e os projeta para o futuro. Diz Fowler:

Por um lado, esta projeção representa a fé no eu que a pessoa está se tornando e confiança de que esse eu será recebido e ratificado pelo futuro. Por outro lado, traz o medo de que o eu possa errar de foco, possa não encontrar lugar junto a outras pessoas e possa ser ignorado, não descoberto ou relegado à insignificância pelo futuro²⁹.

Os sujeitos com predominância de respostas pessoais (**P**) parecem corresponder ao estágio 5º. da Fé conjuntiva. O sujeito nesse estágio começa a ver a vida com mais flexibilidade. Admite suas contradições e ambigüidades. Reconsidera seu passado e o integra-se numa visão mais objetiva. Está propenso ao diálogo e é capaz de defender suas posições, aceitando, porém, que o outro tenha as dele. Aceita que há aspectos nele mesmo que desconhece. Em nível de crença tem a sua, mas é aberto às outras tradições religiosas. Nesse estágio o sujeito “luta para unificar os opostos na mente e na experiência”³⁰. Descobre significados mais profundos em suas experiências já vividas. Relativiza a sua capacidade de compreensão da verdade, aceita que não é capaz de abrangê-la por completo. Em meio aos paradoxos que se apresentam procura extrair ou captar a verdade neles contidos.

²⁹ *Ibid.*, p. 131.

³⁰ *Ibid.*, p. 166.

4.5. Conclusões iniciais a partir dos dados do questionário sobre Deus

A análise até aqui feita permite-nos traçar e comparar os perfis caracterizados por P, A e E, e sugerem assim, algumas conclusões iniciais.

- 1) As respostas analisadas a partir dos critérios **P-A-E** parecem indicar que os estudantes de teologia das Instituições pesquisadas diferem na maneira como concebem sua religiosidade em relação à sua vida, embora todos almejem o mesmo objetivo, o sacerdócio e/ou vida religiosa. Há diferenças nítidas entre eles, mas essas não são determinadas pelo grau de anos de estudos. Estão mais relacionadas a tipo de experiência existencial feita por eles ao longo dos anos.
- 2) Não há diferença significativa entre as três instituições. Os sujeitos têm perfil semelhante independentemente da instituição onde estudam e essa parece não influir significativamente sobre suas concepções de Deus. Encontramos nas três instituições quase as mesmas percentagens de incidência em P, A e E.
- 3) Da mesma forma, os anos de estudos de teologia não determinam um maior ou menor escore em P. Encontrou-se alto P em alunos do primeiro ano e baixo P em alunos do quarto ano, e vice-versa. Esse dado é corroborado por Cait³¹ “mais anos de estudos não significam experiência mais pessoal de Deus”.
- 4) Os dados parecem demonstrar que um fator determinante para os escores em cada uma das três categorias está relacionado mais com o grau de consciência que o indivíduo possui de si mesmo, o que tem a ver com sua história pessoal. Parece haver, nos casos de predominância A e E uma

³¹ CAIT, op. cit., p. 181.

consciência limitada de si – obstaculizada provavelmente por aspectos inconscientes, a serem melhor explicitados no estudo de casos no capítulo III. Este aspecto parece estar de acordo com as pesquisas de Rulla³² e equipe, bem como as de Dolphin³³ e Cait³⁴. Nelas são demonstradas que há uma correlação entre o grau de auto consciência e o grau de maturidade influenciados ambos por processos inconscientes do sujeito. Isto parece corresponder ao que McAdams³⁵ chama de mitos criados para nossas vidas. “Nós criamos mitos para que assim, nossas vidas e a vida dos outros tenham sentido. Através dos mitos nós determinamos quem nós somos, quem fomos e quem seremos no futuro”.³⁶

- 5) As palavras/frases-chave relatadas no questionário sobre Evangelho seguem o perfil da classificação do questionário sobre Deus, mas não correspondem necessariamente aos aspectos mais profundos da vida do sujeito que, no entanto aparecem na entrevista em outras palavras ou frases- chave. Veja-se mais adiante a análise dos casos selecionados.
- 6) Parece haver uma correlação entre algumas questões do questionário sobre Deus e as dos outros dois questionários usados na pesquisa. Isso ficará demonstrado mais adiante, na análise mais detalhada de 5 sujeitos que, além de responderem aos três questionários, foram também entrevistados pelo pesquisador.

³² AVC-II, p. 100.

³³ DOLPHIN, Brenda M. *The values of the Gospel*. Tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, 1991 – área da psicologia (Não publicada).

³⁴ CAIT, op. cit., p. 188.

³⁵ MCADAMS, op. cit., p. 92.

³⁶ Tradução nossa.

Nossas análises até aqui feitas, serão mais bem ilustradas e complementadas com o estudo de 5 casos selecionados entre os 44 da pesquisa e um caso clínico que serão apresentados no capítulo III a seguir.

TERCEIRA PARTE

ESTUDO DE CASOS

CAPITULO III

Introdução

Neste terceiro capítulo, analisaremos, com maior atenção, cinco casos específicos. Os cinco casos foram selecionados entre os respondentes a partir de dois critérios: todos eles responderam de maneira completa aos três questionários usados na pesquisa e, além disto, foram entrevistados diretamente pelo pesquisador¹.

A apresentação dos dados e observações relativas aos cinco casos obedece ao seguinte esquema sequencial que permite uma melhor caracterização e sistematização dos comentários e comparações.

Após (1) breve resumo dos dados biográficos de cada aluno passa-se a apresentar, na sequência; (2) os resultados obtidos no questionário sobre Deus (3) os relativos ao questionário “Escrever um Evangelho” e (4) os do questionário sobre a Família. Em seguida (5) faz-se uma apresentação e leitura analítica dos desenhos sobre Deus e sobre a Família para, finalmente, (6) se tentar uma análise complexiva do conjunto do material levantado.²

Para oferecer um quadro mais matizado e completo do processo de amadurecimento – consciente inconsciente – do seminarista em sua evolução psico espiritual, foram aplicados os mesmos questionários a um sujeito que era atendido em

¹ Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete e posteriormente transcritas. Quando se fazem citações de depoimentos mantêm-se sempre as formulações do entrevistado.

² Na leitura dos casos serão usadas as seguintes legendas: QD = “questionário sobre Deus”; DF = “Questionário sobre família”; QE “questionário sobre escrever o evangelho”; EP = indica que a observação foi obtida na entrevista pessoal. Quando estas siglas são acompanhadas de um número, quer-se indicar com o número a questão que está sendo considerada. Por exemplo, QD12 corresponde à questão 12 do questionário sobre Deus.

psicoterapia. Partia-se do pressuposto de que um caso assim poderia mostrar melhor alguns aspectos das representações simbólicas que se revelam por meio das palavras-chave, aspectos esses que nos demais sujeitos da pesquisa ficam subtendidos.

Na seleção dos cinco casos em estudo³ mais detalhado levou-se em conta um outro critério diferencial que pode ser de ajuda para se perceber que a amostragem não é homogênea e que é necessário distinguir ao menos: (1) os sujeitos com alto P, dos que têm médio P ou P baixo e, ademais (2) há diferenças também entre as instituições quanto ao número de estudantes que participaram da pesquisa. Assim, na instituição A não houve incidência de P médio, razão pela qual ela não aparece nesta amostragem menor.

³ É quase desnecessário salientar que, para garantir a privacidade dos sujeitos, os nomes que aparecem no texto são fictícios.

1. O CASO SIRO

1.1. Dados biográficos

Siro faz parte de uma família do interior de S. Paulo. Atualmente está em formação numa congregação religiosa. Acha-se no terceiro ano de teologia. Sua família constitui-se de 4 pessoas, os pais ele e uma irmã. Até os 15 anos era filho único. Nasceu então, sua irmã, e quando esta tinha 3 anos de idade, ele foi para o seminário. A família sempre foi muito ligada à religião. Seus pais participavam ativamente da vida de comunidade. São pessoas significativas em sua vida, a avó materna (QF 9), na casa de quem passava grande parte do tempo. (EP) Sua avó causava-lhe admiração por sua simplicidade e testemunho de vida. Sua mãe foi-lhe muito presente, nunca o espancou. Seu pai era exemplo de trabalho, atenção e dedicação à família, mas não afetivo. Nos primeiros anos de vida, Siro era tímido e reservado. Tinha medo das pessoas. Quando estas iam à sua casa, escondia-se debaixo da cama. Quando foi para a escola, dos 7 aos 11 anos, começou a participar de grupo de teatro, música e dança. Posteriormente participou também de um grupo de jovens. Tornou-se então “*extremamente extrovertido*”. Na escola destacava-se pela inteligência “*não precisava estudar*”. “*Fui criado pelos pais e escola para ser pessoa extremamente competitiva, sempre fui criado para ser “o melhor” (mito), dentro do ambiente acadêmico até hoje, (...) é coisa que não ligo não me importo (...) mas sei que os olhares são pela eficiência das coisas que faço, pela qualidade das minhas ações, do que produzo (...) de qualquer forma eu me sinto também no dever de cumprir bem e fazer bem aquilo que eu preciso fazer*”. Na família se sente referência. “*sou referência dentro da família*”. Para sua irmã: “*ela é minha fã número um*”.

1.2. Respostas ao questionário sobre Deus

Suas respostas ao questionário sobre Deus foram classificadas como: **P**=11; **A**=25; **E**=5; **NR**= 4. Há uma alta incidência em **A** e baixo em **P**.

Note-se que suas respostas são predominantemente acadêmicas 55,6% e apenas 11 pessoais 24,4%. Se considerarmos a somatória de A + E + NR teremos 75,6% das respostas com um viés indicativo de uma experiência religiosa marcadamente impessoal. Esta característica aparece com evidência também nas escolhas que Siro faz tanto em suas frases preferidas do evangelho quanto em seu desenho sobre Deus, como veremos mais adiante.

1.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”

a. Sua frase preferida do evangelho (QE5) é: *“em verdade te digo, quem não renascer da água e do Espírito não poderá ver o reino de Deus”*. No questionário Siro não dá explicação para sua escolha. Na entrevista (EP) explica: *“Dentro do conjunto dos Evangelhos, primeiro porque nesse período nós estamos aprofundando o Evangelho de João, no 3º. ano de teologia, é também o tema que utilizo para tese do pós aconselhamento (outro curso que ele está fazendo), do renascer de cada pessoa para uma vida diferente. (note-se o tom acadêmico em seu discurso!). Embora Nicodemos seja um personagem que é tido como um cripto cristão, que é aquele que fica escondido, aquele que vai à noite, via de regra temos encontrado em muitos. Nós cristãos que vivemos noturnamente, que vivem na noite (sic) dentro da comunidade e não assumimos de fato à luz do Evangelho de Cristo. É uma chamada de atenção para todos nós esse trecho do Evangelho de João, para que saíamos à luz já que isso exige um processo, exige um caminho de discipulado. Se a gente falar de amor, mas o amor*

sem revelar-se como que o mandamento pode ser amor sem encontrar-se na verdade de cada pessoa, então parte um pouco dessa perspectiva do aconselhamento espiritual que realizo com jovens (...) que há um labirinto escondido dentro de cada pessoa e à luz do Evangelho, isso renasce, essa frase provoca, ela é motivadora disso fazer ver a luz do renascimento de fato. Quantas vezes tenho vivido a experiência do renascimento dentro de várias situações que acompanho ou eu mesmo.”

Perguntado sobre o que a frase diz a respeito dele comenta: *“que eu sou chamado sempre a sair da noite e chegar e buscar a luz do dia e viver à luz do dia, assumir Cristo de fato plenamente na vida. E aí incomoda. É uma frase que incomoda”.*

Observações analíticas. Note-se que a escolha da frase parece obedecer à mesma dinâmica de predominância Acadêmica. As explicações que dá na entrevista sobre os motivos da escolha estão mais relacionadas a uma análise acadêmica do que a uma reflexão ou experiência existencial. Tem caráter mais doutrinário que fenomenológico. O próprio linguajar segue o viés acadêmico. Os argumentos que usa são de ordem acadêmica. Há uma variação no uso dos pronomes, às vezes é o nós, outras a gente. Seu linguajar enquadra-se na definição do critério acadêmico supra mencionado. Observe-se que dá destaque com insistência à palavra “renascer” e sair à “luz” como imagens significativas para explicar a escolha da frase evangélica. Isto parece conter significados simbólicos importantes como veremos mais adiante.

b. Eis a frase bíblica que mais se aproxima da maneira como se vê (QE8) *“Sl.15,11 junto a vós felicidade sem limites, delícia eterna e alegria ao vosso lado”.* Na explicação dada na entrevista diz: *“será o lema de minha ordenação. De confiança, da entrega, do próprio projeto de Deus, ter Deus mesmo nesse projeto e assumi-lo por Deus e a ação de Deus é sempre um salto no escuro. Tenho muito nessa perspectiva da vida também”*(sic).

Observações analíticas: Novamente aparece a argumentação acadêmica.

Projeta-se no futuro, será lema da ordenação! Está mais em nível de ideal do que de experiência real, além do que o pensamento é obtuso, sem conexão.

c. Suas palavras/frase-chave são: “*busca, desejo e encontro*” (QE10) e a explicação dada às mesmas na entrevista (EP): “*Nós estamos sempre, cada um de nós, eu estou sempre numa constante busca. Justamente por completar-se por algo, que ultrapasse cada um de nós e também porque isso pressupõe uma busca de autoconhecimento, para conhecer-se. “Encontro” é me encontrar, encontrando com o outro. Encontrando com o outro é encontrar-se com Deus também. E desejo que envolva todo o corpo, tudo o que eu sou, com limites, com facilidades e é essa busca constante assim que faço.*”(sic).

Suas palavras-chave estão dentro do parâmetro acadêmico. São razões mais explicativas do que experiências existenciais. Inclusive aplica o “nós” e não o “eu”. Os próprios termos escolhidos: busca, desejo, encontro, reflete mais algo ainda não experimentado, ainda por acontecer. Fica em nível dos desejos.

1.4. Questionário sobre Família

A auto descrição dada por Siro concentra-se na palavra (QF21): “*feliz*”. A explicação dada por ele (EP) é: “*felicidade não necessariamente as situações da vida vão trazer ou não felicidade, mas a confiança, o estar em Deus, a busca por Deus, o perceber Deus e a ação dos sinais de Deus na vida, isso de fato deve gerar felicidade, mas isso não é uma teoria, isso precisa ser uma questão existencial e pra mim isso é existencial. Então eu procuro uma busca muito grande e intensa, que por vezes com esforço, por vezes em momentos de deserto, mas saber reconhecer nos momentos de*

deserto, nos momentos de secura espiritual de que tudo isso é sinal do amor de Deus, da misericórdia. Por isso eu digo que sou feliz, mas não é um estado que estou feliz ou agora sim ou não. Mas é essa busca continua que leva a essa felicidade.”

Observações analíticas: Sua auto descrição é muito abstrata. Mesmo nas explicações que dá, divaga no espiritual, religioso. Reflete mais um *desejo* como ele mesmo explicitou mais de uma vez. Aqui se observa novamente o jeito e a influência acadêmica. Suas explicações parecem denotar um confronto entre seus desejos e a sua real experiência de vida. Permanece a luta por algo que ainda não se concretizou.

1.5. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família

No desenho sobre a família há quatro rostos (é o número de membros de sua família) um ao lado do outro. Embora próximos cada um, olha numa direção, parecendo não haver relação entre eles. Todos olham com olhares sérios, pensativos. Predominam as cabeças e parte dos bustos tenuemente riscados. Falta o contato com o chão. Segundo Campos,⁴

a cabeça é a parte do corpo onde se localiza o eu. Há, portanto, ênfase no desenho da cabeça. (...) A maior parte do auto conceito do indivíduo está localizado na cabeça. A cabeça é considerada como o centro do poder intelectual, social e do controle dos impulsos corporais.

Ainda segundo Corman⁵ a área da página usada tem um significado gráfico, por referência às noções clássicas sobre o simbolismo do espaço.

⁴ CAMPOS, Dinah M.S. *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1987, pp. 77-78.

⁵ CORMAN, LOUIS. *Le test Du dessin de Famille*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967, p. 26.

A área do alto da página refere-se à expansão imaginativa, a área dos idealistas! A parte baixa da página é a zona dos instintos primitivos da conservação da vida. A área à esquerda é a do passado, é própria dos sujeitos que regridem à sua infância, e a área à direita é a do futuro⁶.

No caso do desenho de Siro, os sujeitos ocupam a área central da folha na parte média superior e predominam as cabeças. Segundo Corman a área dos idealistas. Parece ser, no caso de Siro, seus ideais ainda estão em nível intelectual, sendo pouco enraizados no emocional (vivencial) o que poderia denotar um nível de convicção pouco profundo. Nesse sentido suas respostas predominantemente acadêmicas são reflexos dessa situação, o que condiz com a interpretação de Campos a respeito do predomínio do intelectual. Psicologicamente falando pode-se supor em Siro o uso frequente dos mecanismos de defesa: “racionalização” e “intelectualização”⁷

Em relação ao desenho sobre Deus, Siro usa esquemas gráficos próprios dos usados em sala de aula. São dois gráficos que ocupam quase a totalidade da página sendo a parte não ocupada a inferior. Essa configuração parece enquadrar-se naquilo que foi dito na interpretação de Corman e de Campos, já apresentada no desenho da família. Olhando para o desenho, aparece imediatamente o caráter nitidamente escolar dos dois esquemas, o que dispensa maiores comentários.

Como se vê desta breve análise, há uma continuidade e coerência entre o discurso explicativo de Siro e as respostas que dá ao questionário sobre Deus e os desenhos que são símbolos de sua percepção e relação objetal. O predomínio é sempre o da teoria e do desejo. O tom vai quase sempre à direção do escolástico.

⁶ Tradução nossa.

⁷ *Racionalização*: “mecanismo de defesa mediante o qual se encontra uma justificativa racional para o sentimento, emoção ou comportamento de outra forma inaceitável” (p. 244). *Intelectualização*: mecanismo de defesa mediante o qual todo conflito e problema é transferido ao nível de problemas racionais com a finalidade de negar-lhes a existência em nível emotivo” (p. 237) cfr. RULLA, L.M. *Psicologia do profundo e vocação – a pessoa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1977.

Uma possível interpretação à luz da teoria de Rulla, poderia ser a de que Siro tem em sua psicodinâmica uma predominância da segunda dimensão⁸ que é aquela, em que elementos inconscientes distorcem a realidade ou levam o sujeito a ter expectativas irrealistas em relação a seus ideais. Outras observações estão na análise complexiva do parágrafo seguinte.

⁸ AVC-I, pp. 214-215, cfr. também pp. 264-265; 394.

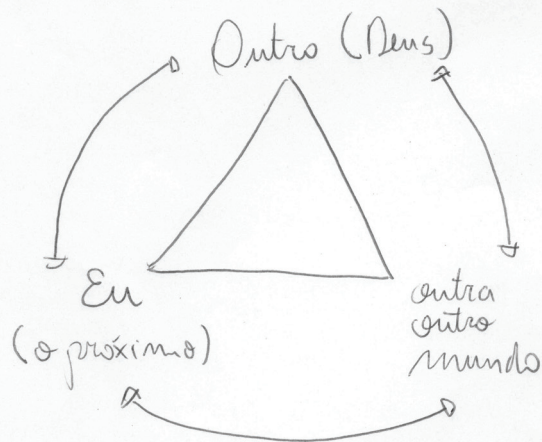
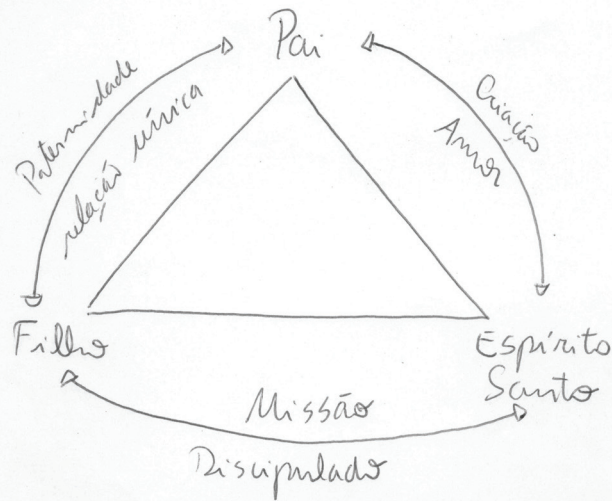
DESENHO DA FAMÍLIA

Instrução: Desenhe no espaço abaixo sua família



IMAGEM DE DEUS

INSTRUÇÃO: Procure desenhar Deus da maneira como você sente que Deus é. Desenhe no espaço abaixo.



1.6. Análise complexiva

Siro, como se viu nas observações acima, se “traduz” (se deixa conhecer) pelas suas respostas acadêmicas e estereotipadas ao questionário sobre Deus. A mesma ênfase aparece na auto percepção que se revela nas respostas ao questionário sobre Família e no “Escrever um Evangelho”. As “palavras-chave” que emergem de suas respostas e também da entrevista e desenhos, parecem revelar um Siro que desconhece a si mesmo⁹. Em outras palavras, alguém que desconhece aspectos importantes de sua vida, de modo especial com sua maneira de lidar com a realidade. Pode-se inferir que ele ainda não elaborou sua experiência existencial de forma genuína, autônoma. Parece que sua identidade baseia-se muito naquela projetada sobre os outros (mito = criado para ser o melhor). Seu mito pessoal¹⁰ não dispõe ainda de uma feição pessoal própria. Suas respostas, na verdade, refletem um momento em que ele não tem bem definida para si uma elaboração pessoal de suas experiências (“vivemos noturnamente”). Sua auto-compreensão é pouco profunda, não consegue fazer uma síntese realística de sua experiência vital. Por isso também suas “palavras-chave” (e frases bíblicas) chegam apenas e ficam no nível das aspirações e provavelmente escondem aspectos que ele desconhece. Os significados simbólicos que aparecem em suas respostas revelam esses aspectos desconhecidos por ele. Dizem, portanto, mais do que ele tem consciência de si. Mostram mais seu estágio atual de auto compreensão. Suas palavras-chave: “*busca*,

⁹ Este auto desconhecimento pode ser compreendido através da Janela de Johari, um esquema criado para indicar quatro aspectos do eu. Ela é assim representada: uma área pública que corresponde ao aspecto conhecido pelo sujeito e pelos outros; uma área secreta que se refere ao aspecto conhecido somente pelo sujeito mas desconhecido pelos outros; uma área cega, que é desconhecida pelo sujeito, mas conhecida pelos outros e uma área subconsciente que é desconhecida tanto pelo sujeito como pelos outros. Cfr. LUFT, Joseph e INGHAM, Harrington. *The Johari window, a graphic Model for Interpersonal Relations*. Los Angeles: University of California Press, 1995.

¹⁰ Segundo McAdams, op. cit., p. 266. O conceito de identidade que é o mito pessoal que alguém constrói para definir quem ele é. Todos os seus comportamentos conectam-se de uma maneira ou de outra com sua personalidade como um produto de traços, motivos etc. na interação com seu meio ambiente. Porém somente aqueles comportamentos e episódios na vida que tem significância para a questão quem sou eu? Estão conectados com o mito pessoal (tradução nossa).

desejo e encontro” compreendem significados simbólicos que vão além das explicações que ele dá. Elas têm relações com o texto evangélico, em que se fala de “Nicodemos”¹¹. Siro vê Nicodemos como aquele que *busca Jesus à noite*. Há aí uma identificação com esse personagem que apesar de “douto” em Israel, não entendia o que Jesus lhe dissera “necessário nascer de novo”. Em Siro, sua busca por “encontro”, parece refletir, antes de tudo, a necessidade de um encontro consigo mesmo, condição primeira para que seu encontro com os outros possa ser mais genuíno. Como ele próprio diz é preciso “*sair da noite e andar à luz do dia*”, pois, há um “*labirinto escondido*” (EP) dentro de cada pessoa. “*Quantas vezes tenho vivido a experiência do renascimento dentro de várias situações que acompanho ou eu mesmo*” (EP).

Pode-se concluir que estas palavras-chave sejam verdadeiros “paradigmas” para Siro. Veja-se, por exemplo, sua frase preferida do Evangelho (QE5) com a qual parece ter uma relação bastante evidente: “*quem não renascer da água e do espírito não pode ver o reino dos céus*”. É necessário, portanto, ser diferente do que é atualmente para que seu “desejo e encontro” se realizem no futuro QE8 que ele entrevê apenas no nível idealizado: “*junto a vós felicidade sem limites, delícia eterna e alegria ao vosso lado*” (Lema escolhido para sua ordenação).

Desta análise pode-se estabelecer uma relação com a contribuição de Rulla que afirma que um valor proclamado não significa necessariamente que ele esteja internalizado¹². Como diz:

Os valores, as atitudes ideais são proclamadas, mas a sua função pode ser diferente no nível subconsciente: eu posso proclamar que quero dar aos outros, mas não percebo que, subconscientemente, dou para receber, como se viu falando do processo de simbolização. Uma coisa são os valores

¹¹ Jo 3, 1-30.

¹² AVC-I, pp. 410; 501-507.

autotranscendentes sentidos e proclamados e outra coisa são os mesmos valores vividos como motivação positiva ou negativa diante da autotranscendencia.

Nesse sentido, não basta que Siro diga que uma determinada frase do Evangelho seja a frase preferida para que ela realmente expresse sua realidade e sua convicção. A frase pode apontar para um ideal desejado, mas ainda não encarnado existencialmente.

Olhando o caso Siro pode-se dizer que sua representação de Deus, embora já presente, precisa evoluir para chegar ao nível por ele almejado com sinceridade, mas ainda fruto de representações não suficientemente amadurecidas. É como diz Rizzuto¹³:

Cada indivíduo produz, ao longo do desenvolvimento, uma representação idiossincrática e altamente personalizada de Deus, derivada de suas relações objetais, suas representações em evolução do self e seu sistema ambiental de crenças. Uma vez formada, é impossível fazer com que essa representação complexa desapareça; ela tão somente pode ser recalçada, transformada ou usada.

Nessa perspectiva as frases bíblicas, (palavras-chave) por ele elegidas, podem ser lidas no contexto de um processo de reelaboração das “representações de Deus” impregnadas pela religiosidade familiar e pelas figuras de seu pai, de sua mãe e de sua avó que lhe ensinavam que Deus estava presente nas várias situações da vida, que essa mensagem marcante estava resumidamente traduzida nas expressões repetidamente ouvidas por ele na infância “vai com Deus”, “fica com Deus”, “dorme com Deus”.

Parece que essas “palavras chave” da religiosidade familiar alimentaram em Siro uma “representação” positiva de Deus. Por um lado, é uma imagem grandiosa (onipotente), objeto de admiração e encanto, mas por outro lado, é alguém a quem se deve ser submisso para merecer seus “cuidados”. Essa representação de Deus é para Siro atraente, mas distante de sua experiência existencial. No momento atual ele a vive

¹³ RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 127.

em forma de “*desejo*”, pois ainda luta para “*sair da noite*” para a luz, e sonha um “*encontro*” personalizado com Deus, o que está patente no seu lema de ordenação sacerdotal: “*junto a vós felicidade sem limites, delicia eterna e alegria ao vosso lado*”.

Note-se que esta frase é a que ele afirma ser a que mais se aproxima da maneira como se vê. (QE8); é também a que deixaria para ser colocada em seu túmulo (QE11). Essa insistência que recai três vezes sobre a mesma frase parece indicar que ela reflete algo muito especial. O Deus assim “desenhado” e sonhado não corresponde às palavras-chave carregadas de ambigüidade e vacilação (“*busca, desejo e encontro*”), que em sua experiência existencial ainda não se concretizaram. Rizzuto¹⁴ lembra com propriedade a complexidade do processo que leva a uma representação adulta (talvez nunca alcançada) de Deus, quando escreve:

O processo desenvolvimental de formar uma representação de Deus é excessivamente complexo e é influenciado por uma diversidade de fenômenos culturais, sociais, familiares e individuais, que vão desde os níveis biológicos mais profundos da experiência humana até a mais sutil das realizações espirituais.

No caso de Siro a formação da representação de Deus, especialmente quando associada ao fato de Siro se auto perceber como alguém nascido para ser vencedor (“*criado para ser o melhor*”) (EP). É uma visão de si alimentada por uma grandiosidade inconsciente (aspecto narcísico) que se reflete em sua explicação das expectativas dos outros em relação a si “*... fui criado pelos meus pais, também pela escola e de tudo o mais prá ser uma pessoa que ..., extremamente competidora e sempre fui criado para ser o melhor ... também dentro do ambiente acadêmico (...) até hoje na faculdade é uma coisa que não ligo, não faz nenhuma diferença para mim, mas eu sei que os olhares são pela eficiência das coisas que eu faço, pela qualidade das minhas ações, do que*

¹⁴ *Ibid.*, p. 237.

produzo e tudo o mais, eu sei que eu sou olhado dessa forma e esperam de mim (...) eu acho isso um erro da pessoa, porque é essa perspectiva que nós temos que viver, mas de qualquer forma eu me sinto também no dever de cumprir bem e fazer bem aquilo que preciso fazer”(sic).

Nessa ótica pode-se concluir que suas palavras-chave e seus símbolos falam mais de si do que ele próprio consegue explicitar em seu discurso intelectualizado, mostrando que suas palavras-chave revelam mais dele do que ele próprio tem consciência.

2. O CASO FRANZ

2.1. Dados biográficos

Franz é de família numerosa, (12 irmãos) do agreste nordestino. Aos oito meses de gestação a mãe, pilando arroz, sofreu uma pancada no ventre que fraturou a cabeça do nascituro. Ao nascer tinha um grande hematoma na cabeça (cabeça rachada); todos diziam que ele não sobreviveria. A mãe fez promessa à Santa Cruz (santuário) e ele sobreviveu sem seqüelas. Diziam então que ele é “*milagre da Santa*”. A mãe diante dos comentários que ele “*não se criaria*”, dizia que “*ele ia ficar bom e ia ser padre.*” Aos três anos foi batizado, a mãe pagou a promessa e “*me tornei afilhado da santa*”. A mãe o levou ao santuário e depositou os cabelos do primeiro corte feito aos 4 anos, aos pés da Santa Cruz.

Os pais eram pobres, viviam no agreste. De lá foram expulsos junto com outras famílias, pois o “proprietário” ia transformar a região em pastagem para o gado. Franz aos 14 anos, quando sua irmã se casou com um rapaz da cidade, aproveitou e foi morar com ela para poder estudar e realizar seu sonho que era o de dar condições melhores para sua família. Morou com a irmã uns 4 anos. Pretendia estudar, ter um emprego bom para tirar a família da miséria. Guardava isso como um “*segredo meu*” (grifo nosso). Quando sua família foi expulsa do campo também ela foi para a cidade. Na cidade havia irmãs religiosas que cuidavam do Santuário da Santa Cruz e davam assistência às famílias pobres, mais com a presença do que com doações. Um dia Franz estava na igreja e as irmãs o convidaram para pendurar um cartaz vocacional onde estava escrito “*Ele te chama*”. Disseram-lhe para ler a frase e pensar e ver o que sentia. A frase o inquietou muito, foi para casa, e essa idéia não lhe saía da cabeça e acabou por mudar o rumo de sua vida. Entrou para o seminário.

O breve relato acima pode ser complementado por outros que aparecem em respostas aos questionários, tanto daquele sobre Deus, quanto do sobre família e sobre o Evangelho. (QD6). Franz teve momento de crise de fé. Foi a época da vida em que se sentiu mais distante de Deus. *Foi aos 21 anos de idade. Parece que tudo que eu tinha feito tinha dado errado, eu vivia sem esperança, ou melhor, quase sem esperança.* (QD7) Falando sobre seus deveres mais importantes para com Deus afirma: “*ser como o bom samaritano do evangelho*”. *Ser sinal de esperança para as pessoas e para o mundo.* (QD10) e o sentimento que obtém na relação com Deus é de “*alegria, carinho, amizade, esperança, amor responsabilidade, gratidão etc.*” QD16. Entre os personagens religiosos que ele conhece gostaria de ser como: “*os místicos que conhecem os segredos de Deus*”. QD31. Se pudesse o que gostaria de mudar de seu passado eram “*as ofensas às pessoas*”. QD 32. Se pudesse mudar a si mesmo gostaria de ser: “*menos tímido e menos inseguro.*” QD39. Pensa que Deus está mais próximo daqueles que “*mais sofrem*” (identificação) porque “*uma mãe sempre cuida dos filhos que mais sofrem.*” “*O cuidado de Deus, é como o cuidado de uma mãe*”. QD42. Se tivesse de descrever Deus de acordo com suas experiências com ele, descreveria como “*mãe, pai, irmão, amigo, vida*”. QD43. O dia em que mudou sua maneira de pensar sobre Deus foi: “*quando eu descobri que ele está para além das normas, regras, moral opressora, leis que mantêm a vida em sua dinâmica.*”

Do questionário sobre a família emergem aspectos interessantes. QF2. O membro de sua família do qual se sentia mais distante: “*pai e meu irmão mais velho. Meu pai e esse irmão brigavam muito comigo e, sobretudo meu pai me batia muito e trabalhava longe de casa.*” QF 6. Emocionalmente se parece: “*com a mãe, paciente, tolerante, atenciosa, chorona, forte, esperta etc.*” QF7. O membro favorito de sua família era “*mãe porque ela me ensinava as coisas.*” QF9. Ao escrever os membros da

família em ordem de preferência coloca a mãe como primeira e o pai é o décimo segundo (último). QF11. Em sua casa o chefe da família era o “*Pai, porque ele mandava em todo mundo e era muito severo*”. QF19. Em sua família as crianças eram consideradas como: “*servas dos mais velhos*”.

Questões do questionário sobre o Evangelho. QE1. Escolheu como parábola: “*Grão de mostarda*”. QE2. e um milagre o da *Piscina de Siloé: cura de um coxo*. QE11. A frase que deixaria para por em seu túmulo seria “*a morte é um novo nascimento em Deus*”.

2.2. Respostas ao questionário sobre Deus

Suas respostas ao questionário sobre Deus foram classificadas como: P=21; A=15; E=5; NR = 4.

Neste protocolo temos 46,7% das respostas P; há, portanto uma predominância se for considerada isoladamente em relação a A e E. Contudo se considerarmos a somatória de A+E+NR temos um percentual superior, isto é, 53,3% o que indica uma relativa tendência para a impessoalidade. Isto pode ser indicativo de uma fase de transição na vida de Franz, uma pessoa marcada por experiências bastante fortes que vivenciou desde seu nascimento, como se verá mais adiante. A figura materna é o seu referencial positivo. Ela é determinante em sua concepção e postura diante de Deus.

2.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”

a. Frase preferida do Evangelho (QE5) é “*Fazei tudo o que ele vos disser*” por que “*tem a participação de uma mulher e mãe no projeto de salvação desde o início do anúncio do reino de Deus*”. “

Na entrevista (EP) complementou a explicação dizendo: *“essa frase é uma frase importante, porque ela é um trecho do Evangelho, muito mariano e que fala isso, segundo o Evangelho de Maria, a mulher que fala prá Jesus nas bodas de Caná, então é assim, quando entrei na Igreja, foram as mulheres que me apresentaram à Igreja. Eu fiz catequese, 1ª. Comunhão, crisma, tudo, com a ajuda de mulheres, foram as mulheres que me ajudaram no grupo de jovens também eram as irmãs que orientava. Na minha paróquia, que era um santuário, lá por muito tempo ficou direcionado, liderado pelas mulheres, as irmãs porque não tinha padre. Então eram as irmãs que faziam o atendimento. A liderança total era das mulheres, então significava para mim assim é como se elas tivessem me apresentado Cristo, então elas faziam o papel de Maria, que disse aos serventes nas Bodas de Caná, “fazei tudo que vos disser” então eu me lembro, rezando esse Evangelho por muito tempo, eu acho que ela é forte para mim, porque justamente essa frase me faz lembrar que a expressão de Maria foi a expressão das mulheres daquela igreja. “olhem façam o que Jesus disser, aqui nós somos apenas setas, direções ajudando você a ir para Cristo. Você tem que fazer a vontade de Cristo não a nossa. Seriam, então, as mulheres dizendo não a nossa, mas você tem que fazer a vontade de Cristo e o que ele lhe disser. Tem um professor meu que diz “Deus é como uma mãe”, uma mulher que dá ao filho a palavra. A mulher quando tem um bebezinho fica o tempo todo ensinando ele a falar, colocando na boca dele, ela ensina ele a fazer pá pá, ma má, má. Vai ensinando. É como se a mãe colocasse a palavra na boca da criança. Nós somos como esses filhos, filhos pequenos que acolhemos a Palavra de Deus, a mãe e a palavra que é Cristo. Aí associo também isso, eu faço essa associação da mulher que nos apresenta a Cristo, e ao mesmo tempo, essa mulher que nos apresenta, tem a imagem de Deus que nos apresenta o próprio filho. Minha mãe teve uma influência muito grande na dimensão devocional, religiosa, muito forte no sentido de ensinar a rezar e conduzir para Igreja, na comunidade, ensinar as coisas de Deus.*

Observações analíticas: Note-se o realce dado à figura da mulher nos contextos acima. Daí parece nascer uma representação de Deus que será uma de suas referências em seu relacionamento com Ele, e algo contido nas palavras-chave, que Franz adota para si.

Sua frase preferida do Evangelho é tirada do texto das bodas de Caná¹⁵. Em sua justificação argumenta dizendo “*porque tem a participação de uma mulher e mãe no projeto de salvação desde o início do anúncio do Reino de Deus*”. Sua interpretação (explicação) acentua a figura da mulher (Maria, mãe, irmãs religiosas). As mulheres são as pessoas que mais marcaram sua vida. Sua sobrevivência (mãe que acredita que vai ficar bom, contrariando as expectativas dos outros, pensa ele, se deve à promessa feita a “Santa Cruz” (feminino). Sua vocação nasce do contato com as irmãs religiosas (mulheres) que eram responsáveis pelo santuário. O mesmo aparece na observação que faz ao comentar que um professor disse certa vez que “*Deus é como uma mãe*”! Parece claro que sua representação de Deus e sua religiosidade são construídas a partir do feminino. Eis uma outra afirmação de Rizzuto¹⁶ que cabe bem aqui:

“cada indivíduo produz, ao longo do desenvolvimento, uma representação idiossincrática e altamente personalizada de Deus, derivada de suas relações objetais, suas representações em evolução do self e seu sistema ambiental de crenças”.

Pode-se dizer que a “construção” da representação de Deus de Franz tem “rostro feminino”. Em relação à sua frase preferida pode-se dizer que ela mostra sua percepção consciente mas que esconde aspectos inconscientes de sua forte identificação com as figuras femininas. As mulheres representam para ele a relação de afeto, de cuidado e de valor. Em claro contraste com a figura paterna, que é severa e distante. Embora admire

¹⁵ Jo 2,1-11.

¹⁶ RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 127.

seu pai como homem lutador, não tem com ele uma relação de proximidade afetiva. “*Ele mandava em todo mundo e era muito severo*”. Na relação de preferência o pai é colocado em penúltimo lugar entre os membros da família. Nesse contexto o pai não oferece um modelo para formar uma representação atraente de Deus. Deus é visto e aceito por ele enquanto o percebe “nas mulheres”. Elas são para ele aquelas que o protegem, estão próximas a ele e acreditam nele. Sua vida dependeu delas! Seu vínculo com Deus se estabelece através delas, e por isso é de particular interesse para ele o “Deus” que está voltado para os desvalidos, incapacitados (identificação): dois personagens bíblicos têm destaque para ele: o bom samaritano do Evangelho e o coxo da piscina de Siloé. Esses dois personagens são pessoas que não tinham ninguém por eles e Jesus vai ao encontro deles e oferece a cura. Parece haver aqui uma relação com “*ele te chama*”, a frase do cartaz que despertou sua vocação. Sua representação de Deus parece se estabelecer com base nessas percepções. Daí faz sentido também a frase bíblica que escolheu como a que mais se aproxima da maneira como se vê (QE8): “*servir ao Senhor com alegria*” e sua palavra-chave: “doação”. Observe-se a explicação que deu para sua escolha: *o símbolo que eu acho que representa a doação é a vela. Ela foi feita simplesmente para iluminar, acabou de iluminar, ela se acabou. Uma vela não pode simplesmente ficar num local sem estar acesa, sem estar se gastando. Acho que a doação é isso, pelo menos creio que é assim; como ser humano, agente foi feito para se doar aos outros e muito mais ainda, como religioso, como alguém que defende que acredita na religião, porque religião é muito maior que nós, é cosmológico. A religião é uma cosmologia, uma maneira de ver o mundo. Então essa maneira religiosa que eu acredito, ela só tem sentido se for para servir aos outros se doando através da doação e se consumindo (como a vela), isso que eu diria que é doação. Parafraseando sua argumentação pode-se pensar: foi graças à doação de sua*

mãe, que fez tudo por ele, que nele acreditou, que depositou sua confiança na Santa Cruz, que ele sobreviveu.”

Observações analíticas: Sua frase bíblica e palavra-chave denotam seus ideais. São ideais que espera atingir, que no fundo parecem uma transposição do que “assimilou no contato com as “mulheres”. É uma forma idealizada de viver sua religiosidade, que não tem muito em conta as dificuldades de sua realidade cotidiana em que se depara com seu desejo de “*ser menos tímido e menos inseguro*”. Ele vive de certa forma uma expectativa “milagrosa” que resolva tais dificuldades representadas, por exemplo, pela escolha da parábola evangélica “*como grão de mostarda*” (QE1), isto lhe permite ser um “sonhador” que deseja “*servir ao Senhor com alegria*” através da “doação”.

2.4. Questionário sobre família

Sua auto descrição (QF21). “*corajoso, lutador, sonhador, pessoa de fé*”. Assim explica os termos na entrevista (EP): *Corajoso é assim que me considero, que não tem muito medo de enfrentar qualquer situação, aquilo que eu busco às vezes depende do tempo... assim, das dificuldades que eu tenho que enfrentar, mas consigo esperar, então eu diria que isso é coragem, coragem de enfrentar a vida, apesar de que com paciência, né.... Mas assim. Não desistir e ser destemido com as coisas, enfrentar devagar, mas corajosamente, acreditando que eu vou encontrar aquilo que eu quero que eu busco não só pra mim, não sou uma pessoa desgrudada do meu povo, da minha cultura, mas ao mesmo tempo esse povo que descrevi como um povo alegre, também eu diria que é um povo corajoso e como eu sou muito ligado a esse povo, essa cultura, esse jeito de ser, também eu diria que sou corajoso; eu acho que nós somos corajosos, eu e meu povo é assim que me acho corajoso.*

Note-se o esforço de Franz para se ajustar àquilo que diz serem suas características pessoais, como se vê. Há, porém, certo contraste com aquilo que gostaria de ser “*menos tímido e menos inseguro*”, que é o oposto de corajoso conforme fala em seu discurso! Notamos aqui a mesma ambiguidade presente em suas respostas **P** e **A+E+NR**. Pode-se dizer que aqui ele faz uso do mecanismo de defesa “reação formativa”¹⁷

Continuando suas explicações na entrevista diz: *Identifico-me sim, com certeza, depois sonhador e pessoa de bem. Eu não sou pessoa triste, até com alguma coisa que não deu certo, os sonhos brotam constantemente, não deu certo uma coisa, vou sonhar com outra ou com a mesma coisa de forma diferente ou com outras coisas, né. Até pra mim... em casa...assim ... porque a gente fala que tem muita gente com depressão na sociedade, aí eu falo assim: eu acho que falta um sonho prá essas pessoas, os sonhos delas parece que morreram, eu diria que fico encucado por ter tantos sonhos na minha pessoa, que eu queria partilhar sonhos também com as pessoas, então eu falo assim, que na verdade parece que eu tenho uma fonte que brota muitos sonhos, não me deixa estancar, estacionar numa situação, quero sempre sonhar mais, sonhar de novo, então eu me acho realmente uma pessoa sonhadora e continuo sonhando, vejo uma coisa que fiz, me encanto, mas não paro por ali, quero sonhar mais, com coisas mais além, ir mais fundo, mais adiante.*

Sou uma pessoa de muita fé, a fé é até difícil de descrever, porque ela é mais que um sentimento é arriscar-se sempre, tem uma frase que acho muito bonita pra definir a fé, e essa frase eu me identifico totalmente. A fé é como um pássaro que sente a luz no alvorecer quando ainda é noite; então os pássaros, na madrugada, antes da aurora vir, antes da claridade vir, eles já começam a cantar, porque eles têm a certeza

¹⁷ “Expressar um pensamento, afeto ou comportamento que, na forma ou na direção manifesta, são diametralmente opostos ao impulso inaceitável subjacente”. Cfr. CENCINI, A.; MANENTI, A. *Psicologia e formação*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988, p. 331.

que a claridade vem e acho que a fé é isso. Às vezes, a gente tem a certeza que o dia virá, então é assim que me considero, uma pessoa de fé, constantemente assim, independente da noite escura que esteja que não tenha claro à minha volta, que não esteja claro ao meu redor, mas a claridade com certeza vem, então é essa certeza, é mais que um sentimento. É uma certeza... passos no escuro... pássaros que estão no escuro, ele canta, ele tem certeza, então ele pode caminhar, ele pode ir pra frente...um pouco isso..... então quem está na noite, mas mesmo assim pode dar passos, porque tem certeza das coisas...uma certeza assim..... Muito misteriosa até pode ser, mas de certa forma, quem tem fé, tem certeza.

Observações analíticas: Sua comparação feita em relação a seus sonhos (sonhador) e sua fé, através do “pássaro” que percebe a luz do alvorecer antes que seja dia, parece traduzir elementos significativos simbólicos de sua experiência como, por exemplo, sua luta para se tornar aquilo que deseja ser. Tem diante de si um ideal que deseja conquistar, uma imagem ainda idealizada de si (corajoso, sonhador, de fé) que contrasta com outros símbolos que usa como identificação: veja-se, por exemplo, a parábola do Evangelho: “grão de mostarda” (quando cresce se torna a maior das hortaliças onde os pássaros fazem seus ninhos!). Também se identifica com personagens dos milagres que escreveu do Evangelho: paralítico da piscina de Siloé e o desvalido caído à beira do caminho no texto sobre o bom samaritano. Parece inspirar-se nessas figuras simbólicas para formular sua visão de seus ideais. Contudo tem uma barreira a ser vencida que o impede: “ser tímido e inseguro”! Parece, portanto, que sua auto descrição se coaduna mais com um perfil ideal que deseja alcançar do que uma experiência realmente existencial. Sua auto descrição e o que gostaria de mudar em si parece tê-lo ajudado a criar seu mito de estilo “romântico” como diria McAdams¹⁸, onde

¹⁸ Cfr. Cap. I.

o herói é visto como alguém especial que passa por vicissitudes (nascimento traumático) mas no final da história é um vencedor.

2.5. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família

No desenho sobre Deus destaca-se a cruz no centro de onde partem círculos. A figura já à primeira vista parece que tem a ver com sua história pessoal. A “cruz” o acompanha desde o nascimento. Foi ela que o “salvou”! Graças à promessa feita por sua mãe à Santa Cruz! Por isso se considera “sou um milagre da Santa Cruz”. A cruz evoca sua história de vida.

Destacam-se outros detalhes de seu desenho: na cruz aparecem as palavras *humanidade* na vertical e *divindade* na horizontal. Há uma inversão de posições. Normalmente a vertical é usada como indicativo da divindade porque aponta para transcendência e a horizontal como dimensão humana que aponta para a imanência. Parece significar então que, em seu caso, a ordem das coisas aconteceram de forma inversa à esperada. Seu nascimento com a cabeça rachada era para todos “sinal de morte” iminente (todos achavam que não ia sobreviver, exceto a mãe), o “divino” prevaleceu sobre o humano, toma seu lugar, por isso a cruz não é sinal de morte, mas da vida. Por isso parece ficar claro já ao se olhar para a cruz que aponta para o divino onde devia estar o humano. Note-se que tudo gira em torno da cruz, há uma série de círculos em forma de caracol. Ao pé da cruz no primeiro círculo a palavra *criação* (haveria aqui alguma simbolização do seu nascimento traumático que foi salvo pela santa cruz?!) e no cimo da cruz dentro do primeiro círculo a palavra *cosmo*. No pé do desenho a frase “pela cruz à luz”. Essa concentração do tema do desenho em torno da “cruz” parece uma clara evocação de seu passado, aquele que foi “salvo” pela promessa que a mãe fez à “Santa Cruz”. “Sou um milagre da “santa”, “me tornei um afiliado da santa” (cruz). A

relação objetual com a cruz dá origem a uma de suas representações de Deus atuais, como diz Rizzuto¹⁹

“O estudo detalhado dos empregos e metamorfoses característicos da representação de Deus durante a vida, muito particularmente em momentos de Crise, pode nos oferecer uma excelente ferramenta para investigar transformações e vicissitudes da representação de *objetos relevantes (cruz) no contexto de eventos vitais específicos, (cruz e grifo nosso)* de conflito psíquico e da necessidade por integração na sociedade. Ele igualmente nos fornece uma bela ilustração da engenhosidade e capacidade simbólica criativa da mente humana no esforço feito pelo indivíduo para controlar sua realidade privada, seu passado e seu contexto contemporâneo, assim como de sua necessidade por transcendência e sentido no contexto do universo em geral.”

Nesse sentido o seu desenho reflete uma representação de Deus que ele formou em base à “cruz”, que por sua vez está intimamente ligado à figura materna que depositou nela a esperança de sua cura! Isso parece explicar também seu desejo de ser “corajoso” aquele que suporta as “cruzes” da vida (inclusive a do pai severo, distante!), sonhador e lutador! Parece evidente que a palavra “cruz” seja neste caso uma de suas palavras-chave!

Na perspectiva de Rulla, a relação entre sujeito (Franz) e objeto (cruz) há um símbolo como elaboração²⁰

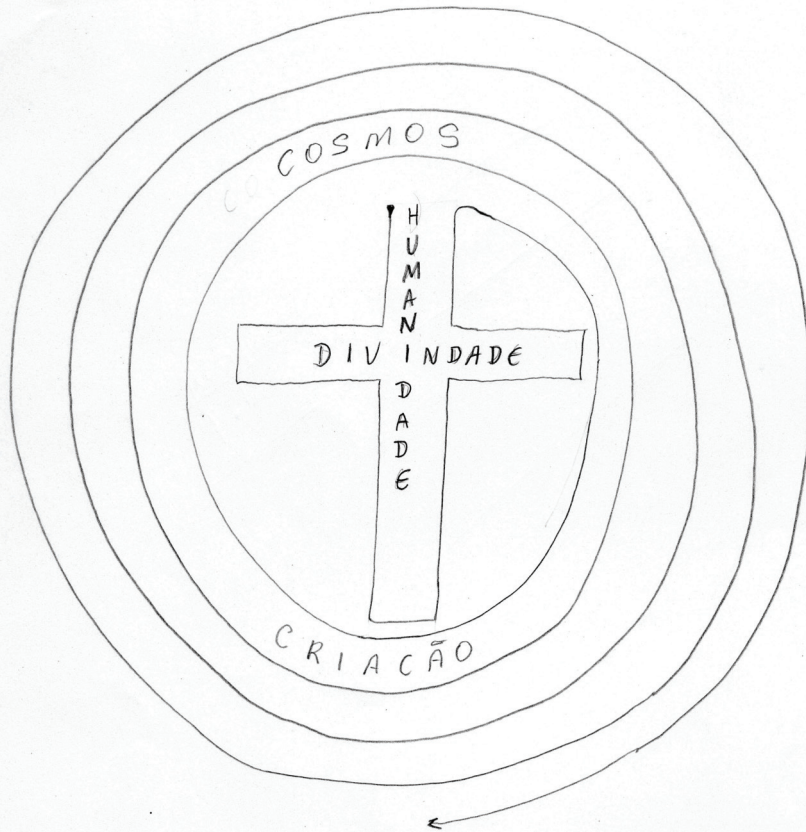
“símbolo como elaboração reflete o modo pelo qual o sujeito percebe e reage ao objeto e o modo pelo qual o objeto influi sobre o sujeito; essa relação concreta estabelecida pelo sujeito entre ele mesmo e o objeto que é evocado pelo símbolo, que pode estar sob a forma de linguagem, de ações, de produções artísticas, de símbolos religiosos”.

¹⁹ RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, pp. 127-128.

²⁰ AVC-I, p. 255.

IMAGEM DE DEUS

INSTRUÇÃO: Procure desenhar Deus da maneira como você sente que Deus é. Desenhe no espaço abaixo.



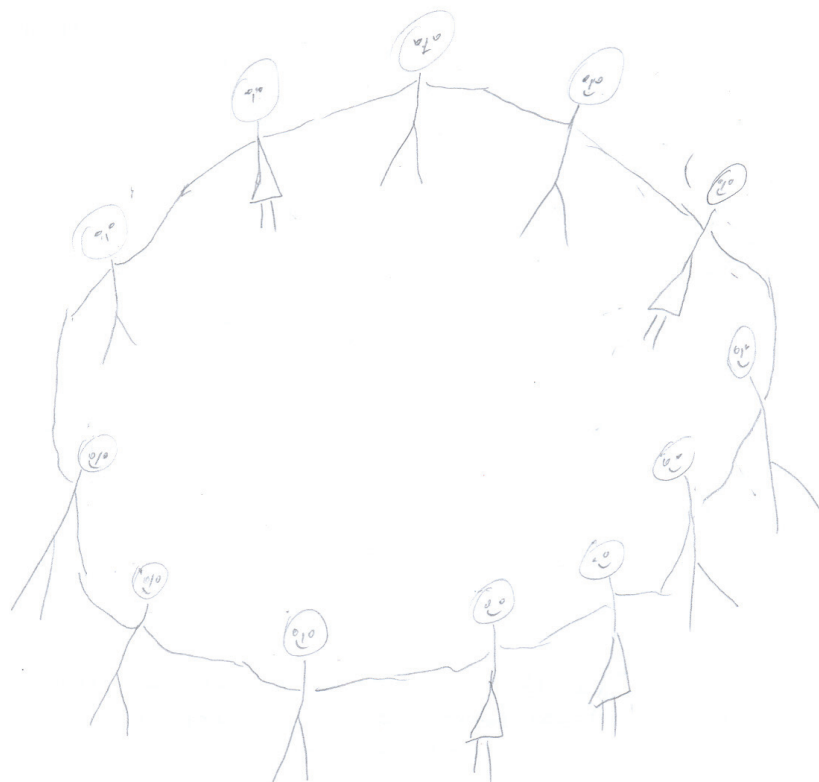
"Pela Cruz à Luz"

O desenho sobre Deus parece, portanto, revelar aspectos mais profundos de Franz do que ele mesmo possa interpretar. Como diria Arnold há uma “memória afetiva²¹” evocada pela cruz que é intensamente particular (pessoal) que envolve seu mundo emotivo. A cruz como uma palavra-chave de Franz releva tanto sua interpretação consciente dos significados a ela atribuído por ele, como também aspectos inconscientes que na análise parece ter ficado demonstrado.

²¹ ARNOLD, 1970, p. 187, vol. I. Na verdade, a memória afetiva é dotada de ubiquidade e também intensamente pessoal porque é a documentação viva da história da vida emocional de cada pessoa. Estando sempre a nossa disposição e jogando um papel importante na avaliação e interpretação de cada coisa que está ao nosso redor, pode ser chamada a matriz de cada experiência e ação... Ela é, porém, também a reação intensamente pessoal – em uma situação particular – fundada sobre as experiências e predisposições irrepitíveis do indivíduo.

DESENHO DA FAMÍLIA

Instrução: Desenhe no espaço abaixo sua família



Desenho da família

O desenho revela uma carência na identidade das pessoas. Uma criança de 6 anos teria traços mais definidos da figura humana. Há doze figuras de pessoas, sendo quatro femininas e oito masculinas, o que corresponde aos membros de sua família. Estão em círculo de mãos dadas. Parece manifestar seu sonho de ter uma família unida como diz em QF22 “*quando desenhei a família me senti e desenhei como tendo 20 anos. Porque “um tempo de muita harmonia”*”. Na entrevista, disse que, após alguns anos que a família se estabeleceu na cidade, ela conseguiu melhorar muito em relação à vida no agreste de onde foram expulsos. Parece, portanto, ter se livrado do peso que guardava em seu “segredo” de estudar para dar uma condição melhor para a família. Agora sente-se desobrigado porque a família atingiu um nível social melhor, e isto livra-a também de angústias e sofrimentos, por isso um “tempo de muita harmonia”.

2.6. Análise complexiva

O Caso Franz é rico em simbologias que traduzem sua experiência de vida, tanto em nível consciente quanto inconsciente. É alguém que está numa fase de transição como se pode notar em seu protocolo **P** += **A+E+NR** (se equivalem), ou seja: temos **P** 21 e a soma de **A+E+NR=24**, o que parece demonstrar seu estágio atual de desenvolvimento. Suas palavras-chave parecem traduzir essa ambigüidade de “querer ser ele próprio e ainda se sentir dependente dos outros”. *Corajoso*, mas *tímido e inseguro*; “*homem de fé*”, mas que luta para se livrar do “*Deus das normas*”. Em Franz, pode-se observar como diz Rizzuto, a construção das representações de Deus que começa com um Deus “feminino” ligado à “cruz”, voltado para os desvalidos, para um Deus que vai além das normas! Das reflexões de McAdams pode-se observar a criação do mito pessoal “sou um milagre da santa”, daí deriva o mito “corajoso, lutador,

sonhador, pessoa de fé”, que contrasta com a identificação projetada sobre o coxo da piscina de Siloé e o grão de mostarda!

Em conclusão pode-se dizer que Franz, em suas palavras-chave, consegue “dizer” quem é, embora pareça também prisioneiro de um complexo de inferioridade (menor, tímido e inseguro), que se esconde atrás de seu mito de “corajoso”.

Parece claro, portanto que as palavras-chave e frases preferidas de Franz traduzem aspectos de si que vão além da compreensão que ele tem delas, ou da explicação que para elas ele dá. Lidas no contexto de sua vida parecem expressar sua experiência mais profunda, suas elaborações da imagem de Deus (representações). Pode-se dizer que elas simbolicamente mostram um sujeito a caminho de uma percepção mais realista e original, mas que, contudo, não atingiu ainda o nível por ele proclamado.

3. O CASO ALEX

3.1. Dados biográficos

Alex é filho de um casal que vinha de matrimônios desfeitos e, separados, dos primeiros cônjuges, não se casaram. Alex tem dois outros irmãos por parte de mãe. São do interior de S. Paulo de origem humilde. Dos 7 aos 12 anos fez escola primária. Não gostava de ir à escola, *“era um pavor”*. *O ambiente escolar me deixava triste, inibido, não tinha nenhum rendimento na aprendizagem, de nada me interessava na escola.* Reprovou na segunda série. Nesse período, a mãe começou a beber muito. Um dia, ao retornar da escola, encontrou a mãe caída na sala completamente bêbada. A partir daí começou a ser mais caseiro. Porque em sua frente a mãe não bebia. Diz ter sofrido muito pela ausência do pai em casa, no início por motivo de trabalho (vinha a cada quinze dias) depois por separação definitiva da mãe. A mãe também sofreu muito. O pai, quando vinha, ficava só o fim de semana em casa. Estando em casa quase não conversava e não se importava com a família. Isto, e, seu autoritarismo incomodavam e irritavam muito Alex. QF2 *“Sua ausência, forçava um apego maior meu à minha mãe, como se tivesse assumido o seu papel, quando voltava em casa sua relação era mais de exigências disciplinares que relação afetiva paternal filial”* Quando o pai foi embora, separou-se da mãe, Alex sofreu muito e ficou com muita mágoa e raiva dele. Sentiu sua ausência, sobretudo quando estava com seus colegas que *“saíam com seus pais para o clube ou futebol e “eu sempre em casa”* Isto lhe causava muita tristeza. *“Não estava sozinho, mas me sentia sozinho”* Ficava muito triste quando seus amigos diziam que não podiam ir para algum programa porque *“Vou sair com meu pai”*. Alex ficava com vergonha porque *“não tinha pai para sair”*. Na resposta a QF4 *“o membro de sua família do qual gostava menos era o pai porque era como um hospede na casa. Com*

*gratidão reconheço que a manutenção, sustento da casa era ele quem garantia. A mim faltava sua presença”. Nesse período não praticava nenhuma religião. Na adolescência viveu mais fortemente a crise da ausência do pai. “Era comum entre os colegas falar sobre namoro. “Eu nunca passei por essa experiência”. “Achava estranho, mas nunca me preocupei demasiado”! Tinha uma garota de quem gostava, era filha única, mas não a namorou. Por outro lado “eu percebia, ao mesmo tempo certa inclinação pelo mesmo sexo. Nunca aconteceu nada, ou seja, não cedi à tentação. Resolveu ir procurar o Pai e fazer as pazes com ele, **reconsiliar-se**. Dos 14 aos 17 anos estudou e trabalhou, morava com avó e lá um tio lhe fez às vezes de pai enquanto a avó se preocupava muito com ele. Ela o incentivou a estudar. Sua avó era pessoa querida por ele. Nesse tempo foi convidado a participar de grupo carismático. Foi, mas não se entusiasmou muito. Mais tarde, por insistência de amigos, foi participar de encontros na igreja. Fez preparação para os sacramentos e passou a frequentar a igreja. Começou a participar de grupos e nesse contexto conheceu o Instituto do qual hoje faz parte. Decidiu abraçar a vocação religiosa, pois se sentiu chamado e foi para o seminário. No início estranhou bastante, era tudo diferente do que estava acostumado, lá havia disciplina, horários. Depois de algum tempo teve dificuldades com o formador que perdurou algum tempo, pois não encontrava apoio nele e teve momento de aridez e escuridão, sentiu repulsa por ele (= projeção de figura paterna!). Parecia estar sozinho e ter sido enganado por Cristo. Em EP “tudo parecia ilusão”. Não havia Deus. Em QD20 diz que às vezes senti que eu odiava Deus porque, quando noviço, vivi um período de aridez, secura existencial, afetiva, espiritual. Só o que eu pensava e o que era lógico tinham sentido de ser. Deus estava escondido ou tinha me enganado.*

Respondendo a QF14: se pudesse mudar a mim mesmo eu gostaria de ser como “minha pessoa” porque eu tenho uma identidade e quero chegar à minha personalidade.

Referindo-se à ocasião em que fez os primeiros votos no instituto disse: *Dois sentimentos fortes ficaram impressos em mim: gratidão e pertença. Gratidão porque me educou, investiu em minha pessoa, me despertou para valores que antes não os conhecia. E pertença porque queria corresponder a tudo aquilo que me proporcionou e corresponder com tudo que eu mesmo poderia dar a minha própria pessoa. Tudo isso não impediu um breve momento de aridez e escuridão. Parecia estar sozinho e ter sido enganado por Cristo Jesus. Não encontrava apoio no formador e na oração parecia uma ilusão. Não havia Deus. Isso tudo gerou uma repulsa em mim pelo formador.*

3.2. Respostas ao questionário sobre Deus

Suas respostas ao questionário sobre Deus foram classificadas como: **P**=21=46,7% ; **A**= 14= 31,1%; **E**=10=22,2%; Embora **P** individualmente considerada seja mais elevada que as demais, a somatória de A+E é mais alta (25). Há, portanto, uma predominância para a impessoalidade nas respostas. Nota-se também um misto de respostas dispersas entre **P-A-E**. Parece indicativo de uma dificuldade de manter uma coerência no modo de lidar com suas convicções, experiências. Seria isso indicativo de uma certa identidade difusa ou como diz “*tenho uma identidade e quero chegar à minha personalidade*”?.

3.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”

a. Sua frase preferida do Evangelho (QE5): “*Jesus disse: não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi*” por que “*manifesta a iniciativa de Jesus de escolher e chamar*”. *Expressão do amor. Do amor de Jesus para comigo. “Sinto gratidão por ser de Jesus e por ser chamado.”*

Explicação dada na entrevista para a escolha da frase: *“Não fostes vós que me escolheste, mas eu que vos escolhi”*. (EP) *Bem, primeiro porque mostra a iniciativa de Deus em chamar os seus e o fato de corresponder a Deus, de ter liberdade, pra mim é muito forte essa dimensão de que é um chamado gratuito e uma resposta também gratuita. Deus não espera de mim a resposta bem feitinha, bem elaborada e prontinha é um caminho que vai se aproximando do que é o projeto dele, mas pra mim é forte o fato de que Deus me chamou, então ele olhou pra mim e a minha resposta é de gratidão, não tem um porquê, tem um desejo de correspondência para mim, é forte isso, mais ainda é essa dimensão de liberdade, da minha parte para com Deus.*

A escolha da frase se deu em um retiro para profissão dos votos religiosos, era o texto indicado para a oração. *Pra mim eu a tenho como referência, como um pequeno projeto de vida, é de gratuidade diante de Deus que está sempre presente em me chamar, e o que traduz isso na vida comunitária, na vida de pastoral é esse olhar específico pra cada pessoa, o seu modo de ser, seu modo de viver, sem exigir aquilo que eu exijo ou exigia...”*

Observe-se a insistência no sentir-se *chamado*. Equivale a dizer ser valorizado, considerado, tratado como “alguém”. Apoiando-se no *chamado* sente-se alguém. Esse parece ser sua busca para encontrar sua “*personalidade*”. Ele diz que tem uma identidade, mas essa parece um pouco difusa, como veremos na análise complexiva abaixo.

Eis algumas explicações dadas por ele na entrevista pessoal:

Olha na minha vida, seguindo a Vida Consagrada, depois que eu a compreendi de fato, Deus me fez abrir os olhos, aceitar, resisti muito ao chamado vocacional, mas quando respondi, descobri a importância de viver, a importância que tem o significado

da minha vida, primeiro pra mim e agora o quanto isso pode ser compartilhado, então na Vida Consagrada é que encontrei o sentido da vida, me sinto realizado.

Há uma força maior no meu “eu” que recusa esta vida no seu tudo, na Vida Consagrada seja em relação à vida apostólica, quando eu ponho interesse no dia a dia, todos os valores que estão ali, e aí então me dou conta, dou esse nome de “mediocridade”, quando dou umas brechinhas prá não querer corresponder.

Dentro daí, desse trecho, todo o Evangelho de João, desde a primeira frase, a partir também do testemunho do nosso fundador, vou dar um exemplo, eu apegado a algumas situações, algumas coisas sem importância, como roupa que ganho da minha mãe, um presente que ganho do meu pai, então chega um momento que vou acumulando isso e a importância que tem pra mim esses presentes. Eu guardava, eu tinha uma calça que nunca tinha usado e chegou o momento, isso pra mim era um desespero, lembro que meu pai tinha me dado um sapato, tinha um carinho por ele, e tinha carinho tanto pelo meu pai quanto pelo sapato, (observe-se que os sapatos dados pelo pai se tornam para ele um objeto transicional²², uma espécie de garantia de que o pai o ama”) mas agora na dimensão existencial mesmo é a humildade, ceder a algumas idéias e brigar comigo mesmo, desejo de um isolamento, desejo de estar no meu mundinho e não entrar na vida comunitária, estar na mesa, participar de encontros. Eu sou muito de guardar, de expressar, isso de reconciliação. Pegando o serviço na comunidade, na pastoral, na inclusão social, acho que vai também mais do momento que estou vivendo isso é mais forte, no período de formação que me encontro, isso é mais forte.

Alex, na longa explicação, justificando a escolha da frase bíblica preferida, denota um esforço para provar seu convencimento de ser *chamado*, parece que nisso

²² WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago 1975. Cap. I.

encontra sua identidade estereotipada, porque quando “escapa” desse “lugar sagrado” (ser chamado) se perde não se encontra mais, tem dificuldade de reconhecer-se no humano. (*Há uma força maior no meu “eu” que recusa esta vida no seu tudo, (...) quando eu ponho interesse no dia a dia, todos os valores que estão ali, e aí então me dou conta, dou esse nome de “mediocridade”, quando dou umas brechinhas pra não querer corresponder*) Em outras palavras, parece dizer que fora desse “refúgio” no sagrado ele se perde não se encontra, se desfaz – “força maior que o leva para a mediocridade!” Daí que sua resposta ao “chamado” deve fechar todas as “brechinhas”. Ou seja, escondê-lo de si mesmo. Veja-se análise dos desenhos abaixo.

Rulla encontrou em suas pesquisas que muitos dos sujeitos que perseveraram na vocação tornaram-se “nidificadores”²³ atingindo um índice elevado de 72%. Segundo Rulla isso se deve ao limitado exercício da liberdade efetiva²⁴, devido ao bloqueio causado pelas inconsistências inconscientes. Parece que Alex encontrou na vocação (chamado) “seu lugar” (ninho), plenamente justificado por ele em seu nível consciente, porque se sente chamado e todo o ideal que isso representa; porém não consegue mantê-lo porque sua “mediocridade” o desafia e de certa forma o desmente.

b. A Frase bíblica que mais se aproxima da maneira como se vê (QE8) é “*eu vim para servir*”. Esta frase está na perspectiva de sua análise do sentir-se chamado.

²³ AVC-II, p. 118s.

²⁴ Rulla referindo-se à liberdade assume uma distinção feita por Lonergan citado por ele, entre liberdade essencial e liberdade efetiva. Por liberdade essencial entende: “o homem é livre essencialmente tanto quanto as linhas de sua ação são compreendidas por um insight prático, motivadas pela reflexão e executadas por decisão” enquanto que liberdade efetiva existe quando a liberdade essencial, é exercida em uma escolha entre diversas alternativas possíveis” Por exemplo: uma pessoa que deseja parar de fumar pode ser essencialmente mas não efetivamente livre para fazer isso. Isto é, é capaz de compreender e de refletir sobre os motivos para não fumar, e tem até força de vontade para por em ação essa força, mas não realiza essas capacidades e não executa a decisão porque é limitada na escolha de possíveis alternativas para o hábito de fumar, permanecendo sob a pressão do hábito. E assim a liberdade efetiva é limitada. Cfr. AVC-I, pp. 234-235.

c. Suas palavras-chave são “*encontro, presença, comunhão*”. O encontro foi “*esse encontro comigo mesmo, meu jeito de ser, minha personalidade, minha história, meus traumas com meu “eu” total. A presença de Deus em mim. E comunhão, essa direção social afetiva*”.

3.4. Questionário sobre Família

Em sua auto descrição (QF21) se diz “*satisfeito com a vida, feliz com a opção feita, vitorioso em relação ao passado e esperançoso no futuro da vida e da humanidade. A tristeza me pega quando percebo a minha mediocridade*”.

Observações analíticas: Transparece em sua auto descrição alguém aparentemente realizado, feliz, porém à custa de uma luta muito forte “vitorioso em relação ao passado”, como quem saiu de umas amarras em que o passado o envolveu, para então lançar-se na esperança do futuro da vida e da humanidade! Observe-se que há, em relação ao futuro, uma maneira impessoal e um pouco despersonalizada de referir-se a ele: “futuro da vida e da humanidade”! Fica a questão a ser resolvida: e a sua vida onde fica? Parece perdida na “*tristeza que me pega quando percebo a minha mediocridade!*”. Há certa dualidade ao falar de si. Por um lado proclama sua vocação como algo que lhe deu sentido à vida. Por outro lado se vê medíocre! Justifica-se a insistência (“*para mim é muito forte*”) ressaltada em seu discurso para enaltecer o fato de “sentir-se chamado” (repetido muitas vezes ao longo de suas explicações). Parece que o “*ser chamado*” é algo que se impôs a ele com tal força que exige dele certa auto anulação de sua “humanidade” para poder viver num patamar desumanizado. Parece que só assim pode entrar na esfera do sagrado! Como a análise do desenho sobre “Deus” mostrará melhor.

Outros dados da entrevista.

(EP) Um momento chave em sua vida foi quando passou por uma crise existencial, *“não tinha mais esperança, não tinha mais saída e estava decidido a começar um outro caminho, embora eu tivesse me encontrado e encontrado o sentido da minha vida, mas por questões estruturais e institucionais, e foi quando consegui na perseverança mesmo e aí isso me abriu três coisas muito importantes da minha vida: que eu tinha dado a minha família, reconciliado com meu pai e a minha vida na dimensão afetiva, que era assim bem fechadinha e na própria comunidade e vocação, digo que foi o salto que me fez tomar ar.”*

(EP) explicando a crise pela qual passou diz: *A crise surgiu de uma questão administrativa, muito fora do Evangelho, “estava dentro da instituição.” A crise vocacional me levou a esse ponto existencial também, a crise afetiva e familiar, não traí, mas consegui dar um nó no ar (expressão um pouco estranha, dar um nó no vazio!), isso foi num momento de desespero mesmo, em que eu só conseguia rezar a Cruz e aí eu consegui ver um horizonte.*

Eu sentia muita raiva, indignação, assim eu fazia meu mundo dentro da comunidade, sem relacionamentos, nenhum contato pessoal com o formador, com a autoridade, uma agressividade passiva tudo isso e mais um pouco.

Comecei a rezar a Cruz e a ler São João da Cruz. A vida do fundador e isto me inspirou. Caiu tudo, caiu o superior, caiu o formador, caiu a instituição, caíram os sacramentos, caiu meu eu, caiu tudo. Foi aí que me despi, me vi nu mesmo e isso me fortaleceu me deu mais consciência, mais força, olhar focado, objetivo na vocação. A instituição, as severidades, as situações ao redor, como meios possíveis, positivos ou negativos, mas o que ficou foi isso: Deus.

Na entrevista, comentando sobre um ponto marcante em sua vida diz: *Eu acho que foi esse que me encontrei comigo mesmo e aquele com meus familiares, sobretudo com meu pai. Tinha uma bronca com meu pai, aos 14 anos ele deixou a gente, no momento mais difícil de nossa situação econômica. Eu fui atrás dele, fui à casa dele, renunciei, conversei, expus, falei e me reconciliei com ele, mas a partir disso também eu tinha medo de me relacionar com a família do lado paterno.*

Em relação a sua fé diz: *Eu acredito que foi fundamental, porque foi pela experiência do sofrimento, da crise, da dor, do fundo do poço é que eu sentia uma consolação ou uma esperança de que algo ia acontecer, foi aí que percebi e me dei conta da presença de Deus mesmo, agindo, acontecendo, porque por minhas forças mesmo eu não teria resistido à crise, eu teria dado um basta, foi quando eu comecei novamente a retomar o sacramento da confissão e a intensidade da eucaristia, da vida de missa, foi aí a força da fé.*

Falando sobre memórias positivas e negativas de sua infância, refere-se a “eu tenho uma positiva é que meu pai sempre trabalhou fora, tinha pouca presença na educação, na vida, no esclarecimento da família e trabalhava, ficava muito fora, vinha um final de semana a cada 15 dias, e uma vez, ele falou - “hoje vamos passear”!, mas isso não era comum no meu pai. Minha mãe nos pegou os três filhos e fomos passear num circo, lembro que tinha uma bola grandona, foi a melhor coisa da minha infância, eu acho que eu tinha assim uns 6, 7 anos. Foi um momento forte este do passeio ao circo.

Uma memória negativa foi quando eu precisei morar com minha tia e minha avó na capital. A gente morava no interior, era escola distante, estávamos vivendo um momento de muita dificuldade, não chegamos a passar fome, mas estávamos com

bastante dificuldade. Um irmão tinha ido pra lá pra poder trabalhar, se especializar, só ficou minha mãe e meu irmão mais velho e eu fui morar com minha tia, fui para estudar. Tinha uns 13-14 anos.

Relatando sobre sua adolescência destaca que “*todo mundo na rua, muitos amigos, às vezes convidavam, vamos brincar*”? “*Alguns diziam: Não, vou jogar bola com meu pai, vou pro clube com meu pai.*” *Vamos ao cinema? Não, hoje não dá, vou sair com meu pai e eu não tinha pai para sair! Isso me machucou muito, eu comecei, a partir daí, me dar conta que eu tinha raiva do meu pai. Quando me perguntavam onde estava meu pai, quem era meu pai? Eu acho que isso é agressividade total. Aos 14 anos é um momento importante para o desenvolvimento do filho a presença do pai que dá segurança, a vida está passando por transformações e precisa do pai e ele não estava!*

Referindo-se a sua relação com Deus no período de sua infância e adolescência diz: *eu não tinha muito claro Deus não, porque não era muito comum à religiosidade dentro da família; então não tinha muito Deus aí, mas houve uma revolta de um modo geral, relacionamentos em casa, até com esse meu tio que me acolheu, que precisei ir morar com ele, porque parece que a figura paterna vinha dessa imagem de raiva. Ainda, tinha medo de me aproximar, porque se eu me apegasse com ele, corria o risco de ficar de novo sozinho, apegar ao tio, apegar ao irmão. Preferi ficar assim sem ninguém.*

Observação analítica: Note-se que a representação de Deus, muito incipiente no início de sua vida, começa a ser elaborada de forma negativa (raiva). Note-se também que parece não desejar criar vínculos afetivos por temor de perder em seguida!

Narrando uma memória de sua vida adulta diz que aos 18 anos, já no seminário, foi conhecer o padre fundador. *Foi um momento forte, era um momento muito desejado*

e esperado. Nós só escrevíamos para ele, escrevíamos pensamentos, mas nunca o tínhamos visto pessoalmente. Fomos à Roma para emitir os votos e conhecê-lo. Quando ele veio ao nosso encontro, descendo uma escada. Quando o vi, senti uma tremedeira, uma emoção que avancei, passando à frente de meus colegas, dei-lhe um forte abraço. Foi um momento marcante. O olhar e o sorriso dele me marcaram.

Note-se o realce que dá ao abraço que deu ao fundador! Parece realizar com isso o sonho de ter um pai próximo! Aquele que não encontrou no pai biológico que estava “sempre ausente”

Pessoas significativas

Falando de pessoas significativas apontou: (EP) *Minha avó é uma pessoa muito significativa, meus tios que me acolheram. Minha avó, porque ela me acolheu e proveu todas as minhas necessidades, desde a educação, desde a vestimenta; esses meus tios, foram eles que me incentivaram, que me chamaram pra vir. Meu tio, irmão da minha mãe é meu padrinho de batismo. Minha avó morava na frente e esses meus tios no fundo. Foi importante pra mim isso. O que eu admirava neles era a educação de pai e mãe mesmo, minha avó proveu as minhas necessidades, meus tios foi a educação, o amor, o respeito, o incentivo ao estudo, pensar no futuro, tudo isso.*

Outra pessoa significativa foi meu formador. Mesmo em minha crise, ele sabendo o motivo da minha crise, que envolvia a pessoa dele também, ele sempre me acompanhou, ele viu mais do que eu podia ver, quando eu comecei a retomar a vida, conversei com ele e pedi desculpa. Fiz um processo de reconciliação, ele me deu um aperto de mão e um abraço e me disse: “daqui pra frente, vou ficar com você”, me deu um sinal verde, então, retomei a vida de formação.

A minha visão dele é a mesma, mas não me faz agora rejeitá-lo e desprezá-lo; foi isso que me marcou, essa acolhida dele comigo e esta minha acolhida dele, como ele é. Foi uma reconciliação. Pra mim foi importante e muito significativo isso, me percebi diferente, reconheci certas atitudes dele, mas sem desconsiderar e desprezar a sua pessoa.

Outra pessoa significativa foi minha mãe, eu me lembro o quanto ela se esforçava para sustentar a casa. Aquilo que eu falei do pai tem uma influência negativa e até hoje continua! A mãe se esforçava, batalhava pra poder trazer embrulhadinho no jornal, embaixo do braço, três, quatro bifés pra gente comer, havia muita despesa, era um momento de dificuldade, mas sinto muito reconhecimento e muita gratidão, desta atitude dela, desse esforço dela, tudo isso é significativo para mim. A coragem, esse espírito guerreiro, de enfrentar sozinha a vida, sem a proteção do meu pai.

Falando em relação ao futuro diz: (EP). Primeiro desejo muito trabalhar com relacionamento pessoal. Penso muito em trabalhar na minha vida como sacerdote é valorizar muito o sacramento da missa e o sacramento da reconciliação que é a possibilidade que eu tenho desse encontro pessoal. Também na formação de grupos de leigos, formação de leigos, agentes de pastorais, um trabalho bem de base mesmo. Não pretendo ficar muito tempo num lugar só, depois de alguns anos, fazer um giro para abrir a cabeça nessa dimensão missionária, missão de evangelizador da Igreja nas diversas etapas. No Brasil, a partir de nosso carisma, trabalhamos com comunicação.

A reconciliação, eu valorizo muito o sacramento da reconciliação, um momento de dar conta a Deus.

Perguntado sobre a importância que dava à reconciliação se tinha a ver com a crise em relação ao pai diz: “sentia raiva pela culpa, por sentir culpa, tinha raiva de

mim mesmo. Daí ter um significado especial o sacramento da reconciliação. Foi aí que houve a Reconciliação me fez olhar mais com desejo de arrependimento do que de culpa.

Falando do que hoje lhe causa estresse disse: Bem atualmente ando meio desesperado. Atualmente eu estou ajudando na formação, sou responsável por um grupo. E muitos formandos estão tendo interrogações, porque abrimos espaço para um grupinho vocacional, que teve pouco acompanhamento, sem muito trabalho específico, acolhemos e hoje nós estamos percebendo as dificuldades; e hoje, (dia da entrevista!) tem um noviço, que está fora de casa já há uns três dias. E a mãe dele já ligou várias vezes. Sábado disse que tinha ido pra lá, estava nervoso, cansado e disse que ia descansar. E disse que ia voltar, só que até hoje não voltou. Então isso está me deixando com uma preocupação, está me deixando irritado, estou desnorteado. Não tenho notícias. Ligou ontem e disse que provavelmente voltava hoje à noite. Antes de acontecer isso, ele me chamou pra conversar, disse estava com muita dificuldade e queria passar um tempo fora, para viver um pouco a vida dele e estava mais pra lá do que pra cá, só que aí tinha umas mentiras, tem umas histórias mal contadas, umas coisas que não batem uma com a outra, então eu estou decidido, já dei um basta, eu conversei com meu superior vou dispensá-lo. Isso está me causando muito estresse atualmente.

Falando sobre suas crenças fundamentais disse: Sou de dar importância a pequenas coisas, sorriso, aperto de mão, abraço, uma atenção, isso pra mim já é mudar o mundo, já é dar um sentido a esses desprezos. Pra mim isso é importante na comunidade, a coisa maior é o diálogo.

Agora uma utopia que tenho é a de construir um centro, como se fosse uma cidade, onde todos possam pertencer seja católico, sejam de outros tipos de religião,

mas que tenha um valor comum. Um ‘centro da unidade’ ou a ‘casa da unidade’. Está um pouco ligado ao próprio carisma, é um sonho pro futuro, é esse o projeto.

Achou difícil falar sobre o núcleo central da sua crença religiosa. É alguma coisa que está personificando, é aquela em Jesus Cristo; despir-se do homem velho, revestir do homem novo, na santidade, na justiça, na misericórdia, na reconciliação. O que faz esse homem novo é a justiça, a santidade, o perdão, o afeto, a atenção, uma expressão de carinho, de gratidão, de serviço em Jesus Cristo.

O núcleo central de sua fé então “é uma dimensão na realidade Eucarística; nada de magia. No começo parecia-me algo mágico, mas agora é diferente. A questão do relacionamento com Nossa Senhora é de pedido, de novena. Com os outros Santos aquela questão do que eles fazem por mim! Antes era tudo a partir da regra no Instituto, na fé; a regra da casa é essa e não se mexe, a missa todo dia é uma regra e não o carisma, aquela coisa assim fixada. Isso desde quando entrei até o noviciado, até o começo da profissão, depois comecei a perceber quem era eu, tinha fé, mas era meu esforço, tinha que rezar o terço, então não tinha gratuidade, nem disponibilidade, agora, no momento paro, vejo o que estou fazendo, dou valor, hoje a reta intenção, a possibilidade de proximidade pra viver, administrar a fé, de religioso em Cristo, sem essa paranóia; não imaginava que eu podia faltar na missa pra tratar de escola, deixava de entregar um trabalho, mas não faltava à missa, hoje pra mim é mais tranqüilo, não estou indo porque não quero. A questão de hierarquia também, de obediência agora é conversado, dialogado, isso me deixou mais consciente, mais maduro na fé. Talvez não está no seu grau ainda, mas me dá mais espaço pra Deus desse jeito.

Relatando sua evolução em relação à idéia de Deus diz: “Quando criança e na adolescência, não tinha muito, mas eu imaginava, como falavam que Deus castiga,

Deus está vendo, então era um Deus guarda costas, está espiando; um detetive. Na adolescência, depois dessa atitude do meu pai, a imagem de Deus ficou ruim pra mim, Deus é pra quem está esperando a morte, não tinha esperança, a igreja tem pessoas que querem morrer bem, então vai pra igreja, vou chegar lá, heim Tinha essa ironia, carreguei isso pra dentro do Seminário, quando rezava eu não tinha a Trindade, porque não tinha o pai, era só Jesus Cristo; e também pela experiência de renovação carismática, tinha o Espírito Santo, mas não o Pai. Tinha mais a figura de Cristo na dimensão social, porque Deus pra mim era o Espírito Santo, tinha poder, tinha dons e carisma.

Já na experiência de crise, no meu início, Jesus Cristo passou para dimensão de ação, aquele que perdoa, cura, anda, caminha, entra e sai e chama e faz milagre, mais nesse sentido meio distorcido! Mas foi o que ajudou a chegar onde estou.

Deus hoje - agora é quando rezo, rezo a Trindade, rezo ao Pai, ao Criador, Jesus Cristo que me ensinou e me deu o Pai no reino de Deus, me deu consolação e esperança, nas crises, com os noviços... a presença do Espírito Santo, uma iluminação para uma ação da minha parte e toda presença da Trindade em mim, me refiro sempre a Nossa Senhora Imaculada, como a mãe, a filha, a esposa de Deus e esta que gera a vida, me coloca em relação íntima com Deus.

Observações analíticas: Observe-se que sua representação de Deus, na infância, foi construída a partir do modelo apresentado pelo pai. Eram imagens diluídas, formadas a partir de um Deus vigilante e punitivo (*como falavam, Deus castiga, Deus está vendo, um Deus guarda costas, está espiando; um detetive*) que despertava pouco interesse. Frielingsdorf²⁵ em sua pesquisa encontrou entre os 591 sujeitos examinados,

²⁵ FRIELINGSDORF, 1995, p. 97.

imagens de “Deus que pune” em 94% deles. Essas imagens apareciam em várias formas expressivas de um “super Deus” que incute medo em quase todas as outras imagens de Deus. É um juiz ameaçador. Esta parece ter sido a primeira representação de Alex, a de um Deus vigilante que pune! E o modo para livrar-se dessa vigilância punitiva foi afastar-se dele ou não se interessar pela religião em que esse Deus era proclamado. Alex só aos 14-15 anos é que passou a interessar-se por religião. A partir da adolescência começou a remodelar sua representação de Deus. Curiosamente “distorcida”, fragmentada. Deus Trindade tinha apenas duas pessoas! “Cristo e o Espírito Santo”, ausência do Pai! O modelo apresentado pelo seu pai biológico não apresentava condições para se integrar em sua visão de Trindade! Veja-se em sua entrevista quando se refere a suas experiências religiosas nos encontros carismáticos e depois na catequese. Afirma ter hoje uma representação onde inclui Deus Pai; lograda depois que se reconciliou com ele e ingressou no seminário. Lembra-me um pensamento de Rizzuto para quem a representação de Deus uma vez instalada não desaparece, pode ser tão somente ser recalçada, transformada ou usada²⁶.

Observe-se na religiosidade de Alex a introdução da figura de Maria, Nossa Senhora, como um elemento importante para ele, porém introduzida de forma um pouco forçada, sai do contexto que vinha falando. Parece que a “Imaculada” é um elemento importante para compor seu quadro referencial religioso.

A passagem bíblica que traduz sua experiência familiar (QF9). *“eu e minha casa serviremos ao senhor” e ainda um desejo que todos sejam um em Jesus* parece não corresponder a sua experiência real, ao menos por dois motivos. Primeiro, porque em sua família não havia práticas religiosas; segundo, porque ela se desfez. Portanto essa sua escolha é mais de ordem idealista sem fundamento na prática existencial.

²⁶ Cfr. Nota 247 supra.

É interessante observar que a frase que deixaria em seu túmulo não tem nada de religioso “saibam sorrir para a vida, rir da vida”. Parece conter dois significados, um positivo “saibam sorrir para a vida” que mostra o lado agradável, satisfatório. Outro irônico “rir da vida” como algo destacado, deixado para trás “vitorioso em relação ao passado”! Em outras palavras, parece refletir dois mundos separados! Note-se que ao longo de sua entrevista e explicações a respeito de sua vocação destaca sempre o fato de “ser chamado” usando frequentemente a expressão “isso é forte para mim”. Foi sua “tábua de salvação”! Caso contrário, não saberia o que fazer da vida! completaremos essa análise mais adiante com outros elementos que serão considerados.

3.5. Questionário sobre Evangelho

Escrever uma parábola de Jesus. Escolheu a do bom samaritano²⁷.

Texto de Alex.

Estava subindo de Samaria à Jerusalém 3 pessoas: um fariseu, um sacerdote e um samaritano. No caminho encontraram um homem ferido, assaltado, precisando de ajuda. Os dois primeiros, fariseu e sacerdote, passam depressa adiante e nada fazem, porque preocupado com os preceitos do templo, ficam como chegar (sic). Só o samaritano que era excluído do templo e por isso livre de preceitos, passa e vê e atende o homem caído. Este lhe dá tudo que lhe fora necessário para recuperar a vida. Assim o preceito é o amor ao homem, o próximo é aquele ou aquela que vejo e lhe estendo a mão.

TEXTO ORIGINAL LC. 10,29-39

Jesus retomou: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes. Estes arrancaram-lhe tudo, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o quase morto. Por acaso, um sacerdote estava passando por aquele caminho. Quando viu o homem, seguiu adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu o homem e seguiu adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu, e moveu-se de compaixão. Aproximou-se dele e tratou-lhe as feridas, derramando nelas óleo e vinho. Depois colocou-o em seu próprio animal e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, pegou dois denários e entregou-os ao dono da pensão, recomendando: “Toma conta dele! Quando eu voltar, pagarei o que tiveres gasto a mais”. E Jesus perguntou: “Na tua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Então Jesus lhe disse: “Vai e faz tu a mesma coisa

²⁷ Lc. 10,29-39.

Veja-se que não há uma correspondência entre as duas narrativas, somente o enredo é semelhante. Relata brevemente a parábola e em seguida faz comentário relacionando-a consigo “Assim o preceito é o amor ao homem. O próximo é aquele ou aquela que vejo e lhe estendo a mão”. Não se mantém ao que a questão pedia, reproduzir de memória um texto do Evangelho. Veja-se análise abaixo.

Texto de Alex

Um cego estava a beira do caminho. Jesus ia passando. O cego, Bartimeu, percebe Jesus e lhe grita para ter piedade. Jesus enfrenta a resistência para não o tocar ou curar. Mesmo assim, Jesus lhe abre os olhos, porque este é o desejo do cego. O cuspe de Jesus e a terra do chão fazem o barro que abre os olhos e faz o cego enxergar Jesus. Cura nossa cegueira e curado quando Jesus volta seu olhar para nos e quando nos enxergarmos o Senhor da vida, aquele que é a luz do mundo. (sic)

Texto original: Mc. 10,46-52

Chegaram a Jericó. Quando Jesus estava saindo da cidade, acompanhavam-no os discípulos e uma grande multidão. O mendigo cego, Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. Ouvindo que era Jesus Nazareno, começou a gritar: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Muitos o repreendiam para que se calasse. Mas ele gritava ainda mais alto: “Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Muitos o repreendiam para que se calasse. Mas ele gritava ainda mais alto: “Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Jesus parou e disse: “Chamai-o!” Eles o chamaram, dizendo: “Coragem, levanta-te! Ele te chama!” Muitos o repreendiam para que se calasse. Mas ele gritava ainda mais alto: “Filho de Davi, tem compaixão de mim”. O cego jogou o manto fora, deu um pulo e se aproximou de Jesus. Este lhe perguntou: “Que queres que eu te faça?” O cego respondeu: “Rabûni, † meu Mestre, que eu veja”. Jesus disse: “Vai, tua fé te salvou”. No mesmo instante, ele recuperou a vista e foi seguindo Jesus pelo caminho. Também em Lc. 18,35-43.

Note-se que inicia o texto conforme o original²⁸, mas introduz elementos alheios ao texto, faz referência ao barro que Jesus fez com o cuspe (Essa referência há em outro texto de outra narrativa de cura diferente desta de Bartimeu!). Faz também aplicações que extrapolam o sentido do texto.

Essas diferenças entre o texto original e as distorções que Alex faz parece evidenciar uma falha ou uma dificuldade de manter o contato com a realidade de forma objetiva, há falha no “reality testing”²⁹ que torna a sua narrativa confusa. Parece repetir-

²⁸ Mc. 10,46-52 cfr. também Lc. 18,35-43.

²⁹ É uma função fundamental do ego que consiste em uma avaliação objetiva e um julgamento do mundo externo do ego ou self. Cfr. CAMPBELL, ROBERT, J. *Psychiatric dictionary*. 5a. edição. New York: Oxford University Press, 1981, p. 536 (tradução nossa).

se aqui, de outra forma, o que foi dito na análise feita a respeito de seu protocolo do questionário sobre Deus (P=21; A= 14, E=10).

Note-se que em ambos os textos, não observou o que se pediu no questionário, que era reproduzir uma parábola e um milagre de Jesus.

3.6. Apresentação dos desenhos sobre Deus e família

Descrição do Desenho da família

Há uns riscos parecendo um campo, uma casinha isolada e uma árvore à distância e um carro. Escreveu embaixo do desenho: *Minha mãe e meu pai na frente, meus dois irmãos e eu atrás. “Nossas viagens à roça”*. Não há figura humana em evidência, estão dentro do carro! Não há relação, parecem personagens, um ao lado do outro, sem comunicação. Veja-se a diante análise sobre os desenhos.

DESENHO DA FAMÍLIA

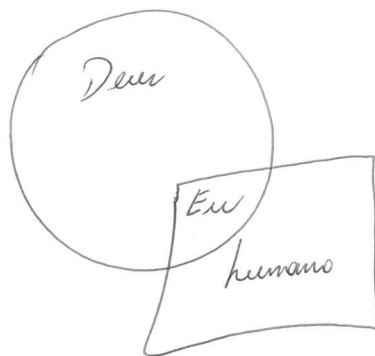
Instrução: Desenhe no espaço abaixo sua família



Muito feliz e muito contente.
Meu dois irmãos e eu atós. 1
Nessa época a roça (MG).

IMAGEM DE DEUS

INSTRUÇÃO: Procure desenhar Deus da maneira como você sente que Deus é. Desenhe no espaço abaixo.



Descrição do Desenho sobre Deus

Em seu desenho há um círculo e um quadrado interceptados. Na área do círculo escrito a palavra “*Deus*”, na área de intersecção a palavra “*eu*” e na área do quadrado escrito “*humano*”. Não dá nenhuma explicações.

Análise interpretativa dos desenhos

Desenho da família

Em QF22 diz, “quando fiz o desenho da família, eu me senti e desenhei como tendo *13 anos* porque *foi à época em que meu pai começou a ficar mais presente conosco. Neste período as viagens familiar eram muitos boas.*

Note-se no desenho, que não há figuras humanas em evidência. Há uma referência de que estão dentro do carro! As cinco pessoas que estão dentro do carro estão justapostas. Há uma separação entre os três irmãos atrás e os pais na frente. Não há menção de que se comuniquem, apenas viajam juntos, cada um no seu mundo. Há uma referência a uma viagem “a roça”. Parece indicar uma busca das origens! Os pais são de origem rural! Em outras palavras, a busca das origens poderia indicar que não existe uma identidade familiar. Note-se que os pais de Alex se uniram depois de ambos terem desfeito matrimônios com outros cônjuges. Naqueles matrimônios não houve sucesso! Também nesse do qual nasceu Alex, também a família se desfez com a separação dos pais, cada filho foi para um lugar (casa da avó, tios). A família está sem raízes! Sem “lugar” fixo! (viaja).

O cenário do desenho compõe-se de três objetos em destaque (casa, carro, árvore) e outros elementos secundários. A casa está isolada, à distância há uma árvore também isolada e um carro em uma estrada descontinuada.

No esboço da casa não há portas nem janelas. Parece mais uma caixa fechada. Parece simbolicamente a representação da família, sem comunicação, *“quando o pai estava em casa quase não falava!”* – uma casa sem vida porque os laços afetivos eram escassos.

O desenho da árvore chama a atenção por não ter galhos, nem folhas, apenas uma fronte fechada sobre o tronco. Não há distinção, apenas uma simbiose!

O carro está em uma estrada descontinuada. Há uma referência que seus ocupantes estão dentro dele separados entre os bancos frente e atrás, em viagem para a roça! A descrição dos ocupantes é *“minha mãe e meu pai na frente. Meus dois irmãos e eu atrás. Nossa viagem à roça”*. O desenho todo enquanto *“desenho da família”* parece ser simbólico da experiência familiar de Alex. Como disse na entrevista, foram poucos momentos de convívio familiar. Prevaleceu a *“ausência”*. O pai ausente por motivos de trabalho; a mãe que se embriaga; Alex que vai morar com avó, irmãos só pela metade (filhos da mãe, mas não do pai). Família fragmentada! No desenho os objetos estão dispersos, distantes.

A realidade familiar é bem diferente daquela que Alex afirma em QE9 *“você conhece alguma passagem da Bíblia que traduziria sua experiência familiar? “Eu e minha casa, serviremos ao Senhor” e ainda um desejo que todos sejam de Jesus”*.

Desenho de Deus

Descrição

São duas figuras, um círculo e um quadrado que se interceptam em uma pequena parte, formando então três figuras. No círculo está escrito *“Deus”*, na intersecção escrito *“eu”* e no restante do quadrado escrito *“humano”*. Essas três figuras não mantêm uma

abertura, são espaços fechados! O desenho todo ocupa parte proporcionalmente pequena do espaço da folha localizado na parte média superior caindo para o lado esquerdo da folha.

Interpretação: o desenho de Alex parece simbolicamente traduzir sua experiência humano religiosa. Por um lado, um esforço para penetrar no “espaço” do divino (círculo onde está Deus, o fato de “ser chamado”), mas não consegue soltar-se nele! Mantém-se fechado. Note-se que quando descreve o seu “*chamado*” vocacional o fez quase como negação de sua história pessoal, pois se diz “*mediocre*”, portanto indigno. Por outro lado, para penetrar no “*campo*” de Deus o “*eu*” se desliga do “*humano*”. O Eu então se situa num espaço entre o divino e o humano – isolado. Na entrevista, várias vezes, refere-se ao desejo de se isolar, mormente nos momentos da crise! Observe-se que em suas narrações da parábola e milagre de Jesus (QE1 e 2) parece repetir essa dinâmica. Um “*eu difuso*”, naqueles textos há uma mistura de elementos estranhos ao original bíblico, já analisados. Também encontramos essa tendência no protocolo de QD que aparece na dispersão entre **P_A_E**. Nesse sentido o seu desenho enquanto símbolo da maneira como sente que Deus é, parece refletir um “eu difuso” (confuso). As representações de Deus na vida de Alex, em sua infância, eram ambíguas e distantes, pouco ligadas à experiência familiar (“*na minha família não era muito comum a religiosidade*”). Suas representações de Deus na infância não tinham referenciais na família, apenas idéias de “Deus que pune, castiga, vigia”. Sua representação de Deus, portanto ficou fragmentada, inacabada ou muito remota. Veja-se, por exemplo, quando começou a se interessar pela fé cristã. “Encontrou” a Jesus Cristo e o Espírito Santo”, mas não conseguia relacionar-se com Deus Pai! Seu pai biológico não foi para ele modelo identificatório nem para a representação de Deus e nem para a identidade pessoal (gênero). Disse que na adolescência sentiu inclinação

homossexual. Isto parece configurar de certo modo uma identidade difusa (identity Difusion)³⁰, em outras palavras fragmentadas. É o que parece transparecer no desenho sobre Deus, em que os três elementos: *Deus – eu – humano* – estão separados, fechados cada um em seu espaço. Isto de certo modo contrasta com as afirmações de Alex quando se refere à mudança provocada nele quando se sentiu “chamado”.

3.7. Análise complexiva

Sincronizando as palavras-chave de Alex.

Pressupondo-se aquilo que já foi dito nas “observações analíticas acima apresentamos uma análise complexiva. Nota-se em Alex um grande esforço para integrar-se em seus propósitos, bem como integrar a si mesmo. Por vezes, seu esforço se assemelha a um voluntarismo, aliás, muito valorizado no estilo de formação que predominou antes do Concílio Vaticano II³¹. No conjunto de suas respostas essa luta parece evidente, entre a auto superação pelo esforço para corresponder ao seu “chamado”, faltando-lhe ainda mais realismo, pé no chão. Parece bem resumir sua luta ao se identificar com uma frase de São Paulo, “*despir-se do homem velho, revestir-se do homem novo*”. (palavras-chave) Suas respostas ao questionário parecem apontar para essa transição entre seu ideal proclamado e seu ideal vivido. Chama atenção suas freqüentes referências à palavra **reconciliação**. Aparecem muitas vezes em suas respostas. Essa parece ser também uma palavra-chave de sua vida. Em torno dela está o

³⁰ Identidade é o modelo inconsciente direcional ou aparato de sentidos através do qual o indivíduo orienta a si mesmo em relação aos outros e ao seu meio ambiente. Em parte consiste de identificação e representações de relações com os objetos primários de amor. ... posteriormente deve representar um sistema coordenado temporariamente persistente através do qual o self está localizado. Identificação, por contraste, poderia provavelmente ser usado para descrever o processo através do qual, objetos externos e os intercâmbios com eles, estão parcialmente ou totalmente representados no aparato psíquico, e subsequentemente subjetivados, equacionados ou correlacionados com as representações do self” (tradução nossa). Cfr. CAMPBELL, ROBERT, J. *Psychiatric dictionary*. 5a. edição. New York: Oxford University Press, 1981.

³¹ MANENTI, A. *Viver em Comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1985.

restabelecimento da relação difícil com o pai. O sacramento da reconciliação faz parte de suas prioridades como futuro sacerdote. Relata que procura com frequência o sacramento da reconciliação. Do núcleo central da fé dá destaque para dois elementos: a misericórdia e a reconciliação. Reconciliar-se com seu pai foi citado por ele várias vezes, como necessidade, como ação. Destaca esse aspecto na sua vivência da fé. Portanto, Reconciliação parece ser uma palavra-chave, que indica não apenas um fazer as pazes com alguém, mas parece ser uma dinâmica inconsciente que está também associada a sua luta para uma maior integração de sua história em sua vida. Em seus desenhos sobre família, os membros estão em “viagem para a roça” (busca das origens), mas não têm relação, estão justapostos. No desenho de Deus, há um círculo e um quadrado que se intersectam e um “eu” no centro da intersecção. Parecem representar uma luta do “humano” para penetrar na esfera de Deus. (*Despir-se do homem velho e revestir-se do homem novo*). Como na parábola do bom samaritano, destaca a ação deste em socorrer um caído. Pode-se estabelecer uma relação entre os dois pólos da luta: um caído abandonado (“sem pai” – “não tenho pai”) e um que se aproxima e o socorre (“minha avó que me acolheu”). Quanto ao milagre da cura do cego à beira do caminho, no relato do milagre mistura a narrativa de duas curas de cegos em uma só. Também nessa escolha do milagre, aparecem novamente o “cego” sem ninguém por ele, abandonado à beira do caminho, encontra socorro em Jesus (quando viu o fundador descendo a escada não se conteve, passou à frente dos colegas e se lançou em seus braços). Em ambos os textos faz comentários pouco correlatos com o sentido original do texto, fazendo exortações para a vida, mostrando uma preocupação mais de doutrinação.

As três palavras que escolhe como palavras-chave para definir sua experiência religiosa são: “*encontro, presença e comunhão*” que parecem refletir além daquilo que tem conscientemente, significados inconscientes relacionadas à sua luta acima referida.

Compare-se, por exemplo: encontro vs. solidão e crise. Ao ir conhecer seu fundador, não resiste e impulsivamente vai ao encontro deste e o abraça. Uma necessidade de apossar-se de um objeto desejado. No encontro impulsivo com seu fundador, talvez se traduza (efetive) o desejo inconsciente de “ter um pai” que na vida real foi ausente. Seu pai era objeto desejado e odiado ao mesmo tempo. Este pai ausente aparece também em suas dificuldades nas orações, em que suas queixas eram de não conseguir rezar dirigindo-se ao Deus Pai, somente a Jesus Cristo e o Espírito Santo. No auge de sua crise existencial que ameaçou sua vocação, foi buscar luz em São João da Cruz e no patrono de sua Instituição que teve morte heróica (mártir). Sente a necessidade de uma “presença” para certificar-se de seu “valor”. Daí nasce também seu grande desejo de “comunhão”. (cfr. Desenho sobre Deus).

Há um contraste entre sua experiência familiar concreta com sua resposta a QE9 “*eu e minha família serviremos ao Senhor*”. Parece não haver lógica entre as duas posições. Família desestruturada vs família unida que serve ao Senhor! Pode-se, nessa ótica, interpretar suas palavras-chave “encontro, presença, comunhão” como desejos que estão em nível de expectativas irrealistas³² e que sustentam em parte sua vocação. Nessa linha de interpretação, pode-se resumir algum significado para as palavras-chave. “*Encontro*” como necessidade para confirmar sua identidade, “*presença*” como posse dela e “*comunhão*” como asseguramento e garantia da própria identidade fundida noutra.

A frase que deixaria para por em seu túmulo: “*saibam sorrir para vida; riam da vida*” parece ser mais uma reação formativa³³ que propriamente uma lápide. Note-se que não há uma referência a sua pessoa, mas um conselho para os outros. Ademais a última parte parece ser um pouco irônica “*riam da vida*”!

³² AVC-II, p. 120.

³³ Mecanismo de defesa “expressar um pensamento, afeto ou comportamento que, na forma ou na direção manifesta, são diametralmente opostos ao impulso inaceitável subjacente” cfr. CENCINI, A.; MANENTI, A. *Psicologia e Formação*, 1988, p. 331.

Alex, embora afirme uma percepção de si que julga já ter amadurecido, suas palavras-chave parecem mostrar um lado oculto seu, que ainda são causa de aflições (estresses) que não lhe permitem viver como desejaria “encontro, presença e comunhão”. Por um processo sublimatório³⁴ consegue esconder seus conflitos ainda não bem integrados. Seu desenho sobre Deus parece retratar bem essa sua luta. Integrar o “humano” num “eu” que quer estar inserido em “Deus”. Porém, ainda não se romperam as barreiras (traços) que permitam essa “comunhão” desejada por ele. Parafraseando seu desenho sobre a família pode-se dizer: ainda está “viajando” em busca de suas verdadeiras origens. Na sua “viagem” está separado de seus pais (eles estão sentados na frente), mas ainda não se vêem rostos, bem como ele está atrás com seus irmãos que também não se vêem. Por enquanto essas presenças só podem ser evocadas pela escrita *“minha mãe e meu pai na frente – eu e meus irmãos atrás – nossa viagem para a roça”*. (busca das origens, para saber quem é verdadeiramente). Analisando por este viés pode-se dizer que suas palavras-chave “*encontro*”, “*presença*”, “*comunhão*” são um sonho a ser realizado num futuro.

Observe-se que há palavras-chave na história de Alex das quais não se dá conta, contudo falam de aspectos profundos da sua experiência existencial. Uma delas é “reconciliação” como já se analisou acima.

Conclusão: Na análise feita procurou-se inferir, dos questionários entrevista, significados para as palavras-chave de Alex. Elas parecem revelar aspectos ocultos de sua vida, conflitos que Alex procura sublimar mantendo um discurso de ser “chamado” quase como palavra mágica para afrontar seu cotidiano.

³⁴ “Sublimação é o processo mediante o qual impulsos inaceitáveis são canalizados para metas superiores social e pessoalmente aceitáveis, encontrando assim satisfação”. Cfr. CENCINI, A.; MANENTI, A., op. cit., p. 340.

4. O CASO RAI

4.1. Dados biográficos

Raí é o caçula entre 7 irmãos. Nasceu em cidade do interior de Minas. Teve uma infância tranquila com muitos amigos de brincadeiras e aventuras. Uma de suas irmãs é quem cuidava dele enquanto os pais trabalhavam, ela que o leva à escola, tem grande afeto por ela. Viveu na casa dos pais até a adolescência. Aos 14 anos começou a trabalhar em empresa de ônibus. Seus pais são para ele como espelhos. Sentiu-se sempre muito amado e tem vínculos familiares sólidos. (outros dados biográficos aparecerão abaixo).

4.2. Respostas ao questionário sobre Deus

Suas respostas ao questionário sobre Deus foram classificadas como: **P**= 37; **A**= 4; **E**=3; **NR**=1. Como se vê, suas respostas foram altamente personalizadas, parecem refletir uma relação com Deus personalizante, mantém um contato objetal realista. Parecem ser a primeira indicação de um grau de maturidade e integração pessoal positivo, embora isso não exclua que tenha conflitos.

4.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”

a. Sua frase preferida do Evangelho (QE5) é *“trata-me como um de teus empregados”*. Justifica dizendo que *“Aqui podemos perceber como Deus espera de cada um de nós que possamos agir com nossos irmãos com misericórdia.*

Explicação dada na entrevista (EP) diz-se proveniente de uma família humilde, de uma cidade do interior de Minas Gerais, sempre foi bem marcado *“na minha pessoa,*

desde a minha Infância, por meus pais, a questão da humildade, da “manedonia” e é uma frase que sempre tem, ou sempre tenho identificação com ela, em relação ao tratamento também que eu via dentro da minha família, no contexto familiar, quando se tratava da questão de funcionário. Meus pais têm lá um pedaço de terra e a forma que eu via meu pai tratar os funcionários dele era de forma distinta de alguns amigos dele. Alguns diziam que os funcionários deveriam ser considerados como objetos, aqueles que você faz a relação de troca; fazem algo para você e você retribui com pagamento. E meu pai dizia que em casa que não devia ser assim, que o menor era aquele que você deveria se aproximar mais e valorizar. Então lendo o Evangelho, quando eu leio esta frase, me remonta a minha infância, o sentido da educação familiar. Tem um simbolismo muito forte e que faz voltar às minhas raízes. Ela me motiva, me faz voltar e quando volto eu tenho a lembrança, me vem saudades, me vêm sentimentos interiores.

b. A frase bíblica que mais se aproxima da maneira como se vê (QE8) “*vaidade das vaidades. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? Nada há de novo debaixo do sol*”(Ecle. 1,2.9c).

c. Sua Palavra/frase-chave (QE10) “*Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.*”
Explicação: *Essa é uma frase de Saint Exupery, do livro O Pequeno Príncipe. Aos sete anos de idade, eu recebi este livro do meu pai, e o meu pai me dizia o seguinte: Olha você é o primeiro filho que trouxe à livraria para comprar um livro e procura levar esse livro aonde você for. Lembre-se “tudo aquilo que você conseguir, todas aquelas pessoas que passam pelo seu caminho, você se tornará responsável por elas”.*

Aos 16 anos, ele foi para o seminário. Lá foi desencorajado por um formador, na época, um padre, *que me dizia que a nossa vida não deveria ser uma fábula do Pequeno*

Príncipe, mas eu dizia que o fato de se fazer próximo do outro é também adquirir um encontro através de Jesus Cristo com Deus. Fazer-se próximo seria um pouco um sentir-se responsável pelo outro, independente do que ele seja raça, cor, então isso, pra mim, eu diria assim... por mais que desencorajassem me deixaram com mais força pra eu querer viver isso de forma verdadeira e transparente.

4.4. Questionário sobre família

Faz sua auto descrição (QF21) como “*um ser humano feliz e agradecido a Deus por tudo o que ele fez e faz em minha vida. Por toda minha família, pai, mãe e irmãos*”. Sem comentários explicativos.

Outros dados da entrevista

Sobre seu futuro: *Eu não sou muito de idealizar sabe, mas não sei, eu almejo aí um sacerdócio e essa é uma questão pra mim difícil, desafiadora.*

Um dos grandes desafios que eu vejo é a ansiedade, é trabalho que diariamente eu tenho que fazer pra ver se eu consigo superar e que eu vejo que não é fácil e não está sendo fácil.

Perguntado sobre o que causa ansiedade (EP) diz: *Às vezes eu querer fazer as coisas do meu jeito só e por aventura. Como hoje, por exemplo, se o senhor soubesse o quanto me custou passar os dias para chegar até aqui (dia da entrevista!) então isso é muito forte pra mim. Isto causa ansiedade porque às vezes eu crio determinadas expectativas e que muitas vezes não acontecem conforme eu estava imaginando, então é uma das grandes dificuldades que eu vejo e que isso atrapalha bastante. Daí da ansiedade muitas vezes me vem agressividade. Outra questão, que é muito forte em mim*

é no princípio de uma amizade, às vezes eu me vejo assim, a pessoa que eu me aproximo, sou muito pegajoso, sabe, então eu vejo que eu tenho feito um esforço muito grande pra deixar um pouco isso, porque as vezes surgia ciúmes, surgia inveja e isto me atrapalhava muito. Por que às vezes eu sentia tanto que ou sinto tanto, que o fato de só eu ter falado não basta, às vezes tenho necessidade do tocar, cumprimentar, estar junto, então um pouco é isso, esses dois são os fatores muito fortes que eu vejo na minha personalidade.

Suas crenças, valores e fé

(EP) Bem, proveniente de uma família, uma mãe muito religiosa, então eu vejo assim que às vezes é um pouco difícil, a reza do terço antes de dormir isso é muito fundamental pra mim, o apegar-me a determinados santos, como por exemplo, Santa Teresinha e ter vindo de casa com um pouco dessa raiz forte, porque eu nasci também num ambiente de Carmelitas Descalças e aquela crença que fazendo a novena de Santa Teresinha você receberá as três coisas que tanto fala na novena então acreditar nisso é muito forte e eu acredito que acreditar naquilo que o outro me diz, independente se ele estiver falando a verdade ou não, acho que isso é muito forte em mim também.

Tipos de diálogos com Deus, que muitas vezes é marcado na minha infância, que é crer naquele Deus que é um papai, que é preciso e que tudo que se pede ele dá, a crença de que será aceito e depois o esforço que eu faço por não perder essa sensibilidade que eu vejo assim que vem da minha família, que é de uma fé infantil, porém que muitas vezes eu tentei deixar morrer em mim, mas que eu vi que não deveria, algumas questões assim bem infantis. Deus que julgava viver na minha vida, os valores que eu adquiri da minha família, essa visão de Deus inocente.

Mudança na forma de ver Deus

(EP) *Em determinado momento era aquele papaizinho no céu. Em outro determinado momento, era um Deus de altar, no outro determinado momento era voltar aquele Deus que era um papaizinho, porém de uma forma mais madura e consciente. A evolução é nítida, teve aquelas imagens de santo em casa, aquele piedosismo, muito piedoso, aquele meiguismo, aquele Deus muito meigo, então é isso, não é que caiu por terra, mas amadureceu um pouco mais tenho consciência de que não é só através só da meiguice que nós temos esse diálogo com Deus.*

Experiência com Deus que marcou mais

(EP) *Eu diria que foi processual, porque, por exemplo, eu num determinado momento da minha vida, eu estava acompanhando a Canção Nova da Renovação Carismática, depois eu já me vi um pouco mais afastado da Renovação Carismática e voltado um pouco mais para o mosteiro das monjas do Carmelo, depois entrei para o Seminário, aí fica umas coisas totalmente diferentes, já não é nem Renovação Carismática, já não é nem os exemplos da clausura das monjas, aí eu passo a fazer uma experiência totalmente diferente dentro do seminário.*

A imagem de Deus foi mudando, porque quando eu estava na Renovação eu tinha uma imagem de Deus apenas de louvor, então quando estávamos louvando, estava bom, depois na clausura eu tinha aquela estrutura de acompanhar as Carmelitas no convento lá delas, mas aquilo, lá estava o Deus e aqui estou eu. Quando eu entro para o seminário eu passo a fazer uma reflexão de Deus está no meio do povo, então foram visões totalmente distintas. Um Deus de louvor, depois um Deus apenas de altar, depois que estão meio inseridos numa história, na realidade.

Seu lema para vida é *“Eu sou muito fã de Luiz Gonzaga, então a música de Luiz Gonzaga e assim como a leitura do Saint Exupery, eu vejo que é um lema fundamental na minha vida: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar, cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”.*

Observações analíticas: Nota-se em Rai uma consciência bem apurada da evolução das representações de Deus. Dá-se conta de imagens infantis que percebe diferente no momento atual, porém que reluta em abandonar, pois elas são referências de sua experiência religiosa.

Como diz Rizzuto, as representações uma vez formadas permanecem, podem ser modificadas, mas suas matrizes continuam presentes.

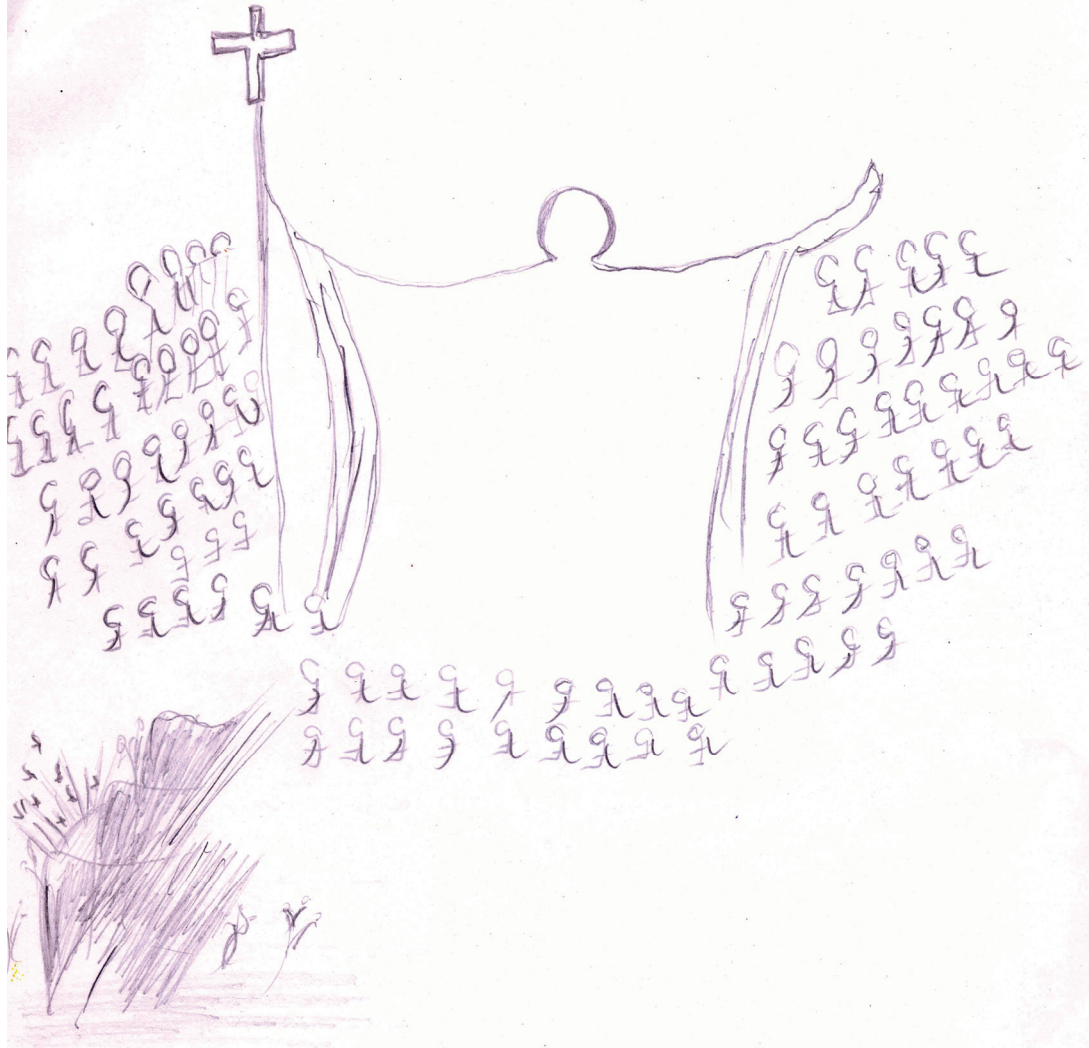
4.5. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família

Descrição do desenho

No desenho sobre Deus, há uma figura em forma humana com vestes litúrgicas segurando numa das mãos uma cruz em destaque. A figura central dominando grande parte do espaço está cercada de uma multidão de pessoas com a impressão de movimento.

IMAGEM DE DEUS

INSTRUÇÃO: Procure desenhar Deus da maneira como você sente que Deus é. Desenhe no espaço abaixo.



Interpretação do desenho sobre Deus

Destaca-se como figura central um personagem que se sobressai às demais figuras. O personagem está revestido de vestes litúrgicas empunhando uma cruz. Rai parece projetar-se em seus ideais como alguém importante que impressiona o público: “sentir-se responsável por quem cativa”. Sua representação de Deus é composta por uma figura humana revestida de roupas litúrgicas, cercada por vultos humanos (povo) e uma cruz. Isto parece corresponder ao que disse na entrevista falando da evolução da imagem de Deus. Passou do Deus meigo (de casa), para o Deus do louvor (carismáticos), para o Deus do altar (Carmelo) para o Deus no meio do povo. Essa última representação aparece simbolicamente no desenho. A imagem de Deus no desenho é antropomórfica, predominam vultos humanos. Parece que suas representações de Deus se fundem ao mesmo tempo em que está no “meio do povo”, nos gestos abertos da figura central e ao mesmo tempo parece o “Deus do louvor” e o Deus do altar (cruz). Não há, portanto, uma figura bem definida que possa ser identificada como “imagem de Deus”, uma representação “finalizada”! Está ainda em elaboração. (Embora tenha consciência das imagens infantis que elaborou de Deus, contudo não consegue dissociar-se delas. O desenho parece representar essa associação de imagens.(representações de Deus). O Desenho como um todo parece retratar mais um ideal que projeta para seu futuro.

DESENHO DA FAMÍLIA

Instrução: Desenhe no espaço abaixo sua família



Descrição do desenho da família

No desenho da família aparecem três figuras humanas: duas mulheres e um homem de mãos dadas dando impressão de movimento como se estivessem brincando. Sobre suas cabeças, gaivotas e nuvens que encobrem em parte o sol. Parecem brincar.

Interpretação

A família do desenho não parece ser a sua! Há apenas três figuras – duas mulheres e um homem, todos com características infantis. Sua família real era composta por 9 pessoas. Eram 7 irmãos mais os pais.

Uma interpretação possível: essas três pessoas do desenho retratam sua infância. Em QF1, respondendo qual o membro de sua família que sentia mais próximo de si diz: *“minha mãe e minha irmã” porque “sempre me acompanharam em minha vida e foram a base de sustentação para que eu pudesse ser o que sou”*. Note-se que no desenho a figura masculina está entre as duas figuras femininas, todos de mãos dadas. As figuras femininas olhando para frente, enquanto a masculina olha de lado, boquiaberto parecendo concentrado em seu modo de olhar para algo que chama sua atenção, porém não há objeto de referência. Um mundo infantil!

Sobre as cabeças há quatro pássaros, nuvens e meio sol entre elas. O quadro todo parece cenário infantil, inocente! Nesse caso o desenho da família é uma representação das pessoas (mãe e irmãs) que foram as mais significativas para ele, é um pouco enigmático. Segundo Corman³⁵, o fato de não desenhar alguém (omitir no desenho da família alguém) representa uma desvalorização. Os demais membros da família ficam ignorados (não desenhados). Contudo Rai reafirma várias vezes o valor da família.

³⁵ CORMAN, I. *Le test du dessin de famille*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967, p. 69.

Como entender então a ausência dos demais membros no desenho? O motivo sugerido é de que ao lembrar-se de família a primeira imagem que lhe vem é esta: *“minha mãe e minha irmã que cuidavam de mim”*. Destaca a importância das relações de afeto.

4.6. Análise complexiva

Tomando-se a frase preferida do Evangelho, *“trata-me como um de teus empregados”* junto com a frase bíblica que mais se aproxima da maneira como se vê: *“ vaidade das vaidades...”* e as palavras-chave que escolhe, *“tu te tornas eternamente responsável”*(...) e ainda mais o comentário que faz sobre a educação que recebeu em casa *“sempre foi bem marcada na minha pessoa, desde a minha Infância, por meus pais, a questão da humildade, da “manedonia”,* nota-se que todos esses conceitos parecem traduzir os vários elementos de sua religiosidade e processos psíquicos de elaboração de sua subjetividade. Iniciemos examinando a íntima ligação com a influência da figura paterna (também materna) em sua vida. Basta olhar alguns ensinamentos que diz ter aprendido de seu pai. Por exemplo: em relação aos empregados que trabalhavam para o pai: *“meu pai dizia que o menor era aquele que você deveria se aproximar mais e valorizar”*. Aos sete anos *“meu pai me levou numa livraria,”você é o primeiro filho que trago a uma livraria (...) depois de ter-lhe dado o livro do Pequeno Príncipe (...) e tudo o que você conseguir você se torna responsável por elas”*. Rai parece ter assimilado muito bem os *“princípios”* que o pai lhe ensinou e nisto se identifica com ele. Por um lado, o pai representava o homem seguro, de idéias próprias. Rai o admirava (pai herói), mas, por outro lado, o pai o dominava e ele tem que lutar contra essa dominação. Veja-se, por exemplo, quando Rai deseja entrar para o Seminário, o pai quer que ele vá para o exército. Ele responde ao pai que *“quem tinha que saber o que era melhor para mim, era eu, ele dizia que era ele que sabia o que era*

melhor para mim. Há uma luta pela própria autonomia e rejeição pela dominação que o pai quer lhe impor. O pai lhe disse: “*se eu me arrependesse um dia, que eu não ousasse voltar para casa.*” Para Rai o pai é ao mesmo tempo seu herói (dá segurança e é exemplo de pai) é também seu “algoz” dominador que quer anular sua autonomia. (reprime sua raiva pelo pai) para manter seu herói, se afasta dele (vai para o seminário). Pelo lado afetivo, sua identificação é mais forte com a mãe e irmã que cuidaram dele! Elas que o levavam à escola etc. Isto ele o diz na entrevista. Na resposta QF1, o membro de sua família do qual se sentia mais próximo era “*mãe e irmã, porque “sempre me acompanharam em minha vida e foram a base de sustentação para que eu pudesse ser o que sou”*”. Isto parece estar presente também no desenho da família, como já se disse na análise do desenho. Segundo Raí, as relações familiares eram harmoniosas guiadas pelos princípios morais e religiosos. “*Ainda somos muito próximos e sempre temos o costume de nos encontrarmos*” (QF15). Não havia grandes conflitos, pois as figuras genitoriais eram dominantes. “*Primeiro a observância dos princípios depois o afeto*”.

Chama também atenção que Raí, em muitas frases do questionário sobre Deus, dá um destaque à palavra “*misericórdia*”, ela aparece em cinco respostas do questionário sobre Deus, aparece também no questionário sobre “Escrever um Evangelho” relatando uma parábola de Jesus refere-se à parábola da misericórdia (filho pródigo) e também quando reza tem em mente a *misericórdia de Deus* (QE7). Isso parece ser uma *palavra-chave* da qual tem pouca consciência, mas que tem muito a ver com seu modo de ver a vida. Se por um lado ele diz que “*tudo é vaidade*” e deve tornar-se “*responsável por aquilo que cativa*”; por outro lado, se sente frágil (humilhado) “*trata-me como um de teus empregados*” (frase preferida do Evangelho), esta frase também pertence ao conteúdo da parábola do filho pródigo. Raí parece encontrar-se em

luta consigo mesmo e com sua religiosidade. Imoda³⁶ parece retratar bem essa luta quando descreve:

O drama que se desenrola é um drama com dimensões bem mais profundas e elevadas. O encontro e desencontro ou a luta não ocorre apenas com um ambiente material, social e cultural. Não é apenas uma luta contra si mesmo ou partes de si, que representam fragmentos do mundo natural ou social. A dimensão real da luta é aquela de uma pessoa toda inteira, que se encontra com Deus, o fim, mas também o aliado que pode revelar-se eventualmente como adversário. (...) Não existirá apenas a “pura” luta do *eu*, livre e consciente, com o seu Deus perdido e encontrado, mas uma série complexa de diálogos e de lutas com o próprio mundo material e espiritual.

Se analisarmos na perspectiva de Rizzuto, poderíamos dizer que Rai formou uma representação de Deus em base da figura paterna (seguro, poderoso, correto) diante do qual se vê como submisso humilhado (pecador, necessitado de misericórdia, “empregado”, “tudo é vaidade”). Rai tentou romper com essa representação “*aos 20 anos deixei-me levar pela rebeldia e por uma influência de uma filosofia sem muito conteúdo, onde o importante para mim era unicamente eu*” (Necessidade de auto afirmação, de autonomia). (QD6). Experiência esta que não lhe satisfaz. Veja-se o que diz como resposta à QF15: “*emocionalmente, eu gostaria de ter a misericórdia que Deus tem porque me sinto um pouco egoísta, pois perdôo, mas às vezes não tenho a capacidade de reconciliar-me. (Aqui parece dominado por um sentimento de inferioridade, que aliás aparece em suas auto desvalorizações por exemplo, “humilhado” empregado” “vaidade”)*”. Também fica claro na resposta à QD 20: *às vezes senti que eu odiava Deus porque muitas vezes tive a ousadia de assemelhar a paternidade divina à paternidade humana.*(agressividade reprimida em relação a figura

³⁶ IMODA, F. *Psicologia e mistério*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 108.

paterna). Parece então retornar à antiga representação de uma forma mais amena, é o que parece significar QF21. Sinto que aquilo que Deus espera de mim é “*viver intensamente minha vida*” (necessidade de uma melhor elaboração) porque “*viver é não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz*”. (ansiedade por ainda não conseguir). Neste momento de sua vida, parece estar consolidando sua autonomia e fazendo uma síntese de suas experiências, veja-se a auto descrição que faz de si mesmo. Nessa perspectiva pode-se ler também o alto índice de **P** = 37 embora respostas pessoais, revelam um conteúdo de um sujeito angustiado à procura de si mesmo. O desenho sobre Deus chama atenção pela figura central que domina a cena. Um vulto com “vestes litúrgicas” empunhando uma cruz, cercado por inúmeras pessoas. Isso parece representar sua projeção das representações de Deus. Na entrevista, ao falar sobre a evolução das imagens de Deus em sua vida assim resume: Determinado momento era aquele papaizinho, meio desencarnado “aquelas imagens de santo em casa, aquele piedosismo, um Deus muito meigo, depois na Renovação carismática uma imagem de Deus apenas de louvor, depois no Carmelo, passou a ser o Deus do altar, depois passa a ser um Deus no meio do povo, inserido numa história, na realidade”. O desenho parece compor essas diferentes imagens reelaboradas. O piedoso (segura a cruz) o meigo (envolto em vestes sacerdotais) o de louvor (braços abertos cercado de povo) e o inserido (figura central cercado de gente).

Na verdade Rai está processando tudo isso que vem acontecendo com ele. Vejamos um trecho de sua entrevista que nas “entrelinhas” transparece sua ansiedade (luta) “*As vezes eu quero fazer as coisas do meu jeito e rápido. (autonomia) ... se o senhor soubesse o quanto me custou esperar esses dias para vir para entrevista (refere-se ao tempo entre o dia que conversamos por telefone até o dia da entrevista +- uma semana). “eu crio determinadas expectativas e que muitas vezes não acontecem*

conforme eu estava imaginando, é uma das grandes dificuldades e vejo que me atrapalha bastante. Daí a ansiedade muitas vezes me vem agressividade. Sente-se ansioso também em relação à amizade (suas relações com os outros = exigência de sua frase preferida “tu te tornas responsável pelo que cativas). Eu me vejo uma pessoa que me aproximo sou pegajoso. Eu tenho feito um esforço muito grande para deixar um pouco isso, porque surgia ciúmes, surgia inveja e isto me atrapalha muito. (...) “Porque às vezes eu sentia tanto que o fato de só ter falado não bastava, às vezes tem a necessidade do tocar, cumprimentar, estar junto”. Um dos grandes desafios que eu vejo é essa ansiedade, é o trabalho que diariamente tenho que fazer prá ver se consigo superar e que vejo não é fácil, não está sendo fácil”. Falando dos planos para o futuro diz: “sou muito de idealizar, mas não sei, eu almejo aí um sacerdócio, essa é uma questão para mim difícil, desafiadora”.

Em síntese: Rai manifesta a riqueza e a complexidade de sua experiência religiosa e humana através de suas palavras-chave acima referidas e analisadas, numa luta entre ser ele mesmo o protagonista de sua história, que tem que se confrontar com sua subjetividade e adequá-la melhor à realidade. Sua religiosidade que traz de raiz familiar que exige dele resposta mais pessoal e autêntica, mas que se depara com sua luta humana. Seu alto índice **P** parece revelar essa ambigüidade, por um lado, querer ser original, ele próprio, mas que precisa aprender melhor a conviver com sua razão (seus princípios) e suas emoções (afetos). Em suas palavras: Deus espera de mim: “viver intensamente minha vida”, mas para isso precisa superar a ansiedade de “viver é não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz”. Luta para equacionar a ambigüidade entre desejos conflitantes. Por um lado, “viver

intensamente”; por outro, “um faz de conta” – cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz!

Seus desenhos parecem retratar simbolicamente também o que suas palavras-chave tentam expressar. No desenho sobre Deus, destaca uma figura central revestida de vestes sagradas, empunhando uma cruz, cercado de povo (viver é não ter vergonha de ser feliz e cantar e cantar...). No seu desenho sobre família, parece dizer que isso só é possível se voltar ao mundo da infância (onde não há conflitos) e ali pode dar as mãos e pular cercado por passarinhos e nuvens que criam o ambiente favorável. Por isso tem razão quando diz apropriando-se de frase da Saint Exupery: *“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”* – Suas “palavras-chave” fazem isto por ele, revelam e escondem-no ao mesmo tempo! Pois ainda não está pronto para a vida, pois ela exige: “Tornar-se eternamente responsável por aquilo que se cativa!”

5. O CASO CASIMIRO

5.1. Dados biográficos

Nasceu numa cidade do interior de São Paulo. Seu núcleo familiar se compõe de cinco pessoas, os pais e três filhos. A figura forte da casa era o pai: *“sempre foi rígido e isso me deixou com medo da vida por longo tempo”* O pai era o chefe da família sustentava a casa, *“típico pensamento de quem vem da roça e possui costumes tradicionais.”* Ele era o disciplinador *“ou obedece e aprende ou apanha”*. O Pai era o provedor da família *“isso é o natural para a concepção da família dele”*. O Pai era entre os membros da família aquele que gostava menos *“era intolerante com certas coisas e muito drástico na educação”*. A mãe era a pessoa de quem se sentia mais próximo. Diz, *“parecer-se física e emocionalmente com a mãe, traços de caráter, qualidades como tranquilidade, introversão, reflexão”*. A mãe *“ensinou a coragem e estar à disposição das pessoas que precisam”*. Se pudesse mudar algo em si, seria igual à avó porque *“sempre foi sinal de perseverança, carinho, coragem e esperança.”*

Observe-se o tom agressivo contido nas referências ao pai!

5.2. Respostas ao questionário sobre Deus

Suas respostas ao questionário sobre Deus foram classificadas como: **P**=32=71%; **A**=10=22%; **E**=3=6,6% Como se vê, suas respostas foram predominantemente pessoais. Contudo o teor das respostas é marcadamente agressivo (vide análise abaixo) Contém um acentuado mote de auto afirmação, característico do adolescente. No seu conjunto parece revelar uma luta interna grande. Há uma agressividade contida, que se manifesta nas figuras de autoridade e na rejeição às “normas”.

5.3. Respostas ao questionário sobre “Escrever um Evangelho”

a. Sua frase preferida do evangelho (QE5) é *“nem todo aquele que diz Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus”* Por quê? *“Mostra o que Jesus nos propõe. A prática e o testemunho de vida e que mostram o Reino de Deus e não a simples teoria”*. Na entrevista explica: *“Devido o momento que está vivendo, preparação para o diaconato. É uma proposta de vida, vai ao encontro daquilo que busco. Começou a ser a preferida no início desse ano.”* Você lembra como a escolheu? (EP) *“Não lembra bem, mas quando fazia pesquisa para monografia sobre João”*. O que ela diz sobre você? (EP) *“Uma projeção daquilo que desejo ser. Sinto-me um pouco medroso – é um projeto de vida.”* Ela reflete algum modo de ser seu? (EP) *“Eu me coloquei na situação.”* Você disse que já teve outra que era essa: *“uns que se fizeram eunucos pelo reino dos céus”*. O que essa frase significava para você? (EP) Quando decidiu entrar para a VR – *fez parte de uma escolha vocacional, no sentido de opção radical.*

b. Frase bíblica que mais se aproxima da maneira como se vê (QE8): *“Faço o mal que não quero e não faço o bem que quero”*. Você poderia falar com mais detalhes dessa comparação que você fez de você através dessa frase? *Foi um ano difícil – questionamentos – crise. O que penso não acho resposta, frente aquilo que é prioritário. Ela tem a ver com sua experiência pessoal? Tem muito a ver comigo. Quando entrei para o postulante. “O ambiente fez que eu mudasse a maneira de ser”*.

c. Suas Palavra/frase chave (QE10) *“Esperança e coragem, medo”*. Sem explicação.

5.4. Respostas ao questionário sobre Família

Auto descrição: (QF21) “*Feliz, mas angustiado por não poder fazer muitas coisas e me sentir inútil diante de alguns problemas particulares ou sociais*”. (EP) Que problemas particulares o angustiam e que o fazem sentir-se inútil? *Contato com o próprio povo deixa feliz. (sobretudo com idosos e doentes) Angustiado, porque me sinto muito amarrado. A instituição religiosa impõe normas. Aprendi a conviver com a angústia.*

5.5. Outros dados da entrevista pessoal

Ao imaginar a vida como se ela fosse um livro descreveu-a como tendo quatro capítulos cujos títulos foram: Capítulo 1º: *Primeiras lições de vida*. Lembra das primeiras experiências na escola, quando fez primeira comunhão, lembrou-se do padre que usava o catecismo de perguntas e respostas. Também as experiências vividas com os vizinhos. O capítulo 2º intitulou: *Época da curtição*. Época em que não participou da Igreja. Ficou uns 10 anos sem ir à missa. Só ia quando a família ia uma vez por ano (final do ano) ia à Aparecida, ia com os pais e avós. Seu capítulo 3º intitulou: *Extremismo da vida*. Fez a primeira experiência de Deus na renovação carismática. Sua irmã fazia a crisma e o convidou. Preparou-se para crisma, ficou na renovação mais ou menos cinco anos. Depois se afastou novamente devido à perda de confiança nos coordenadores. Não guardavam segredo do que se contava. Um dos coordenadores envolveu-se em homossexualismo e isso o decepcionou, aí abandonou tudo. Ficou dois anos afastado. Até que um amigo o convidou para fazer um encontro vocacional. Foi por curiosidade, participou do encontro e despertou algo dentro de si. Ficou um ano em contato com a instituição da qual faz parte. Também gostava do jeito deles fazerem missão. Seu capítulo 4º. Nomeou como: *Descoberta pessoal vocacional e formação*.

Durante o processo de formação teve altos e baixos – “*construções e desconstruções*”. Teve também maior conhecimento pessoal e da personalidade.

Lembra como experiência cume de sua vida “*foi uma experiência triste. Quando meu irmão foi preso e eu tive que dar a notícia à Mãe. Ela estava na casa da irmã passeando. Cheguei lá ela estava feliz. Não sabia como falar. Até que disse. A mãe mudou de semblante na hora teve um colapso e foi levada ao hospital. Passou mal, o pai e irmã ficaram desesperados. Eu fiquei segurando a mão dela. Nessa ocasião estava fazendo o noviciado. Disse à mãe que sairia do noviciado para cuidar dela, mas não precisou, pois o irmão mais velho entrou em férias e cuidou da mãe, que ficou muito deprimida. Depois reagiu quando disse que sairia do noviciado para cuidar dela*”.

O fato de o irmão ser preso (ficou 40 dias) foi por ter dado carona para um rapaz. Pararam num posto porque quebrou a correia da moto e chegou a polícia, o rapaz carroneiro pulou um muro e foi preso e acusou o irmão de ser traficante. Conta também que o pior momento de sua vida foi quando “*no noviciado entrou em crise, por problemas de entrosamento com o grupo (eram 4 noviços) havia falta de transparência.*

Lembra também como ponto decisivo em sua vida quando houve uma “*mudança radical foi no contato com o diferente. Quando estava fazendo o trabalho de conclusão do curso*”. Sua ortodoxia foi questionada pelo contato com o mundo diferente na pesquisa que fez com os jovens não católicos. Teve que reelaborar o projeto de vida (ortodoxia). Abriu-se para o ecumenismo.

Em relação as suas primeiras memórias, entre as mais antigas “*Foi por ocasião do casamento do irmão há 15 anos*”. Participou do casamento porque era padrinho. Tão logo terminou a cerimônia, não foi à festa. Foi participar da gincana promovida pela

Renovação Carismática. Também recorda de uma *“lição que o pai deu, tinha uns 7 anos. Havia roubado uma banana do carro do vendedor e o pai soube. Fez devolver a banana e pedir desculpas. Ficou com medo do pai e passou muita vergonha”*. De sua

Adolescência lembra-se da *“primeira paquera, tinha 13-14 anos, não era compromisso era só “ficar”. Hoje essa pessoa é casada”*. Da vida adulta relatou como lembrança importante *“lembro de quatro grandes amigos que conheci. Foi à troca de experiências que tive com eles, criou lastros. Um deles foi seminarista”*. Quanto a pessoas significativas em sua vida, recorda do *“pai de minha cunhada. Pessoa muito de igreja. As pessoas o respeitavam pela sua liderança e pelo seu testemunho. Homem de oração. Ele me deu uma sandália por ocasião dos primeiros votos que guardo até hoje. Ele dizia para ter coragem. Também a avó paterna. Pelo seu testemunho de fé cristã. Mais pelo exemplo do que pelas palavras. Também a mãe. Cresci junto dela, ela me protegeu. Fiquei mais próximo dela. Considera também como experiência importante, um amigo seminarista (que já saiu) com quem se encontrou por acaso, numa estação do metrô. Estava passando por uma crise e começaram a conversar e se abriram um para o outro.*

Olhando para seu futuro, disse que *“quando apresentou o pedido para votos perpétuos e diaconato, não queria fazer planos, porque quando fez, mudaram para outros. Mas gostaria de trabalhar com jovens em geral na dimensão vocacional – lugar na sociedade, na política. Ser professor no nível colegial e para os pequenos (primário)”*.

Descrevendo o núcleo central de sua crença religiosa diz: *“a vida, a morte e ressurreição de Jesus*. Disse também que sua crença mudou muito, na época em que freqüentava a Renovação Carismática. Lá se incutia que Deus amava e era vigilante,

falava-se da ação do demônio – teve conflito com a família, pois os pais são tradicionais. Essa foi uma fase. Quando entrou no seminário entrou em crise. *Outro Deus que não conhecia*. Foi criado na Igreja, os pais o levavam à Igreja. *O pai dizia que toda vez que fizesse coisa errada, Deus ia punir*. Cresceu com medo do pai (ele batia). Dizia que não podia fazer isto porque Deus não gostava. A mãe influenciou também.

O valor mais importante que crê “*é a justiça. Também a questão do amor*. Quem influenciou no surgimento de sua crença foi *minha avó paterna. Seu testemunho de oração. Quando quebrou a bacia o médico disse que era difícil ela andar de novo e ela disse que ia andar. Conseguiu. Era perseverante, corajosa. Não falava muito, mas dava testemunho*.

Seu lema maior de vida é este: “*Sou eternamente responsável por aquilo que cativo*”. (Saint Exupéry).

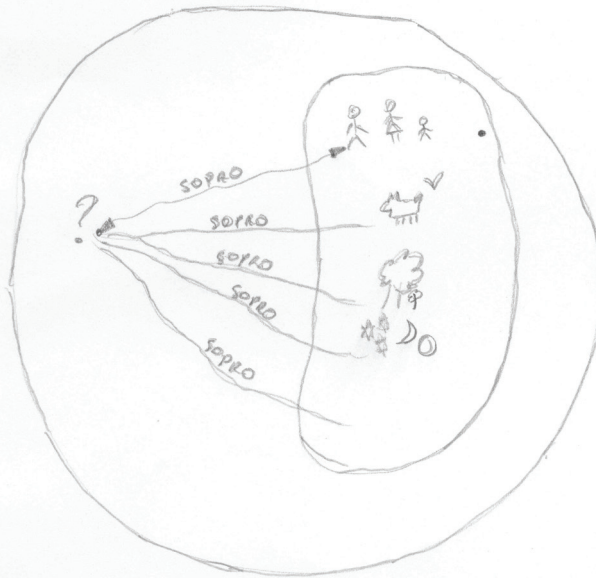
5.6. Apresentação e análise dos desenhos sobre Deus e família

Descrição do desenho sobre Deus

No desenho sobre Deus há um círculo e dentro dele uma interrogação de onde saem traços (sopros) que entram num campo arredondado onde existem pessoas, animal, árvore e astros. Cada traço aponta para os objetos. Não há explicação do significado. O desenho está na parte central da folha, porém ocupando a margem esquerda.

IMAGEM DE DEUS

INSTRUÇÃO: Procure desenhar Deus da maneira como você sente que Deus é. Desenhe no espaço abaixo.



Interpretação do Desenho sobre Deus

O desenho sobre Deus está representado por uma “?” (interrogação) de onde partem os sopros que vão em direção aos seres, parecendo significar que tudo nasce de Deus. Deus criador, cuja inspiração parece ter sido tirada daquela narrada no livro do Gênesis.³⁷ Parece transparecer um conceito de Deus que está na origem de tudo, mas não há laços afetivos – há um sopro (vida) que medeia Deus e as criaturas, porém estão separados, todas as criaturas estão encerradas em um círculo oval inserido noutro círculo maior “domínio de Deus”. Se fizermos uma comparação com sua resposta em QD42, em que responde a questão: “se tivesse de descrever Deus de acordo com minhas experiências com ele, eu diria que ele é *“nada”* porque *“se dissesse tudo estaria limitando Deus a alguma coisa para mim dizer nada e não ter forma ou parâmetro para Deus!* Até-se a uma resposta mais filosófica do que relacional. Deus é um objeto admitido, mas não experimentado! Veja-se quando se refere ao Deus transmitido por seu pai *era aquele que “proibia” – “não pode fazer isto porque Deus não gosta”*.

O desenho todo está no centro, ocupa a parte esquerda da folha, com pouco espaço, que indicaria uma tendência à regressão. Não consegue estabelecer vínculos amorosos entre Deus e as criaturas. Isso parece fazer sentido se se olha o conjunto de suas respostas ao questionário sobre Deus, em que há a predominância de um tom agressivo conflitivo. Há nelas um clamor por “justiça” palavra repetida em várias respostas DQ 3; 4; 13. O tom agressivo aparece também em QD 11; 14; 16; 20; 21; 22; 33; 42; 45; e em outras respostas contraditórias como se pode ver em QD45 vs QD9; QD32. (Cfr. Análise complexiva adiante). Pode-se pensar que Casimiro, em nível consciente, tem para si um Deus em quem acredita e é importante para sua vida, ao mesmo tempo em nível inconsciente depara-se com um “Deus punidor” que ele rejeita.

³⁷ Gên. 1,1-2,4.

Frielingsdorf³⁸ relata que em sua pesquisa encontrou em 94% a idéia de Deus formada a partir de um Deus que julga e pune. Tal idéia convive com outras imagens de Deus que se expressam, por exemplo, num Deus que “*nós devemos amar e temer*”. Parece ser este o Deus de Casimiro. (vejam-se outras considerações sobre o desenho na análise complexiva)

Apresentação do desenho da família

Aparecem vários caminhos bifurcados que se estendem por toda a folha. No caminho central, há seis pessoas formando dois semi grupos, um com duas pessoas outro com quatro pessoas. (cfr. Considerações sobre o desenho na análise complexiva abaixo).

³⁸ FRIELINGSDORF, 1995, p. 97s.

DESENHO DA FAMÍLIA

Instrução: Desenhe no espaço abaixo sua família

5.7. Análise complexiva

No questionário sobre Deus, há uma predominância de resposta **P**, porém com uma acentuada tendência à crítica e de tom agressivo, embora definidas como pessoais, parecem refletir um conflito interior intenso. Não consegue harmonizar seus ideais com sua experiência mais profunda. Do ponto de vista de uma análise psicológica, parece tratar-se de um conflito profundo com a figura paterna, que mostrou-se muito severa e punidora. Retém uma agressividade reprimida que aparece em suas respostas. Em três delas aparece no acento que dá a palavra “justiça”. Alguns exemplos de acento crítico e agressivo encontramos também em QF21. Sinto que aquilo que Deus espera de mim é “serviço” porque “*o seu Reino está em pedaços, fragmentado e cada vez mais longe de ser construído devido à violência à guerra, às drogas e à falta de vergonha na cara dos religiosos, dos fiéis e das autoridades eclesiais*”. (Nesta resposta parece haver uma verdadeira catarsis, uma espécie de acting out). Em QF11. Sinto que o temor de Deus “*não é importante*” porque “*não gosto dessa palavra. Temor parece se relacionar com arbitrariedade, obrigação e um amor não oblativo*”.

Vejam-se seus clamores pela *justiça*: QD3. *Penso que em geral, como pessoa agradei a Deus porque sempre tentei ser fiel aos projetos de vida. Minha conduta, apesar de medrosa e indecisa às vezes, foi norteadada pela justiça, sinceridade e amizade.* QD4. *Penso que Deus quer que eu seja bom porque é a única coisa que vai ao encontro de seu projeto: vida em abundância onde imperem a justiça, a fraternidade e a solidariedade.* QD13. Aquilo de que mais me ressinto em relação a Deus é “*nada*” porque *o Deus que acredito é amor, vida e justiça.*

Vejam-se a insistência sobre a palavra *justiça*. Pode-se estabelecer uma relação com a figura paterna.

No questionário sobre família, aparece o conflito na relação com a figura paterna. Há uma carga agressiva acentuada sobre a figura paterna, o oposto se dá na relação com a figura materna. Alguns exemplos: QF2. *O membro de minha família do qual me sentia mais distante era meu pai porque sempre foi rígido e isso me deixou com medo da vida por um longo tempo.* QF4. *O membro de minha família de quem eu gostava menos era meu pai porque era intolerante com certas coisas e muito drástico na educação.* QF9. *O nome do pai é colocado em último lugar na ordem de preferência entre os membros da família.* QF11. *O chefe de minha família era meu pai porque sustentava a casa, típico pensamento de quem vem da roça e possui costumes tradicionais.* QF12. *O disciplinador em minha família era meu pai porque ou obedece e aprende ou apanha.* QF13. *O provedor de minha família era meu pai porque isso é “natural” para a concepção de família dele.*

Algumas observações a partir das referências acima

O tom agressivo das frases do questionário sobre Deus e o clamor por justiça parecem ter vínculos com a figura paterna vista como autoritária, agressiva, injusta, dominadora (ou obedece e aprende ou apanha). O pai rígido, intolerante, drástico! Na entrevista conta um episódio: *“tinha sete anos, havia roubado uma banana do carro do vendedor e o pai soube, Fez devolver a banana e pedir desculpas. Ficou com medo do pai e com muita vergonha!* O pai era alguém de quem não podia fugir, domina o ambiente e impunha sua disciplina. Casimiro não podia lutar abertamente com o pai, ele era mais forte, sua raiva dele era reprimida provocando constante conflito com seu desejo afetivo na relação com o pai. O pai era objeto desejado e odiado ao mesmo tempo. Essa relação com o pai parece refletir-se nas suas representações de Deus.

Suas primeiras imagens de Deus foram de um Deus que punia como era ensinado pelo pai. À luz disso pode-se analisar sua frase preferida do Evangelho: “*Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus*”. Nessa mesma linha de interpretação, pode-se dizer da frase bíblica que mais se aproxima do modo como se vê: “*Faço o mal que não quero e não faço o bem que quero*”. Na sua área consciente recusa-se a se identificar com a figura paterna, (vide frases acima com referência à figura paterna), mas em sua dinâmica interna subjetiva, “identifica-se com o agressor”,(pai) não aceita em si seu lado agressivo que via no pai! Reluta em aceitar esse aspecto. Observe-se o que diz quando se auto descreve (QD21). “*Feliz, mas angustiado por não poder fazer muitas coisas, me sentir inútil diante de alguns problemas particulares ou sociais*”. Veja-se como projeta sua agressividade sobre os religiosos, os fiéis e as autoridades eclesiais na QD21 acima já comentada. “*Falta de vergonha na cara dos religiosos (ele é religioso) e das autoridades eclesiais (ele faz parte como membro de uma congregação religiosa!)*”.

Escolhe como palavra/frase-chave “*esperança e coragem, medo*”. Pode-se interpretar como: esperança = “algo por vir”! Coragem = para romper com passado sofrido, mas o medo = incerteza se vai conseguir.

Esses diversos elementos que aparecem dispersos nas diferentes situações parecem refletir uma constante: Casimiro encontra-se em meio a uma luta entre integrar suas experiências negativas em relação à figura paterna, de modo particular, e as molduras de comportamentos que construiu para lidar com elas, e seus desejos de liberdade e autonomia.

Com relação à imagem de Deus pode-se dizer também que há uma luta para livrar-se do Deus punidor da infância (ficou dez anos afastado da religião; veja-se

também “tive que reelaborar minha ortodoxia” (cfr. entrevista) para um Deus amor como proclama. Na QD43, diz: O dia em que mudei minha maneira de pensar sobre Deus foi em 2002 porque *“passei a conviver com pessoas de outras crenças, não crentes, desesperados, sofridos, excluídos e percebi que a vida tem mais faces ou não tem face”*. Em QD2: “A época de minha vida em que me senti mais próximo de Deus foi quando *“estava no 3º. ano de teologia e eu tinha 34 anos porque consegui perceber Deus nas pequenas coisas. “Também porque pude percebê-lo nas experiências de dor, sofrimento e morte, além de me fazer perceber o quanto diferente e estranho a mim, mas coloca mais próximo do ser humano e de Deus (ateus, agnósticos, homossexuais)”*”. Outra frase que mostra essa luta é a resposta à QD45: Para mim, o mundo tem explicação sem Deus porque *“depois que comecei a conviver com ateus e agnósticos percebi o quão essas pessoas são felizes e realizadas sem preterir (sic) de Deus. Aliás, na maioria, são mais felizes e integradas e justas que aqueles que professam a fé em Deus”*. Frielingsdorf refere-se à necessidade de “eliminar da vida a imagem demoníaca de Deus e substituí-la por uma mais “divina”.

“... desde os primeiros anos de vida o indivíduo desenvolve, devido a posições-chaves negativas, uma imagem demoníaca inconsciente, que será mudada por uma imagem autêntica de Deus. Provindo de uma imagem demoníaca, esta exercerá subterfugamente o seu poder até a idade adulta, contrapondo-se a Deus e às suas promessas de vida. O “espírito mau” se apresenta sob aparência de um “espírito bom” (Deus) e produz uma imagem de Deus correspondente às experiências-chaves negativas da criança. É necessário descobrir e desmascarar esta imagem de Deus simulada e demoníaca, colocando a nu o passado inconsciente e retrazendo nas posições-chaves as raízes da imagem falsificada de Deus”.³⁹

Ao analisar a figura materna na vida de Casimiro observa-se como aquela *“sempre esteve próxima de si quando precisou”* (QF1) Também era a figura que *“mais*

³⁹ FRIELINGSDORF, 1995, p. 21 (tradução nossa).

amava” (QF3) é com ela que se parece fisicamente “*todos os traços e alguma coisa de meu caráter é parecidíssimo*” (QF5). Emocionalmente se parece com a mãe: “*minhas qualidades e características, tranquilidade, introversão, reflexão etc., me lembram dela*” (QF6). É também o membro favorito de sua família “*foi com quem tive mais partilha*” (QF7.). É o membro que mais admirava na família; “*me ensinava a coragem e a estar à disposição das pessoas que precisam*” (GF 8). Na ordem de preferência entre os familiares a mãe é a primeira.

Como se vê, há um acento forte sobre uma identificação positiva com a figura materna que contrasta com a figura paterna. Entre os dois parece fazer um “splitting”,⁴⁰ (mecanismo de defesa da cisão) isto é, o pai visto como “mau” e a mãe “boa”.

É curioso, no entanto, que diga na resposta QF14: Se eu pudesse mudar a mim mesmo eu gostaria de ser como minha “*avó*” (nem o pai nem a mãe se prestam como modelo de identificação!) porque “*sempre foi sinal de perseverança, carinho, coragem e esperança*”. Duas de suas palavras chaves são “*coragem e esperança*”! A coragem é destacada também como ensinamento que a mãe lhe dava!

O Alto índice de respostas P=32 que revelam respostas pessoais, no caso de Casimiro, parece estar de acordo com sua luta pessoal para encontra-se melhor consigo mesmo, o teor do conjunto das respostas parece refletir sua experiência atual, embora não reflita uma maturidade bem integrada ainda. Em suas respostas pessoais, parece traduzir também sua necessidade de auto-afirmação, necessidade de protagonismo e autonomia.

⁴⁰ “splitting”, mecanismo de defesa onde o sujeito estabelece a relação com a realidade dividindo-a em duas partes separadas, uma boa (all good) outra má (all bad). Não integra as duas partes no mesmo objeto.

Observações complementares sobre os desenhos

O desenho sobre Deus inicia com uma “?” de onde saem os sopros que se conectam com o mundo das criaturas (pessoas, animais, florestas, astros e nada). Dá a entender que a “?” seja Deus cujo sopro criador dá origem ao universo. A ? é um símbolo que se usa para perguntas, para questionamentos, para o desconhecido. No caso de Casimiro poderia significar sua fase de elaboração da imagem de Deus, (representação de Deus) que ainda não tem um “conhecimento experimentado = Deus pessoal”. Racionalmente sabe que Deus é criador de tudo, mas fica a dúvida “o mundo *tem explicação sem Deus*” (cfr. QF45 acima analisada), na maioria (ateus agnósticos) *são mais felizes e integrados e justos que aqueles que professam a fé em Deus!* (QD45).

O desenho está situado no canto inferior tomando o lado esquerdo da folha, e o tamanho ocupa +- um quarto da folha. Há muito espaço vazio! Sobretudo na área superior da folha, área que apontaria mais para a “transcendência”!

Se essas observações fazem sentido, mesmo analisadas empiricamente, então poderíamos dizer que simbolicamente o desenho também reflete a análise feita acima a respeito de Casimiro e sua luta com suas representações de Deus!

Observações em relação ao desenho sobre a família

O desenho nasce no canto superior da folha com um caminho descendente que no meio da folha se bifurca, formando dois outros caminhos em continuidade com o primeiro. Uma das continuidades sobe em direção ao alto da folha, também se bifurcando até o limite extremo da folha, mas continua aberto adiante... o outro caminho, que dá continuidade ao desenho trifurca-se em caminhos que seguem na direção abaixo tomando todo o lado direito baixo da folha. No meio do caminho inicial

estão seis pessoas formando dois subgrupos: um de duas pessoas (casal) e quatro pessoas de mãos dadas noutro subgrupo. As pessoas caminham em direção à primeira bifurcação.

Ao relacionar essas observações com a história de Casimiro podemos fazer algumas inferências impressionísticas. O desenho parece estar de acordo com o que Casimiro diz na resposta QF15: Em minha família éramos *muito próximos* porque *os vínculos familiares de uma família do interior de MG ou SP deveriam colocar acima de tudo a união, o diálogo e a solidariedade entre os membros da casa!*. Esta parece ser a família ideal que Casimiro gostaria de ter! Porém pela análise já feita viu-se que as figuras parentais eram vistas por ele como opostas nos significados de sua experiência. (Cfr. análise acima). Os diversos caminhos que estão à frente poderiam representar as diferentes possibilidades por onde a família poderia seguir, porém são caminhos ainda não trilhados!

Síntese conclusiva: Da análise feita, parecem decorrer que as frases evangélicas e as palavras-chave escolhidas por Casimiro revelam, por um lado, sua auto compreensão em nível consciente. Contudo elas contêm elementos inconscientes que mostram aspectos mais profundos não só de sua experiência religiosa (crença) vinculada às representações de Deus, configuradas a partir da sua infância em relação à figura paterna, como também conflitos relacionais. Pode-se também pensar que a palavra “justiça” representa sua “queixa” (mágoa - agressividade) reprimida por sofrimentos (injustiças”) vividos em sua infância, que permanece como “memória afetiva”, facilmente despertada por situações com as quais se identifica. Por isso parece ter para ele uma conotação profunda com sua experiência e por isso poderíamos incluí-la no rol de suas palavras-chave. Embora não fale explicitamente sobre o sentido da palavra “justiça”, suas referências repetidas parece transparecer significados simbólicos, entre

os quais pode-se dizer é uma palavra-chave em sua vida que está ligada a sua “agressividade reprimida”, da qual nem mesmo “deus” escapa (imagem demoníaca de Frielingsdorf) e desse deus o mundo não precisa dele para existir. QD42!).

CASO CLÍNICO

Apresentamos a seguir um caso clínico, mais elaborado, o de Jonatan, que durante três anos foi atendido em psicoterapia. Também ele respondeu aos três questionários usados na pesquisa com os seminaristas.

Com este caso, espera-se que alguns aspectos importantes da pesquisa possam ser mais bem explicitados, possibilitando, assim, uma aferição das hipóteses e conceitos da presente investigação e propiciando ao leitor a condição de estabelecer paralelos entre os casos descritos na tese.

6. O CASO JONATAN

6.1. Dados biográficos

Jonatan é europeu. Está no Brasil há mais ou menos 15 anos. Pertence a uma ordem religiosa de origem européia que conserva muito o estilo dado pelo fundador, bastante exigente quanto à observância das normas religiosas. Preserva o hábito como identificação da ordem.

Jonatan é filho de mãe solteira. Seu pai engravidou a mãe e não quis casar-se com ela, pois estava noivo de outra com quem se casou. A mãe passou muita vergonha por ser solteira, foi discriminada. Jonatan foi educado pela mãe que era muito religiosa e trabalhadora, sacrificou-se pelo filho. Viveu sua infância na casa da avó materna que era proprietária de uma fazenda onde criavam gado e trabalhavam na lavoura. Um tio seu fez um pouco o papel de pai. Jonatan teve uma educação muito rígida marcada pela disciplina. Em casa a mãe não lhe permitia frequentar a casa de vizinhos para brincar com outras crianças. Na escola a disciplina era também rígida, não criou amizades. Muito jovem foi para o convento, lá também a disciplina era rígida. Jonatan desenvolveu-se num ambiente muito fechado. Afetivamente sentia-se muito carente, mas nem se dava conta. Na área da sexualidade não teve orientação clara, descarregava suas tensões na masturbação, isto lhe causava depois muitos sentimentos de culpa. Seu confessor lhe dissera que se não era capaz de se controlar não devia ordenar-se padre. Mais tarde como padre teve recaídas, isto lhe trouxe dúvidas quanto à validade de sua ordenação. Este problema sempre o atormentou. Algumas vezes desejou ser mulher só para sentir o afeto, embora nunca sentisse atração sexual por homens. Sofreu muito em sua infância por não ter pai. A mãe nunca lhe permitiu conhecê-lo. Sofria muito diante dos colegas porque não tinha pai. Passou então a dizer que seu tio era seu pai. Em casa,

sua vida girava em torno da mãe que também sofria por tê-lo sem se casar, mas a mãe fez o melhor que pôde para dar-lhe educação e suprir suas necessidades. Ela era muito correta, honesta e religiosa. “vivia grudado na mãe”! (sic). Quando criança sofreu um acidente e perfurou a vista. Ficou hospitalizado duas semanas com os olhos vendados e as mãos amarradas. Sua mãe não podia ficar no hospital com ele só ia visitá-lo nos horários permitidos. Ao ter alta, agarrou-se em sua mãe e lhe disse que ninguém mais ia tirá-la dele. Quando adolescente, não gostava de seu físico tinha medo que o chamassem de afeminado! Só mais tarde quando adulto superou este problema (veja abaixo).

Jonatan, sempre se superou pelo esforço e autocontrole rígido. Tornou-se perfeccionista o que lhe causou muitas somatizações. Sofria muito quando as coisas não saiam como planejava. No convento descarregava suas tensões no futebol, jogava com força; no trabalho braçal, também havia vigor ao cuidar do jardim. No convento onde vivia, atendia irmãs religiosas em confissão e orientação espiritual. Uma delas se apaixonou por ele e lhe disse que era bonito e ela o desejava como homem. Ficou muito perturbado com essa declaração. Contudo sentiu-se bem por ser desejado como homem, passou a gostar mais de si. Num encontro a irmã quis dar-lhe um abraço, ele a afastou e não aceitou, mas isto o perturbou muito. Depois foi se dando conta de que despertara dentro dele sentimentos afetivos intensos pela irmã e mexia também com sua sexualidade. Isto o perturbava muito. Numa ocasião cedeu ao desejo da irmã e lhe deu um abraço, sentiu forte reação física que o desnorteou. Fez um esforço gigantesco para não perder o controle, procurou manter-se distante da irmã, e quando esta insistia em vê-lo, mandando-lhe email falando de seus sentimentos por ele, não se permitia e procurava afastá-la mais. Mas isto não resolvia seu problema afetivo que se aguçava; só em vê-la à distância, já se sentia confuso. Passou por maus momentos, mas manteve-se fiel em sua opção, embora em momentos pensasse em abandonar tudo e constituir família. Sofreu muito até superar sua paixão.

Desejo de conhecer o pai. Sempre alimentou o desejo de conhecer seu pai. Depois de sacerdote sua mãe lhe deu o endereço e disse-lhe quem era seu pai. Estava em férias. Mas não teve coragem para ir procurá-lo, precisava se preparar melhor. Já estava no Brasil há vários anos, quando começou a entrar em contato com ele, por carta, depois por telefone. Até que chegou a ocasião de conhecê-lo pessoalmente. Ficou muito apreensivo como seria! Preparou-se e quando viajou, nas férias, foi ao encontro do pai. Conheceu-o e este o acolheu bem e o levou para conhecer a família, sua esposa e duas filhas que Jonatan não sabia que existiam. Foi para ele muito gratificante conhecer suas meias irmãs. Ficou muito feliz por ter conhecido o pai e as irmãs, agora sentia que tinha uma família. Num passeio que fez só com o pai, este lhe deu o carro para dirigir, sentiu-se um adolescente, foi uma aventura prazerosa. *“O pai me deu o carro para dirigir”!* Quando voltou ao Brasil, seu pai lhe prometera que viria visitá-lo. Na ocasião, surgiu um imprevisto na empresa do pai e só vieram suas irmãs e os respectivos namorados. Jonatan ficou um pouco frustrado porque o pai não veio, mas entendeu; contudo, ficou feliz com a presença de suas irmãs com quem passeou bastante. No convívio com elas e seus respectivos namorados, sentiu novamente o desejo pela vida matrimonial. Depois retomou sua vocação e se sente bem nela. Mais tarde seu pai veio visitá-lo, foi um momento muito feliz para Jonatan. Percebeu que depois que conheceu seu pai sua vida mudou bastante, superou muitos medos e o fato de sentir-se em uma família, ter um pai, foi para ele motivo de muita satisfação, é muito grato a Deus por isso. O pai tem orgulho dele por ser sacerdote! O pai, ao se despedir, deu-lhe um presente, uma corrente de ouro com uma cruz, que Jonatan carrega no pescoço com muito carinho. (Tornou-se “objeto transicional”).

Durante a terapia, na medida em que as questões acima foram tratadas, Jonatan foi se descobrindo e suas intuições e inteligência o ajudaram muito no seu processo. Hoje se sente outra pessoa integrada em sua vocação, com muito mais liberdade de ser ele próprio. Se aceita bem como é.

6.2. Palavras-chave

Ao longo do processo terapêutico, foram emergindo várias palavras-chave. No início emergiram “*abandonado vs vergonha*”. Abandonado = não tenho pai! “Vergonha” = mãe grávida, sentia muita vergonha. Jonatan pensava: “*eu sou motivo de vergonha para minha mãe*”. Quando pequeno pediu para a mãe mudar seu nome, “*pois eu sou motivo de vergonha*”.

Por ocasião de sua crisma escolheu como frase do Evangelho: “*não beberei mais desse cálice até a vinda do Reino*”, estabeleceu uma relação desta frase com aquilo que sentia em relação a sua mãe. Sua mãe lhe prometera “*nunca mais se relacionaria com homem algum*”. Dedicaria sua vida para cuidar dele. No período de sua formação, escolheu como motivação para sua piedade uma frase de São João da Cruz: “*escolher sempre aquilo que causa menos prazer*”, isto para agradar mais a Deus. Essa frase o ajudava a manter sua rigidez e se controlar em relação aos seus sentimentos. À custa de muita repressão, mantinha-se fiel às normas e fortalecido em sua vocação. Seu perfeccionismo o ajudava a cobrar de si a busca pela perfeição evangélica. Na época em que passou pelo apaixonamento pela irmã, vinha-lhe sempre em mente a frase bíblica “*vem para meus braços e reclina tua cabeça no meu peito*”. (frase carregada de desejos de cuidados, afeto, sensualidade e sexualidade). Outras duas frases também estiveram muito presentes nesse tempo “*e os criou homem e mulher*”, bem como o relato evangélico da “*mulher pecadora*”. Estas frases davam-lhe alento em nível consciente, aliviavam sua culpa e mantinham seus sentimentos afetivos e sexuais inconscientes, ele os (sublimava) espiritualizava através destas frases. Seus desejos afetivos e sexuais estavam muito presentes em “*e homem e mulher os criou*” e a racionalização de seu sentimento de culpa projetado na história da *mulher pecadora*, que encontrou em “*Jesus alguém que a amou e livrou de seu pecado*”.

Jonatan respondeu aos questionários da pesquisa sobre Deus, Família e Evangelho. Suas respostas foram $P=45=100\%$ refletindo um grau de auto compreensão bastante elevado. No questionário sobre Deus, suas respostas são muito centradas em torno de *Deus*, palavra que repete com muita frequência por quem se sente muito agradecido. Veja a seguir o desenho que fez de Deus e sua própria interpretação, bem como o desenho da família e a interpretação que deu. No questionário sobre família se auto descreve: *“feliz, porque apesar de ter faltado muito na minha história e na minha infância, com a ajuda de outros e de Deus consegui superar dificuldades e carências. Sinto-me realmente bem comigo e minha história”* (QF21).

Em QD16: entre todos os personagens religiosos que conheço eu gostaria de ser como *“Jesus”* Porque *“ele viveu como homem um relacionamento muito profundo com Deus. Sua doutrina foi uma grande libertação para as pessoas. Ele fez bem todas as coisas”*. Logo em seguida na QD17: meu santo ou personagem bíblico preferido é *“a pecadora ungindo os pés de Jesus”* porque *“apesar de sua vida irregular antes, (note-se a semelhança da leitura que fez de sua mãe por ser mãe solteira) ela teve a coragem de aproximar-se de Jesus e porque ela conseguiu exprimir muito bem seu respeito e seu amor a Jesus. Também me impressiona sua confiança”*. Observe-se a correlação que há entre a pecadora do relato evangélico e o caso de sua mãe.

No questionário sobre o Evangelho, escolheu como parábola: *“o filho pródigo”* e como milagre *“a multiplicação dos pães”*. No relato parabólico os personagens que predominam são o pai e o filho que se afasta do convívio deste e o reencontra depois de algum tempo. Na multiplicação dos pães a compaixão de Jesus que se volta para os pobres e desprotegidos. Veja-se a relação com sua frase preferida do Evangelho e a explicação que dá para sua escolha.

Sua frase preferida do Evangelho (QE5) é “*de tal modo Deus amou o mundo que entregou o seu filho amado, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna*”. Porque “*Nesta frase descubro o grande amor que Deus tem para comigo e para com todas as pessoas. Este amor é o fundamento da minha vida e ao mesmo tempo me dá esperança que vou viver eternamente neste amor*”. Manifesta uma necessidade de “garantir” o amor, há uma insistência sobre isso! Parece refletir seu medo de não merecê-lo porque é filho de mãe solteira! (pecadora). Veja-se sua resposta em QE9, ao responder sobre alguma passagem bíblica que traduziria sua experiência familiar. “*Sim a da pecadora, pois minha mãe é mãe solteira; e ela se arrependeu de seu pecado. Disso Deus fez brotar muitas boas coisas.*”

QE10. Ao escolher sua palavra/frase-chave para definir sua experiência religiosa diz ser esta: “*Vinde a mim todos vós que tendes pesados fardos a carregar; eu vos aliviarei*”. Para Jonatan seu “fardo pesado” parece ser o de ter nascido de mãe solteira! Neste sentido encontra razão para poder viver, já que não pode mudar sua origem, busca em Deus a saída para esse impasse. Parece ser esta sua esperança e convicção. Deixaria como frase para pôr em seu túmulo (QD11) “*Deus é amor*”. Podemos talvez resumir a análise acima a respeito de suas palavras-chave que o definem em sua experiência religiosa e humana como: “*alma sedenta de amor e afeto, sustentada por uma convicção de fé, forjada na luta entre fidelidade e culpa, apoiada por uma esperança vindoura que dê sentido aos seus sofrimentos e renúncias*”!

Como compreensão complementar, os desenhos sobre Deus e Família e a explicação dada por ele mesmo.

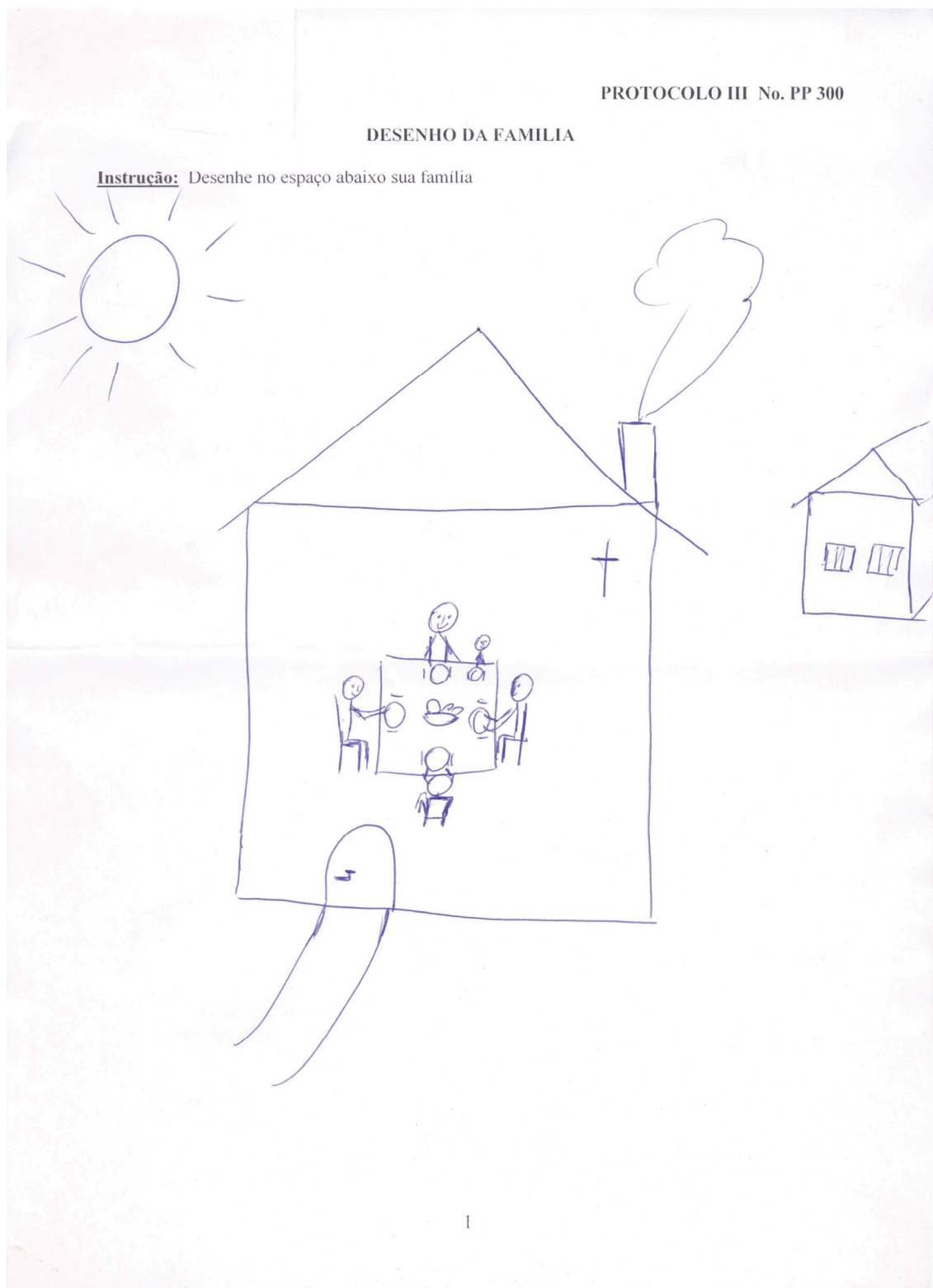
6.3. Desenho da “imagem de Deus” – interpretação de Jonatan



Interpretação feita por Jonatan

Escolhi fazer um desenho que na maneira de se expressar fica entre um desenho um pouco infantil de um lado, mas de outro lado fortemente simbólico. O desenho retrata um pouco minha dificuldade de ter uma imagem de um Deus pessoal. A minha primeira idéia de desenhar Deus foi uma idéia abstrata. Com minha elaboração durante os anos de minha terapia, reconheço que existe em mim um grande esforço de ter uma imagem de um Deus pessoal. Este esforço é necessário, pois no meu lado emocional não tenho este sentimento de um pai carinhoso, bondoso. Vejo a raiz desta dificuldade na minha história pessoal, cresci sem conhecer meu Pai. Conhecendo meu pai biológico e conhecendo sua generosidade e bondade, percebi também como minha imagem de Deus mudou. Percebi também que eu mesmo me fui transformando numa pessoa mais segura, tranqüila e menos competitiva. O amor de Deus se tornou mais concreto para mim. No desenho expressei isto desenhando um pai bondoso, que estende suas mãos ao seu filho amado. A nuvem significa o mistério de Deus que simbolizei com triângulo na cabeça de Deus Pai. A escada que quase se encontra no centro significa a possibilidade de chegar a Deus. As mãos estendidas de Deus significam toda a ajuda de que necessito e que recebo cada dia de Deus. As dimensões diferentes querem indicar a distância que existe entre o criador e sua criatura que sou. Mas também a semelhança entre Deus e mim. Minhas mãos estendidas significam meu desejo grande que tenho de chegar ao meu Deus. Optei de desenhar-me com meu hábito religioso que significa minha consagração de toda minha vida e de todo o meu ser a Deus. O cinto significa minha disciplina e meu esforço no caminho a Deus. Com a quarta parte de um círculo quero indicar o mundo em que vivo sabendo que desconheço muito mais deste mundo do que conheço. “Mas este mundo é o chão que Deus me deu para ir ao encontro dele.”

6.4. Desenho da família – interpretação de Jonatan



Interpretação feita por Jonatan

Como o outro desenho, este é meu estilo simples e um pouco infantil, mas bem simbólico. Reconheço que o desenho mostra minha família quando eu tinha 10 anos, ou seja, antes de eu sair de casa para morar no internato do seminário menor. Depois desta idade, os meus relacionamentos se foram aumentando e outras pessoas significativas entrando; mas que não são minha família no sentido mais estrito. Escolhi representar a família reunida ao redor da mesa para comer o mesmo pão. O desenho mostra pessoas (minha avó e minha tia avó) que já há vários anos faleceram. As posições que as pessoas ocupam na mesa foram sempre as mesmas, sempre comi ao lado da minha avó e do lado do meu tio, que era para mim como um pai.

A família está reunida na casa, todos juntos, cada um com seu prato, debaixo do sinal da cruz (religião) que foi um elemento muito forte na minha família e educação. A casa representa para mim aconchego e um mundo tranquilo, feliz o que o sol brilhando quer indicar; com vida o que a chaminé com fumaça quer indicar. Outro fator importante na minha família foi o estábulo, a fazenda que significa o trabalho pesado e cotidiano que fez parte da realidade da minha família.

6.5. Análise complexiva do caso Jonatan

Parece ficar claro como as representações de Deus foram se modificando ao longo do processo e como as frases bíblicas (palavras-chave) foram traduzindo seus diferentes momentos de luta entre sua subjetividade (afetos) e suas convicções (fé e princípios). Jonatan foi aos poucos tomando consciência de seu verdadeiro eu num processo que ainda continua e que vai cada dia revelando novas facetas, que ele aceita com menos rigidez e procura integrá-las em sua vida.

Notem-se as interpretações que faz de seus desenhos. Ao referir-se a Deus o chama de “Pai bondoso” que se relaciona com “filho amado”. Há um contraste com sua experiência da infância onde a idéia era “abstrata” (primeira idéia de desenhar Deus!), quando não tinha “pai” (filho sem pai). Ao conhecer seu pai biológico destaca sua “generosidade e bondade”, depois disso descobre Deus como “pai bondoso”.

Veja-se também o destaque que dá: “meu desejo” de chegar ao “meu Deus”! Para garantir essa “posse” de Deus fala de “meu hábito religioso”(= minha consagração) e “cinto” = “minha disciplina e meu esforço” no caminho para Deus. (note-se o destaque para o pronome possessivo “meu”). Percebe-se uma ânsia em assegurar-se dessas novas experiências para garantir-lhe uma nova condição, diferente daquela em que se sentia “abandonado e vergonha” por ser filho sem pai (mãe solteira). Note-se também o senso de disciplina como marca de caráter. Isto aparece também na interpretação do desenho da família onde destaca: as posições à mesa eram “sempre as mesmas”, “sempre ao lado da avó”. Cada um com “seu prato”. Isto tudo sob o “signo da cruz” (Religião – Deus).

Em Jonatan cristalizou-se uma “estalactite” muito densa que se originou já no início de sua vida. O fato de ser filho de mãe solteira dentro do ambiente e cultura em que viviam tornou-se um peso para ambos, ele e sua mãe, a ponto da mãe renunciar seus sonhos de constituir família com outro homem (“*nunca mais se relacionaria com outro homem*”). Para Jonatan pesava o fato de “*eu sou motivo de vergonha para minha mãe*”. Esse fardo que ambos carregavam, obrigou-os a buscar alento através do esforço (disciplina) de fazer por merecer melhor sorte. Esse fato cobrou de Jonatan um preço alto, (“*escolher sempre aquilo que causa menos prazer!*”) o de reprimir seus sentimentos “afetivos e sexuais”, controlados por uma rigidez de conduta (homem disciplinado) que o obrigou a fazer “pagamento antecipado” para sentir-se merecedor de

algo. Transferiu essa luta para o aspecto religioso (Deus) como tábua de salvação, pois na dimensão humana sentia-se “condenado” desde o nascimento. Veja-se o destaque que dá aos textos bíblicos que escolhe: “*não beber mais desse cálice ...*” ... “*vinde a mim vós que tendes pesados fardos ...*” ... “*mulher pecadora*” ... “*filho pródigo*” “*alma sedenta de amor e afeto*” ... “*vem para meus braços e reclina tua cabeça no meu peito*”! ... “*Deus é amor*”. Entre outros!

O caso Jonatan demonstra uma síntese clara do significado e função das palavras-chave como uma “auto biografia” escrita por meio delas!

6.6. Conclusões

Ao final das análises dos casos, podem-se inferir algumas indicações à guisa de conclusões.

- 1) Parece ficar claro que os sujeitos humanos têm necessidade de apoiar-se em algo que traduza, sintetize para si próprios, sua percepção da vida, do mundo, de suas relações com o universo fora de si. As palavras-chave parecem responder de forma simbólica a estes desejos. Elas, de alguma forma expressam quem é o sujeito, em sua “originalidade provisória”. É provisória porque em constante mudança e por traduzir aspectos ainda não consolidados com transparência plena. Contudo, essa originalidade nem sempre é a verdadeira originalidade, pois esconde dele aspectos significativos, mas ela constitui-se no presente do sujeito, sua forma de expressão nas interações intrapsíquicas e interpessoais. O processo de amadurecimento humano, complexo e cheio de meandros, revela e, ao mesmo tempo, oculta a verdadeira face humana, sedenta de plenitude

buscada na transcendência ainda que presa na imanência de sua finitude. No exercício de sua liberdade condicionada esforça-se para ampliar o espaço possível para a manifestação de seu ser imanente em permanente busca de transcendência.

- 2) Como se viu no capítulo primeiro, quando se apresentou a teoria da Auto transcendência na consistência, dois aspectos se sobressaíam. a) necessidades inconscientes se tornam núcleos dinâmicos que condicionam o agir livre da pessoa; b) o aspecto simbólico que aparece na relação que o sujeito estabelece com suas palavras-chave revela, muitas vezes, uma ambigüidade. Por um lado, o leva a um progresso no sentido de maior maturidade e o torna mais livre e realista em sua auto percepção. É operado pelo processo de simbolização progressivo. Por outro lado, quando as palavras-chave escondem seus conflitos o deixam amarrado em si próprio com menos liberdade. Neste caso, seus ideais tornam-se menos realistas e com o tempo não se sustentam mais. Isto ocorre através do processo de simbolização regressivo.
- 3) Olhando pelo prisma da representação de Deus formada ao longo do tempo, percebe-se que as palavras-chave provindas das escolhas de frases bíblicas, que estas traduzem representações internalizadas de Deus, bem como as mudanças que vão ocorrendo ao longo da vida, na medida em que novas situações se apresentam à experiência do sujeito, e tais representações passam por remodelações. Rizzuto afirma, do ponto de vista da psicanálise, que:

“A representação objetal e representação do self são processos mnêmicos compostos que se originam em todos os níveis de desenvolvimento no tempo. Esses processos envolvem objetos e a pessoa que os representa em uma interação dinâmica um com o outro. Sob condições específicas no presente, eles retornam ao pré-consciente ou ao consciente. Há duas condições prevaletentes que exigem a recuperação dessas memórias

conjugadas de outros e de si mesmo como representações: 1) uma condição presente de *desarmonia sentida* entre o que a pessoa sente que deveria ser e o que ela sabe que é agora. Isso está relacionado com o ideal do self. (...) 2) uma condição presente de desarmonia sentida entre o comportamento real do objeto e o que o objeto interagente do presente deveria ser, dizer, fazer ou dar para produzir um sentimento de bem-estar, segurança e apreciação do sujeito”⁴¹.

As palavras-chave podem revelar a “desarmonia sentida” entre o que a pessoa afirma ser sua crença, seus valores proclamados⁴² e sua experiência internalizada inconsciente.

Rizzuto apresenta duas teses em relação aos objetos do passado e equilíbrio psíquico:

“A primeira tese é que, em nosso esforço de manter uma representação do self e um senso do self viáveis, constantemente lutamos por tornar as complexas memórias de nossos objetos compatíveis com o que pensamos ou queremos pensar que somos. Tentamos compreender encontrando elaborações que harmonizem nossa compreensão de nós mesmos e as memórias relevantes das pessoas que ajudaram a nos tornar o que somos. (...) todo processo representacional está a serviço de nos tornar pessoas psicologicamente viáveis no mundo real. A segunda tese é que no nível de funcionamento mais elevado lidamos com representações objetais plenas em que aspectos múltiplos e até contraditórios do objeto são incluídos simultaneamente. (...) na vida comum, do dia-a-dia, geralmente utilizamos todos os níveis representacionais sem estar conscientes do fato”⁴³.

Com Rizzuto pode-se então aplicar o acima referido às representações de Deus, que foram se formando desde o início do desenvolvimento psíquico das relações objetais, com o auxílio das figuras parentais e que, com o transcorrer do tempo, se tornaram multifacetadas.

⁴¹ RIZZUTO, A.M. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, pp. 81-82.

⁴² AVC-I, pp. 192-197.

⁴³ RIZZUTO, op. cit., pp. 83-86.

Nota-se, no caso dos seminaristas analisados, que há um esforço para adequar suas representações de Deus aos ideais por eles proclamados. O estudo da teologia contribui para uma reformulação de tais representações uma vez que este apresenta uma visão mais racional dentro de um conjunto doutrinal complexo do conceito de Deus. Contudo, não garante por si só, que esta nova representação se vincule aos seus afetos, isto é, torne-se existencial. A partir dessa nova “visão” de Deus, o seminarista reelabora seus conceitos e procura traduzir sua nova maneira de entender tais conceitos de forma pertinente a essas novas elaborações. Nesse sentido pode-se dizer que as palavras-chave tiradas do Evangelho (frases preferidas ou que mais se aproxima da maneira como se vê) são expressões dessas novas elaborações que nem sempre coincidem com outras já elaboradas por influências anteriores aos seus estudos. Ele (seminarista) tende a pautar sua fé a partir desses novos conceitos, que freqüentemente não correspondem ao objeto internalizado (Deus), presentes em seu inconsciente, que foi moldado não só a partir da racionalidade, mas, sobretudo influenciado pela emocionalidade. Em outras palavras, suas representações de Deus primevas, em geral, foram marcadas pelo tipo de relação que ele tinha com as figuras parentais, como se viu na análise dos casos.

Rulla relata que:

“em nossas pesquisas sobre os relacionamentos na infância e na adolescência de jovens religiosos, religiosas e seminaristas com os respectivos pais revelam, em porcentagem muito elevada nesses jovens (noventa por cento) a presença de atrações ou repulsas inconscientes e reprimidas. Embora sejam inconscientes, estas atrações e repulsas influenciam o grau de maturidade, mesmo vocacional, alcançado por esses jovens ao entrar na vida religiosa. Influenciam inconscientemente mas de forma significativa o tipo de relacionamento com as pessoas em vocação; cerca de 70% destas pessoas, durante os primeiros quatro anos de vida religiosa na relação com figuras de autoridade ou com companheiros, reviviam inconscientemente o relacionamento que tinham com os próprios pais durante a infância (...) por isso, o mesmo símbolo, por exemplo uma palavra, frase, etc., pode ter um tom afetivo diferente para pessoas diferentes, e isso acontece por causa da influência da memória afetiva⁴⁴”.

⁴⁴ AVC-I, pp. 96-98.

- 4) Retomando nossa definição de “palavras-chave” como expressão simbólica que se refere às experiências particulares do sujeito, verificamos que tais palavras se revestem de significados simbólicos que expressam mais do sujeito do que ele próprio tem consciência. Pode ser apenas uma palavra ou um conjunto delas que formam uma frase. Isto parece ser verdadeiro em função da seletividade que a percepção do sujeito mantém ao relacionar-se com os “objetos externos”. Concordamos ainda com Rulla quando afirma que:

quanto mais as emoções são inconscientes tanto maior seu papel para tornar seletivas a memória, a imaginação, e essa seletividade limita ou condiciona nosso conhecimento como nossa decisão e ação diante das informações, valores, pessoas, conhecimentos etc. que se consideram, inclusive os valores que dizem respeito à vocação cristã e ao relacionamento com Deus (...) além das influências sobre a memória e a imaginação, as emoções afetam também o modo de perceber os estímulos que ferem nossos sentidos⁴⁵.

- 5) Na experiência cotidiana, constata-se, algumas vezes, uma dualidade. Os propósitos do sujeito, apesar da sinceridade e reta intenção que os precede, nem sempre se realizam, não por falta de condições externas, mas por dificuldades internas que afetam sua disposição e vontade. São Paulo expressou essa luta em sua célebre frase “*vejo o bem que quero fazer e acabo fazendo o mal que não quero*”⁴⁶. Rulla vê essa luta como consequência ou discordância que há entre elementos conscientes e inconscientes que ele denomina de consistências conscientes e inconsistências inconscientes. As primeiras podem ser os valores aceitos e proclamados pelo sujeito e as segundas pelas necessidades dissonantes

⁴⁵ AVC-I, p. 198.

⁴⁶ Rom. 7,15-25.

inconscientes do mesmo sujeito.⁴⁷ Nessa ótica pode-se ampliar a compreensão das palavras-chave, enquanto elas são expressões de conteúdos conflitivos inconscientes que através de racionalizações ou outros mecanismos defensivos são transformados em conteúdos não conflitivos em nível consciente. É o que Rulla define como bem aparente em oposição ao bem real.⁴⁸

- 6) Na análise feita dos casos, viu-se que as representações de Deus vão ganhando novos contornos na medida em que o sujeito vai processando suas experiências religiosas. Notou-se uma luta entre as interpretações conscientes do sujeito e os núcleos inconscientes, de modo especial quando em conflito com os aspectos conscientes. Tais representações uma vez estabelecidas são difíceis de serem mudadas, ficam sempre ligações através de “memórias afetivas” de origem que tendem a se manifestar sempre que estímulos portadores de alguma semelhança se apresentarem à percepção do sujeito.
- 7) Parece ficar claro também, como diz McAdams, que ao longo da vida vamos criando nossos mitos e eles não são falsos ídolos, mas manifestações de percepções de si que falam algo da experiência pessoal de cada um. Os mitos também podem se manifestar através dos canais das palavras-chave.

Segundo McAdams⁴⁹

a vida se torna mito em nossos anos da adolescência. A formação e reformulação da identidade permanecem depois disso uma tarefa psicológica central dos anos na vida adulta. A partir da adolescência em diante nós enfrentamos esta tarefa de

⁴⁷ AVC-I, pp. 214-216.

⁴⁸ AVC-I, p. 214.

⁴⁹ MCADAMS, 1993/1996, p. 91 (tradução nossa).

criar uma história integrativa através da qual somos capazes de entender quem somos e como entrar no mundo adulto. Como nossas visões de nós mesmos e de nossos mundos mudam com o passar do tempo, nós revisamos nossa história. Colocar a vida dentro de um mito é o que a vida adulta estará sempre sujeita.

Dentro desse contexto de mitos, as palavras-chave são expressões indicativas de nossos mitos, elas expressam de forma sintetizada seu “rosto” “cômico, romântico, trágico ou irônico”,⁵⁰.

- 8) Em relação às imagens “divinas” e “demoníacas” de Deus, das quais trata Frielingsdorf em suas pesquisas, parecem encontrar também consistência nas palavras-chave, pois elas freqüentemente escondem “imagens demoníacas de Deus” e ao mesmo tempo revelam uma imagem racional elaborada do discurso apresentado a respeito da crença do sujeito. Esses aspectos inconscientes escondidos nas palavras-chave, entram em conflito com aspectos conscientes aceitos e defendidos pelo sujeito; contudo, permanecendo como algo não bem integrado ou convicção provisória. É o que se percebe, por exemplo, nos casos analisados. Há um Deus proclamado que não coincide com o Deus realmente experimentado (vivido), as relações com Deus “mítico” criado pelo seminarista, que aparece, sobretudo no questionário sobre Deus. Em suas respostas Acadêmicas, satisfaz e justifica como resposta racional, sua crença, mas não atinge em profundidade seu íntimo (experiência emotiva) que aparece quando predominam as respostas Pessoais.
- 9) Do acima dito ficam ainda algumas interrogações sobre o método usado para descobrir as palavras-chave. Haveria instrumentos mais adequados

⁵⁰ *Ibid.*, p. 50.

para tal pesquisa? Dada à complexidade da vida do sujeito humano, certamente que não se pode prescindir do conhecimento profundo da biografia do sujeito. Qualquer método que se possa usar para tal fim exige que este inclua a possibilidade de captar os significados simbólicos contidos na experiência do sujeito. Em nossos instrumentos de pesquisa (três questionários) mostraram-se úteis enquanto apontavam o caminho e traziam à tona as palavras-chave, mas não eram suficientes para uma interpretação mais profunda. Esta foi possível quando se introduziu outro instrumento, aquele da entrevista. Contudo a análise ficou mais enriquecida e clara quando se utilizou também a terapia. Parece, portanto, que o método usado, considerando todos os instrumentos usados, permite inferir uma validade para as palavras-chave como expressões simbólicas do sujeito.

Conclui-se, portanto que as “palavras-chave” constituem-se em uma “chave” para o autoconhecimento e, se analisadas em profundidade, mostram a “fotografia” que o sujeito criou para si e para falar de si e revelar-se aos outros. As palavras-chave fazem parte do cotidiano das pessoas como formas sintetizadas de manifestações de si próprias, embora, freqüentemente, de forma inconsciente. Fica o desafio para se encontrarem instrumentos mais adequados para esta averiguação.

PARTE FINAL

CONCLUSÃO

CAPITULO IV

No início de nosso trabalho, apresentamos a motivação que nos animou a empreender essa tarefa e os objetivos que nos propúnhamos atingir. O grande desafio constituía-se em demonstrar que palavras-chave são expressões que falam do sujeito mais do que ele próprio tem consciência. Demonstrar que elas têm o poder simbólico de sintetizar as experiências vividas ou os ideais, especialmente os religiosos, por viver no cotidiano da vida em que a história de cada um se desenrola.

Por necessidade de limitação do tema, nos ativemos mais na análise de frases bíblicas como expressões não só da religiosidade do sujeito como também de meios para encontrar, através delas, reflexos de aspectos subjetivos não evidentes no discurso proclamado. Levantamos hipóteses e realizamos pesquisas com seminaristas, estudantes de teologia na cidade de São Paulo, que nos deram elementos de comprovação de nossa hipótese principal e de esclarecimentos quanto à sua dinâmica psicológica.

Chegando ao final dela, fica uma dupla sensação. Por um lado, a do dever cumprido dentro das limitações pessoais e as encontradas na complexidade do tema; por outro lado, a certeza da riqueza da vida humana que ultrapassa toda a possibilidade de enquadrá-la em uma teoria por mais bem estruturada que seja. Esta ambigüidade inerente ao viver humano e à religiosidade se constitui em desafio permanente para o psicólogo da religião e o psicoterapeuta, que em seu trabalho teórico e prático têm como objetivo ultrapassar o já conhecido, abrindo espaços para novas pesquisas que venham ampliar os horizontes do conhecimento psicológico sobre o ser humano.

Sentimos a importância de ter instrumentos adequados para a aferição de hipóteses, que em nosso caso, embora limitados, foram úteis para nossos propósitos. Nesse sentido um desafio que permanece é o de encontrar instrumentos mais eficazes para uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema discutido nesta tese, como também verificá-la e torná-la mais precisa em uma amostragem maior, para que ela se comprove também confirmada em uma amostragem estatisticamente válida. Ao longo deste trabalho, nos deparamos também com a escassez de tempo, de recursos financeiros e de apoios que um trabalho científico de peso exige. Feitas essas ressalvas, apresentamos algumas reflexões conclusivas como estímulo para continuidade de estudos na área do conhecimento da psique humana.

A cada passo dado em direção aos objetivos, nos deparamos com a complexidade da mente humana, com seu lado indecifrável de mistério. Constatamos que para se conhecer alguém, é indispensável conhecer sua história, como essa foi vivida pelo sujeito e marcada pelas experiências que viveu. Se se quiser conhecer seu presente é preciso levar em conta seu passado, mas contam muito também seus sonhos de futuro. Por um lado, o passado imprime uma marca que fica em seus registros psíquicos que interferem nas posições-chave do seu presente. Contudo, não podemos reduzir a vida de cada um apenas ao que vem de seu passado. Seus sonhos para o futuro também determinam posturas diante da vida. Há que se olhar, portanto, para o sujeito de forma mais holística, sem esquecer a capacidade de adaptação e criatividade que acompanham o ser humano desde o berço até a sepultura.

Lidar com a psique humana exige uma chave hermenêutica capaz de captar nas entrelinhas do discurso explícito aquilo que fica escondido no subconsciente dinâmico. Este dinamismo deveria manter alerta o psicólogo (e o sujeito) para a necessidade de o

eu do sujeito se adaptar a cada nova situação, o que traz consigo a exigência de contínuas reelaborações e reformulações das versões já possuídas.

Na análise dos casos individuais constatamos algumas “leis” que regem o crescimento contínuo do eu em direção à maturidade humana. Entre elas, aquela de expressar-se por meio de símbolos que vêm carregados de afetos e traduzem de modo singular a vida de cada um.

Nessas análises de casos tivemos frequentemente, de nos valer de inferências intuitivas – fruto de nossa experiência psicoterapêutica e não só da intuição para perceber a lógica escondida em diferentes situações existenciais dos sujeitos, reveladas através dos motes espelhados nas palavras-chave com que se interpretam e se definem.

Foi muito rico constatar, por exemplo, em no caso clínico analisado, o de Jonatan, contado através de suas palavras-chave de cunho religioso. Como lá se viu, sua história pode ser lida à luz do conjunto de frases bíblicas selecionadas espontaneamente por ele como suas preferidas. Viu-se que a “preferência” de suas escolhas recaíram naquelas que traduziam os diferentes momentos de seu desenvolvimento. Verificou-se a força dinâmica dos símbolos como expressão do sujeito, a ponto de se poder dizer que eles são caminhos privilegiados para o auto e o hetero conhecimento. Nós somos nossos símbolos! Nós somos o que nossas palavras-chave falam!

1. Balanço geral dos benefícios e desafios deste trabalho

A tese nos possibilita resumir em alguns pontos mais precisos alguns benefícios oriundos deste trabalho:

- As palavras-chave nas quais os sujeitos se espelham revelam-se um instrumento válido para o autoconhecimento;
- Permitem também um conhecimento mais profundo das motivações que fundamentam a própria religiosidade e revelam seu grau de maturidade;
- Oferecem um método de auto-análise;
- Mostram-se úteis como ajuda no processo terapêutico e/ou formativo.
- O conjunto dos instrumentos usados mostrou-se válido, para o levantamento e análise das palavras-chave. Sua leitura psicológica, no entanto, exige um conhecimento básico da psicologia, uma vez que há elementos inconscientes subjacentes que não se mostram apenas através dos instrumentos usados, mas exigem também análises inferenciais intuitivas.

Há também alguns desafios que podem ser vistos como pistas para eventuais investigações futuras.

- A primeira delas é desenvolver e testar um método, mediante instrumentos de investigação que permitam uma aferição mais isenta e objetiva do significado total das palavras-chave.
- O método necessita contemplar de maneira mais abrangente a história de vida (a narrativa biográfica) que possa levantar tanto o lado racional quanto o emocional profundo expresso das palavras-chave.
- Certamente que para tal empreitada são necessários recursos financeiros e tempo, bem como pesquisa com amostragens estatisticamente representativas.

2. Palavra final

Iniciei este trabalho a partir de algumas intuições que tive na experiência de muitos anos de atendimento de pessoas. Propus-me como objetivo aprofundar meus conhecimentos na área da psicologia a fim de continuar prestando, de forma modesta, um serviço mais qualificado para as pessoas que me procuram a fim de uma terapia. Sinto-me desde já recompensado por isso. Chego também à conclusão de que a história pessoal vem carregada de significados simbólicos subjetivos, que escondem uma riqueza imensa e um desejo de vida plena. Nas suas estalactites e nos seus tesouros, escondem-se segredos nem sempre disponíveis a uma exposição que os revele totalmente. Vejo também na originalidade de cada um uma manifestação Daquele que tudo conhece e, no mistério de cada um, revela-se um caminho para conhecê-Lo como fonte da plenitude humana. Está é minha profissão de fé!

Se quiser conhecer alguém preciso conhecer a letra dos seus versos com a clave das notas musicais que a acompanham, prestando atenção na melodia interpretada com os arranjos que a própria pessoa compôs!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. *O que é religião*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *O enigma da religião*. São Paulo: Papirus, 1984.
- ALETTI, M. *A representação de Deus como objeto transacional ilusório*. In PAIVA G.J.; ZANGARI, W.J. (orgs.). *A representação na religião, perspectivas psicológicas*. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *Religious experience, gender differences and religious language*. In. M. ALETTI (ed.). *Religione o psicoterapia? Nuovi fenomeni e movimenti religiosi alla luce della psicologia*. Roma: LAS, 1994, pp. 381-391.
- _____. CIOTTI, P. *The birth of the believing man. Prospects for and problems with the object relations theory applied to religion*. In M. ALETTI; G. ROSSI (eds.). *L'illusione religiosa: rive e derive*. Torino: Centro Scientifico Editore, 2001, pp.297-302.
- ALLPORT, G.W. *Personalidade*: São Paulo: HERDER, 1966.
- _____. *Desenvolvimento da personalidade*. São Paulo: HERDER, 1966.
- _____. *The individual and his religion*. New York: MAC MILLAN, 1950.
- ANSPACH S. (org.). *A religião e a psique, mulheres emergentes*. São Paulo: Factash, 2005.
- ARNOLD, H.; MODELL, M.D. *Amor objetal e realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- ARNOLD, M. *Emoción y Personalidad, Aspectos Psicológicos*. Buenos Aires: Losada, 1960, vol. 1.
- _____. *Emoción y personalidad, aspectos neurológicos y fisiológicos*. Buenos Aires: Losada, 1960, vol. 2.
- _____. *Feelings and emotions: The Loyola Symposium*. New York: Academic Press, 1970.
- AUSUBEL, D.P. *Educazione e processi cognitivi*. Milano: Franco Angeli, 1987.

- _____. *Theories and problem of child development*. New York: Grune & Stratton, 1958.
- AZEVEDO, M. *Mamãe está cobrando*. In *Psicologia e comportamento*. Março-abril/1984, pp. 34-38.
- BALDISSERA, D.P. *De quem sou eu? Para quem sou*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- _____. *Sou o que faço de minha história*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- _____. *Acompanhamento personalizado*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- _____. *Serviço de Escuta*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BAQUERO, V.; PEDREIRA, E.; SIVERES, L. *Discernimento vocacional*. São Paulo: Loyola, 1991.
- BEE, H.L.; MITCHELL, S.K. *A pessoa em desenvolvimento*. São Paulo: HARBRA, 1984.
- BEE, H. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BENJAMIN, A. *A entrevista de ajuda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BENKÓ, A. *Psicologia da religião*. São Paulo: Loyola, 1981.
- BLEICHMAR, N.M.; BLEICHMAR C.L. *A psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOWKER, J. *Para entender as religiões*. São Paulo: Editora Ática, 2000, 2ª edição.
- BRANDÃO, C.R. *Memória do sagrado*. Estudos de religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BISSI, A. *Maturità Umana Cammino di Trascendenza*. Casale Monferrato: PIEMME, 1991.
- _____. *Sono in Te le mie sorgenti*. Casale Monferrato: PIEMME, 1984.
- _____. *O pulsar da vida*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BRESSANE, J.F. *Psicologia e cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRUNER, J. *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Betrand Brasil S.A., 2002.
- CAIT O'DWYER, *Imaginig one's future: A projective approach to Christian maturity*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2000.
- CAMPBELL, ROBERT, J. *Psychiatric dictionary*. 5a. edição. New York: Oxford University Press, 1981.
- CATALAN, J.F. *O homem e sua religião*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- CENCINI, A. *A árvore da vida*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. *O respiro da vida*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Por amor: liberdade e maturidade afetiva no celibato consagrado. Primeira e segunda parte*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- _____. *Com amor: liberdade e maturidade afetiva no celibato consagrado. Terceira parte*, São Paulo: Paulinas, 1997.
- CENCINI, A.; MANENTI, A. *Psicologia e formação*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- COMBLIN, José. *Antropologia cristã*. São Paulo: Loyola, 1985.
- _____. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.
- CORMAN, I. *Le test du dessin de famille*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- COZZENS, D. *Silêncio sagrado: negação e crise na Igreja*. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *A face mutante do Sacerdócio*. São Paulo: Loyola, 2001.
- CHAVES, J. *A compreensão da pessoa*. São Paulo: Agora, 1992.
- DALGALARRONDO, PAULO. *Religião, psicopatologia, saúde mental*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.
- DERISE, O.N. *Valores básicos para construção de uma sociedade realmente humana*. São Paulo: Mundo Cultural, 1977.
- DESROCHE, Henry. *O homem e suas religiões*. Ciências humanas e experiências religiosas. São Paulo: Paulinas, 1985.

- DEWALD, P. *Psicoterapia, uma abordagem dinâmica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- DE FINANCE, J. *La hierarchie des valeurs*. In World Union of Catholic Philosophical Societies, *The Mediations of Christian Values*. Washington: The Catholic University of América, 1988.
- _____. *Essai sur l'agir humain*. Rome: Presses de l'Université Grégorienne, 1962.
- DSM-IV – *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Trad. Dayse Batista. 4ª. Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- DUSKA R.; WHELAN, M. *Lo sviluppo morale nell'età evolutiva*. Una guida a Piaget e Kohlberg. Casale Monferrato: Marietti, 1979.
- DROOGERS, A. *Ciências da religião*. São Leopoldo: IECLB, 1984.
- DURANT, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DYER, Donald R. *Pensamentos de Jung sobre Deus*. São Paulo: Editora Madras, 2003.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano. A essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ERIKSON, E.H. *Infanzia e società*. Roma: Armando Aramando Editore, 1982.
- ERP (Equipe de Reflexão Psicológica). *Desafios contemporâneos à vida religiosa*. Rio de Janeiro: Publicações CRB, 2004.
- FABRI DOS ANJOS, M. (org.). *Vida religiosa e novas gerações*. Aparecida: Santuário, 2007.
- _____. *Experiência religiosa risco ou aventura?* São Paulo: SOTER/Paulinas, 1998.
- FRANKL V.E. *Um sentido para a vida. (Psicoterapia e Humanismo)*. Aparecida: Santuário, 1989.
- _____. *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papirus, 1991.
- _____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes, 1991.

- FRANKL, V.E. *Alla Ricerca di un Significato della Vita*. Milano: Mursia Editore, 1980.
- FILOLANO, G.; PRANDI, C. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FOWLER, James W. *Faithful Change. The Personal and Public Challenges of Postmodern Life*. Nashville: Abingdon Press, 1996.
- _____. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FRIELINGSDORF, Karl, ...*Ma Dio non è così*. Milano: San Paolo, 1995.
- FURLIN, N. (org.). *Novas gerações e vida religiosa*. Rio de Janeiro: Publicações CRB, 2006.
- GENEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GIRARD, R. *A violência do sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GIZE & GOODWIN. *Diagnóstico da doença mental*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GRÜN, A.; SARTORIUS, C. *Amadurecimento espiritual e humano na Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *Descobrir a riqueza da vida*. Petrópolis: Loyola, 2003.
- GUARDINI, R. *As idades da vida, seu significado ético e pedagógico*. São Paulo: Quadrante, 1990.
- HALL C.S.; LINDZEY G. *Teorias da personalidade*. São Paulo: EPU, 1973.
- HILL, P.C.; HOOD JR, R. *Measures of religiosity*. Birmingham: Religious Education Press, 1999.
- HINNELS, J.R. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Círculo do livro, 1989.
- HUIDOBRO, C.A. *Liberación e transcendencia de si*. B. Aires: Paulinas, 1987.
- IMODA, Franco. *Psicologia e mistéri., O desenvolvimento humano*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- _____. (org.). *Antropologia interdisciplinare e formazione*. Bologna: EDB, 1996.
- ISINGRINI, V. *Para ser formador no basta el amor*. México: San Pablo, 1999.
- JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo: Cultrix, 1991.

KELMAN, H.C. *Compliance, identification and internalization: three processes of attitude change*. Journal of conflict Resolution, 2, 1958, pp. 51-60.

_____ *Effects of role-orientation and value orientation on the nature of attitude change*. New York: Paper read to the Eastern Psychological Association, 1960.

_____ *Three processes of social influence*. Public Opinion Quarterly, 25, 1961, pp. 57-78.

KERNBERG, O.F. *Ideologia, conflito e liderança em grupos e organizações*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

_____ *Early ego integration and object relations*. Annales of the N.Y. Academy of Sciences, 193, 1972, pp. 233-247.

_____ *Object relations theory and clinical psychoanalysis*. New York: Jason Aronson, 1976.

_____ *Borderline conditions and pathological narcissism*. New York: Jason Aronson, 1975.

_____ *Internal world and external reality. Object relations theory applied*. New York: Jason Aronson, 1980a.

_____ *Disturbi gravi della personalità*. Torino: Bollati Boringhieri, 1987.

KIELY, B. *Psicologia e teologia Morale*. Roma: Gregorian University Press, 1980.

_____ *Consolation, desolation and the changing of symbols*. A reflection on the rules for Discernment. In the Exercises of St Ignatius. In AA.VV. The Spirituals Exercises of St. Ignatius Loyola in Present-Day Application, Roma: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1982a, pp. 123-156.

_____ *L'atto morale nell'Enciclica Veritatis Splendor, in Veritatis Splendor*. Atti del Convegno dei Pontifici Atenei Romani, 29-30 ottobre 1993. Roma: Libreria Editrice Vaticana, pp. 1994, pp. 108-118.

_____ *La veritatis splendor y la moralidad personal*. In Coméntarios a la Veritatis Splendor a cura di G.Del Pozo Abejon. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995, pp. 715-738.

KOHUT, H. *Narcisismo e analisi del se*. Torino: Bollati Boringheiri, 1988.

_____ *The analysis of the self*. New York: Internatinal Universities Press, 1971.

- KLOSINSKI, Gunther. *A adolescência – situações conflitos e desafios*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LAPLATINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LARAIA, R.B. *Cultura. Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- LEWIS, J.M. *Êxtase religioso. Um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*. São Paulo: Presença, 1977.
- LELOUP, Jean Yves, *O corpo e seus símbolos*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LEÓN-PORTILLA, M. *A conquista da América Latina vista pelos índios*. São Paulo, Vozes, 1987.
- LIDS, T. *A pessoa, seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- LONERGAN, B.J.F. *Method in theology*. New York: Herder, 1973.
- _____. *Insight: A study of human understanding*. London: Longmans, Green, 1958.
- LUFT, Joseph; INGHAM, Harrington. *The Johari window, a graphic Model for Interpersonal Relations*. Los Angeles: University of California Press, 1995.
- MACEDO, Carmem C. *Imagem do eterno: Religiões do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1989.
- MAGGI, Yvonne. *Guerra de orixás. Um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 3ª edição revisada.
- MAHLER, M. *O processo de separação individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MANENTI, A.; BRESCIANI, C. *Psicologia e Sviluppo Morale della Persona*. Bologna: EDB, 1993.
- MARCHESINI, F.L. *Entre vós não seja assim*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Ouro testado no fogo*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARINO JR. R. *A religião do cérebro*. São Paulo: Gente, 2005.

- MARTELLI, Stefano. *A religião na pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MAY, R. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MCADAMS, D.P. *The stories we live by. Personal Myths and the making of the Self*. New York: Willian Morrow & Comapany 1993; London: Guilford Press, 1996.
- MELLO, L.G. de. *Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino: fundamentos de uma antropologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MONDIN, B. *O homem, quem é ele? Elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1980.
- MONTERO, P. *Magia e pensamento mágico*. São Paulo: Ática, 1986.
- MORANO, C. D. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Afetividade espiritualidade e mística*. Rio de Janeiro: Publicações CRB, 2007.
- MORGAN, A. *O que é terapia narrativa?* Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas, 2007.
- PAOLI, A. *A raiz do homem*. São Paulo: Loyola, 1979.
- PAPALIA, Daiane E.; OLDS, Sally W. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Editora ARTMED, 2000.
- PALEARI, Giorgio. *Visão do mundo e evangelização. Uma abordagem antropológica*. São Paulo: Ave Maria, 1994.
- PALMER, M. *Freud e Jung sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 2001.
- PEREIRA, W.C.C. *A formação religiosa em questão*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *O adoecer psíquico do sub proletariado*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- PIAGET, J. *La formazione del simbolo nel bambino*. Firenze: Nuova Italia Editrice, 2ª. Ristampa, 1979.
- _____. *Lo Sviluppo Mentale del Bambino*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1967.
- _____. INHELDER, B. *La psicologia del bambino*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1970.

- PIAZZA, Waldomiro. *Introdução à fenomenologia religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PIKUNAS, J. *Desenvolvimento humano*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.
- RAVAGLIOLI, A.M. *Psicologia*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- RAHNER, K. *A antropologia: problema teológico*. São Paulo: Editora Herder, 1968.
- REY, F.G. (org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Thompson, 2005.
- RICERCHE, M.; FREITAS, S.; SISTER, B. *Os mundos que a criança faz brincando*. In *Psicologia e comportamento*, set-out/84, pp. 46-47.
- RICOEUR, P. *Freud and philosophy*. New Haven: Yale University Press, 1970.
- _____. *Consciousness and the unconscious*. In Ihde, D. (ed.). *The conflict of interpretations*. Evanston: Northwestern University Press, 1974, pp. 99-120.
- RIZZUTO, A.M. *Sviluppo: dal concepimento allá morte. Riflessioni di una psicoanalista contemporânea*. In A. MANENTI; S. GUARINELLI; H. ZOLLNER (orgs.). *Formazione e persona*. Bologna: EDB, 2007.
- _____. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- _____. *Object relations theory and religion. Clinical applications*. In M. FINN; J. GARTNER (eds.). Wesport, CT London: Praeger, 1992, pp. 155-175.
- _____. *Por que Freud rejeitou Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- ROGOFF, B. *A natureza da cultura no desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- Rokeach M. *The nature of human values*. New York: The Free Press, 1973.
- RULLA, M.L. *Antropologia da vocação Cristã. Bases Interdisciplinares*. São Paulo: Paulinas, 1987, vol. I.
- _____. (org.) *Antropologia della vocazione Cristiana Aspetti interpersonali*. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1997, vol. III.
- _____. *Depth psychology and vocation. A psychosocial perspective*. Roma: Gregorian University Press-Chicago, Loyola University Press, 1971.
- _____. *Psicologia do profundo “a pessoa”*. São Paulo: Paulinas, 1977.

- _____. *Psicologia do profundo “as instituições”*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- RULLA, M.L.; IMODA, F.; RIDICK, J. *Antropologia della Vacazione Cristiana. Conforme Esistenziali*. Casale Monferrato: PIEMME, 1986, vol. II.
- _____. *Estrutura psicológica e vocação. Motivações de entrada e de saída*. São Paulo: Loyola, 1978.
- SAWREY J.M.; TELFORD C.W. *Psicologia do ajustamento*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SCHEEFFER, R. *Teorias de aconselhamento*. São Paulo: ATLAS, 1979.
- SCOTT, P. *Formação da personalidade*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- SPERRY, L. *Sexo, sacerdócio e igreja*. Santander: Sal Terrae, 2003.
- SPITZ, R. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- STEIN, M. *Jung, o mapa da alma*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SUESS, Paulo. *Culturas e evangelização*. São Paulo, Loyola, 1991.
- TREVISOL, J. *O despertar da atenção*. Porto Alegre: Maneco, 2006.
- _____. *O reencantamento humano. Processos de ampliação da consciência na educação*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. *Amor, mística e angústia, mistérios inevitáveis da vida humana*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- _____. *Consciência ampliada e educação correlações entre níveis de consciência, e modo de ensinar*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2006. (Tese de Doutorado defendida na PUC/PA na área da Educação, Ainda não publicada).
- _____. *Educação Transpessoal*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WONDRACEK, K.H.K. (org.). *O futuro e a ilusão*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- WINCKEL, E. *Do inconsciente a Deus*. São Paulo: Paulinas. 1995.
- ULLMANN, R.A. *Antropologia: homem e cultura*. Petrópolis: Vozes, 1991.

- VVAA. *O humano, lugar do sagrado*. São Paulo: Olho d'água, 1995.
- VALLE, E.J. *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 1998.
- VASQUEZ, A. *Para compreender Freud*. Rio de Janeiro: Proclama Editora, 2006.
- VERGOTE, A.; TAMAYO A. *The parental figures and the representation of God*. The Hague: Mouton, 1980.
- VERSALDI, G. *L'Oggettività delle prove in campo psichico*. Brescia: Morcelliana, 1981.
- VITZ, P.C. *Psychology as religion: the cult of self-worship*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1977.

ANEXOS

ANEXO 1

PROTOCOLO No. ____

QUESTIONÁRIO SOBRE DEUS¹

1. Eu me sinto/não me sinto próximo/a de Deus. Porque _____
2. A época de minha vida em que me senti mais próximo/a de Deus foi quando _____ e eu tinha _____ anos, porque _____
3. Penso que em geral, como pessoa, agradei/desagradei a Deus. Porque _____
4. Penso que Deus quer/não quer que eu seja bom/boa, porque _____.
5. Creio/não creio em um Deus pessoal, porque _____.
6. A época de minha vida quando me senti mais distante de Deus foi quando eu tinha ____ anos porque ____
7. Meus deveres mais importantes para com Deus são _____
8. Para mim, o amor de Deus por mim é/não é importante, porque _____.
9. Para mim, meu amor por Deus é/não é importante, porque _____.
10. O sentimento que obtenho/ costumava obter de minha relação com Deus é de _____ porque _____
11. Sinto que o temor de Deus é/não é importante, porque _____.
12. O que mais gosto em relação a Deus é _____ porque _____
13. Aquilo de que mais me ressinto em relação a Deus é _____ porque _____
14. O que mais me desagrada na religião é _____ porque _____
15. Emocionalmente, eu gostaria de ter o/a _____ que Deus tem, porque _____.
16. Eu creio/não creio no diabo, porque _____.
17. Meu santo ou personagem bíblico preferido é _____ porque _____
18. Eu creio/não creio no diabo, porque _____
19. Creio que ele quer que nós _____ porque _____
20. Às vezes, senti/não senti que eu odiava a Deus, porque _____
21. Sinto que aquilo que Deus espera de mim é _____ porque _____
22. Sinto que obedecer aos Mandamentos é/não é importante, porque _____
23. Eu rezo/não rezo porque sinto que Deus irá _____
24. Sinto que Deus nos pune/não nos pune se nós _____ porque ____
25. Penso que Deus considera meus pecados como _____ porque _____
26. Penso que a maneira que Deus tem para punir as pessoas é _____. Porque ____
27. Creio que a maneira que Deus tem para punir as pessoas é _____ porque ____
28. Penso que Deus cuida/não cuida de minhas necessidades, porque _____.
29. A coisa mais importante que espero de Deus é _____ porque _____
30. Na minha maneira de sentir, para agradar plenamente a Deus eu teria que _____ porque _____
31. Se eu pudesse mudar meu passado, eu gostaria de mudar meu/minha _ porque _.
32. Se eu pudesse mudar a mim mesmo/a agora gostaria de ser _____ porque _____

¹ RIZZUTO, Ana Maria. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo, Sinodal, 2006 – apêndice também em *Measures of religiosity*, edited by Peter C. Hill and Ralph W. Hood Jr. Religious Education Press, Birmingham: Alabama, 1999, pp. 393-397.

33. Se estou aflito/a, recorro/não recorro a Deus, porque _____
34. Se estou feliz, agradeço/não agradeço a Deus, porque _____
35. A religião me tem ajudado/a não me tem ajudado a viver, porque _____.
36. Se eu receber uma prova absoluta de que Deus não existe, ficarei ____ porque _
37. A oração é/não é importante para mim, porque _____.
38. Desejo/não desejo estar com Deus depois da morte, porque _____.
39. Penso que Deus está mais próximo daqueles que _____ porque _____
40. Considero Deus como meu/minha _____ porque _____
41. Penso que Deus me vê como _____ porque _____
42. Se eu tivesse de descrever Deus de acordo com minhas experiências com ele, eu diria que ele ____ porque _____.
43. O dia em que mudei minha maneira de pensar sobre Deus foi ____ porque ____
44. A religião sempre/nunca/ certa vez foi importante para mim durante os anos de ____ até ____ por que
45. Para mim, o mundo tem/não tem explicação sem Deus, porque _____.

ANEXO 2

PROTOCOLO No. _____

QUESTIONARIO DA FAMÍLIA²

Por favor, leia cuidadosamente as seguintes perguntas e as responda dando explicações tão longas quanto necessárias para que compreendamos seus reais sentimentos.

Se a questão não requer uma explicação, tão somente escreva a resposta adequada.

1. O membro de minha família do qual me sentia mais próximo/a era meu/minha _ porque _____
2. O membro de minha família do qual me sentia mais distante era meu/minha _____ porque, _____
3. O membro de minha família que eu mais amava era meu/minha _____. Eu o/a amava tanto, porque _____.
4. O membro de minha família de quem eu gostava menos era meu/minha _____ porque ele/ela _____
5. Fisicamente me pareço com meu/minha _____ porque _____
6. Emocionalmente me pareço com meu/minha _____ porque _____
7. O membro favorito de minha família era meu/minha _____ porque _____
8. O membro de minha família que eu mais admirava era meu/minha _____ porque _____
9. Por favor, escreva os nomes dos membros de sua família em ordem de preferência, começando com aquele do qual gostava mais:
10. O membro de minha família que eu desprezava mais era _____ porque _____
11. O chefe de minha família e meu/minha _____ porque _____
12. O/A disciplinador/a em minha família era meu/minha _____ porque _____
13. O/A provedor/a de minha família era meu/minha _____ porque _____
14. Se eu pudesse mudar a mim mesmo/a eu gostaria de ser como meu/minha _____ porque _____
15. Em minha família, éramos próximos/muito próximos/nem um pouco próximos, porque _____
16. Meu pai estava mais próximo de mim/de meu/minha _____ porque _____
17. Minha mãe estava mais próxima de mim/de meu/minha _____ porque _____
18. A pessoa mais importante em minha família era _____ porque _____
19. Em minha família, as crianças eram consideradas como _____
20. Minha família estava/não estava dividida em grupos. Os grupos eram: meu? Minha _____ e meu/minha, meu/minha _____ meu/minha _____ e meu/minha _____ etc.
21. Se eu me descrevesse como sinto que realmente sou, eu diria que sou _____.
22. Quando fiz o desenho da família, eu me senti e desenhei como tendo _____ anos, porque _____.
23. Quando desenhei minha família, pensei que a família estava vivendo em _____ e o ano era _____.

² RIZZUTO, Ana Maria. *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006 – apêndice também em Measures of religiosity. Edited by Peter C. HILL and Ralph W. HOOD JR. Birmingham, Alabama: Religious Education Press, 1999, pp. 393-397.

ANEXO 3

PROTOCOLO N. _____

ESCREVER UM EVANGELHO³

Escrever o evangelho de memória como se tivessem sido destruídas todas as cópias do evangelho canônico.

Escreva um evangelho com suas próprias palavras: Evangelho segundo (seu nome) _____

Resuma o evangelho com suas palavras e nele deve incluir ao menos os seguintes aspectos da vida de Jesus:

1. Uma parábola.
2. Um milagre.
3. Um ensinamento de Jesus.
4. Quatro ou cinco ensinamentos do Evangelho que trate da paixão e morte de Jesus.
5. Qual é sua frase preferida do Evangelho? _____ Por quê? _____
6. Você já teve outras? _____ qual/is? _____
7. Quando você reza você tem em mente _____ porque _____
8. Qual seria a frase da Bíblia que mais se aproxima da maneira como você se vê? ____
9. Você conhece alguma passagem da Bíblia que traduziria sua experiência familiar?
10. Se você tivesse que escolher uma palavra/frase chave que definiria sua experiência religiosa, qual seria? _____
11. Se você tivesse que deixar uma frase para pôr em seu túmulo quando morresse, qual seria? _____

³ Inspirado em NAVONE J. *Write a Gospel, review for religious*. 38, 1997, pp. 668-673. Da introdução da tese de doutorado de BRENDA, Dolphin. Tese defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, 1990-1991 (Tese não publicada).

ANEXO 4

Quadro sintético da localização das respostas (A-E-P-NR) dos sujeitos ao questionário sobre Deus (Criado pelo autor).

Acadêmicas E= Estereotipadas P= Pessoais NR = não respondeu

PROTOCOLO _____

01)	A ()	E ()	P ()	NR ()
02)	A ()	E ()	P ()	NR ()
03)	A ()	E ()	P ()	NR ()
04)	A ()	E ()	P ()	NR ()
05)	A ()	E ()	P ()	NR ()
06)	A ()	E ()	P ()	NR ()
07)	A ()	E ()	P ()	NR ()
08)	A ()	E ()	P ()	NR ()
09)	A ()	E ()	P ()	NR ()
10)	A ()	E ()	P ()	NR ()
11)	A ()	E ()	P ()	NR ()
12)	A ()	E ()	P ()	NR ()
13)	A ()	E ()	P ()	NR ()
14)	A ()	E ()	P ()	NR ()
15)	A ()	E ()	P ()	NR ()
16)	A ()	E ()	P ()	NR ()
17)	A ()	E ()	P ()	NR ()
18)	A ()	E ()	P ()	NR ()
19)	A ()	E ()	P ()	NR ()
20)	A ()	E ()	P ()	NR ()
21)	A ()	E ()	P ()	NR ()
22)	A ()	E ()	P ()	NR ()
23)	A ()	E ()	P ()	NR ()
24)	A ()	E ()	P ()	NR ()
25)	A ()	E ()	P ()	NR ()
26)	A ()	E ()	P ()	NR ()
27)	A ()	E ()	P ()	NR ()
28)	A ()	E ()	P ()	NR ()
29)	A ()	E ()	P ()	NR ()
30)	A ()	E ()	P ()	NR ()
31)	A ()	E ()	P ()	NR ()
32)	A ()	E ()	P ()	NR ()
33)	A ()	E ()	P ()	NR ()
34)	A ()	E ()	P ()	NR ()
35)	A ()	E ()	P ()	NR ()
36)	A ()	E ()	P ()	NR ()
37)	A ()	E ()	P ()	NR ()
38)	A ()	E ()	P ()	NR ()
39)	A ()	E ()	P ()	NR ()
40)	A ()	E ()	P ()	NR ()
41)	A ()	E ()	P ()	NR ()
42)	A ()	E ()	P ()	NR ()
43)	A ()	E ()	P ()	NR ()
44)	A ()	E ()	P ()	NR ()
45)	A ()	E ()	P ()	NR ()

ANEXO 5

CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO SOBRE FAMÍLIA

Dados biográficos

Questão 21: Auto descrição

Desenho da família.

Entrevista pessoal

Primeira parte: Entrevista a partir de respostas dadas aos questionários.

A entrevista foi sobre algumas questões sobre o Evangelho: 1) A frase preferida do evangelho; 2) a frase bíblica que traduz o modo como se vê; 3) a palavra ou frase que definiria sua experiência religiosa. Quanto ao questionário da família, a entrevista concentrou-se em torno da questão de sua auto descrição (questão 21).

As questões tinham o seguinte teor, com pequenas variações: Você disse ao responder o questionário que sua frase preferida do Evangelho é: (... frase). Você poderia me dizer por que essa frase é sua preferida? Você lembra como a escolheu? O que ela diz sobre você? Ela reflete algum modo seu de ser? A frase da Bíblia que mais se aproxima da maneira como você se vê, você disse que é: (... frase). Quando você se descreveu como realmente se sente, você disse: (... frase) Você poderia falar algo mais sobre esses dois aspectos ditos por você a seu respeito? Você escolheu como palavra/frase chave que definiria sua experiência religiosa a seguinte (*palavra/frase*). Você pode explicitar o significado que tem para você essa palavra/frase?.

Segunda parte: Entrevista baseada em McAdams

1. Vida como um livro

Ao entrevistar o sujeito, foi-lhe apresentado a seguinte proposta: Vamos imaginar que a sua vida fosse um livro. Cada parte de sua vida compõe um capítulo do livro. Certamente é um livro que não foi ainda terminado até o momento; provavelmente ainda tenha poucos capítulos bem definidos. Por favor, divida sua vida em seus capítulos principais e descreva brevemente cada capítulo. Você pode ter muitos

ou poucos capítulos como você quiser, mas sugiro que você divida os fatos vividos em ao menos dois ou três capítulos e no máximo em sete ou oito. Pense a partir de conteúdos gerais. Dê um nome para cada capítulo e descreva o conteúdo geral de cada capítulo. Descreva brevemente o que o leva a passar (mudança) de um capítulo para outro. Você não precisa contar “toda sua história” aqui. Dê apenas as linhas gerais – os conteúdos gerais de sua vida.

Títulos dos capítulos

(diga por que escolheu esse título)

Descreva brevemente o que o leva a passar (mudança) de um capítulo para outro.

2. Eventos chave

Agora vamos falar sobre oito eventos (acontecimentos) chave. Um evento chave pode ser um acontecimento específico, um momento crítico (de crise), um episódio significativo em seu passado acontecido num dado momento (tempo) e lugar de sua vida. É útil pensar como esse evento particular se tornou um momento significativo em sua vida que permaneceu por alguma razão. Por exemplo, uma conversa particular que você teve com sua mãe quando você tinha 11-12 anos ou uma decisão particular que você tomou numa tarde de suas férias escolares poderia ter sido para você um evento chave. Há momentos particulares que ocorrem em um tempo e lugar específico, com características, ações, pensamentos, e sentimentos próprios. Para cada evento descreva em detalhes o que aconteceu, onde você estava, quem estava envolvido, o que você fez e o que você estava pensando e sentindo neste evento. Tente também exprimir em que este evento chave influenciou sua história de vida e o que este evento diz sobre quem você é ou foi como pessoa. Este evento mudou você de alguma maneira? Se sim, de que maneira? Por favor, seja bem objetivo aqui.

Oito eventos chave

- 1) A experiência cume (mais importante), um ponto mais alto na história de vida, o momento mais maravilhoso (importante) de sua vida. Qual foi a experiência? O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião? Como esse evento marcou você? Que impacto lhe causou?

- 2) A experiência menos significativa. Um ponto baixo de sua história de vida; o pior momento de sua vida. Descreva a experiência. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
- 3) O ponto decisivo: um episódio em que você foi submetido a uma mudança significativa em seu entendimento de si próprio. Não necessariamente que você tenha compreendido o ponto decisivo quando de fato aconteceu. O que é importante é que agora, olhando para trás, você vê o evento como um ponto decisivo, ou no mínimo como símbolo de uma mudança significativa na sua vida. Descreva o ponto decisivo. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
- 4) As primeiras memórias: uma das memórias mais antigas que você tem de um evento que seja detalhado com lugar, cena, características, sentimentos e pensamentos. Isto não precisa ser uma memória especialmente importante. O que é importante é que seja antiga. Descreva uma memória. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
- 5) Uma memória importante de sua infância: qualquer memória de sua infância, positiva ou negativa, que permanece até hoje. Conte uma memória importante de sua infância. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
- 6) Uma memória importante de sua adolescência: qualquer memória de sua adolescência que não permanece hoje. Novamente, pode ser positiva ou negativa. Conte uma memória importante de sua adolescência. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
- 7) Uma memória importante de sua vida adulta. Uma memória positiva ou negativa, que aconteceu depois dos seus 21 anos de idade. O que aconteceu? Onde você estava? Quem estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?
- 8) Outra memória importante. Uma outra memória de um evento particular de seu passado que não permanece mais hoje. Isso pode ser de tempos atrás ou recentes. Pode ser positiva ou negativa. Conte outra memória de um evento particular de seu passado que não permanece mais hoje. O que aconteceu? Onde você estava? Quem

estava envolvido? O que você fez? O que estava pensando e sentindo naquela ocasião?

3. Pessoas significativas

Solicitou-se ao entrevistado que falasse sobre quatro pessoas significativas de sua história. Para isso se apresentou a seguinte motivação. A história de cada um de nós está marcada por algumas pessoas significativas que causaram maior impacto em nós. Estas pessoas podem ser nossos pais, sobrinhos, avós, amigos, professores, colegas de trabalho, mentores, entre outros. Gostaria que você descrevesse quatro pessoas que você considera que foram as mais importantes em sua história de vida. Ao menos uma delas deve ser uma pessoa com quem você não se relaciona mais. Por favor, especifique o tipo de relações que você tinha ou tem com cada uma dessas pessoas, e especifique a maneira que ele ou ela impactou em sua história.

4. Sobre o futuro.

Foi solicitado ao entrevistado que falasse sobre seu futuro. Apresentou-se a seguinte motivação: você já falou um pouco do seu passado e do seu presente, agora você vai olhar para seu futuro. Como sua história vai continuar no futuro, qual é o script ou plano para aquilo que está para acontecer em sua vida? Descreva seu plano geral, conteúdo ou sonho de seu próprio futuro. A maioria de nós tem planos ou sonhos que dizem respeito àquilo que gostaria de realizar em sua vida ou aquilo que você gostaria de incluir no seu futuro. Estes sonhos ou planos provêm sua vida de objetivos, interesses, esperanças, aspirações e desejos. Embora nossos sonhos ou planos possam mudar com o passar do tempo, refletem nosso crescimento e mudanças provocadas pelas nossas experiências. Descreva seus sonhos atuais, planos ou conteúdos para seu futuro.

5. Estresses e problemas

Foi proposto ao entrevistado o seguinte: Todas as histórias de vida incluem conflitos significativos, questões não resolvidas, problemas para resolver e períodos de grande estresse. Você é convidado agora a considerar algumas destas situações.

Descreva ao menos duas áreas de sua vida em que no momento presente você está experimentando ao menos um dos seguintes: estresses significativos ou um conflito maior, ou um problema difícil ou um desafio que deve ser enfrentado. Para cada um dos dois, descreva a natureza do (estresse, problema ou conflito) em detalhes, descreva sua origem (como começou), uma breve história de seu desenvolvimento e seu plano, caso tenha algum, para administrar isso no futuro.

6. Ideologia pessoal

Foi solicitado ao entrevistado falar sobre suas crenças. Agora vou propor a você algumas questões sobre suas crenças fundamentais e seus valores. Por favor, diga o que você pensa sobre cada uma das questões e responda cada uma com o máximo de detalhes que você puder.

- (1) Descreva qual o núcleo central de sua crença religiosa?
- (2) Descreva como sua crença religiosa mudou ao longo do tempo.
- (3) Você experimentou algum período de mudanças rápidas em sua orientação?

Explique.

- (4) Qual é para você o valor mais importante da vida humana? Explique.
- (5) O que mais você pode dizer que possa me ajudar a entender suas crenças fundamentais e valores sobre a vida e sobre mundo?
- (6) Segundo você, quem influenciou mais no surgimento e no desenvolvimento de suas crenças? Pode explicar com alguns detalhes mais?

7. Lema de vida

Como ponto conclusivo da entrevista foi solicitado ao entrevistado uma reflexão sobre seu lema de vida. Olhando para trás, em sua história de vida toda, como um livro com capítulos, episódios e características, você pode discernir o tema central, mensagem ou idéia que percorre o texto? Qual é o tema (lema) maior de sua vida? Explique.

ANEXO 6

CRITÉRIOS PARA ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO ESCREVER UM EVANGELHO

Questão 5: Frase preferida do evangelho

Questão 08: Frase bíblica que traduz o modo como se vê

Questão 10: Palavra ou frase chave que definiria sua experiência religiosa.

Questão 11: Se você tivesse que deixar uma frase para colocar em seu túmulo quando morresse, qual seria?

ANEXO 7

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA

Caro participante voluntário da pesquisa,

Solicito sua colaboração e participação na pesquisa sobre “Palavras-chave nas representações simbólicas do sujeito” que faz parte de minha tese de doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na PUC São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. João Edênio dos Reis Valle.

Pelo consentimento a seguir, fica claro que, para o sujeito da pesquisa, os objetivos e métodos de coleta de dados foram, de forma clara e objetiva, explicados em uma descrição verbal sobre tal projeto e, também, foi permitido o acesso ao referido projeto.

TÍTULO DO PROJETO

PALAVRAS-CHAVE NAS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DO SUJEITO

Conexões psicológicas com a religiosidade de candidatos ao Presbiterado Católico.

Eu, _____ fui esclarecido de forma clara e objetiva, livre de qualquer constrangimento ou coerção que a pesquisa “palavras-chave definidas pelas representações simbólicas do sujeito como expressão de sua religiosidade” de autoria de Deolino Pedro Baldissera, tem como objetivo investigar a formação das representações simbólicas do sujeito relacionadas com sua religiosidade e seus significados.

A obtenção dos dados dar-se-á através de questionários a serem respondidos individualmente, sendo utilizados, os seguintes questionários: Questionário sobre Deus, questionário sobre a família (Ana Maria Rizzuto) e questionário “Escrever um Evangelho” (Navone J.) adaptado pelo autor da pesquisa.

Os dados coletados, depois de organizados e analisados, poderão ser divulgados e publicados, ficando o autor comprometido com a apresentação do relatório de pesquisa para as instituições nas quais será realizado o trabalho.

O presente termo não se constitui em vínculo obrigatório e irreversível ou quaisquer outras formas de risco a sua pessoa. A qualquer momento seu parecer positivo de participação poderá ser ratificado.

Fica assegurada a garantia do anonimato e o caráter privativo das informações fornecidas exclusivamente para o estudo.

Nome e assinatura do informante

Assinatura do pesquisador

Eu, Deolino Pedro Baldissera, CRP. 06/37689-6, aluno do Curso de doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Religião na PUC São Paulo.